



O SEGREDO *da* BASTARDA

*Uma história de amor, traição e intriga
que a corte portuguesa escondeu*

CRISTINA NORTON



Casa da Palavra



Ficha Técnica

Copyright © 2012 Cristina Norton e Oficina do Livro

Copyright © 2014 Casa da Palavra

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direção editorial: Martha Ribas

Ana Cecília Impellizieri Martins

Editora: Fernanda Cardoso Zimmerhansl

Editora assistente: Beatriz Sarlo

Copidesque: Raquel Maldonado

Revisão: Tiago Ramos

Capa: Maria Manoel Lacerda

Foto de capa: © Mark Owen / Trevillion images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
N778s

Norton, Cristina

O segredo da bastarda / Cristina Norton. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2014.

ISBN 9788577344543

1. Romance português. I. Título.

13-07905 CDD: 869.3

CDU: 821.134.3-3

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL
Av. Calógeras, 6, 1001 – Rio de Janeiro – RJ – 20030-070

21.2222 3167

21.2224 7461

divulga@casadapalavra.com.br

www.casadapalavra.com.br

A mi amado marido José

Hombres necios que acusáis
a la mujer sin razón,
sin ver que sois la ocasión
de lo mismo que culpáis.

SOR JUANA INÊS DE LA CRUZ,
Redondillas

A madrinha



Imaginava que ninguém me levaria a fazer uma viagem sem o meu consentimento porque, sendo quem sou, um desejo real não podia ser mais importante do que a minha vontade. Não nego que por vezes a falta de luz me provoca uma nostalgia de águia e preciso me elevar às alturas para sentir a imensidão do céu. Porém, nesse momento estava mais inclinada a ficar onde estava.

Quando a mãe da recém-nascida me escolheu para ser madrinha de batismo, não cheguei a recusar o convite, porque frei Anselmo, senhor da casa onde eu morava, pensou que eu não demonstrava qualquer entusiasmo por excesso de modéstia. Nada de menos verdadeiro. O motivo que me levou a não querer aceitar tomar a meu cargo a pequena Eugênia era conhecer, melhor do que ninguém, os limites que me impuseram ao assumir as minhas funções. E, assim, frei Anselmo, orgulhoso de me terem escolhido, apressou-se a agradecer a honra que nos faziam, antes de eu poder, não digo falar, que a mudez não me permitia dizer de viva voz o que pensava, mas pelo menos manifestar de alguma maneira o meu descontentamento.

O consentimento foi interpretado como meu e provocou tanta alegria no palácio que as infantas se puseram a bordar o vestido que levei na cerimônia, falando dele como “as suas melhores vestes”, como se eu, se quisesse, não pudesse usar roupas celestiais. Um dia, me vestiram com aquelas sedas pesadas por serem enfeitadas a ouro, e frei Anselmo e o pajem Damasceno andaram durante duas horas à minha procura, suando pelo esforço de me encaixarem no banco da carruagem, obedecendo à ordem expressa das princesas de não me amarrotarem o dito vestido. Elas seguiam os preparativos através dos retângulos de vidro das janelas do

Paço, andando na ponta dos pés e fazendo tanto alvoroço que, no fim, confundiram o meu cansaço com a paciência de uma santa.

Depois de encontrarem forma de me proteger, a mim e ao precioso traje, pensei que finalmente iríamos partir porque acabava o tempo para chegar na data marcada para o batizado. Mas não foi assim, o pajem e os cocheiros pediram licença para adiar a partida até a manhã seguinte por causa do calor, e passei a minha primeira noite “fora de casa”, expressão que encontrou o pajem Damasceno para não dizer às infantas que eu ficaria ao relento.

Antes da madrugada, os dois cocheiros e o pajem atrelaram os cavalos no maior dos silêncios e saímos lentamente do paço rodeados pela escolta, deixando atrás de nós um suave eco de cascos.

Eu, que sempre me sentira bem na minha casa, olhando pelo portão de entrada os telhados prolongarem-se até o rio, vi-me presa num cubículo de madeira sofrendo os solavancos do caminho que me levava a Guimarães, coberta com um pano de veludo leve para me proteger do pó que o vento levantava nas estradas e penetrava pelas fendas da carruagem.

A minha viagem fora longamente discutida na corte, porque cada proposta levantava novas questões e não se conseguia acordo sobre a melhor maneira de me fazerem chegar ao meu destino. Pessoalmente, eu teria preferido um meio de locomoção mais rápido, numa das barcas que faziam o percurso entre a capital e o norte.

– Se os caminhos são longos e perigosos – argumentou alguém –, têm a vantagem de poder oferecer refúgio durante uma tormenta, enquanto no mar o único recurso é rezar o terço. Quem pode assegurar-nos de que não vai ser engolida por uma onda?

Por decisão unânime, viajei por terra.

Fizemos muitas horas de mau caminho, com poeira a entranhar-se na pele e nas narinas, secando tanto as gargantas dos cocheiros, do pajem e dos soldados que, mal viam ao longe uma estalagem, a sede parecia aumentar. Enquanto os tratadores secavam os cavalos suados, verificavam as ferraduras e os levavam para comer e descansar na sombra do telheiro das manjedouras, os meus transportadores bebiam, comiam e de noite dormiam o sono dos justos, ao qual pecadores como eles também tinham direito.

A carruagem tinha as armas reais pintadas em cada porta e a minha escolta sentia-se segura nesses caminhos de Deus e de ninguém, por onde, além das cobras e de algum rebanho de ovelhas, também passavam salteadores que, ao reconhecerem o brasão, mudavam de rumo. Não era por estarem atentos que durante a viagem os homens falavam pouco, mas por respeito à minha pessoa; e eu preferia que assim fosse, ainda que nunca tivesse dado a entender, para poder cochilar embalada pelo chiar das rodas e o passo dos 22 cavalos.

Antes de chegarmos ao Porto, as colinas começaram a dificultar o bom andamento da carruagem e obrigaram os cocheiros a seguir um percurso mais tortuoso para as contornar. Mais a norte, para evitar os enormes penhascos, o caminho começou a estreitar em alguns trechos, mas o vento do fim da tarde soprou de repente com força, levantando a terra seca e às vezes cegando o cocheiro. O homem, num gesto espontâneo para proteger os olhos, deu sem querer um puxão nas rédeas que descontrolou os cavalos, fazendo com que a roda traseira batesse num bloco de granito. O eixo cedeu e a carruagem deteve-se de repente, caindo bruscamente do lado esquerdo da beira, sem apoio. Enquanto os homens maldiziam a sorte com palavras pouco próprias aos ouvidos de uma dama, o pajem debruçou-se no interior do meu compartimento para ver se tudo estava em ordem, como lhe tinham recomendado mil vezes as infantas.

Eu continuava bem encaixada no meu lugar; a única coisa que tinha saído do lugar era a pasta que continha os envelopes com as procurações passadas pelo infante D. Pedro, convidado para padrinho de Eugênia, que, por não poder deslocar-se, transmitira ao tio dela a honra de o representar, pois, sendo este eclesiástico, estaria à altura de um encargo tão importante. Damasceno resolveu deixar a pasta onde caíra e aproximar-se dos cocheiros para os ajudar a consertar a roda, chegando no preciso momento em que o homem mais velho dizia:

– Isto não é bom sinal, eu lhe garanto. Partir uma roda transportando a imagem da Nossa Senhora da Madre de Deus é um mau presságio. Para quem, não sei, mas que daqui não vem nada de bom, isso eu lhe garanto. Só vou ficar descansado quando regressarmos a Lisboa sem ter acontecido mais nada. Nem parece que levamos uma santa!

– Alto aí, que já começa a blasfemar e, se não fosse seu amigo e não estivéssemos num lugar deserto onde ninguém nos ouve, ia parar na

fogueira.

– Olhem o sol querendo nos queimar vivos – disse Damasceno, que falava pouco e gostava de gracejar para arrefecer os ânimos.

Ouvi o riso dos três que, tirando as casacas e arregaçando as mangas, se puseram a trabalhar. A escolta aproveitou o imprevisto para desmontar, descansar as pernas e esfregar as partes doloridas do corpo, deixando que os cavalos comessem algumas ervas sem lhes soltar as rédeas, porque não convinha que se dispersassem, não fosse alguma quadrilha de salteadores ignorar as insígnias da casa real e aproveitar o momento para cair sobre eles.

Algumas horas mais tarde, prosseguimos a viagem, guiados por uma lua clara e algumas estrelas que foram aparecendo, uma a uma ou em grupos, como se tivessem estado à espera do sinal para entrar no céu como faziam todas as noites. Os cavalos desconheciam o caminho, mas seguiam o seu instinto para evitar novos acidentes, tentando adivinhar os perigos entre as sombras da noite.

A afilhada



Na casa do arco, em Guimarães, trabalhava-se para o batizado. As moças do campo, levadas à vila para aprenderem o ofício de servir quando mal deixavam de ser crianças, andavam de um lado para o outro bem eretas pelo hábito de carregarem tudo sobre a cabeça. Enquanto umas passavam a ferro pela última vez a toalha de linho estendida sobre a mesa grande da casa de jantar, outras escolhiam dos cestos as flores e tufos de folhas para enfeitar o oratório, fazer o centro de mesa e os arranjos da entrada. Encheram os cantos escuros da casa com ramos de cores e cheiros variados, porque os pais queriam celebrar não só o batizado, mas também a chegada da primeira menina, depois de três rapazes, nascida em 9 de março de 1775: Eugênia.

Os faqueiros e as travessas de prata tinham sido tirados das estantes e gavetões e já estavam sendo areados, e também as louças finas e os copos de cristal guardados para os dias de festa nos armários eram limpos com panos gastos para que não pegassem poeira e até ficarem brilhando. Nas cozinhas sombrias, quatro mulheres vestidas de preto com toucas e aventais brancos andavam em volta dos fogões: uma atizando o fogo; outra batendo gemas para o arroz-doce; a terceira vigiando as peças de carne postas no forno de lenha que assavam lentamente e que, depois de algumas horas, ficavam tão tenrinhas que se desfaziam na boca; a última polvilhando de açúcar e canela as filhós acabadas de fritar.

No pátio, os criados tinham montado um espeto de ferro apoiado em outros que acabavam em forma de forquilha, onde douravam dois leitões mortos na véspera. Já o cordeiro tivera um tratamento diferente, requintes como descansar dois dias e duas noites dentro de uma calda de vinha-d'alhos, para depois ser aberto e posto com as patas esticadas apontando os

cantos da grade, fazendo crepitar os pedaços de lenha do carvão com a gordura.

– Grelhar a carne é trabalho de homem sábio. Mulher cozinha bem, mas só no aconchego do fogão, onde é rainha – repetia o velho escravo Teseu, que não era insensível aos aromas que lhe passavam rente às largas narinas, enquanto lustrava as botas, cintos e fivelas.

Alheia a tudo o que acontecia por sua causa, Eugênia dormia num berço de pau-santo, forrado de rendas engomadas, entre lençóis suaves de cambraia. Estava longe de imaginar que o cheiro dos bolos e doces que pareciam prometer felicidade eterna fossem, na realidade, ilusões e lágrimas mascaradas com quilos de açúcar.

O pajem Damasceno, os dois cocheiros e os homens da escolta lavaram o rosto e as mãos no chafariz da vila depois de terem escovado os cavalos e tirado a terra acumulada durante a viagem nas portas, assentos e janelas da carruagem.

À hora anunciada, a carruagem que transportava a madrinha sagrada subia a rua de Santa Maria e brilhava como se fosse nova e tivesse acabado de sair do paço. Nossa Senhora, desembaraçada do pano de veludo de seda que a cobria, mostrava o esplendor dos seus paramentos bordados a ouro e prata através dos vidros sem pó. Os habitantes de Guimarães, pouco habituados a tanto movimento, foram logo alertados pelo ruído de muitos cascos de cavalos pisando na calçada e, adivinhando quem chegava, correram à rua principal para vê-la passar. Um silêncio de recolhimento prendeu as pessoas aos seus lugares, como se tivessem sido hipnotizadas pelo brilho do cortejo e um sentimento redobrado de fé as fizesse se sentir cheias de luz.

A madrinha



*A*s pessoas saíram às ruas para me receber, ajoelhando-se e benzendo-se à minha passagem, exceto os mais velhos e as crianças de colo, que me davam as boas-vindas das varandas. Quando passei por baixo da pequena janela no meio do arco que atravessava a rua unindo as duas partes da casa, todos os que lá viviam, desde o senhor até o aprendiz de criado, interromperam o que estavam fazendo para me prestar homenagem: não era todos os dias que uma santa de Lisboa percorria meio Portugal para ir ao batizado de uma menina.

Maria José, primogênita de Cavalleiros, senhora da Casa do Arco e mãe da minha afilhada, ficara órfã aos 6 anos e, provavelmente por se sentir só, por vontade do meu filho, ou porque a juventude a fazia gerar uma prole numerosa, tivera uma criança quase todos os verões desde que se casara, aos 16 anos, com o filho mais novo do marquês de Marialva, Rodrigo de Meneses, que contava 19 anos no dia em que se tornara seu marido.

Ambos me esperavam na soleira da porta. Ele era um homem alto, de rosto anguloso e nariz aquilino, com um porte que não deixava a ninguém dúvidas sobre o berço em que nascera; mas descobri, por detrás do seu ar soberbo de filho de Marialva, pelo cabelo preto que, insubordinado, saía da peruca, tendências para o teatro e as grandes ideias. Ela era um pouco mais baixa, em outros tons, tudo claro desde os olhos e a pele, que mal aparecia num vestido demasiado sóbrio para a idade, até o cabelo; as formas eram redondas, bem torneadas, com qualquer coisa de acolhedor nos braços que descansavam no colo e um sentido do dever desenhado no contorno da boca e do queixo. Não admira que tivessem se apaixonado depois do casamento, como acontecia quando era feliz a escolha da família. No olhar de cada um – o dele, um castanho-escuro de ave sonhadora e o dela, um azul-água de uma transparência de riacho –,

consegui ler as palavras que, por respeitarem as regras da etiqueta, não disseram em voz alta: “Que melhor madrinha poderíamos ter escolhido para a nossa primeira filha?” Devo reconhecer que na altura concordei que ninguém poderia protegê-la tão bem como eu da doença, da morte e de outras desgraças que espreitavam, vorazes, os berços dos recém-nascidos. Mesmo enfaixada e enfiada num vestido que parecia engoli-la, Eugênia não deixava de ser uma menina muito bonita e prometi velar por ela até se tornar mulher.

O batismo



A cerimônia do batismo teve a solenidade necessária para estar à altura dos ilustres padrinhos, sem, no entanto, fazer uso da pompa da corte, porque a sobriedade era uma das virtudes de Maria José. A comida foi de tal abundância que alguns convidados olhavam com inveja os cães, enfartados com os restos, dormindo debaixo das mesas ou lá fora, onde houvesse uma sombra. Dois dias e parte de uma noite foi o tempo que demoraram os amigos vindos de vilas e cidades próximas a festejar a pureza da alma da menina, limpa da carga milenar do pecado original. Duas noites e boa parte dos dias os criados da casa não pararam de levar, trazer, lavar, cozinhar e também comer, beber e rir com os serviçais dos vizinhos e alguns trabalhadores das quintas que haviam juntado para os ajudar, como era costume em ocasiões como aquelas.

No terceiro dia, o andor voltou a ser colocado no seu lugar dentro da carruagem que ia levar Nossa Senhora de Madre de Deus de volta a Lisboa, de onde não voltaria a sair. Antes de partir, o pajem Damasceno entregou como presente de despedida da madrinha uma réplica da santa em prata do tamanho do dedo mindinho da afilhada, que Maria José prendeu aos babados bordados que forravam o berço e que mais tarde Eugênia levaria sempre presa à roupa interior para que a protegesse das desgraças terrenas.

Os pais, de pé sob o arco, despediram-se da imagem e, mal os cavalos começaram a descer a rua de Santa Maria, o céu encheu-se de nuvens escuras e uma chuva espessa, primaveril, caiu de repente. A filha mais velha da Casa do Arco teve um arrepio, porque algo invisível lhe sussurrou ao ouvido: “Coitada da tua filha, que terrível destino!” Não precisou olhar em volta, sabia que ninguém, ninguém mesmo, além do seu marido, se aproximara dela. Era uma voz estranha, a voz premonitória, quase podia jurar que lhe faltava o som e talvez nem fizesse sentido.

Achou melhor não partilhar o mistério com o marido, para evitar angustiá-lo sem motivo e também porque não iria acreditar em coisas que pareciam vindas do demônio. A sua juventude fez com que esquecesse no dia seguinte o aviso da desgraça. E quando, na hora da morte, passaram por sua cabeça os momentos e as pessoas mais importantes da sua vida, entre as quais estavam os seus filhos, ao lembrar-se daquele sussurro esboçou um sorriso e disse a sua filha Eugênia: “Morro sossegada, sei que está bem e nada faz prever que o seu destino mude.”

A bastarda



Naquele fim de tarde primaveril do ano 1859, na ilha da Madeira, mergulhando o olhar nesse mar que lhe provocava um magnetismo de feitiço, Eugênia Maria de Meneses Smith sentiu a necessidade de esvaziar da sua cabeça o segredo da sua paternidade. Não havia espaço nela para nenhuma outra dor, porque ver morrer a cada dia um pouco a única filha que lhe restava ocupava o corpo todo. E aos 56 anos já era insuportável conviver com o sentimento de indignação que a acompanhava desde a infância pela injustiça que fora cometida com a sua mãe e consigo própria.

– Tantas vezes ouvi a sua avó contar a história dos preparativos e da festa do seu batizado exatamente como os descrevera a sua mãe que quase poderia reproduzir de memória os detalhes mais ínfimos, como o cheiro das flores e dos cozidos, o tilintar dos copos e talheres, a voz grave do padre obeso e a satisfação da sua bisavó Maria José quando deitaram na cabeça da sua primeira menina a água do jarro de prata com que foram purificados todos os recém-nascidos da família Meneses (menos eu), porque ela, com a sua dedicação, tinha mandado aquecer ligeiramente a água antes de ser benzida. A sua avó Eugênia soube, depois de muitos anos, que no fim dos festejos, quando a mãe a levantou do berço, não era a emoção do sacramento que a fazia tremer por dentro, mas sim uma necessidade urgente de exorcizar o presságio com o seu corpo, fundindo-se com a filha num abraço.

– E a mãe foi batizada como?

– Em circunstâncias diferentes, Isabel Maria. O meu nascimento foi ocultado durante bastante tempo.

– Não entendo, mãe, por quê?

– O meu nascimento, ou a minha identidade, é a mesma coisa. Ainda hoje não sou quem deveria ser.

- Que confusão!
- Se eu lhe explicar as coisas desde o princípio, vai entender. É o meu segredo.
- E é assim tão mau, que só agora me conta?
- O penoso é ser um segredo. Mas não faça com que eu me precipite. Para entender o porquê de tudo o que se passou, tenho de começar pelo nascimento da minha mãe. É a única maneira de a história fazer algum sentido.

Novidades na família



Dois anos depois do batizado de Eugênia, nasceu outro menino na Casa do Arco, a quem chamaram Antônio, mas dessa vez os padrinhos foram escolhidos entre os mortais e, por serem altas personalidades da corte, foram representados, como era de costume, por um membro importante da família. As viagens eram tão difíceis e perigosas que até para os casamentos se recorria à procuração.

A única menina da família assistiu à cerimônia do sacramento ao pé do irmão Gregório, um pequeno senhor de oito anos que já conhecia o seu papel de filho primogênito e ficava sempre orgulhoso de ser ele a segurar a mão da irmã, sobretudo nos momentos em que ela demonstrava uma maturidade pouco comum em crianças da sua idade.

Pedro e Diogo, de 6 e 5 anos, mantinham-se eretos para não amarrotarem a roupa feita especialmente para estrear nesse dia, olhando as fivelas dos sapatos novos com atenção ou seguindo o voo das moscas, que haviam refugiado-se na casa para evitar que o calor desse final de julho derretesse as suas asas.

Foi a última festa da família Meneses na Casa do Arco. Durante os poucos anos que ainda lá viveram, nada de bom lhes aconteceu para comemorar, bem pelo contrário. Geralmente, o tempo passava numa pacatez de província e os serões só se animavam com alguma visita imprevista ou um viajante que trazia novas da corte.

Chegaram por essa via, diluídos pela distância, os lutos rigorosos pela morte do rei D. José. Mas outro luto cobriu o brasão da família, uma morte inesperada, muito mais próxima, justamente a de Antônio, o filho mais novo de todos, aquele que não parecia frágil e, no entanto, não conseguiu resistir a uma doença comum. E, mesmo quando a boa educação a obrigava a ser recatada, Maria José não conseguia controlar as lágrimas que caíam

dos olhos tão naturalmente que lhe davam a sensação de que um véu toldava a vista. A dor instalou-se no seu corpo e no seu tempo, como se vivesse unicamente para sofrer.

Rodrigo dissimulava melhor, mas deixou de sorrir durante meses. O desgosto e talvez a inexperiência fizeram com que não soubesse administrar os bens que a mulher herdara. Não que torrasse em futilidades os dobrões guardados em contadores com esconderijos secretos, imaginados para enganar ladrões, mas não conseguia equilibrar as parcelas do verbo “dever” e “ter” no seu caderno diário. Sentiu vontade de fechar a Casa do Arco e nunca mais voltar lá e tentou junto do pai um empenho para alguma boa situação onde pudesse ganhar o suficiente para sustentar a família. Sua mulher, como era de se esperar, não lhe pediu contas; e ainda bem, porque ele não podia explicar como tinham fugido das suas mãos bens e dinheiro: por mais voltas que desse aos números, o resultado ia ser sempre o mesmo. Penhorou as pratas para pagar a viagem e a estadia em Lisboa e disse durante o jantar que iriam sair de Guimarães.

Maria José acatou a decisão, sem pensar sequer em contrariar a vontade do marido, e deu ordens precisas a uma dezena de criadas para prepararem a mudança, com um vigor que a animou de repente, alimentado pela pueril ideia de que podia deixar a dor da perda do filho trancada no baú do quarto juntamente com as roupas que ele usara.

As criadas trabalhavam aos pares, desdobrando panos brancos para cobrirem os móveis, os quadros e os espelhos. Os lustres faziam parte do trabalho dos homens, pelo medo da altura próprio das mulheres e a inconveniência de, mesmo as mais velhas, poderem mostrar parte do tornozelo. Também os tapetes e as tapeçarias, depois de sobre eles colocadas bolsinhas com cânfora, eram enrolados e carregados pelos criados até a arrecadação.

Quando a carruagem que os levaria até Viana do Castelo desceu as ruas de Guimarães, nem olharam para trás. Não quiseram ver a casa onde morreu, ainda menino, o filho Antônio, nem pensar nas dívidas que deixavam, juntando num só canto do mundo tudo o que era má recordação, motivo de desassossego e sofrimento.

Encontraram Lisboa em obras, o que lhes dificultou a descida do barco, porque para substituir os canos danificados da cidade foi preciso destruir o pavimento até o Palácio da Inquisição. Os pequenos Meneses viram as

crianças da rua aproveitarem o caos para subirem no alto dos montes de entulho, que com seis palmos de altura pareciam formigueiros gigantes. Rodrigo adivinhou no olhar dos filhos uma pontinha de inveja por não poderem fazer o mesmo e disse-lhes que era perigoso para essas crianças correrem assim porque podiam ser atropelados por um burro de carga; e, para desviar a atenção deles, prometeu que fariam uma visita à cidade, onde descobririam as coisas mais surpreendentes.

Aproveitou ele também para conhecer o novo Passeio Público, que ficava entre o Palácio da Inquisição e a Praça da Alegria. Comentou mais tarde com um amigo que a escolha do lugar não tinha sido feliz, ainda que não houvesse provavelmente outro melhor, porque, dependendo da direção em que soprava o vento, podia chegar até o Passeio o cheiro de queimado de algum auto de fé e, do outro lado, a vista podia transformar-se num horror, pois dali era possível ver o corpo de um justicado balançando na trave da forca. De qualquer maneira, sempre era preferível a passear os filhos pelo Cemitério dos Ingleses que, até então, era o único parque aberto aos lisboetas.

A bastarda



Eugênia Maria aproximou-se da filha fazendo o menor ruído possível.

– Já está acordada, Isabel Maria?

– Sim, mãe. Não consigo dormir mais.

– O repouso é muito importante para o tratamento.

– Passo os dias deitada nesta poltrona, não acha que descanso o suficiente?

– Pois é. Mas vai valer a pena o sacrifício, estes meses na Madeira vão lhe curar.

– Se pudesse ter certeza...

– Não desanime, minha filha.

– Tem razão, continue a me contar sobre a vida da avó Eugênia, é como se estivesse lendo um romance.

– Assim gosto mais. A minha mãe, provavelmente por ser muito nova na época, recordava mais a confusão do que a beleza de Lisboa. Tinham desembarcado numa cidade em obras, recompondo-se lentamente do tremor de terra e dos incêndios, onde ainda havia muitos esqueletos de casas e palácios, cheios de escombros, e as pedras das ruas estavam levantadas para construírem uns esgotos gigantescos. O meu tio Gregório ficou tão perplexo com eles que o pai levou todos, alguns dias mais tarde, para visitar os canos, por onde andaram como se estivessem num túnel, tal era a altura. Assim, foram conhecendo com ele um pouco da cidade e chegaram a ir até Sintra, numa excursão que durou desde a madrugada até o início da noite. A mãe não os acompanhou, saía pouco de casa por causa dos enjoos e dissimulava com vestidos largos o seu estado na frente de estranhos que a etiqueta da corte obrigava a ver.

Os preparativos



Tiveram de fazer as visitas de cortesia e ir aos beija-mãos no meio de nuvens de poeira, mas valeu a pena porque Rodrigo foi nomeado governador e capitão general de Minas Gerais, Baía e Grão-Pará. A nova situação obrigou-os a começarem a preparar as coisas para a viagem que estava marcada para daí a três meses, mas dessa vez dividiram as tarefas. Maria José tratou da compra de panos de linho, algodão, seda fina e também de chita da Índia, de cores sóbrias, como lhe recomendou o marido ao mostrar-lhe uma bolsa com moedas pesadas que o ministro lhe dera pessoalmente para que pudesse fazer face às despesas. Uma parte do dinheiro foi enviada a um tio da filha mais velha, para que resgatasse as pratas que tinham ficado na casa de agiotas em Guimarães. Eram objetos que estavam na família havia várias gerações, e Rodrigo tinha se comprometido a recuperá-los assim que a sua situação econômica o permitisse.

A entrada da casa encheu-se de coisas que eram descarregadas continuamente e Maria José teve de destinar um quarto espaçoso para irem colocando as caixas. O movimento aumentou quando começaram a aparecer as costureiras e os alfaiates e invadiram os quartos de vestir de adultos e crianças, onde empilhavam peças dos mais variados panos para prepararem um enxoval digno do cargo e do clima do Brasil, oposto, em temperaturas e chuvas, ao do Minho. Tomaram medidas, sugeriram modelos, fizeram provas de vestidos de corte e redondos para os bailes, sapatos, luvas e enfeites para a cabeça. Para as crianças, trajes de sair e de ir à missa, mas sobretudo roupa leve para andar pela casa. O futuro governador declarou, com uma presunção nunca vista, que precisava de uma capa de seda preta com pontas ricamente bordadas, de chapéu de penas brancas, casacos curtos e abertos, por causa do calor, calções de tecido da

Holanda em tom cru, ceroulas e cabeleiras. O alfaiate mandou o seu aprendiz fazer todas essas vontades, mantendo-se imperturbável, como se estivessem lhe encomendando um par de camisas, enquanto a sua mente registrava os cifrões com uma precisão de contador. Chegaram meias de seda de cor preta e pérola, e também branca para uso diário, de todos os tamanhos porque as crianças iam crescer todos os meses e não deviam encontrar-se nessas terras incivilizadas coisas tão imprescindíveis e, principalmente, de acordo com os costumes do reino.

Enquanto Maria José tratava desses assuntos de menor importância, Rodrigo dispôs-se a organizar a caixa de primeiros socorros aconselhando-se com um dos médicos da corte, que lhe fez uma lista dos trinta e tantos remédios que convinha levar, e a ajuda do farmacêutico que, além de fornecer os produtos, escreveu umas receitas a mão com a enumeração das virtudes e a maneira de utilizar as drogas. O que a princípio pareceu uma tarefa ingrata, deixou de ser ao descobrir como se entretinha mexendo nos frascos, nos pós e nos unguentos que foram ocupando o compartimento destinado a cada um numa caixa de madeira nobre que mandara fazer. Diante do olhar atônito da mulher – que não conseguia acreditar que os serões tivessem se transformado em aulas de farmacologia –, o governador descrevia os poderes curativos da água de canela, boa para a digestão, expulsar gases, fortificar a cabeça e o coração; do bálsamo católico que tanto servia para as feridas como para a dor de dentes; do óleo de amêndoas doces que se usava externamente para qualquer dor e internamente nas deflexões (dificuldade de flexão nos joelhos), para adoçar a aspereza da linfa, que prejudicava muito. Maria José ouvia tudo com uma atenção fingida, muito mais preocupada com o avesso do ponto cruz, que a ajudava a suportar as intermináveis explicações do marido.

Chegou o dia em que a família e as duas criadas que os acompanhavam desde Guimarães embarcaram num barco chamado *Gigante* para o Brasil. Navegavam mais dois navios junto ao deles, porque nenhum capitão se arriscaria a atravessar sozinho os mares, onde costumavam surgir corsários, temporais, doenças ou outra situação inesperada que não seriam capazes de enfrentar sem ajuda.

Depois de navegar duas semanas, avistaram o porto de Santiago, em Cabo Verde, que era a parada obrigatória para se abastecerem de água doce e comprarem alimentos frescos para armazenarem no porão dos barcos. A

família aproveitou os momentos livres para passear pela ilha: a nova condição de governador obrigava-o a fazer visitas a altos funcionários da coroa, ávidos de notícias, de cartas e de algum mexerico com que amenizar as longas tardes em que o mar trazia sempre o mesmo som das ondas desfazendo-se na areia, num som monótono que amolecia o corpo e os sentidos. Depois de terem se informado das novidades do reino e de indagarem sobre a vida dos Meneses, o desejo íntimo dos brancos da ilha era que acabasse a estadia de pessoas ilustres para poderem novamente fechar o círculo e voltar à rotina, cansados de tanta cerimônia, dos sapatos que apertavam os joanetes e do peso de uma roupa que não tinha sido pensada para essas latitudes e que tinham de usar nessas ocasiões.

Voltaram a embarcar e Maria José ficava todos os dias no seu camarote até a hora de jantar, depois voltava a fechar-se, saindo só com a aragem fresca da noite para dar uma volta pelo convés, apoiando-se no braço do marido. A filha mais velha da Casa do Arco levava uma carga particular, que dilatava a pele e afastava os ossos da bacia. Numa tarde em que os ventos sopravam a favor e a nave deslizava suavemente num mar que parecia de azeite, como se todos tivessem se afastado por respeito ao milagre da vida e não quisessem incomodar a parturiente, Maria José, acudida pelas suas duas criadas e uma ama oferecida pelo governador de Cabo Verde, deu à luz um menino a quem puseram o nome de Manuel. Nascido perto da costa brasileira, foi provavelmente por isso que esse mesmo mar se julgou com o direito de o reclamar quando já era um homem.

A bastarda



—Um dos meus tios, a quem a minha mãe chamava “o saudoso irmão”, nasceu no alto-mar. No mesmo oceano em que morreu quando a corte se mudou para o Brasil. Na época, me fez pensar que, afinal, o mar sempre tinha um monstro devorador que se alimentava de jovens bonitos, como naquela lenda grega que lhe contei há muito tempo.

— A lenda do Minotauro?

— Essa mesmo, herdou a boa memória do seu bisavô que, quando tinha a sua idade, 15 anos, deixava todos boquiabertos com a capacidade para fixar tudo o que ouvia. Mas ia lhe dizer que a avó Eugênia não guardou boas recordações da travessia por lhe parecer muito longa. Provavelmente, essa foi a razão pela qual o nascimento do meu tio Manuel foi recebido com mais alegria do que o habitual, porque os distraía olhar para ele, seguindo os movimentos dos bracinhos e os seus sorrisos de anjo. A sua chegada ocorreu quase no fim da viagem, e o capitão, consciente de que as crianças não encontravam algo com que se entreter, tinha a simpatia de as avisar sempre que algumas espécies raras acompanhavam o barco. Parece que se debruçavam na proa e, com o vento na cara, viam os peixes voadores e os golfinhos saltarem junto à quilha como se fosse uma escolta marinha.

Travessia do Atlântico



As ondas embalavam o recém-nascido e, nas raras vezes em que o mar ficava agitado, os sustos e os enjoos de Maria José e dos filhos quebravam um pouco a monotonia de uma viagem que parecia nunca mais chegar ao fim. Rodrigo ocupava o tempo em longas conversas com o capitão e as outras pessoas que tinham o privilégio de se sentar à sua mesa e, entre as refeições, sonhava com a vida que os esperava, com um país do qual não conseguia medir a imensidão e com um pitoresco tropical que, por mais que se esforçasse, não desfrutava imaginar.

Quando os ventos assim o quiseram, puderam desembarcar no Brasil, mas ainda faltava a travessia por terra, que fizeram de carroção, e os solavancos eram ainda mais desagradáveis do que o movimento oscilante do barco, e só ao cair da tarde encontraram uma choupana onde puderam pernoitar.

Maria José ficou muito contrariada porque nunca tinha dormido debaixo de um telheiro de palha, aberto de todos os lados, mas acabou descendo e ordenando às crianças que fizessem o mesmo. Rodrigo, entretanto, fazia de conta que não ouvia as suas reclamações, estratégia usada por inúmeros maridos na mesma situação, e pedia aos tropeiros que armassem as redes depressa, assim a mulher e os filhos adormeciam e não protestavam mais. Depois de instalar suas senhorias, os homens descarregaram as mulas e as soltaram, para que pastassem nas redondezas, e deitaram na terra encostados aos fardos para descansarem melhor.

Outras surpresas lhes reservavam o caminho, entre elas animais estranhos que observavam, curiosos, o passar da caravana; rios com cascatas que pareciam gravuras de livro; ataques de mosquitos; chuvas torrenciais e, talvez o pior, porque Maria José nunca tinha visto nada igual, uma família de índios pelados, que se atreviam a sorrir e a dar as boas-vindas, como se a terra que pisavam lhes pertencesse. Foi tal o fascínio que a nudez provocou

na filha mais velha que ela não conseguiu desviar os olhos e se esqueceu de dizer aos filhos que fechassem os deles.

Finalmente viram aparecer, entre a vegetação luxuriante, Vila Rica de Albuquerque. Graças ao ouro que abundava nas minas, encontraram um lugar que lembrava os do reino: ruas calcetadas, jardins com fontes, algumas casas com janelas de guilhotina e vidros pequenos, mesmo se a maioria só tinha umas ripas de madeira entrelaçadas para deixar passar a luz, parecendo ser esse o gênero preferido pelos brasileiros num clima que exigia arejamento.

O Palácio do Governador estava pronto para os receber e, ao entrar nele, todos imaginaram antecipadamente o prazer de dormir em verdadeiras camas e em terra firme. Mas os corpos não se desabituarão numa noite à oscilação do barco e do carroção, e todos sentiram o estranho efeito de que tudo era de uma imobilidade singular. Na manhã seguinte, ao levantarem, não houve um sequer que não sentisse o chão tremendo debaixo das solas dos sapatos. As pernas demoravam a se habituar à quietude da terra e, titubeantes, procuravam o equilíbrio incerto a que tinham se acostumado nos meses passados no mar.

De tarde, o som dos batuques acordou-os da sesta. Rodrigo já tinha ouvido falar nessas indecências e proibiu os filhos de irem à varanda, para onde todos tinham se dirigido numa correria, arrastando os sapatos meio calçados e com as meias caídas. Obedeceram depressa e, sem barulho, foram se esgueirar pelas janelas do sótão para verem o espetáculo do cortejo de pretos e mulatos, que se contorciam ao som dos tambores, vestidos de branco, quase todos descalços, levantando o pó da rua com os pés chatos que pouco ou nada se descolavam do chão, numa cadência sensual que tinha provocado escândalo nos eclesiásticos sem, no entanto, conseguir a sua proibição, pela simples razão de que era contagiante e ninguém conseguia ficar sem se mexer ao vê-los passar. Assim, escravos e libertos celebravam a chegada do novo governador de Minas Gerais, que por breves minutos se manteve junto da porta de entrada da sua residência acenando com a cabeça em jeito de agradecimento, sem um sorriso sequer.

As comemorações não ficavam por aí. Houve depois uma missa cantada por um coro de pretos dirigidos pelo compositor e regente Parreira Neves, mulato famoso que ensinava na escola de música de Vila Rica e, ao anoitecer, foram a um espetáculo teatral com mímicas e danças. Como estas

recepções eram oficiais, os pequenos Meneses puderam assistir também. Eles nunca tinham ido a nenhuma representação, muito menos daquele gênero. Durante anos lembraram-se dessa noite e contavam aos irmãos mais novos, acrescentando sempre mais um detalhe. Ao voltarem para casa quando já era noite escura, ficaram encantados com os lampiões da rua, mesmo se deles saía um cheiro desagradável de peixe queimado. Como resposta à pergunta do porquê desse fumo nauseabundo, disseram-lhes que era óleo de baleia que utilizavam para iluminar a vila. Acharam mais moderna do que Lisboa, que não tinha luzes nem à volta do Paço, porque ninguém queria pagar o imposto de iluminação.

A bastarda



Eugênia Maria sentia-se impotente diante dos acessos de tosse que deixavam a filha num estado de prostração cada vez maior. Tentava, enquanto limpava o suor do rosto, acalmar a angústia de ambas falando baixinho:

– A chegada ao Brasil provocou na minha mãe e nos irmãos mais velhos uma mistura de emoções. Medo da imensidão desconhecida, de um território que parecia não ter fronteiras, onde, se se perdessem, podiam acabar na barriga de um animal selvagem ou simplesmente desaparecer. Mas, ao mesmo tempo, esse espaço sem limites atraía-os, fazia-os se sentirem invulneráveis. Nessa época, os costumes ali eram mais permissivos do que em Portugal. A primeira surpresa foi a recepção que os pretos fizeram e que os deixou maravilhados, pois nunca tinham visto nada igual, eram crianças habituadas a uma seriedade quase monacal.

– Por quê? Antes viviam num convento?

– Não, Isabel Maria, viveram em Guimarães, na Casa do Arco, entre os muros do jardim, com pouco tempo e espaço para brincarem. Deus não quis ainda que conhecêssemos o Brasil, talvez um dia possamos ir. A sua avó Eugênia dizia sempre que era a melhor coisa que tinha lhe acontecido na vida.

Brasil



Maria José dedicou a primeira semana a se familiarizar com os novos criados e escravos, arrumando ao seu gosto as salas e os quartos, mudando só às vezes a posição dos móveis, pondo aqui e ali alguns objetos pessoais trazidos na viagem; e encomendou colchões de pelo de cabra e de cabelo para substituir os velhos, deixados pelos ocupantes anteriores do palácio.

As crianças puseram-se a explorar os cantos da casa, procurando passagens secretas e outros divertimentos caseiros, porque por enquanto só conheciam brincadeiras curtas e espaços reduzidos por fronteiras de pedra e cal. Como todos os habitantes de Guimarães, também eles tinham vivido ao ritmo das horas canônicas, atentos aos sinos da igreja que chamavam para rezar as matinas, a terça, a sexta e a noa, depois o angelus, as vésperas e as completas, quando não havia o toque de finados no meio da noite, que os impedia de continuarem dormindo. Esse compasso limitava os seus movimentos e, mesmo não sendo obrigados a parar de fazer o que tinham começado, havia um silêncio que respeitavam e uma quietude que se apoderava deles enquanto duravam as badaladas.

Em Vila Rica descobriram, da janela do sótão do palácio, montes que se perdiam no horizonte e lembravam o Minho e jardins onde viam meninos como eles correndo seguidos pelos moleques, filhos de escravos que acompanhavam os *senhozinhos* nas brincadeiras.

Na hora do beija-mão, o mais velho dos irmãos pediu licença ao pai para falar, incitado pelos outros que esperavam ansiosos pela resposta, e perguntou a eles se também lhe seria permitido entreterem-se da mesma maneira que os meninos brasileiros.

Rodrigo de Meneses, tomado de surpresa, não soube o que dizer. Preferiu evitar dar o seu consentimento a algo de que mais tarde pudesse se

arrepender e adiou para outro dia a resposta, pois não conhecia ainda os costumes do país e queria se aconselhar com alguém que pudesse lhe dar uma opinião. Não deixou de lembrar a eles que não eram meninos nascidos num berço qualquer, eram netos do marquês de Marialva e filhos do governador de Minas Gerais e deviam se comportar como tal. Ao cabo de alguns dias, deu a eles, porém, licença para brincarem como os outros e as crianças ficaram contentes por poderem experimentar um modo mais alegre e mais livre de viver.

Os pequenos Meneses trocaram a roupa justa e elegante, que só voltava a sair dos baús nos dias de missa e de festa, por outras mais leves, que lhes permitiam se mexerem à vontade, e adaptaram-se rapidamente a um ritmo que tinha mais a ver com o percurso do sol, o vento fresco dos montes e as chuvas. Partiam para a descoberta desse mundo novo ao raiar do dia, cada rapaz seguido do seu moleque, Eugênia acompanhada por uma pretinha poucos anos mais velha do que ela, chamada Miló, que prestava tão bem a todas as brincadeiras que pareciam ter a mesma idade.

Maria José agradecia a Deus poder ver da janela do seu quarto os filhos brincarem de pique-pega entre as árvores, porque ainda amamentava o bebê que tinha nascido no barco e o seu ventre já se arredondava outra vez. Mesmo obedecendo à regra de abstinência sexual nos dias santos e na Quaresma, o calendário ainda possibilitava muitos dias de permissividade e as consequências não demoravam a aparecer para todos. Logo que percebeu seu estado, entregava o molho de chaves à velha criada para evitar que a criança nascesse com lábio leporino e guardava os fios e os brincos numa caixa própria. Assim, as marcas que as joias deixavam nas orelhas e no pescoço não passariam para a pele do recém-nascido.

Na viagem de barco contentara-se com uma porção dupla de biscoitos enquanto estivera grávida, porque não podia pedir o impossível. Mas em terra aproveitou o seu estado interessante para exigir ao marido que mandasse vir do Rio de Janeiro todas as coisas que faltavam em Vila Rica, com o pretexto dos inevitáveis desejos. Fez uma longa lista e, pouco tempo depois, viu a despensa se encher de presunto do reino, vinho do Dão, ameixas secas, amêndoas, sidra, conservas de damascos e de ginjas, uvas frescas e maçãs pequenas. O governador lembrou-se de acrescentar umas tigelas de manteiga para passar no pão cozido em forno de lenha, que um padeiro português instalado no Rio confeccionava para os que podiam

matar as saudades estomacais. Foi o próprio Rodrigo que entrou na salinha onde a mulher passava as tardes, seguido de uma criada com um tabuleiro contendo a surpresa que Maria José agradeceu de boca cheia, porque não resistiu à tentação de comer imediatamente um naco de pão coberto com a insólita manteiga.

O calor e algumas dores obrigaram-na a ficar de cama no último mês de gravidez e, quando começaram as primeiras contrações, vieram ao seu quarto cinco mulheres para lhe dar assistência durante o parto. Uma delas trazia os dez mandamentos para colocar no travesseiro, outra, umas tesouras bentas que deviam ficar debaixo da cama durante o nascimento, a terceira, uma taça com caldo feito com penas de perdiz, que Maria José teve de beber dissimulando o nojo que o sabor causava. Entretanto, as restantes começaram a rezar o credo em voz alta e, quando as dores se tornaram menos suportáveis, todas começaram a gritar e a futura mãe com elas, como se não resistisse a fazer parte do coro de lamentos, não tanto porque sentisse as suas entranhas rasgarem, mas mais para cumprir com a obrigação de dar à luz com dor, que era como Eva tinha parido. Assim nasceu Isabel, a segunda menina, que foi logo lavada, enfaixada e vestida com camisas de rendas e fitas. Antes de sair nos braços da madrinha para ser imediatamente batizada, a mãe passou-lhe pela cabeça um fio de algodão grosso com uma medalha e um escapulário para protegê-la do mal. Maria José, cansada pela representação teatral do parto doloroso, quando era capaz de deitar os filhos ao mundo sem mais ajuda do que as orações, dormiu até a manhã seguinte.

Antes de acabar a quarentena, engravidou novamente. Desta vez teve enjoos, dores de cabeça, quebras de tensão e, no momento do parto, as coisas pareceram se complicar de tal maneira que a parteira decidiu recorrer aos grandes remédios. Mandou uma escrava prevenir o padre, que por sua vez mandou o sacristão tocar o sino da igreja nove vezes, enquanto outras mulheres peregrinavam por Vila Rica procurando nove meninas virgens chamadas Maria, que deviam rezar nove ave-marias para que tudo desse certo e a mulher do governador pudesse dar à luz o seu filho, sem risco de vida para nenhum dos dois. As escravas bateram em várias portas sem grande resultado, porque, ainda que encontrassem muitas Marias, ou não possuíam hímen, ou não sabiam dizer as orações. O que se pensou demorar meia hora levou tanto tempo que o último filho, José Tomás, nasceu antes

que conseguissem reunir as nove meninas. De qualquer forma, o expediente não teria resultado, porque o padre, convencido de que era mais fácil encontrar as meninas, apressou o acólito a dar as badaladas, e esse meio só era eficaz se tudo se fizesse ao mesmo tempo.

Maria José, debilitada por três gravidezes em tão pouco tempo, viu-se obrigada a recorrer a uma ama, porque não tinha leite suficiente para dar de mamar a dois filhos e preferiu reservar o seu para o recém-nascido. Custou-lhe entregar Isabel ao peito de uma desconhecida, ainda que a sua condição lhe permitisse, não só por uma questão de posses, mas porque a legislação concedia esse privilégio às fidalgas. Havia mulheres do seu meio que não prescindiam mesmo desse direito e secavam o leite pondo folhas de sabugueiro enxutas sobre os seios. Mas ela não partilhava dessas ideias nem achava que amamentar estragasse o peito, pelo contrário, sentia-se mais perto dos filhos quando lhes dava de mamar e, sempre que Rodrigo assistia a esse momento quase mágico, um elo de ternura envolvia a ambos. Procurou saber tudo sobre as amas, escolhidas entre as brancas e portuguesas, desde o estado de saúde, não só do corpo como também da alma, até o lugar onde tinham morado desde a infância e se eram felizes, porque achava que o leite devia azedar com as agruras da vida. Descartou as que não preenchiam os requisitos e contratou uma que caiu nas suas graças pelo sorriso amplo e o olhar luminoso, não tinha a opulência das outras, mas da alimentação se encarregariam na cozinha por ordens estritas suas, não fosse comer algo que desarranjasse os humores da sua filha.

Entretanto, Gregório, Pedro, Diogo e Eugênia sentiam que tinham crescido asas nos braços e nas pernas e, de tanto andarem em liberdade, começaram a perder a cor branca de cera que tinham trazido do reino e adquiriram um suave tom dourado, porque, mesmo obrigados a usarem chapéu, o ar morno parecia bronzeá-los ao passar de leve pelos corpinhos que cresciam e espigavam como trigo.

Conheceram o prazer de provar frutas exóticas, arrancadas das árvores, ainda quentes do sol, o sumo a escorrer pelos bracinhos finos que iam lavar rapidamente no riacho ou na fonte, para que ninguém suspeitasse de que passavam o dia comendo coisas proibidas, desrespeitando as horas impostas de intervalo entre o almoço, às nove da manhã, e o jantar, às três da tarde. O pior era quando tinham de esconder alguma dor de barriga ou a falta de apetite com a desculpa de que o sono os vencia, esperando que os

mandassem dormir a sesta e só tivessem de voltar a sentar-se à mesa na hora do chá, pelas sete, quando o sol se punha.

Aprenderam a brincar com o que a natureza proporcionava, faziam exércitos de besouros, seguiam o rastro das formigas, partiam para a descoberta de aves raras, de cores nunca vistas, sem praticamente se afastar da casa. Os macacos amestrados para tirarem os piolhos, em vez de fazerem o seu trabalho, corriam atrás deles e roubavam insetos, folhas secas, vagens e sementes que eles guardavam em esconderijos como se fossem pequenos tesouros. Certos dias faziam de conta de que o topo de uma árvore era a torre de vigia de um navio e davam ordens a uma armada imaginária que navegava nas ondas da floresta para que atacasse os barcos de piratas que tentavam invadir o seu reino.

Mas nem tudo podia pertencer ao mundo da fantasia. Gregório tinha chegado ao continente americano com algumas luzes, Pedro ainda sabia pouca coisa e Diogo, entre viagem, adaptação e os nascimentos dos irmãos mais novos, já passava da idade em que se começava normalmente a aprendizagem: 7 anos. Ao tomar consciência de que tinha omitido no rol das suas obrigações essa parte importante da formação dos filhos, Rodrigo mandou o seu secretário procurar o melhor professor e que não demorasse a cumprir com o que lhe pedia. Nem incomodou a mulher com a escolha, via-a muito atarefada com os bebês, amas e costumes aos quais tinha dificuldade de se adaptar. Apresentou-se um homem com cartas de recomendação de famílias respeitáveis e, pelo trato e a maneira como respondia às suas perguntas, contratou-o de imediato.

Enquanto os irmãos tinham aulas com o professor, Eugênia passeava com a escrava Miló, que tentava entretê-la com as canções que sabia, misturando modinhas conhecidas com outras, africanas, que cantava, acompanhando-as com o ritmo das suas mãos batendo uma na outra num movimento largo e lento dos braços. Também lhe contava histórias de panteras, bandidos e piratas, intercalando-as com algumas mais tristes, que falavam da caça aos pretos no mato africano, de viagens infundáveis abarrotados em barcos onde faltava água e comida, mas nunca as chicotadas ou os ferros com que eram acorrentados. A filha do governador ouvia atentamente, porque um tremor na voz da sua escravinha lhe revelava que eram histórias verdadeiras, e não lendas para distrair crianças. Mesmo assim, achava as manhãs muito longas e, no fim de cada relato, perguntava quanto tempo faltava para que o

professor dos irmãos fosse embora. Ao meio-dia em ponto, já não continha a impaciência e corria, arrastando Miló atrás dela, para se juntar aos rapazes num recreio de três horas que sempre parecia ser muito curto, comparado com as manhãs inteiras dos meses anteriores.

A madrinha



Sempre me serviu o dom da onipresença, essa arte de me tornar leve ao ponto de me deixar conduzir por uma brisa suave que me vinha buscar na hora marcada com uma pontualidade de andorinha, e não como os ventos fortes, que abomino, porque só sabem andar com a pressa de uma má notícia. Quase sem dar por isso, cheguei ao Brasil, onde tinha várias afilhadas a quem fui dar uma olhada rápida, pois nesse momento devia intervir na vida de Eugênia, por não me parecer bem que passasse os dias vagando pelos jardins enquanto os irmãos estudavam. Por que ela não havia de ser letrada, se recebeu a bênção de uma inteligência igual ou até superior a dos rapazes?

Eram tantas as vidas que via no mapa dos destinos que tinha tudo um pouco embaralhado – ou não fosse eu mulher do meu tempo, pouco dada a geografias – e já não me lembrava bem se era Eugênia ou Albertina quem iria ter um grande desgosto por causa do pai de um filho seu. Prefери, então, apostar no celibato, que era a única maneira de impedir desavenças conjugais. Por isso, juntei à família Meneses uma outra afilhada minha, uma jovem órfã que precisava dar um rumo diferente à sua vida e endireitar as finanças. Com uma Eugênia culta, sábia das letras, números e outras tantas matérias, somadas ao gosto pela liberdade e a uma ponta de rebeldia, tinha a certeza de que nenhum homem ia querer casar com ela.

A curiosidade de Eugênia



Rodrigo de Meneses, ainda que os deveres da administração o mantivessem sempre ocupado, não deixava de reparar no aborrecimento da filha quando se aproximava da janela, procurando inspiração para ditar uma carta ao seu secretário. Via-a atravessar continuamente o jardim seguida da sua escrava, à procura de alguma coisa com que se entreter durante as horas em que os irmãos estavam nas aulas. Tinha ouvido falar – já nem sabia bem ao certo onde e a quem – de um método de ensino imaginado pelo bispo do Pernambuco, José de Azeredo Coutinho. Deu ordens para que averiguassem se não havia ninguém que pudesse colocá-lo em prática com Eugênia, em quem via uma tendência, rara nas mulheres, para se interessar pelo estudo dos irmãos e nunca esquecer o que estes lhe explicavam.

Dois meses depois, precedida por cartas de recomendação confiáveis, chegou uma mestra disposta a experimentar o original sistema com uma criança de apenas 5 anos. A senhorita Felícia Macedo apresentou-se vestida com uma saia rodada de cor cinzenta e uma blusa pérola de gola rente ao pescoço, que deixou Maria José logo encantada porque não conseguia se habituar à moda licenciosa de camisas tão largas e decotadas que, na maioria das vezes, ao mínimo gesto deixavam descoberto os ombros ou a curva de um seio, como se não fosse uma parte do corpo que um pudor natural levasse qualquer mulher a ocultar.

Apresentaram a mestra à filha para que recebesse a primeira aula, e Eugênia, mesmo sem mexer um único músculo da cara, demonstrou claramente não ter ficado entusiasmada com a recém-chegada. Mas, quando esta mandou a pupila sentar à mesa da salinha e tirou da sacola de pano que trazia pendurada no cinto, quatro baralhos de cartas – e todos os membros da família Meneses que assistiam a prudente distância soltaram um “Ah!”

de espanto e não resistiram a pôr-se em círculo em volta delas –, Eugênia pareceu conquistada.

A bastarda



Assim que voltou ao quarto da filha, depois de acompanhar o médico à porta, Eugênia Maria não conseguiu reprimir o seu desagrado pelo modo pouco amável como Isabel Maria o tratava em cada visita que este lhe fazia.

– Minha filha, nem sempre a primeira impressão que temos de alguém é a melhor. Não simpatiza com o médico, nem faz o menor esforço para dissimular. Desde que ele lhe examinou pela primeira vez que desconfia dele, mas, acredite ou não, é o melhor especialista em doenças de pulmões que temos, não é em vão que as pessoas com tuberculose vêm à Madeira tratar-se com ele, além do clima, que é muito bom, precisa da sua ajuda.

– Não brigue comigo. Se não confio nele é porque cada dia estou pior. Ninguém sabe o que se passa dentro do meu corpo nem percebe as pequenas mudanças que só eu sinto. As forças me deixam aos poucos. Tenho medo de morrer.

– Isabel Maria... Com pensamentos tão pessimistas não pode lutar contra a doença. Tenha fé em Deus, minha querida. Olha, a propósito de não gostar do médico, lembrei-me de uma coisa. Sabe que o dia em que a minha mãe conheceu a senhorita Felícia não lhe caiu nada bem? Achou ela muito alta e magra, quase seca, no seu olhar pareceu descobrir uma rigidez severa e ficou aterrorizada só de pensar que pudesse se desvanecer como um sonho a sua tão prezada liberdade. Com o tempo, porém, percebeu que era igualmente exigente com ela como consigo mesma e que os olhos que tinham parecido um brilho de lâmina eram, afinal, penetrantes para melhor lerem nas almas. Foi no momento em que a senhorita Felícia pegou no molho de cartas e começou a mexer nelas com gestos precisos de ilusionista que a sua avó se sentiu atraída por essa mulher, que acabou sendo a sua melhor amiga.

A senhorita Felícia



O primeiro baralho possuía tantas cartas quanto as letras do alfabeto, escritas em minúscula, e a senhorita Felícia começou a mostrar as vogais a Eugênia enquanto pronunciava o som que correspondia a cada uma delas até a pequena aluna conseguir decorá-las. Depois tirou da bolsinha as cartas dos algarismos, desenhados com pena grossa, do 0 ao 9, fazendo o que fizera com o das letras e incitando Eugênia a colocá-las em ordem em cima da mesa. Nos dias seguintes, apresentou-lhe as consoantes em pequenos grupos para não a confundir e, quando conseguiu que reconhecesse todas, ensinou-a a brincar com as cartas dos dois baralhos, alinhando-as de maneira para poder ler o nome do pai, da mãe e dos irmãos todos, completando o jogo com as idades de cada um ao lado. Com o tempo, aumentou o grau de dificuldade e saíram do bolso da senhorita Felícia os últimos baralhos, o das letras maiúsculas e, no fim, o das letras de imprensa. Só quando Eugênia soube ler sem soletrar teve direito a uma folha de papel, uma pena, um canivete e um tinteiro que a mãe lhe ofereceu com a solenidade de quem outorgava um privilégio real porque, mesmo que algumas mulheres soubessem ler, poucas eram as que aprendiam a escrever por acreditar ser uma coisa inútil e até perigosa para o sexo feminino.

A senhorita Felícia explicou a Eugênia o complicado repertório de gestos e posições necessários à escrita, que passava pela postura do corpo, que devia distanciar-se razoavelmente da folha, pela forma como devia colocar os braços em cima da mesa e pela maneira exata de segurar a pena com os dedos, antes de poder passar para a fase seguinte, a de aprender a desenhar os signos até conhecê-los tão bem que conseguisse traçar sem olhar para as cartas alinhadas na mesa à sua frente.

Cumpriam o horário planejado pelo bispo Azeredo Coutinho – de duas horas pela manhã e duas à tarde, para que as meninas não se cansassem

muito, porque a ideia do inventor do método era que o ensino parecesse um jogo. Em poucos meses Eugênia alcançou o conhecimento dos irmãos, em leitura e escrita, e foi autorizada a juntar-se a eles com apenas seis anos para ouvir as explicações de algumas matérias, entrando com ar vitorioso na sala de aulas.

Não faltavam professores que quisessem ensinar em Vila Rica. Sabia-se em todo o Brasil que era um dos raros lugares onde o seu trabalho podia ser bem remunerado, devido à abundância de ouro e diamantes que tornava generosos quem os possuía. Por essa razão, Rodrigo de Meneses não teve dificuldade em escolher os melhores especialistas para as diferentes disciplinas, e estes desfilavam ao longo da manhã, saindo com uma reverência dirigida aos meninos quando chegava o mestre seguinte, saudando-se entre eles com um aceno de cabeça enquanto se cruzavam no corredor que os levava à saída do palácio. Os quatro irmãos não estudavam as mesmas matérias. Juntos, tinham aulas de equitação, gramática, história, francês, inglês e botânica mas, enquanto Eugênia estudava canto e *pianoforte*, os rapazes adquiriam conhecimentos de geometria e álgebra. Depois voltavam a se encontrar para aprenderem os passos das danças que estavam em voga, para não fazerem mal no dia em que fossem apresentados na corte e os convidassem para um dos tantos bailes que se organizavam nos palácios. Os pequenos Meneses aprendiam tudo bem e depressa para poderem voltar ao espaço sem fim que era o mundo das brincadeiras.

Maria José, em vez de contratar um sacerdote, tomou a seu cargo as aulas de religião e moral, e cada filho aprendeu o que ela diariamente lhes repetia para que não tivessem dúvidas para o resto das suas vidas: tenham fé, aceitem os desígnios de Deus e obedeçam sem questionar às vontades da coroa. Levados pela sua própria mão, fizeram um a um a primeira comunhão, e nunca, nem que o sono os fizessem trocar as palavras do pai-nosso pelas da ave-maria, deixaram de rezar o terço em família todas as noites.

Esses anos no Brasil, onde o tempo e os costumes permitiam uma liberdade maior do que a que viriam a ter em Lisboa, não podiam fazê-los esquecer quem eram e que destino lhes reservava a vontade de Deus ou da rainha, dizia também o pai a cada passo. Rodrigo sabia que a educação dos filhos estava em boas mãos, que nada os faltava, nem à sua amada mulher, nessa terra onde o ouro era tanto que tingia o rio Doce de amarelo. Ele

passava os dias a estudar a corrente do rio, a profundidade, a força com que desaguava no mar, e sonhava torná-lo navegável, fazia planos e idealizava projetos que outros, mais tarde, iriam aperfeiçoar.

Eram necessárias muitas mãos para extrair tanta pedra preciosa e coar milhares de litros de água antes de apanhar as pepitas douradas que faziam com que os homens se matassem, porque a cobiça envenenava o sangue. Rodrigo tentou tornar a vida menos miserável, propondo que o Estado subsidiasse a construção de uma metalúrgica, para que os mineiros não fossem obrigados a importar as suas próprias ferramentas de trabalho a preços muito altos. A proposta não foi aceita. Mais: acharam-na descabida e arriscada para os interesses da coroa, predispondo contra o governador e o ministro, que sugeriu no primeiro Conselho, brandindo o pedido como se fosse a prova do delito, que não fosse renovada a estadia a Rodrigo por mais de três anos; e por consideração ao marquês de Marialva, pois por vontade própria o teria mandado voltar no primeiro navio que zarpasse para Lisboa.

Para fugir aos impostos e taxas reais, o ouro continuou por caminhos ilegais, por carreiros no mato que só os comerciantes conheciam. Vila Rica, que passaria mais tarde a chamar-se Vila Pobre, e muito depois Ouro Preto, perdeu assim a oportunidade de desenvolver outros recursos.

Os filhos do governador dividiam-se em dois grupos: os que sabiam ler, faziam visitas de estudo e brincavam fora do jardim do palácio e os da segunda leva, que por serem ainda pequeninos andavam sempre à volta das saias da mãe ou da ama e não passavam do relvado junto à sala, que era a fronteira imposta aos iletrados. Pela sua idade, Eugênia não pertencia nem ao primeiro nem ao segundo grupo e tinha consciência de que devia a liberdade à benevolência dos pais, não só pelo interesse que demonstrava em aprender, mas também a um carinho especial que eles sentiam por ela ter sido a primeira menina a nascer depois de três rapazes. Não tinha sido uma dor de cabeça, como acontecia geralmente nas famílias em que, ao ouvirem o anúncio da parteira de que a criança era do sexo feminino, o pai da recém-nascida se fechava na biblioteca para fazer contas para o futuro dote, enquanto a mãe chorava por ter falhado mais uma vez ao não gerar um homem que desse continuidade ao sobrenome do marido. Pelo contrário, sempre lhes trouxera momentos de alegria. Mesmo quando a sua maneira

de andar era lenta e majestosa, o seu riso ecoava em todas as paredes do casarão, fazendo com que o governador, seu pai, ainda que estivesse tratando de assuntos importantes, não conseguisse reprimir um sorriso enquanto abanava a cabeça em sinal de reprovação.

À mãe também dava motivos para se orgulhar dela, além de uma beleza que a lisonjeava, tinha o dom de deixá-la de bom humor quando aparecia, como se a sua presença iluminasse cada aposento onde entrava. Para mais, tinha uma saúde tão boa que, no dia em que amanheceu com a cara cheia de pintinhas, Maria José pensou que tinha sido picada por mosquitos, e não que Isabel a tivesse contagiado com catapora. A irmã mais nova, ou por a mãe estar debilitada pelos numerosos partos ou por vontade divina, era o oposto de Eugênia. Bonita, sim, mas tão propensa a contrair doenças que se tornou uma preocupação constante para os pais, gerando entre eles algumas discussões.

Maria José não acreditava nas artes dos médicos, já havia perdido a sua confiança no dia em que morreu o filhinho Antônio, que ainda via – nas noites em que o calor atraía as insônias – vestido de anjo no caixão que lhe servia de berço, porque parecia dormir um sono injusto, tão profundo que nem o seu choro nem as suas súplicas conseguiram fazê-lo acordar.

Rodrigo ainda acreditava neles, nas dez sangrias diárias (provavelmente porque nunca teve que fazer nenhuma) e nos medicamentos que trouxe na sua caixa. Mas via-se em apuros para encontrar um médico num país onde não abundavam, bem pelo contrário, a maioria dos que iam estudar na França ou no reino não voltava, porque arranjava melhor colocação onde estava. Tinha dificuldade em formular argumentos que convencessem a mulher a deixar o farmacêutico examinar a filha, mesmo se os seus amigos e conhecidos recorressem a ele por ser o único capaz de receitar as medicações que ele próprio preparava e nas quais todos confiavam. Não havia meio de fazer com que Maria José mudasse de ideia e via com maus olhos que a mulher acreditasse nas misturas, nos chás de ervas e nos emplastros que a senhorita Felícia dava para beber ou aplicava na filha. Porém, alguns dias mais tarde, ao ver a pele lisa e sentir a testa fria de Isabel, ficou sem fundamento para teimar em defender o dono da farmácia e não voltou a tocar no assunto. A mestra, depois de ter ensinado Eugênia a ler e a escrever, tornou-se tão imprescindível que acabou ficando na casa, onde fazia um pouco de tudo: enfermeira, porque quando era pequena tinha

sido recolhida pelos jesuítas, quando ficou órfã, e aprendeu na missão com os índios as técnicas de curar usando plantas e raízes; governanta, se a que ocupava esse lugar estava doente; dama de companhia da mulher do governador nos dias em que ele ia à caça; e guia de Eugênia e dos irmãos letrados, mesmo se às vezes os passeios não eram propriamente culturais, aprendiam alguma coisa nova que os marcava para a vida.

Foi num desses dias de andar sem rumo que Eugênia quis conhecer o mercado de escravos, influenciada pelas histórias de Miló e convencida de que a negrinha contou uma versão exagerada dos dramas, pois não conseguia imaginar que os escravos que via trabalhando tão bem-dispostos em sua casa fossem vendidos como gado, quase nus, com os pés presos com grilhões e vigiados por um homenzarrão de chicote em punho, que, pelas marcas que alguns homens tinham nas costas, devia usar com bastante frequência. Nas mulheres nenhuma ferida era visível, era no olhar que descobria a nostalgia dos seus e da savana, e a vergonha da submissão gravada a ferro e fogo na pele escura.

Para compensar a tristeza com que voltaram do leilão de escravos, a senhorita Felícia levou-os na semana seguinte para ver o que ela dizia ser uma das coisas mais bonitas feitas pela mão do homem. Visitaram a casa onde trabalhava um escultor brasileiro, de quem só conheciam as estátuas da igreja de S. Francisco. Pasmaram ao ver um mulato pequenino, com o corpo torcido por uma doença que o entrevava e mirrava. Era filho de um arquiteto português e de uma escrava, mas o pai tinha dado a ele liberdade e, além de entregar uma mesada, comprou-lhe um escravo que o assistia na sua arte, ajudando-o subindo no andaime e atando nas mãos o cinzel, o escopro ou o martelo. O Aleijadinho passava os dias, desde a madrugada, esculpindo pedra-sabão; e foi coberto de uma camada de pó branco que os pequenos Meneses o viram trabalhar, sem que ele lhes dirigisse um olhar e ainda menos a palavra, concentrado unicamente no que estava fazendo. Assim eles puderam ver como, com ligeiros toques, iam caindo no chão pedaços do bloco de pedra, até aparecer como por milagre um braço ou uma perna, tão reais que não pareciam esculpidos, mas verdadeiros. Em voz baixa, a senhorita Felícia explicou-lhes que o mestre estava trabalhando numa das doze figuras dos Apóstolos que se destinavam à Via Crucis de Congonhas, que ficava a poucas milhas de onde estavam.

A visita acabou pouco depois de o escultor fazer um sinal ao escravo, que lhe tirou suavemente entre os dedos paralisados as ferramentas de que já não precisava e o pegou no colo para sentá-lo num cadeirão, onde pareceu recuperar a noção da realidade e cumprimentou as crianças, antes de conversar com Felícia. Conhecia-a de algumas reuniões e ficou tão impressionado com a expressividade das suas mãos que pediu para posar para ele, servindo de modelo para uma estátua de Santa Lúcia. Felícia sentiu-se lisonjeada com o convite e a amizade dos dois nasceria durante as sessões de pose e escultura.

A um gesto da senhorita Felícia, os meninos, um a um, agradeceram ao escultor e, estando ainda deslumbrados com o seu trabalho, perderam por um momento a consciência de quem eram e fizeram as mais belas reverências, provocando com esse gesto insólito uma gargalhada do Aleijadinho e do escravo, e um sorriso benevolente de Felícia.

Voltaram para casa numa tal excitação que contaram imediatamente aos pais as maravilhas que o mestre Antônio Francisco Lisboa fazia, e explicaram tão bem o milagre da transformação que o governador, Maria José e uma comitiva de pessoas ilustres foram ver o fenômeno de perto, recebendo o mesmo trato que os meninos, ou seja, nem uma palavra até o escultor descer do andaime. Os adultos também ficaram embasbacados, no entanto, ao se despedir, ninguém se lembrou de inclinar sequer a cabeça, mesmo assim se agradeceram vivamente.

Na vinda de um dos passeios com a senhorita, Eugênia correu para buscar Miló e lhe contar o que viu. Procurou na cozinha, no pátio dos criados, nos corredores, nas salas e, quando chegou ofegante junto aos pais, achou estranho estarem reunidos com o feitor, que retorcia as abas do chapéu com as duas mãos, enquanto um ligeiro tremor na voz se acentuava ao contar o que aconteceu. O governador mandou-a sair e, enquanto o criado fechava a porta, Eugênia ainda ouviu o pai lhe dizer com voz ríspida que meninas da sua condição não entravam nas salas sem pedir licença.

Soube na hora do chá, pela senhorita Felícia, enquanto tentava saborear um dos seus bolos preferidos sem conseguir, que uma dezena de escravos, daquela e de outras casas, tinham fugido para o que eles chamavam quilombos, aldeias escondidas no mato onde viviam do que cultivavam. Certamente sentiriam a falta de determinadas comodidades a que alguns deles tinham se habituado, mas viviam em completa liberdade, casavam-se

com quem queriam e tinham filhos que pertenciam exclusivamente a eles e a mais ninguém.

– Não terão ido para a lavoura do fumo? – perguntou Eugênia, ainda pouco convencida de não rever a sua escrava.

– Não creio, senhorinha, os que vão para as plantações de tabaco são mandados pelos patrões, mesmo que seja proibido pelo governo. Acredite no que estou dizendo, eles fugiram para o sertão.

Entretanto, Rodrigo mandou chamar o capitão do mato, que chegou com coleiras de ferro penduradas nas selas dos cavalos para colocar nos escravos se fossem apanhados. Um grupo de homens ávidos de recompensa juntou-se a ele e marcharam na direção que pareceu mais provável que os fugitivos tivessem tomado, sabendo de antemão que na maioria das vezes regressavam os mesmos que partiam, pois era raro trazerem algum escravo de volta e, quando o conseguiam, este não vivia muito tempo porque, além da tristeza que roía a alma, era chicoteado no pelourinho da praça pública para servir de aviso aos que enchiam a cabeça com ideias ridículas de liberdade.

A bastarda



—Miló. Chamava-se Miló, a negrinha da sua avó. Se não fosse escrava e não a tivesse deixado, teriam sido amigas, como aconteceu com a senhorita Felícia.

— E não havia outras meninas em Vila Rica?

— Havia, mas eram amigas de circunstância, encontravam-se nas missas e nos chás que as famílias organizavam, não era a mesma coisa. Com a Miló a minha mãe passava os dias inteiros correndo, brincando, cantando, ouvindo as suas histórias; quase se poderia dizer que, mesmo sendo Miló inferior, eram muito parecidas na maneira de ser. Nas noites em que uma tormenta ou qualquer outro medo impediam a minha mãe de dormir, a escravinha sentava-se no chão junto da cama dela e adormeciam as duas de mãos dadas. Nunca estava junto dela na manhã seguinte, alguma das criadas devia mandá-la sair do quarto. Pensando bem, agora tenho a certeza de que fugiu da casa do meu avô quando soube que eles iam voltar para Portugal.

A perda



Eugênia foi para o quarto chorar e não sabia qual era a verdadeira razão das suas lágrimas: se a raiva de ter sido traída pela escravinha, se a perda da sua companheira de jogos, ou se a pena que sentia por Miló ter sido infeliz ao ponto de preferir viver no meio do mato. Também lhe custava decidir se havia de rezar para que a encontrassem ou, pelo contrário, para que o capitão com as coleiras de ferro não lhe visse. Não entendia por que fugira se na sua casa ninguém batia nela e era tão bem tratada como as criadas, ainda que dormisse sobre palha no chão do celeiro e não comesse a mesma comida que elas.

A senhorita Felícia entrou no quarto e, acariciando o seu cabelo com doçura, disse que Miló fora provavelmente ao encontro do seu povo ou de familiares, que não se preocupasse com as chicotadas porque não iriam encontrá-los nunca; não era a primeira vez que os escravos se internavam no mato, que conheciam como ninguém, nem que fosse porque devia parecer-se com a sua terra. Como Eugênia não se consolava, disse também que, de qualquer modo, a pupila iria em breve separar-se de todos eles, porque a senhora sua mãe transmitiu as novas ordens – chegadas havia pouco do reino – que punham fim à estadia do governador, e faltavam poucos meses para que voltassem a Portugal.

Nessa noite, enquanto Eugênia olhava pela janela do seu quarto as estrelas do Sul e rezava para a madrinha para que não encontrassem Miló, desconhecendo por completo que a negrinha tinha os seus próprios deuses que velavam por ela, viu a silhueta da senhorita atravessar o jardim com tanta leveza que os seus passos não deixavam marcas na relva molhada. Pressentiu que havia uma parte da sua vida que Felícia não dividia com ela – e que nada tinha a ver com amores porque não levava a pressa dos apaixonados – e ficou pensando se a sua mestra não saberia o paradeiro da

escrava. No dia seguinte, a senhorita respondeu com evasivas às perguntas que a menina lhe fez, até entender que o seu silêncio estava sendo interpretado como uma falta de confiança e de amizade. Então contou que Vila Rica tinha uma vida própria, com reuniões só para brasileiros, onde se encontravam poetas, advogados, escritores, músicos e pessoas como ela, curiosas e discretas.

– Para que tanto segredo?

– Ai, minha senhorinha, não posso ocultar nada de você, não é verdade? Pois bem, é nesses serões que sonhamos com o dia em que seremos livres.

– Por quê?

– Porque é bom sonhar com o nosso país independente, ele é suficientemente rico para não precisar que reis distantes o governem. Mas não é só aqui em Minas Gerais que as ideias de mudança se espalham, é em todo o continente americano. – E, vendo o desapontamento de Eugênia, acrescentou: – Não é fácil de entender para quem está do lado oposto.

– Eu obedecerei sempre aos meus soberanos.

– Deus queira que nunca se arrependa de o fazer – concluiu Felícia.

Os três anos tinham passado depressa, muito depressa. Parecia que, de um dia para o outro, tinha chegado a ordem de partir, sem ainda terem conseguido assentar completamente. Os criados e os escravos começaram uma manhã a encher arcas e baús com todas as coisas que os Meneses haviam acumulado sem darem por isso e que só no momento de serem encaixotadas perceberam serem muitas. Sem querer, tinham duplicado os filhos, os móveis e o vestuário. O governador conseguira juntar algum dinheiro, que podia ter sido uma quantia superior se não tivesse sido ganho honestamente ou se o tivessem deixado cumprir um segundo mandato, mas mesmo assim chegava perfeitamente para instalar a família em Lisboa e dotar pelo menos uma das filhas.

Maria José tentou em vão convencer Felícia a ir com eles e foi com os olhos cheios de lágrimas que a senhorita se despediu da pequena Eugênia. Supunha ser mais útil no país onde estava, porque não podia acreditar que a divina Providência a tivesse feito nascer ali por acaso, acreditando que veio ao mundo para cumprir alguma missão, que por enquanto desconhecia, mas que se apresentaria quando o Senhor julgasse oportuno. Pelo menos essa esperança a ajudava a se consolar de ter sido abandonada quando pequena à

porta do convento dos jesuítas, vestida com uma túnica de algodão rústico muito grande e a fazia parecer uma senhora de quatro palmos.

Quando conseguiu dominar a emoção, Felícia tomou Eugênia pela mão e contou-lhe que acreditava, como a sua mãe – de quem já quase não se lembrava e que era uma índia tupi-guarani –, que uma parte dela podia, depois da morte, encontrar Guajupιά, a aldeia das almas, que ficava para lá das montanhas, e que, pelo menos aí, poderia reencontrar-se um dia com ela. Nesses três anos afeiçoara-se muito à menina e, mesmo que estivesse ensinando em outra casa, acudiria sempre ao seu apelo se Eugênia precisasse dela no Brasil, porque, como havia feito saber, não deixaria o seu país por nada deste mundo.

A bastarda



— **C**ustou-lhe muito separar-se da senhorita Felícia. Até o último momento, acreditou que ela mudasse de ideia. Sabia que devia disfarçar os seus sentimentos, mas não conseguia, porque algo dentro dela se partia aos poucos, como se o seu corpo fosse de vidro fino e só mantivesse a forma porque a pele que o cobria impedia os cacos de se espalharem. Contava-me que sonhou muito tempo com a senhorita Felícia, com Vila Rica e com essa vida livre e ao mesmo tempo protegida. Via-se correndo pelos jardins, quase sem mexer as pernas ou pisar o chão, o cabelo ao vento, como nunca usou, e uma leveza de fantasma. Tão diferente do peso de chumbo que parecia puxá-la para debaixo da terra nos seus últimos anos de vida...

— Não fique triste, minha mãe, senão eu também fico.

A voz de Eugênia Maria se quebrou pela emoção. Sem querer, tinha descrito à filha exatamente o que sentia ao ver a morte cada vez mais presente naquele quarto.

A volta



Embarcaram depois de festejar a vinda de Jesus, com a ida à Missa do Galo. Pensaram que o verão dessas regiões amolecasse o mar, esquecendo-se de que os ventos e as ondas têm vontade própria, que os obrigaram a suportar tormentas tropicais e um bambolear que já não embalava os sonhos, antes os transformava em pesadelos. Enquanto o marido e os filhos, incluindo Eugênia, passeavam pelo convés para desenojar com a brisa salgada que molhava o rosto, Maria José e os mais pequenos, acudidos pelas duas criadas que os acompanhavam desde a Casa do Arco em Guimarães, não conseguiram se levantar dos beliches durante a semana que durou o temporal.

A viagem tornou-se longa, não tanto pelo vento que teimava em soprar na direção contrária ao rumo que deviam seguir, mas por alguns começarem a sentir uma nostalgia que crescia à medida que se afastavam do continente americano. Todos sabiam que uma vida diferente em tudo os esperava em Lisboa, e os quatro irmãos mais velhos, conscientes de que nunca mais voltariam a precisar delas, tinham deixado as asas penduradas nas portas do sótão do palácio do governador. Quem mais sofria era Eugênia, os rapazes encontrariam outras formas de voar, nos cavalos do exército ou em qualquer tipo de evasão que não era permitida às meninas. Para trás ficavam as brincadeiras sem limites de espaço, poder sentir o corpo crescer sem que nenhum tecido o comprimisse – a roupa de todos os dias também tinha ficado, por não poderem usá-la na cidade –, as visitas de estudo pela mão da senhorita Felícia, que eram o perfeito álibi para poderem ver a realidade de perto, tomar o pulso da Vila Rica, saber como procediam as outras pessoas, que não pertenciam ao círculo fechado onde nasceram.

Eugênia perguntava-se se alguma vez voltaria a encontrar alguém como a senhorita Felícia Macedo, que adivinhava os seus pensamentos e falava de

coisas que não se esperava que as meninas soubessem, como as noções de matemática e astronomia, que a mestra considerava essenciais para entender o mundo e lhe ensinava no maior dos segredos e que Eugênia tinha consciência de que nunca, enquanto fosse criança, poderia dar a entender que sabia. Se a mãe tivesse imaginado que a senhorita Felícia tinha sangue índio correndo nas veias, por baixo da pele de um citrino transparente, a teria contratado? Certamente não. Achava normais os olhos pretos em forma ligeiramente amendoada, porque a mestra herdou o porte do pai e evitou referir a sua ascendência materna. A alusão à sua origem valeu, de resto, numa família do norte do Brasil, o despedimento imediato por terem os índios fama de amaldiçoados ou, no melhor dos casos, de desobedientes.

Felícia contara a Eugênia que sonhava com o dia em que se misturassem as duas culturas, sabendo que ambas poderiam beneficiar com a troca. Essa noção de liberdade era o cunho que a mestra colocara no coração da pupila, embora evitando tocar no assunto diretamente, mas fazendo-o como algo que se transmite de pais para filhos, sem palavras, só com o exemplo e uma convicção que não precisava ser expressa para ser tomada como certa.

Os ventos decidiram mudar de direção e foi com eles soprando a favor que os Meneses chegaram à costa portuguesa, descendo no cais de Belém uma semana antes do oitavo aniversário de Eugênia, em 9 de março.

Teve direito a uma festa de anos com missa de Ação de Graças por terem chegado inteiros e bem-dispostos, pelo menos os que tinham sofrido enjoo durante a viagem. Maria José aproveitou para pedir a Santa Isabel, de quem era devota, que não a mandasse outra vez para terras estranhas, porque era uma provação navegar meses a fio nos mares sem fim – onde se sentia perdida e temia pelos seus e por si própria – para ir para uma terra da qual nunca teria saudades, porque, entre partos, aleitamentos e doenças da filha Isabel, pouco ou nada tinha podido apreciar e não fizera sequer uma amiga. Além de o calor a esmagar, tirando as poucas forças que restavam e deixando a cabeça tão pesada e vazia que se sentia uma iguana. Lembrava-se de ter passado mais tardes deitada na escuridão do quarto, com panos molhados em água fria nos pulsos, nos tornozelos e na testa, do que passeando ou recebendo visitas, como faziam as outras mulheres.

Pareceu renascer com o ar fresco que se infiltrava pelas frestas das janelas no palacete do Bomsucesso, onde se instalaram, ainda que de modo

precário, enquanto contratavam criados. Finalmente, com o pessoal de que precisava para a sua casa, mandou que abrissem as arcas e desembrulhassem as coisas que haviam trazido. Ia de um lado ao outro, dando ordens sobre o lugar onde queria cada objeto, mudando de opinião depois de o ver colocado, percebendo que alguns, comprados sob a outra luz, mais tropical e garrida, destoavam por completo em Portugal, fazendo-a até duvidar do próprio bom gosto e bom senso no momento em que os achara lindíssimos nos salões de Vila Rica. Mandou arrecadar tudo quanto fosse supérfluo e de cores violentas que ferissem os seus olhos, que tão depressa tinham se rendido aos tons pastel e à sobriedade da decoração lisboeta.

Eugênia viu, uma a uma, tirarem das paredes as tapeçarias com bordados de canas-de-açúcar e papagaios, bananeiras e outras árvores com frutas, como a jabuticaba, o tamarindo e a goiaba, e sentia o sabor de cada uma delas se desvanecer para sempre na sua boca, como se tratasse de um adeus gustativo; ela que preferia mil vezes as frutas cujo sumo escorria pelo braço até o cotovelo à insípida maçã, que era obrigada a comer crua ou preparada de várias maneiras e feitios, para disfarçar a sua falta de doçura.

A bastarda



Vendo o pouco entusiasmo com que a filha levava o garfo à boca, Eugênia Maria lembrou-se de lhe contar a experiência da mãe com os pratos típicos de Minas Gerais, pois não havia nada melhor do que falar de receitas quando se estava à mesa.

– Sim, sim, ao regressar a Lisboa estranhava a comida. Era muito diferente da brasileira. A minha avó nem sonhava o que os filhos comiam por lá. Claro que se respeitavam as suas ordens, mas a senhorita Felícia dizia-lhes que, vivendo no Brasil, deviam conhecer os costumes locais. Imagina, era como se aqui na Madeira não comêssemos peixe-espada com banana frita... O que seria? A minha mãe e os meus tios gostavam tanto dessa comida que a senhorita Felícia pedia que a preparassem para eles na cozinha, e esses pratos eram servidos unicamente como recompensa por bom comportamento ou boas notas. Ao me contar essas lembranças, a sua avó sentia na boca, depois de tantos anos, o sabor do quitute feito com carne seca, feijão preto e farinha de pau, tudo cozido, que amassavam com os dedos e os lambiam no fim.

– Comiam com as mãos?!

– Sim. Ainda corava de vergonha ao confessar, nenhum deles havia falado, em ocasião alguma, desses jantares que sabiam ser pecado, e é a primeira vez que eu falo neles; o seu pai, que é tão inglês, não entenderia. Mas houve pior. Pelas ruas vendiam o angu, que era um preparado feito com coração, fígado, bofe e língua, tudo cortado miudinho e refogado em banha de porco e azeite de dendê, levava também quiabos, pimentão, salsa, cebola, louro, tomate e outra erva... Não, não consigo me lembrar do nome. As cozinheiras pretas faziam para os escravos e para os pobres, que o comiam ali mesmo na rua ou levavam para casa; e as escravas, quando viram com que gosto os meninos do governador davam cabo do petisco,

disseram que havia muito *senhozinho* brasileiro que comia angu em casa comprado na praça. Ah! Já me lembrei do nome do condimento: sálvia. Mas não sei o cheiro.

– Não imagino a avó Eugênia comendo essas coisas...

– Se tivesse a conhecido, pareceria ainda mais improvável. Mas era outro lugar. Lá tudo sabia bem.

Nostalgia



Quando ficaram completamente instalados, Eugênia acompanhou os pais em algumas visitas de cortesia, a primeira das quais ao Paço, a beijar a mão do seu padrinho, D. Pedro, que só tinha visto uma vez antes de embarcar para o Brasil. A segunda, no dia seguinte, à sua madrinha, Nossa Senhora da Madre de Deus, a quem agradeceu tudo o que a mãe lhe mandou agradecer, depois rezaram o terço e, à medida que as contas das ave-marias de prata deslizavam entre os seus dedos polegar e indicador, Eugênia começou a sentir que Nossa Senhora a olhava, mas não do mesmo modo que para maioria das pessoas que entravam na igreja: os olhos serenos da santa pareciam fixá-la, como se adivinhasse a sua falta de fervor, o que a fez corar subitamente, porque a sua mente se encontrava longe da lenga-lenga compassada que seguia o ritmo da voz da mãe.

Levantou a cabeça e verificou o que à primeira vista parecia inverossímil, a imagem prendia-a, e sentiu dentro de si uma paz que foi um bálsamo para todas as suas pequenas mágoas. Não deixou que a mãe percebesse esse súbito bem-estar e calou a comunhão com a madrinha guardando a sensação como o mais importante dos segredos. Soube nesse momento que a imagem era realmente sua madrinha e que a iria ouvir sempre que precisasse de ajuda; pela falta da senhorita Felícia, seria de agora em diante a sua confidente.

Dias depois, Maria José disse aos filhos que estivessem prontos às 9h, porque iriam recomeçar as aulas. Eugênia via desfilar os professores e sentia que todos sem exceção davam mais atenção aos irmãos do que a ela, parecendo aceitá-la nas aulas por imposição do pai ou capricho da mãe, e não por ter o mesmo direito de aprender, ainda que ela demonstrasse estar bem preparada em todas as disciplinas. Gregório, o primogênito,

beneficiou-se de um ensino especial, mais de acordo com o seu futuro, até poder entrar na Escola do Exército como cadete, com dispensa de menoridade.

Assim, ano a ano foram tirando de Eugênia os irmãos, até deixarem-na sozinha aprendendo matérias para meninas, e só não morreu de tédio porque o mestre de português era um apaixonado pela literatura e todas as semanas lhe trazia um livro novo, que ela devorava e a transportava para mundos mágicos ou longínquos, ajudando-a a esquecer o quanto se sentia fechada nos novos horizontes encolhidos, onde as cores tinham se abatido, como se de um continente para outro tivessem mudado o cenário, conservando os atores principais e deixando para trás os secundários, que começaram também a perder o frescor das primeiras recordações: às vezes tinha dificuldade em desenhar na mente os contornos deles. E apenas tinham passado dois anos.

Nesse verão, Eugênia – tentando equilibrar e reter uma lágrima nas pestanas – viu partir o seu irmão preferido para servir ao exército, orgulhoso do seu uniforme onde brilhavam todos os botões para condizer com o sabre ainda por estrear. Na primeira visita que este fez à família, Eugênia chegou a odiá-lo pelo tom paternalista com que falou e os ares de boneco vaidoso que tomou ao entrar na sala, e riu até chorar quando o pai lhe disse que deixasse a postura de cantor de ópera na porta de entrada. Gregório caiu em si e, descontraindo-se como um fantoche, voltou a ser o mesmo irmão cúmplice de sempre, aquele que tinha orgulho da sua primeira irmã.

Rodrigo de Meneses foi nomeado Conselheiro da Fazenda e da Casa e Estado das Rainhas, o que os obrigava a ir a festas e saraus vestidos a rigor, nos palácios e no Paço. Nessas noites a corte dançava, cantava, ouvia música, e Eugênia esperava ansiosa pelo despertar dos pais na manhã seguinte, para que descrevessem com todos os detalhes como tinha sido e ela poder, assim, reconstituir as imagens quando mais tarde relembresse os comentários sozinha no seu quarto. O irmão Gregório assistia a algumas reuniões e imitava qualquer um dos seus superiores militares com bastante graça. Mas era sobretudo o pai, que tinha o dom de contar histórias e gostava de ter a mulher e os filhos como auditório, que a deixava sempre maravilhada. Nessas reuniões reencontravam a descontração de Vila Rica,

falando sobre as originalidades de certas pessoas com quem se cruzavam na rua, no regimento ou no Paço.

Rodrigo reconhecia que Maria José desabrochava com o frio como as flores que nasciam na neve. Os filhos mais velhos estavam encaminhados, mas, tal como a sua filha predileta, também ele se lembrava com nostalgia dos três anos passados no Brasil. Ao contrário da mulher, a ele o frio parecia inchar não só os membros, mas também o pensamento, e fechava frequentemente os olhos em frente à lareira, fingindo repousar, para poder penetrar no sertão, nessa terra mais alta, agreste e sem limites aonde a mulher sempre pensara que ia unicamente para procurar as presas que alimentariam a família com carne fresca. Se Maria José soubesse que não era por obrigação que se perdia nessa região desconhecida do homem civilizado, mas pelo prazer de contemplar a imensidão sem encontrar outro rastro que não fosse animal, ouvir os sons dos pássaros, dos predadores e o eco dos seus tiros contra as pedras, seguido de um longo silêncio até a bicharada recomeçar a mexer-se e a fazer barulho...

A verdadeira caçada fizera em grupo, com amigos e almoço na clareira, de onde voltara com a garupa do cavalo enfeitada de papagaios, tucanos e pica-paus, que eram muito apreciados, enquanto os escravos levavam na carroça o veado e o porco-do-mato. Em casa sempre pensaram que esses petiscos se chamavam pombo-bravo ou codorniz, porque Rodrigo dera ordens precisas para que os depenassem longe dos olhares da mulher e dos filhos, principalmente da primeira, avessa aos pratos típicos brasileiros, teria preferido passar fome a alimentar-se de carne de aves coloridas.

A infanta espanhola



Dois anos mais tarde, o casamento do infante D. João com uma infanta espanhola modificou completamente a vida de Eugênia, ainda que ela só tivesse percebido dezessete anos depois. Houve troca de princesas: de Portugal, partiu Maria Ana Vitória para se casar com o infante Gabriel; da Espanha, chegou Carlota Joaquina no início de maio de 1786, com onze anos acabados de fazer e já senhora (pelo menos segundo um contrato com muitos artigos, assinado pelos monarcas dos dois países para selar alianças), de quem Rodrigo de Meneses foi nomeado mordomo-mor e intendente.

Em nenhuma das cortes se falou do desencanto dos infantes no primeiro encontro, perto da fronteira, onde o príncipe João foi receber a sua mulher Carlota Joaquina. Mesmo dando algum desconto às artes dos pintores retratistas, que com claros-escuros e pinceladas de mestre conseguiram disfarçar o incorrigível, nenhum deles imaginara que a realidade fosse tão diferente. Disfarçando a decepção mútua com enfadonhos rituais de cortesia, não conseguiram deixar de ler, nos olhares um do outro, uma vontade de fugir de uma realidade cruel diante da qual, ainda por cima, tinham de sorrir.

O povo, sempre pronto a dizer a verdade em tom de deboche, contava um erro e, tendo mandado o reino de Portugal uma pescada, da Espanha haviam enviado uma sardinha.

Provavelmente para calar as más-línguas, e porque o casamento duplo entre as monarquias vizinhas tinha de ser festejado com toda a pompa que era devido a uma ocasião daquelas, o Palácio da Inquisição – onde vivia o embaixador da Espanha –, iluminado por fora com milhares de velas e tochas, deixou extasiados os 488 convidados que se aproximavam nas carruagens para assistirem à representação da ópera *Os Desposórios de Hércules*, de Jerônimo Francisco Lima.

Maria José e Rodrigo faziam parte dos ilustres escolhidos e, em cada dia seguinte – porque a festa se prolongou por três dias não consecutivos, para não cansar os convidados –, sentados na sala com os filhos em volta, contavam tudo o que acontecera na noite anterior. Eugênia e Isabel exigiam dos pais todos os detalhes: o número de lustres das salas, num total de 55, as quatro salas de jogos no segundo andar para quem não quisesse dançar, as bombas de água prontas para atacar um princípio de incêndio e até a presença de um cirurgião, para o caso de haver algum acidente ou de alguém se sentir mal. Na segunda noite teve baile e o casal Meneses saiu do palácio do Bomsucesso vestido como nos tempos de Vila Rica, em que o governador não olhava despesas e as sedas e os bordados sobressaíam pela riqueza, sem contar com as fivelas dos cintos e dos sapatos, que eram de ouro maciço, como mandava a tradição das pessoas importantes de Minas Gerais. No terceiro dia, o baile foi de máscaras, e o embaixador da Espanha mandou novecentos convites nos quais aconselhava “ninguém usasse máscara no rosto, tanto para que não se entrasse alguma pessoa não convidada, como para que reinasse a alegria, franqueza e decoro; e, como no país ainda não havia o hábito de semelhantes divertimentos, quem não gostasse de apresentar-se em trajes disfarçados podia ir vestido ao uso comum, contanto que levasse a insígnia da máscara em qualquer parte”.

Foi pela última das sugestões que optaram os Meneses, não porque Rodrigo tivesse dificuldade em escolher um tipo, mas Maria José achava que quem ocupava um cargo importante na corte devia parecer o que era em qualquer circunstância, e não vestido de Dominó ou de Mercúrio. Provavelmente muitos tiveram o mesmo raciocínio, porque só uma minoria apareceu mascarada e os outros levaram, costurado na lapela ou na manga do vestido, aquilo que gostariam de ter vestido.

Rodrigo assumiu desde a chegada da infanta todas as suas obrigações: assistiu aos exames que ela teve de fazer diante da corte durante algumas horas e outros tantos minutos, onde respondeu com desenvoltura a perguntas sobre dogmas, mistérios e doutrinas da Santa Fé e, mais tarde, falou sobre o globo e outras coisas de geografia. Três dias depois, ouviu-a apresentar alguns livros de Cícero e Júlio César e fazer traduções de latim para castelhano e vice-versa com tanta correção que o número seguinte da *Gazeta* fez referência aos conhecimentos da princesa na primeira página. Como prêmio, D. Maria I ofereceu-lhe uns cachorrinhos e tomou a seu

cargo o acompanhamento da esposinha. D. Pedro III, tio e marido da rainha, assistia com agrado às exibições de bailado que com muita elegância a princesa espanhola se dispunha a fazer sempre que o sogro pedia. Mas quando, algum tempo depois, o príncipe consorte morreu, a rainha, que era inteligente e sensível mas tremendamente frágil, fechou-se num luto tão profundo que se estendeu a toda a corte, pois ninguém ousava estar alegre ou deixar entrar o sol pelas janelas se D. Maria estava enterrada no seu desgosto, como se uma parte dela também tivesse morrido.

Rodrigo teve pena de Carlota Joaquina, vivendo num palácio onde não havia crianças nem nada que a distraísse, porque, como num conto de fadas, o Paço ficou envolvido por um véu cinzento. Passado o tempo exato determinado para o maior recolhimento, pediu licença para levar consigo para o palácio real a filha mais velha, que também tinha 11 anos, para alegrar algumas tardes da infanta; tanto mais que o caráter insubmisso da princesa espanhola começava a revelar-se de uma maneira pouco própria, pois atirava nacos de pão na cara do infante, a quem deveria respeitar, não só pela diferença de idades, mas também pelo lugar que ocupava na corte e por ser seu marido, ainda que ele não demonstrasse qualquer pressa em ver crescer a menina feia e franzina a quem teria a obrigação de fazer filhos, quando chegasse a altura.

A aia da infanta, desesperada com o pouco caso que Carlota fazia das suas recomendações, passava as noites escrevendo cartas cheias de queixas à rainha da Espanha, D. Maria Luiza, que por ter sido educada na corte napolitana achava as maneiras ibéricas e os seus protocolos entediantes e fazia o que estava ao seu alcance para alegrar a própria vida, desde ter amantes a criar modas, uma das quais lhe serviu para mostrar os braços roliços e bem torneados. Para que ninguém tivesse a coragem de não aderir a essa sua vontade, mandava as suas camareiras tirarem as luvas de qualquer dama ilustre que a quisesse visitar ou entrar no palácio. Por isso respondia à aia da sua filha dando-lhe alguns conselhos e recomendando que não se esquecesse de lembrar frequentemente à infanta que, nos casamentos entre casas reais, o que importava eram as alianças, os acordos feitos e assinados. Assim como ela fora obrigada a aceitar na sua cama aquele que era considerado, juntamente com D. Pedro III, um dos homens mais feios da Europa, a Carlota Joaquina não restava alternativa que não

fosse fazer o mesmo e, além de uma carta incitando-a a ter mais modos, pouco se podia fazer.

Tendo perdido ao mesmo tempo o tio e o marido, por quem sentia um grande carinho, D. Maria decidiu fazer companhia pela sua pequena nora, em quem via muitas qualidades. Levava-a às visitas aos conventos, vendo como corriam as vindimas nas suas quintas em Caxias, conferindo as contas das pescas em São Martinho do Porto e, mesmo quando ia a banhos nas Caldas da Rainha, a infanta também tinha de ir. Esses passeios nem sempre eram do agrado de Carlota Joaquina, e ainda menos do padre Filipe, que via, com essas constantes interrupções, os seus esforços fracassados para continuar a ensinar latim, geografia, história, gramática e línguas, porque a infanta esquecia, depois de uma semana de ausência, tudo o que ele havia lhe explicado nas aulas anteriores. Mas nem ela e nem o padre ousavam contradizer a rainha D. Maria, que gostava realmente da companhia da esposinha do seu filho João, porque a achava engraçadíssima e viva, sentindo por ela um verdadeiro afeto. No entanto, era uma corte de velhos, onde ninguém corria nem brincava, com um protocolo pesado para qualquer princesa de 11 anos, e Carlota Joaquina não conseguia se divertir, sendo esse provavelmente o motivo por que descarregava o seu descontentamento no real marido, que não fazia outra coisa senão passear de um lado para o outro do Paço com as mãos atrás das costas, quando não montava ou caçava.

Eugênia de Meneses era o seu oposto em tudo: bonita, elegante, culta e de uma obediência total, ao ponto de nunca ninguém ter notado um gesto sequer de contrariedade ao receber uma ordem, mesmo que fosse para comer algo de que não gostava. Desde a primeira visita que lhe permitiram fazer à infanta espanhola, não lhe agradou, pois a achou feia e malcriada; mas o pai voltou a levá-la ao Paço sem lhe pedir opinião e, na segunda vez que se viram, as duas tiveram tempo de se estudar a uma certa distância, como fazem os touros no campo aberto, e, começando a falar, descobriram mutuamente afinidades, como gostar de andar de burro ou a cavalo ou ter paixão pelos espaços amplos, em especial jardins, onde podiam correr, dançar e cantar com toda a força das suas vozes, sem ferir os ouvidos sensíveis dos habitantes do Paço. Por isso combinaram encontrar-se nos jardins do palácio do marquês de Marialva, avô de Eugênia, onde a corte costumava passear. Carlota Joaquina chegou acompanhada do seu séquito

de quarenta fidalgas, dissimulando com um andar insinuante o defeito que tinha lhe provocado uma queda de cavalo quando criança, pois na realidade mancava e não era pouco. A perna curta também não a impedia de dançar sevilhanas ao som das violas e palmas das fidalgas, deixando os nobres embasbacados, incluindo o velho marquês de Marialva, que acompanhava o ritmo batendo ligeiramente o pé, enquanto os filhos lhe serviam iguarias aproximando-se dele de joelhos, como se fosse o próprio rei. Eugênia não se recordava de ter visto o pai numa posição de servilismo como aquela, lembrava-se sempre de o ouvir dando ordens e recebendo demonstrações de respeito e, se não fossem as reuniões no palácio muito animadas, teria se sentido pouco à vontade com aqueles excessos, mesmo que ela parecesse ser a única a não achar o gesto naturalíssimo.

A madrinha



Essa infanta não é de boa raça; bem procuro dirigir os seus passos, mas dá-me a sensação de que só seguem o ritmo dos violões e, o que é pior, as pegadas da mãe, que sempre foi impudica. Da educação que tentam lhe inculcar, não assimila nem as boas maneiras. Isso, sim, está se tornando perita na arte da intriga, sobre a qual ninguém explica, mas ela também não precisa, porque no seu meio tem alguns bons exemplos. Não duvido de que será muito útil para se mover na complicada teia de relações da corte, mas não é assim que imagino uma rainha. A companhia de Eugênia poderá ser benéfica para ela, se a princesa se deixar influenciar pela jovem, o que desta vez não vai ser fácil, mesmo se na maioria dos casos sou otimista, não pela minha natureza, mas por saber que o meu filho tudo pode, quando quer. Sei, porém, que posso ficar descansada em relação à minha afilhada, que em momento algum seguirá o exemplo da infanta em nenhum dos defeitos graves que ela tem, incluindo o desamor pelo marido.

Palavra da Madre de Deus.

A bastarda



Os olhos vidrados pela febre, que não a abandonou nem por um momento desde que os médicos de Lisboa diagnosticaram a doença, faziam com que Eugênia Maria tivesse de lutar com mais força contra o seu crescente pessimismo, sobretudo para que Isabel não percebesse que estava perdida. E assim, tentando enganar uma a outra, revisitavam o passado como quem viaja sem sair da cadeira, numa varanda com vista para o mar.

– A sua avó Eugênia conheceu D. Carlota Joaquina quando era pequena, tinham a mesma idade e, nos anos em que foram amigas, havia uma certa empatia entre ambas; e creio que, apesar do desgosto, ficou alguma coisa desse sentimento, porque o afastamento e os rancores da princesa nunca fizeram com que a minha mãe me falasse dela com desrespeito. Disse-me que da primeira vez que a viu a achou feia e que ela teimava em usar os braços sempre descobertos, como a mãe, mas que não eram lindos de ver, muito magros e cheios de pelos pretos. O cabelo era crespo e desafiava a lei de gravidade, a cara tinha marcas de varíola, um ombro era bem mais baixo do que o outro e uma das pernas mais curta. Os olhos tampouco eram bonitos, no entanto, tinham uma vivacidade que os tornava atraentes e ela sabia disfarçar com uma elegância andaluz toda a sua feiúra. A princípio, sua avó a achou malcriada e caprichosa, depois foi aprendendo a gostar dela, a ignorar o mau humor e os aborrecimentos. Desculpava-a porque não sabia como ela mesma teria reagido se tivessem-na mandado para outro país, longe da família, dos costumes em que fora criada, casada aos 11 anos com um homem já feito, que não era bonito nem tinha qualquer tipo de encanto e preferia as caçadas e a companhia dos homens que cuidavam dos cavalos às conversas de salão e às danças. Não tinham nada em comum, tudo os separava, desde os gostos até os sentimentos. Enquanto viveu com eles, sua avó sempre os viu infelizes.

A viuvez da rainha



A rainha D. Maria continuava a suspirar, chorosa, pelo marido perdido, de quem gostava muito por razões que só ela conhecia, pois o príncipe consorte não devia nada à beleza nem à inteligência muito menos ao espírito. Podia ser que, estando sempre ao lado dela e acompanhando-a tanto na intimidade como nos assuntos do reino, ela tivesse se afeiçoado a esse tio velho e pateta, a quem a corte chamava “capacidôneo” por ser essa a palavra que o monarca usava em todas as ocasiões em que lhe pediam uma opinião, sem saber o seu significado, desde o dia em que ouviu dizer que um indivíduo que pretendia um cargo era “capaz e idôneo”.

Quis o destino – que por vezes parece entreter-se tirando da cartola várias dores pessoais ao mesmo tempo, como se fossem pombas de tormento – que, poucos anos mais tarde, a morte arrebatasse D. Maria e dois dos seus filhos também. Primeiro, o príncipe real D. José, que uma varíola fez desaparecer aos 27 anos, levando com ele a esperança de Portugal vir a ter um rei inteligente e educado, porque nunca ninguém imaginou que não sucedesse à mãe e desde pequeno o preparavam para ocupar o trono. Cinquenta dias depois, ainda se recuperando do parto de um infante que não sobreviveu, a sua filha Maria Ana Vitória adoeceu também de varíola no reino da Espanha, onde a mãe não pôde apressar o sofrimento com a sua presença e carinho, nem rezar junto dela e fechar os seus olhos.

O seu confessor, frei Ignacio, homem cruel e malcriado, também morreu, para grande alívio de D. João, que o odiava com a mesma força que era odiado por ele. Três mortes que a rainha não tolerou. A sua mente em equilíbrio precário sobre o fino arame da lucidez cambaleou e caiu num abismo de sombras, de onde às vezes emergia com a força de um afogado para dar os seus últimos gritos pedindo socorro. A corte tornou-se ainda mais triste, desconsolada, como se tivesse ficado órfã em dois meses, e

estivesse por isso à deriva. O inquisidor-geral, novo confessor de D. Maria, em vez de a ajudar, piorava o seu estado de fervor religioso. O príncipe D. João, que passava os dias arrastando o seu infortúnio pelos salões sombrios do Paço, foi chamado a officiar os conselhos de Estado, porque a rainha não encontrava a chave da gaveta mental onde arquivava o entendimento, nem se lembrava em qual delas poderia tê-lo guardado.

O infante compareceu e ouviu pacientemente o que os ministros lhe diziam nos seus longos relatórios, onde todas as frases o levavam habilmente a tirar a mesma conclusão, pois tinham sido planejadas pelos conselheiros em reuniões anteriores para que o príncipe pensasse que governava. D. João sabia escutar e registrava na sua memória de elefante todos os problemas com as soluções propostas: gostava de deixá-los falar porque o seu raciocínio era lento. Pouco a pouco, foi ganhando confiança e inteirava-se dos assuntos em profundidade, deixando morrer a fama que sempre tivera de titubeante, por não gostar de tomar decisões precipitadas nem de ferir suscetibilidades.

Com a Revolução Francesa, os alicerces mentais da rainha desmoronaram-se como um castelo de cartas, mas não era a única a tremer debaixo dos lençóis nessas noites de verão, como se um frio especialmente dirigido aos poderosos tivesse chegado para gelar o sangue nas veias e encher os sonhos de guilhotinas e cabeças rolantes. Enquanto D. João aprendia o complicado ofício de tomar nas suas mãos os destinos do reino, Carlota Joaquina começava a sonhar em ser rainha, e tremia também, não porque temesse um corte abrupto no pescoço – era o tipo de coisa que não a preocupava –, mas porque deixara de ser menina havia uns meses e a hora da consumação do matrimônio podia chegar a qualquer momento. Nem um nem outro pareciam ter pressa em dividir a mesma cama. Porém, os zelosos ministros da corte queriam por força ver nascer um descendente, alegando que as princesas tinham sido feitas para garantir a sucessão dos tronos. Carlota Joaquina não teve outro remédio senão abrir as portas do seu ventre para que o desajeitado príncipe depositasse nela o seu sêmen real.

A infanta espanhola levantou-se da cama sem aquele sorriso que ilumina as amantes satisfeitas.

– É para isto que algumas mulheres abandonam castelos, rejeitam tesouros e estragam a vida? Não haveria outra forma de conceber infantes? Que desilusão, Santa Maria! – protestava enquanto puxava com força o

cordão da campainha para chamar uma das aias, para que viesse lavar as porcarias pegajosas que escorriam pelas pernas.

Nessa manhã, Eugênia teve que aturar o pior gênio que tinha visto até então, e foi com um suspiro de alívio que começou a subir as escadas do palácio do Bomsucesso, seguida pelo escudeiro, maldizendo a hora em que tinha concordado com o pedido do pai – que devia saber o que a esperava – de fazer uma visita à princesa, provavelmente para ver se acalmava os ânimos ou conseguia alguma pequena mudança de humor, o que não foi possível: quando sentiu que já não tinha forças para a entreter e aturar, Eugênia pediu-lhe que a autorizasse a voltar à casa de seu pai.

Enquanto contava os degraus à medida que os pisava, apareceram na porta de entrada o seu irmão Gregório, já segundo-tenente, e Diogo, oficial de cavalaria em Alcântara às ordens do seu avô, o marquês de Marialva. Desafiaram-na a chegar primeiro do que eles e contagiaram-na com a sua alegria, saltando os degraus da escadaria dois a dois, passando rapidamente à sua frente e rindo como em Vila Rica. Eugênia, esquecendo-se de que tinha posto um vestido próprio para a corte, agarrou a saia e os saíotes com as duas mãos e, ofegante pela falta de prática, chegou até o topo das escadas sem pisar nos calcanhares dos irmãos, como prometeu no princípio da corrida. Estes, fazendo alarde dos novos distintivos, tinham ido à casa paterna para dar a notícia de que haviam sido nomeados moços-fidalgos e contaram com detalhes as ameaças que vinham da Espanha, as exigências chegadas da França e o que a Inglaterra ordenava, o que não os atemorizava porque se sentiam preparados para a guerra.

A bastarda



— **A** minha mãe me confessou um dia que chegou a invejar a vida dos irmãos, quando nova teria gostado de aprender a disparar com pistola, mas nunca reuniu coragem suficiente para pedir a seu pai. Sabia que, além de um não decisivo, o desiludiria, pois ele sempre quis que ela fosse etérea e frágil como prova da sua feminilidade, o que, afinal, acabou acontecendo. Já em Vila Rica, Eugênia olhava com admiração as mulheres que, para se deslocarem das suas fazendas para a cidade, levavam coldres, pistolas e um facão a tiracolo e montavam nos cavalos com pernas abertas, iguais a um homem, seguidas de um moleque também a cavalo. O mais estranho era que a chegada daquelas senhoras, armadas de tal maneira, não fazia virar nenhuma cabeça, como se fosse a coisa mais natural do mundo. A senhorita Felícia ria muito do ar espantado dela.

— Quando a avó Eugênia e a mestra começaram a escrever uma para a outra, para onde é que ela mandava as cartas?

— A princípio para Vila Rica, onde tinha ficado como professora dos filhos do senhor da Costa, um jurista rico, dono de muitos escravos, fazendas e minas de ouro, que também emprestava dinheiro e vivia numa das casas maiores da vila. Parece que um dia esse senhor solicitou o hábito da Ordem de Cristo (para afirmar a posição importante que havia conseguido ou por simples vaidade). O caso é que, por mais respeitável que ele fosse e usando de todas as influências que tinha, esperou dez anos para que lhe dessem e pagou oito arrobas, que era uma fortuna em moedas de ouro. Mesmo assim, recebeu uma carta onde esclareciam que era unicamente pelo seu dinheiro que lhe concediam, e não pelo nascimento. Investigando a sua ascendência, tinham descoberto que um avô dele vendia azeite, o que se revelava para a coroa um “impedimento muito embaraçoso”.

– Coitado!

– Sim, coitado, mas não pelo avô azeiteiro, antes pelo fim que teve. Encontraram-no morto no cárcere.

– O que é que ele tinha feito para estar lá?

– Não sei ao certo. Foi acusado de estar envolvido na Inconfidência Mineira. Quando chegaram a Lisboa as notícias da execução do Tiradentes e de que o seu corpo tinha sido dividido em cinco partes e a sua cabeça levada para Vila Rica para servir de exemplo, a minha mãe receou pela vida da senhorita Felícia, porque sabia que, quando o pai fora governador, ela ia a umas reuniões de intelectuais que sonhavam com a liberdade do Brasil e achou que se encontravam provavelmente em casa desse tal de Costa. Alguns meses depois, recebeu uma carta onde a senhorita Felícia contava sobre a morte do advogado e dizia que nessa época estava dando aulas no Recolhimento do Bispo do Pernambuco. Provavelmente pensando na sua segurança, nunca contou detalhes sobre o que tinha acontecido, nem como conseguiu sair de Vila Rica, nem – o que era mais estranho ainda – sobre o fato de não ter sido acusada. Devem ter lhe valido os bons amigos, porque foram encarcerados muitos dos homens do movimento independentista e vários morreram. A minha mãe nunca teve coragem de lhe perguntar nada nem de fazer averiguações em Lisboa sobre o assunto para não a prejudicar. Sempre se escreveram com uma certa regularidade, três ou quatro vezes por ano, até o dia em que a corte foi obrigada a se mudar para o Brasil por causa das Invasões Francesas e a senhorita Felícia foi trabalhar para o Paço, passando então as duas a se escrever assiduamente, porque era mais fácil arranjar portador para as cartas.

Trabalho árduo



D. João, mesmo não sendo muito habilidoso na difícil arte de satisfazer uma mulher, tinha o dom da paciência e, aos poucos, foi vencendo os exércitos de desculpas que a princesa apresentava, e dois anos mais tarde a infanta engravidou. A rainha D. Maria mandou rezar algumas orações para dar graças pela boa-nova, desta vez consciente do motivo pelo qual dava as ordens, porque a sua religiosidade aumentada pela falta de lucidez levava-a a mandar rezar missas por mil razões diversas, sem se lembrar na maioria das vezes de qual fora a intenção.

O príncipe, habituado aos excessos maternos e sabendo que eram as únicas distrações da rainha, acompanhava-a em todas as procissões entoando o canto gregoriano, e a corte seguia o exemplo dos seus soberanos, mesmo acreditando que tanta devoção tinha mais de loucura mística que de fé. O povo também organizava procissões que de tão pitorescas chamavam a atenção dos viajantes estrangeiros e foram até descritas por alguns deles, como William Beckford, nos seus diários de viagens:

Não calcula a imensidão de esfarrapados tolos que passeavam, dois a dois, de velas na mão, seguidos de um bando de rabequistas, com uns sebentos capotes de todos os dias e, atrás deles, muitos pretos com uma espécie de mesa aos ombros, tipo tabuleiros de sobremesa, atulhados de vasos e imagens de cera representando santos, ajoelhados diante de crucifixos, no meio de querubins, e ainda outros oferecendo o chupado pescoço às espadas dos turcos e infiéis, de librés vermelhas enfeitadas de prata. Dois santos pretos de que nunca ninguém ouviu falar...

Meses depois, para festejar o nascimento da princesa Maria Teresa, inaugurou-se o Teatro de São Carlos, e Eugênia teve a honra de ser convidada para um lugar perto do camarote real. Chegou vestida de branco com o cabelo claro apanhado por cima da nuca, realçando com esse penteado a curva dos ombros e a forma oval do rosto. Para abrilhantar o seu pescoço alto de um branco transparente, a mãe lhe emprestou uma joia de família que realçava o azul-claro dos olhos e o porte distinto. À sua passagem viraram-se as cabeças, incluindo a do príncipe João, que como qualquer um era sensível à beleza.

As pancadas de Molière ecoaram no novo teatro e começou a abertura da ópera *Ballerina Amante*, de Cimarosa, com a presença especial do cantor castrado Caporalini, que obrigava as mulheres a abanarem o leque com redobradas forças – o que provocou um ruído surdo de asas de gaivota – para fazer crer que era o calor de junho aquilo que lhes causava o súbito rubor nas faces e o tremor nos membros inferiores. Eugênia era a única a quem a voz do castrado não conseguia passar além das fronteiras do seu ouvido interno, não porque tivesse de cada lado, servindo de escolta, os seus irmãos fardados, mas pelo enlevo que a música lhe proporcionava, fazendo-a levitar a um palmo do chão, de maneira que os cantores ficavam reduzidos à condição de meros instrumentos.

A rainha D. Maria, por razões que se prendiam com a moral, não admitia que as mulheres representassem em público, mas a sua intenção era totalmente desviada pela fama de que gozavam os castrados de possuírem os atributos dos inteiros com a vantagem de não deixarem rastros nem nos lençóis nem nos registros paroquiais.

No intervalo, Eugênia olhou demoradamente para a decoração do teatro, a cor dos veludos, o pesado pano do cenário, as talhas douradas e os vestidos das outras mulheres, algumas tão na moda que entendeu a razão pela qual o intendente Pina Manique decretou a caça às costureiras que imitavam as modas à francesa, cujas formas de ampulhetas e decotes deixavam ver o que a decência não permitia. Num lugar quase em frente ao seu, a afetada condessa de Penelas, toda cor de cera, desde o cabelo ao tom da pele, fazia um curioso contraste com dois pajenzinhos pretos vestidos com boas sedas, que se mantinham muito direitos junto dela como se fossem serra-livros. No camarote real, o príncipe ceava de faca e garfo e, ao recommear o segundo

ato, ainda se ouvia o barulho dos pratos, mas a orquestra e os cantores fingiram que nada os incomodava.

A aparição de Eugênia no São Carlos fez com que chegasse uma chuva de convites à casa, parecia que de repente todos se interessavam pela sua beleza, como se ninguém tivesse reparado nela antes, e já lhe chamavam a quarta graça, em alusão às suas três formosas tias Marialva. De fato, desde que chegou do Brasil, vivia para a família, os livros e uma ou outra visita ao palácio do avô e, sem dar por isso, o seu corpo magro alargou e cobriu-se de curvas e contracurvas, onde mais de um homem desejava pousar a boca ou, pelo menos, esconder o nariz.

Eugênia, longe de imaginar que tinha despertado a curiosidade da corte pela sua beleza, pensou que aos 19 anos tinha chegado a hora de repararem nela como uma menina em idade de arranjar marido. Maria José pensava na ideia de um bom casamento para a sua filha mais velha, tanto que tinha um saco de veludo escondido na arca do seu quarto, onde guardava muitas moedas de ouro trazidas de Vila Rica para pagar um dote. Via com bons olhos desfilar os candidatos diante da cadeira onde Eugênia estava sentada nos serões para que eram convidadas e rodopiar sem descanso nos bailes, enquanto algumas meninas da mesma idade fingiam que conversavam animadamente para dissimular o tédio de não terem ninguém que lhes oferecesse o braço para uma dança. Eugênia mostrava com graça que sabia todos os passos da gavota, do minuete afandangado, da contradança e ainda outros que aprendeu quando pequena no salão do governo de Minas, e que praticava com os irmãos em casa ou nos jardins do avô com as fidalgas de Carlota Joaquina.

Os homens de todas as idades, fossem eles viúvos, solteiros ou casados – mesmo que estes olhassem de esguelha – mantinham o olhar hipnotizado nos pés da dançarina, mas não era para julgar a qualidade dos passos. Não, Eugênia tinha o pé pequeno, sedutor, o pé que os homens queriam beijar e as mulheres imitar, mesmo que para isso tivessem de sofrer o tormento do sapato espartilhando os dedos e o calcanhar, suportando dores que davam vertigens. E a jovem Meneses mostrava, em cada movimento, com uma ingenuidade de pastora, os seus pés arqueados e leves, o que a tornava duplamente apetecível.

A bastarda



Nessa manhã, ou porque o cheiro das flores ajudava a respirar melhor, ou porque os bálsamos começavam a surtir efeito, Isabel Maria pediu à mãe que lhe desse o bordado que começou na viagem de barco para a ilha e que não tivera coragem de continuar, porque tudo a cansava.

Eugênia Maria suspirou de agrado e foi buscar a caixa que continha o pano e as linhas, voltando a arrumá-las por cores para que a filha pudesse escolher mais facilmente a que melhor combinava com o desenho.

– Por que é que a avó Eugênia não se casou?

– Porque o pai só tinha dinheiro para um dote e ela, perante o convite irrecusável (pois, além de ser uma honra, era na realidade uma ordem) de ser aia da princesa Carlota Joaquina, não hesitou em aceitar. Era um lugar que lhe trazia muitas vantagens, não só recebia uma pensão vitalícia como também lhe conferia um estatuto que, querendo, dava a possibilidade de se casar sem dote. Então, ainda que a tristeza toldasse por momentos os olhos do seu pai (porque via malogrados todos os seus projetos e desvanecerem-se os sonhos de um casamento para o qual a mulher deixara o enxoval quase pronto), desistiu do dote a favor da sua irmã Isabel, mais frágil de corpo e de caráter do que ela e que, por isso mesmo, precisava de um marido que tomasse conta dela.

– Foi um gesto bonito da sua parte... e generoso.

– Generoso? Tem graça que eu também lhe disse o mesmo. Pensou na Isabel, é verdade, e na corte também. Mas pensou sobretudo nela, na possibilidade que lhe oferecia o destino de não ter ninguém que limitasse a sua vida. Alcançar a liberdade. Não faça essa carinha de surpresa, minha filha, calculou mal, muitas vezes somamos dois mais dois e, sem percebermos como, dá cinco. Dizia-me que Deus Nosso Senhor a tinha castigado por pretender uma independência que não era feita para mulher

nenhuma. Só uma esposa de Cristo podia prescindir da tutela de um homem. Devia ter pensado nisso. Viu-se igualmente reclusa, e não por vontade própria.

– Foi então para ter liberdade que não quis se casar?

– O casamento é uma coisa que não conhece ainda, Isabel Maria, por isso não sabe dar valor à independência. Houve um fato, quando tinha 8 anos, que deixou marcas profundas na sua avó. Uma tarde, acordou da sesta mais cedo e, quando se dirigia para a sala, ouviu no escritório do meu avô uma voz de mulher que contava, entre soluços, as desavenças com o marido que lhe batera, acusando-a de ter lhe desobedecido. Ficou junto da porta, com o coração batendo desenfreadamente, e, mesmo sabendo que era totalmente proibido ouvir as conversas dos adultos, não conseguiu sair de onde estava até sentir que a senhorita Felícia a agarrava por um braço e a levava para a sala de jogos, lançando-lhe uns olhares que diziam tudo mas, graças a Deus, sem pronunciar uma palavra. Não se distraia, Isabel Maria, continua a bordar enquanto lhe conto, não precisa dos olhos para ouvir. Isso, muito bem, o avesso deve ficar tão perfeito como o direito. Estava eu dizendo... Bom, o caso é que a senhora devia estar muito mal porque daí mandaram buscar o cirurgião para tratar das feridas. O meu avô nunca tinha dado tratos daqueles à minha avó, não só por amor e respeito, mas por ser um homem bom, equilibrado e com modos educados. Não creia que todos os nobres eram como o seu bisavô Rodrigo, se bem que a sua mulher Maria José fosse de uma obediência cega para as pequenas coisas do dia a dia e para outras que tivessem a ver com a carreira do marido, reservava-se o direito de discutir de igual para igual os assuntos que considerava realmente importantes. Como governador, o meu avô sentiu-se na obrigação de proteger a fidalga e convocou as autoridades eclesiásticas e o melhor advogado de Vila Rica, Cláudio Manuel da Costa, de quem já falei, por ser visita da casa. Lembro-me de dizerem que usava óculos e era também poeta. A minha mãe soube depois, através da Miló, que foi por sua vez informada pela criada da tal senhora, de todos os pormenores da triste história, porque ela, presa de uma curiosidade quase doentia, a obrigava a lhe contar todas as novidades. A fidalga pediu o divórcio por maus-tratos, o que era sempre complicado por ser difícil determinar a fronteira exata entre a correção e os maus-tratos físicos, uma vez que era permitido ao marido corrigir o mau procedimento da mulher. Mesmo que a sua cliente tivesse

sido considerada pelo ilustre colega da parte contrária “indócil, teimosa e incorrigível”, argumentando que, “por algumas pancadas que não tinham excedido a devida moderação, se não devesse separar os casados da santa união do matrimônio”, o advogado alegou que achava de um atrevimento inadmissível que considerasse três costelas partidas e vários hematomas, além de danos nervosos de difícil avaliação, uma pequena correção por teimosia. O caso foi muito falado, por se tratar de um fazendeiro local, e o meu avô Rodrigo conseguiu, com o seu empenho, que decretassem o divórcio por maus-tratos físicos e morais. Outras não tiveram a mesma sorte e viam-se fechadas pelos maridos em casas de recolhimento, até se tornarem dóceis como pombas. Provavelmente por essas atitudes, muitas preferiram envenenar os maridos, método muito mais expedito do que os tribunais.

Fez uma pausa, antes de concluir:

– Agora só falta dizer que nessa tarde, em Vila Rica, a minha mãe jurou a si própria que nunca iria se casar. No tempo de namoro, fazem-se muitas promessas que nunca são cumpridas, mesmo quando é a vontade de ambos; agora imagina quando são as famílias fazendo os contratos, sem sequer consultar os noivos...

Era uma meia verdade aquela que Eugênia Maria contava à filha. Não estava mentindo. Apenas omitia algumas coisas, como a mãe fizera com ela, e que mais tarde soube, porque há sempre alguém que se encarrega de transmitir segredos passados, como se o tempo não ajudasse a esquecer, bem pelo contrário, desse lugar a vozes que haviam se calado.

Por razões que se prendiam com um certo pudor, com o sabor da derrota e o sentimento de que tudo teria sido diferente se ninguém tivesse se oposto ao casamento entre ambos, Eugênia omitiu o seu romance com o escritor inglês para sua filha e esta, por sua vez, a Isabel Maria.

O fruto proibido



Chamava-se William Beckford, chegou a Lisboa pela primeira vez quando Eugênia era praticamente uma criança e nem reparara nela, que o observara com a curiosidade que lhe despertava um estrangeiro de modos afáveis. Sem possuir qualquer título nobre, movia-se à vontade na corte e era amigo do tio de Eugênia, o marquês novo de Marialva, D. Diogo, desde que tinham sido apresentados pelo abade Xavier. Sendo protestante, o seu interesse pela missa mais concorrida da cidade pela alta nobreza não levantou suspeitas, já que o velho abade ficou sensibilizado pela sua súbita devoção a Santo Antônio; e falou dele em tais termos aos piedosos Marialvas, que estes abriram as portas de uma sociedade que, a princípio, estaria vedada a ele.

Quem não se interessaria por William Beckford, se uma aura de escândalo o acompanhava como uma sombra? Não se falava dele senão para tomar partido a favor ou contra ele, num assunto que quase chegou a se transformar num conflito internacional. A etiqueta da corte obrigava a que qualquer estrangeiro fosse apresentado à rainha D. Maria pelo embaixador do seu país. Só que o embaixador inglês se recusava a fazê-lo, não só porque conhecia o processo indecoroso que fora publicado em todos os jornais de Londres, mas também por ordens superiores. O marquês novo de Marialva teimava em que se podia contornar o protocolo quando a pessoa em questão era vítima de indivíduos mal-intencionados. Nada afastou, porém, a rainha enquanto lhe sobrava alguma lucidez. De qualquer maneira, Beckford usufruía da amizade sem limites do seu protetor que, tendo vinte anos a mais que ele, fazia tudo o que estava ao seu alcance para o conservar por perto, inclusive oferecer-lhe a mão da sua filha mais velha, Henriqueta, de 15 anos, uma das três graças, porque, tal como as outras duas irmãs, era conhecida pela sua grande beleza.

Eugênia seguia nos jardins do palácio do seu avô os complicados enredos do caso, e tudo parecia tão estranho que sentia o seu interesse redobrar à medida que a história se tornava cada vez mais difícil de compreender.

Diziam-no prometido da sua prima, quando Henriqueta era quase noiva do duque de Lafões – um sexagenário ainda ágil, tio da rainha, com quem veio a casar-se –, enquanto William parecia interessar-se muito mais pelo irmão da suposta prometida, o seu primo Pedro, que tinha o mesmo ano que Eugênia nessa altura. A princípio não fez caso dessa peculiar amizade, porque o seu tio gostava também de rodear-se de jovens, com uma intenção apenas estética, segundo dizia. Mas, ao reparar como o escritor corava e perdia o aprumo a cada vez que Pedro se aproximava, começou a medir a extensão da luta para mascarar as aparências e a perceber que as ditas falsas acusações que lhe negavam o apoio do seu embaixador não eram de todo infundadas.

William tinha deixado na Inglaterra um rastro de paixões tumultuosas difícil de apagar. Começara cedo pelo amor desmedido que votara à mulher do seu primo direito, Luísa, que fomentava esse sentimento e o estragava com mimos para se distrair da sua condição de tubércula. Como se não bastasse essa situação equívoca, sentiu-se perigosamente atraído por William Courtenay, um rapaz de 11 anos que vivia rodeado de treze irmãs, deixando-se influenciar por elas até nos gestos; e a sua beleza tornara-se, de fato, tão ambígua que Beckford, mesmo sendo um homem de 19 anos, nessa época, confessou um dia a Eugênia ter sido essa a afeição mais forte que jamais experimentara.

Por isso a família decidira casá-lo rapidamente com Margaret Gordon para abafar o escândalo, pois desejava que ele seguisse uma carreira política. William, mal se viu deputado, concluiu que não era o parlamento o que queria, mas ser barão. Através das influências do padrinho, o assunto ficou quase concluído, mas uma tia de Courtenay, querendo pôr fim a uma relação que achava ter ultrapassado todos os limites da decência, atacou o pretenso barão de tal maneira que este passou a ser um excluído social. Teve de ir viver longe de Londres, quase recluso, e mais tarde para a Suíça, onde a mulher morreu das sequelas do parto da segunda filha. Voltou a sofrer as difamações da imprensa inglesa, sugerindo que o seu temperamento violento fora a causa dessa morte. De fato, o estigma do mau caráter perseguia os Beckford desde a morte do seu bisavô William, que

faleceu com um ataque de fúria por ter sido contrariado por um conselheiro, no tempo em que fazia parte do governo da Jamaica. Foi ao fim de dois anos de luto que a família convenceu William a partir para a mesma Jamaica, de onde proveio a sua imensa fortuna, mas o destino quis que tivesse enjoado tanto nos nove dias que durou a travessia até Lisboa que ficou oito meses em terra firme, e foi nesse período que Eugênia, então com 12 anos, o viu pela primeira vez.

Na segunda viagem de Beckford, Eugênia, que ainda não era a mulherzinha cortejada por muitos nos serões lisboetas, dirigiu outra vez a sua atenção para William, porque ele chegava precedido por rumores de outros escândalos, desta vez madrilenos, que o misturavam com mulheres casadas de idades variadas e com um menino muçulmano de uma dúzia de anos. Ao passear pelos jardins do marquês de Marialva, encontrou o príncipe João e caiu nas suas boas graças. Este intercedeu a seu favor junto da rainha e William foi finalmente apresentado na corte. Longe de afastar dele, os cochichos das fidalgas sobre os devaneios do inglês levavam-na a se interessar ainda mais por ele, que, apesar disso, parecia não a ver.

Um assunto que o obcecava fizera-o viajar novamente até Lisboa: a petição de um título nobre. Começou fazendo ostentação da sua fortuna alugando o palácio de Monserrate, em Sintra, transformando-o com tanto zelo que recebia, de todos os que o iam visitar, elogios pelas obras de remodelação e o bom gosto com que o decorara. Para demonstrar que tinha outros interesses – superiores –, além dessas demonstrações de vaidade, viajou por Alcobaça e pela Batalha e escreveu um diário. Depois, vendo que o fruto de tanto trabalho era completamente nulo, empreendeu uma viagem a Itália, sendo obrigado a refugiar-se na costa espanhola quando o barco em que seguia foi atacado por piratas. Foram as últimas notícias que Eugênia teve dele. Ficou numa ansiedade que se agravou pela sua tendência a bordar as ideias de cores escuras, até que ouviu num corredor do Paço alguém dizer que Beckford não conseguira dar conta de uma missão diplomática que o próprio príncipe encomendou, porque o governo inglês não o levava a sério. Nesse momento, Eugênia arrumou o caderninho onde escrevia os seus sentimentos no seu cofre de preciosidades, convencida de que iria buscá-lo todas as tardes, mas, afinal, deu-se a sua apresentação em sociedade e foram outras as coisas que lhe ocuparam o tempo.

A bastarda



Sentada na cadeira em frente à penteadeira, olhava como a mãe escovava seu cabelo com suavidade, para que recobrasse algum do seu antigo brilho.

– A avó Eugênia era bonita quando tinha 17 anos?

– Agora que me pergunta, acho que sim, mas ela não ligava para essas coisas. De qualquer modo, nessa época, os olhares estavam todos virados para a sua prima Henriqueta, que era alta, elegante e tinha uns olhos que pareciam de veludo preto, e para as irmãs Maria do Carmo e Joaquina, que competiam com ela em beleza e encanto.

– Que encanto?

– A tia Henriqueta tinha qualquer coisa de especial que fazia com que as pessoas não conseguissem deixar de olhar para ela, era o centro do lugar onde estava, não fazia de propósito nem por coqueteria, mas devia ter um grande poder de sedução.

– Por isso ninguém reparava na avó? Eu tenho certeza de que ela era a mais bonita de todas. Como a mãe!

– Minha querida Isabel Maria! É tão bom ter uma filha como você.

Não podia desvendar à filha as suas fraquezas, nem dar-lhe um exemplo pouco próprio de senhoras de fé, que não deviam deixar-se levar por sentimentos baixos como eram as pequenas invejas. Mas sempre lamentou não se parecer com a sua mãe e, de certa forma, cobiçava a beleza como quem deseja algo de inacessível, sem ilusões.

Sem mãe



Nas duas primeiras visitas de William Beckford a Portugal, Eugênia sentiu-se mais curiosa do que atraída por esse homem cujo passado nada tinha a ver com o dela ou com as pessoas que a rodeavam. As histórias que corriam sobre ele pareciam-se mais com uma lenda: tinha tido lições de música com Mozart, de arquitetura com Chambers, traduzira os discursos de Tucídides do grego aos 11 anos, publicara o primeiro livro aos 20. Mas foi quando o viu dançar um bolero, a pedido de Carlota Joaquina, com Antonita – uma fidalga espanhola já mais velha que conservava toda a elegância do seu sangue andaluz – que sentiu pela primeira vez um fascínio pelos movimentos sensuais desse homem corpulento, que conseguia seguir um ritmo com o qual não nasceu com uma precisão de mecanismo de relógio, transformando os dois corpos num só, tanto que por momentos pareceu notar nele algo de perturbadoramente feminino. O feitiço foi quebrado com a aparição de um dos seus primos, anunciando que o príncipe João esperava o inglês. Todas as fidalgas bateram palmas e a princesa parecia muito contente com a dança, e só Eugênia continuava prisioneira do feitiço que William, sem querer, havia lhe lançado. Nessa noite, sentiu inveja da sua prima Henriqueta, a quem tudo era dado sem o menor esforço, por possuir uma beleza rara e pela simples razão de ser a filha mais velha do seu tio, o futuro marquês, enquanto ela era a quarta descendente do filho mais novo e não tinha direito a um olhar de William, nem a sorte de ser rapaz para poder competir em pé de igualdade com o seu primo Pedro, se bem que o seu pai dissesse que eram fisicamente parecidos.

Na manhã seguinte acordou com uma ligeira sensação de febre, um calor que nada tinha a ver com a frescura dessa madrugada, e a sua respiração era tão agitada que a fez prever o pior dos tormentos. Cheirou logo a enxofre na beira da cama e, ao tentar descobrir a figura do diabo seguindo os contornos

dos objetos no quarto, o seu olhar caiu no corpo da irmã – que dormia com a paz dos pássaros no ninho – e uma vergonha enorme da fraqueza da sua carne apoderou-se dela com um arrepio, e foi no momento em que se agarrou ao terço e rezou vinte ave-marias que começou a recompor-se do susto.

Jurou a sua madrinha, Nossa Senhora da Madre de Deus, que iria jejuar e orar para afastar essa estranha aflição que a sua mente não se atrevia sequer a tentar perceber. Por isso suspirou, com um certo alívio, quando soube da viagem de Beckford a Inglaterra.

Voltou aos estudos literários, ainda que, contrariando o seu professor, escolhesse ler vidas de santas, que ele entregava com um certo desprazer, temendo que Eugênia decidisse entrar para um convento. Um dia, ela descobriu, na enorme biblioteca do palácio de Mafra, um livro de versos escrito por uma freira mexicana. Saboreou as palavras como se fossem frutas tropicais ao encontrar estrofes descrevendo tão detalhadamente o que sentia que teve a impressão de que Sor Juana Inés de la Cruz, então na escura cela do convento, tinha vivido o mesmo que a atormentava. Aprendeu-os de cor e recitava-os mentalmente durante as tardes, para agitar a monotonia dos trabalhos manuais.

Sua mãe, Maria José, estava mais interessada em acrescentar peças ao enxoval da filha do que em tentar adivinhar o humor, ao qual, por ser variado como o tempo, não dava a mínima importância. Era ela quem filtrava os convites e decidia os que Eugênia devia aceitar. Por baixo de dois porta-papéis, fazia uma pilha com as cartas que iam ter resposta afirmativa e outra com as que iam ser analisadas vagarosamente, mandando para os restantes remetentes um não bem educado, escrito no verso do mesmo papel para não perder tempo. Queria tirar partido do momento de atenção que a sociedade estava dando a Eugênia, sabendo que esta funcionava como catavento e que devia aproveitar essa oportunidade, amanhã podia ser o de outra qualquer. Não era fácil casar uma filha, menos ainda para um pai que tinha nascido em oitavo lugar. Por Maria José, teria casado com algum fidalgo do Norte, mesmo não imaginando viver longe dela, e nem pensava falar do assunto com o marido, que com certeza encontraria todos os argumentos para não afastar a menina dos seus olhos.

Por isso agradava-lhe a boa disposição com que Eugênia a acompanhava por toda parte, ainda que achasse inverosímil, depois de tantos meses e de

muitas despesas com os mais variados trajes, não aparecer nenhuma proposta formal que valesse a pena analisar. Ao contrário do que a mulher pensava, Rodrigo não se iludia com a aparente docilidade da filha mais velha e, mesmo vendo-a sorrir e conversar alegremente com alguns supostos pretendentes, conseguia ler o não decisivo impresso na testa. Ao mesmo tempo, a sua filha mais nova, entre tosses e desmaios, ia deitando olhares aliciantes a todos os que Eugênia desprezava e parecia mais interessada em chegar a um consórcio com qualquer aspirante às graças da irmã, como era o adequado para uma menina de bom senso em que a maior prioridade devia ser o casamento.

O pai estava muito mais preocupado com as fundas olheiras que se desenhavam em alguns fins de tarde no rosto da mulher e na lentidão de gestos acompanhada da dificuldade em acordar pela manhã, quando pouco tempo antes era a primeira a levantar-se da cama. A sua pele clara começava a esmorecer e a cor rosada a empalidecer, como se algo estivesse tornando-a cinzenta. Maria José abusava de pó de arroz e carmim para disfarçar uma palidez que assustava e adormecia no sofá da sala com o livro de leitura ou o bordado nas mãos caídas sobre o vestido.

Rodrigo fazia uso de toda a sua diplomacia para convencê-la a se deixar examinar por um médico, e ela, fiel ao seu rancor, não cedia nem um milímetro; até o dia em que, entrando na sala, teve uma tontura que a obrigou a se apoiar numa cadeira, mas as pernas não a seguraram e caiu no chão. Ao abrir os olhos, incapaz de dizer por quanto tempo os mantivera fechados, encontrou em volta da cama todos os seus filhos, que com mimos e palavras de alento a convenceram de que os tempos eram outros e havia médicos bons, que conheciam os tratamentos para todas as doenças. Via, como através de um espesso nevoeiro, os seus rostos em completo desalento e, mesmo que a sua intuição lhe dissesse que estava condenada, acedeu ao pedido para lhes dar tempo de se habituarem à ideia de a perderem.

Chegou o médico, um dos mais afamados de Lisboa, que a examinou na presença das filhas e do marido e, mesmo que o seu ar grave não tivesse deixado transparecer qualquer prenúncia, Rodrigo sentiu o coração ficar pequenino. Para não haver enganos no diagnóstico, o médico pediu que na manhã seguinte mandassem um criado com um recipiente contendo urina da paciente para ser analisado pelo físico na Casa das Águas do Hospital de

São José. Proibiu saídas, correntes de ar e más notícias e receitou uns preparados de substâncias analgésicas e uma dieta à base de galinha cozida, legumes e o seu caldo. A mão do médico no ombro de Rodrigo disse-lhe mais do que cem discursos e, no meio da dor que atravessava o peito como uma adaga, este conseguiu murmurar um “quando?”, mas como resposta obteve um olhar dirigido ao teto, enquanto a mão esquerda, ossuda, perpendicular ao corpo, parecia dizer “quem sabe, a não ser Deus?”.

Eugênia, encostada à soleira da porta, percebeu nessas meias palavras e pequenos gestos que o inimaginável iria acontecer. Sempre tinha pensado que os pais fossem eternos, nunca haviam falado entre irmãos nessa possibilidade, tão remota a todos. Voltou a se sentar na cadeirinha baixa forrada de seda da Índia e recomeçou a leitura em voz muito mais suave, como se não quisesse perturbar com barulhos inúteis a luta que travava a mãe com essa doença que lhe invadia o corpo, deixando-lhe um leve cheiro de maresia. Enquanto Maria José conseguiu apoiar as costas na almofada para ditar as ordens que faziam com que se mantivesse em bom andamento as tarefas da casa, Eugênia tomou notas de todos os detalhes, porque sabia que em breve devia poupar a mãe de qualquer esforço e que devia ser ela, como filha mais velha, a ocupar o seu lugar.

Entretanto, a sua irmã mais nova, com a mesma força física com que a acompanhava aos bailes, andava às volta com as criadas, destinando as coisas que a mãe não se lembrava de mandar fazer. Eugênia reconhecia que Isabel, com apenas 16 anos, sempre esteve muito mais atenta aos pormenores domésticos, e aos poucos foi deixando que se encarregasse de governar a casa, e com um certo alívio, porque preferia assistir a mãe na maior parte dos momentos do dia e da noite, enquanto o sono não a vencia. Rodrigo fazia de conta que trabalhava, ia ao Paço tratar das suas obrigações e, ainda que suspeitassem de que fazia tudo como um autômato, não deixava de comparecer todos os dias.

As filhas viam-no chegar, às vezes ofegante, e respirar fundo antes de entrar no quarto, para aparecer na frente da mulher com um sorriso e um aprumo de visita de cortesia, só para verificar o seu estado, voltando ao Paço rapidamente por excesso de zelo, convencido de que algo pudesse correr mal durante a sua ausência.

De noite, enquanto Eugênia e Isabel faziam turnos para velar o sono da mãe, Rodrigo acordava, saía do seu quarto e ia se encostar na parede mais

escura para se esconder entre as sombras, podendo assim olhá-la sem ser visto, e as lágrimas corriam rosto abaixo, numa longa e silenciosa despedida. Ninguém teve coragem de lhe dizer uma palavra de consolo, tão distante e hermético era o seu sofrimento. Ao dar Maria José o seu último suspiro, no meio da manhã e com um sol de outono batendo indecentemente nas madeiras do quarto, como se tivessem recorrendo a alguma misteriosa chamada, estavam todos os filhos e o marido em volta da sua cama. Sorriu como uma despedida e ainda disse:

– Filhos... Meu marido...

Rodrigo, depois dos funerais, pediu dispensa de luto, sentindo que nem quando tivesse acabado o prazo seria capaz de trabalhar. Só estava bem em casa com os filhos à sua volta, rememorando os episódios mais felizes da sua vida, ou seja, os três anos em terras brasileiras, momentos que dividia com a mesma saudade com os mais velhos: Gregório, Pedro, Diogo e Eugênia. Os outros ouviam-na em silêncio para ver o brilho nos olhos e a boca abrir num sorriso, como se revivesse através das palavras os seus anos de jovem governador de Vila Rica. Eugênia continuou deixando que Isabel se ocupasse de dar as ordens da casa e recebeu as visitas de pêsames com uma tranquilidade fingida, desejando que acabassem rapidamente, para poder se concentrar nas leituras.

Mas a dor lhe pregou uma partida e, ao querer recomeçar o romance no capítulo onde o tinha deixado no último dia em que tinha lido para a mãe, um pranto convulsivo sacudiu-a até a náusea. Durante algumas semanas conseguiu fazer de conta que lia, para não preocupar o pai que, para se distrair, mandou buscar no sótão a velha caixa de primeiros socorros que levou para o Brasil. Rodrigo passava as tardes arrumando os frascos, enchendo os que, com o tempo, tinham se evaporado e rescrevendo, com a sua caligrafia perfeita, os modos de utilização e a enumeração das virtudes com uma aplicação de farmacêutico; e, no dia em que ficou tudo pronto como se fosse empreender uma longa viagem, percebeu, depois de tanto trabalho, que nenhum medicamento poderia ter curado a mulher, jogou tudo pela janela e observou, impassível, os frascos etiquetados com tinta-da-china se estilhaçando no chão, formando pequenas poças de cores variadas.

Nenhum dos filhos ousou fazer qualquer comentário sobre essa pequena violência, ainda que fosse o primeiro e último ato de falta de controle que alguma vez veriam no pai. Os mais velhos voltaram às suas carreiras de

armas, os mais novos seguiram os passos dos irmãos: Manuel, o que nasceu no mar, na Armada Real, José, na Cavalaria. Eugênia, vendo-se incapaz de ler uma frase inteira, porque ao acabar a primeira linha esquecia o sentido, mergulhou numa sonolência impossível de controlar, adormecendo sentada. Decidiu então seguir o conselho do padre confessor e dedicar-se ao bordado enquanto rezava, o que lhe dava bons resultados, porque acordava quando picava no dedo.

Com 21 anos, sentia-se mais órfã do que os outros, porque, se o corpo tinha sido até então de uma resistência notável às doenças, a mente dava o primeiro sinal de que era propícia a se quebrar, e a morte da mãe a mergulhara numa melancolia que vestia como um roupão confortável que não parecia fazer tensão de voltar a despir.

Mas a corte não andava no mesmo ritmo. Carlota Joaquina queria ter o seu séquito completo e, na missa do primeiro ano da morte de Maria José, desafiou Eugênia a visitá-la e esta, que tinha aprendido a nunca desobedecer a uma ordem real, voltou a frequentar os jardins do palácio Marialva.

A bastarda



Havia um tema do qual Eugênia Maria praticamente se recusava a falar – o da morte, como se, ao não pronunciar a palavra, pudesse afastá-la da filha. Mas era impossível contar toda uma vida sem falar do fim de algumas pessoas que a tinham vivido. E Isabel Maria, propositadamente, fazia a cada passo perguntas sobre o assunto com uma curiosidade mórbida, querendo saber o que a esperava.

– É verdade, a minha mãe raramente falava da morte da minha avó. Tremia só de pensar que algum dia eu teria de passar pelo mesmo, mas a saúde dela foi degradando e receava não viver tanto quanto a sua mãe. O pior era essa melancolia que a arrastava para um precipício difícil de descrever, sempre com a sensação de viver na borda de um poço e de que a sua fragilidade era tanta que bastava um céu cinzento ou alguma carta com notícias menos felizes para fazê-la desconjuntar por dentro, como se a sua estrutura se desfizesse em cacos que a pele mal conseguia segurar.

Os convites



Gregório estava sempre atento ao que acontecia à sua irmã preferida e, imaginando que essa apatia podia fazê-la deslizar para um mundo de trevas sem volta, propôs ao pai levar as duas irmãs a darem um passeio à Quinta Real em Caxias, onde a corte costumava ir para ver lançar os balões. Ante as desculpas de Eugênia, que arranjou cem motivos para não poder ir a nenhuma parte nesses dias, Rodrigo disse-lhe que a própria princesa Carlota Joaquina gostaria de ter a sua companhia. Sem argumentos e vendo a alegria de Isabel, que durante meses não saíra de casa senão para ir à missa, acabou consentindo e pediu à sua velha criada que as acordassem mais cedo do que era costume, pois assim teriam tempo de se arrumar para a excursão.

Foram de carruagem até pegarem o barco, que já estava quase cheio, e subiram a ribeira de Barcarena, desembarcando no cais da própria quinta. Eugênia começou a ficar com os olhos mais vivos pelo vento e pelo sol que se infiltrava no tecido da sombrinha e passeou lentamente pelas alamedas de faias e alfarrobeiras, pelo braço do irmão, até chegar aos laranjais, onde sentou para se impregnar do cheiro que, de tão forte, parecia limpá-la por dentro, afastando do seu espírito toda a série de pensamentos cinzentos que o habitavam. Mais recomposta, aproximou-se da família real, que estava diante dos lagos de mármore, admirando a cascata que jorrava de um obelisco, também ele em mármore mas colorido, descendo degrau a degrau até um grupo de estátuas que representavam o banho de Diana, fazendo com que o conjunto fosse tão harmonioso que só por tê-lo visto Eugênia sentiu que tinha valido a pena sair de casa. Foi a presença da corte que provocou o espetáculo maravilhoso, pois não era todos os dias que se colocava em movimento o mecanismo da cascata e dos muitos repuxos que

cruzavam em diversos sentidos, afinal era necessário poupar a água que chegava dos montes próximos através de canalizações muito antigas.

Durante a merenda servida no pavilhão oitavado, desfrutou de uma vista que a encantou, e, antes de voltarem aos jardins para irem até o lugar onde seria lançado o balão, Carlota Joaquina mandou-lhe uma das suas damas para convidá-la a juntar-se a ela. Não era sem intenção que a princesa queria ter à sua volta as mulheres da mais alta nobreza. Ultimamente, os assuntos de Estado eram mais um ponto de discórdia entre ela e o marido e precisava de adeptos para os seus exércitos imaginários. Não conseguia compreender a razão pela qual não era consultada em nada que tivesse a ver com o reino. A sua sogra já perdera totalmente o juízo e ela considerava-se muito mais hábil que o príncipe para enfrentar a ingrata tarefa do governo. Nesse clima hostil, para cumprir com a obrigação que lhe fora imposta de fazer herdeiros para o trono, cerrava os dentes e pensava em outra coisa. Ninguém sabia, contudo, de que engenho se servia o príncipe para levar a cabo tão penosa missão. Ninguém tampouco lhe invejava a sorte e houve quem dissesse que nunca se viu uma corte tão bem casada, pois a maioria dos fidalgos vivia numa feliz harmonia conjugal, enquanto os futuros reis não podiam se gabar de dar o exemplo nem do amor nem da amizade.

Os grupos colocaram-se a prudente distância, para que as faíscas da fogueira não queimassem os seus trajes, e esperaram pacientemente que o balão se enchesse de ar quente para poder ser lançado. Eugênia seguiu o processo com curiosidade, porque já ouvira falar dessa maravilha inventada por dois irmãos franceses mas nunca presenciara nenhum lançamento. O tecido encerado começou a arredondar-se, parecendo perder o equilíbrio quando o peso era maior de um lado ou de outro, mas aos poucos tomou a forma necessária e, quando estava completamente esticado, ouviram-se gritos pedindo:

– Atenção, todos a postos, agora, larguem!

E um burburinho de admiração percorreu os espectadores ao verem o balão subir em direção às nuvens e deixar-se levar ao sabor do vento com a leveza de uma bola de sabão. À medida que o engenho se afastava, a sua cor azul confundiu-se com o céu, os desenhos amarelos e intensos se empalideceram e houve quem dissesse que tinham conseguido elevá-lo a dois mil metros. Eugênia não sabia medir uma distância tão grande, mas

acreditava que pudesse ser verdade porque aquele balão, maior do que uma carruagem, parecia ao longe do tamanho de um brinquedo.

Ao ver chegar as filhas de volta do passeio, Rodrigo percebeu que era tempo de também ele sair do casulo cômodo e cinzento onde se refugiara, porque as gargalhadas dos outros doíam como bofetadas. As filhas eram muito novas para se enterrarem em vida por uma causa tão natural como era a morte de um dos pais. Por momentos, a dor fazia-o esquecer a última conversa que tivera com Maria José, em que ela pedia para recordar apenas os anos em que tinham sido felizes e agradecer a Deus esses momentos, porque podiam não ter se encontrado nunca. Era difícil para ele cumprir com a promessa de afogar o desconsolo em imagens idílicas, quando a ausência da mulher que fora sua ao longo desses anos lhe deixara um vazio comparável, em tamanho, ao lugar que ocupara em vida.

Rodrigo abriu as janelas e a porta da casa, para que entrasse o sol e voltassem os amigos, e pudesse reunir à sua volta os filhos para lhes contar histórias que os fizessem sorrir. Não podia esquecer que devia casar as filhas, pelo menos Eugênia, para quem reservou um dote e um enxoval que Maria José ajudou a fazer. Isabel, sempre propensa a pequenas doenças, não deveria se casar, o que não o preocupava, pois chegou mesmo a pensar, com um certo egoísmo, que a melhor solução era ela ficar vivendo na sua casa para tomar conta dele quando fosse mais velho. Acompanhou ambas a serões, ao teatro, e andavam, quando o tempo o permitia, pelo Passeio Público ou pelas arcadas do Terreiro do Paço, onde os curiosos podiam seguir os movimentos da corte, vendo as silhuetas das fidalgas e fidalgos recortadas nas janelas e, pelo perfil escuro, igual ao das sombras das figuras chinesas, tentavam adivinhar de quem eram.

Eugênia sorria quando algum conhecido se aproximava dela, conversando com desenvoltura, mas continuava a pôr entre ela e o pretendente uma barreira intransponível. Isabel, ao contrário, provavelmente por ser pequena e esguia, parecia deslizar entre eles e, como se houvesse um acordo silencioso entre as irmãs, Eugênia afastava-se, deixando-lhe o lugar. O pai, sem ter a certeza de que essas coisas acontecessem realmente – podia bem ser ele imaginando coisas, situações contrárias à sua vontade –, decidiu por fim consultar o seu filho Gregório, que suspeitava ser o confidente de Eugênia ou, pelo menos, de ter sobre ela certa influência. A conversa desenrolou-se com dificuldade porque Rodrigo não sabia como abordar o

assunto e até parecia que Gregório fazia de propósito, introduzindo temas que o afastavam cada vez mais do que se tinha proposto falar. Por fim, decidiu perguntar-lhe de repente o que ia na cabeça da irmã, que não parecia interessar-se por ninguém, e comentar com ele, com uma brandura que só se desculpava pela adoração que sentia por essa filha, que não imaginava sequer casá-la contra a vontade dela.

– Pergunte a Eugênia – foi a única resposta que conseguiu do filho.

Depois de tentar algumas vezes dizer à filha mais velha o que o preocupava, sem conseguir, encontrou o momento oportuno num fim de tarde em que Eugênia lia ao pé da janela e um silêncio profundo inundava a sala, sinal de que não havia ninguém por perto. Sem muita delonga, porque os olhos da filha lhe disseram logo que conhecia o tema da conversa – não tinha dúvida de que os irmãos se uniam sempre contra os pais –, perguntou-lhe o que tencionava fazer da sua vida, porque não a sentia inclinada a aceitar sequer alguém que lhe fizesse a corte.

– O senhor meu pai faz, uma vez mais, prova de um amor e de uma compreensão pelos seus filhos que não é comum, perguntando-me o que penso, em vez de me impor um marido contra o meu desejo. Não creia que não refleti muito no assunto, e longe de mim lhe desobedecer se não estiver de acordo com a minha intenção.

– E pode saber-se qual é?

– A princesa Carlota Joaquina convidou-me para ser a sua dama de companhia, recebendo uma pensão e umas regalias que, na nossa posição, devem ser levadas em conta. Não tendo eu pressa em me casar, o dote que me cabe por ser a primeira das filhas pode muito bem ser usado em proveito de Isabel, que, sendo de constituição mais débil, precisa mais do que eu de um marido para velar por ela no dia em que o pai lhe faltar.

– E se um dia quiser se casar? Porque, se agora não vê ninguém que lhe desperte o mínimo interesse, não quer dizer que daqui a um ou dois anos não mude completamente de ideias.

Eugênia temeu por um momento que ele desconfiasse de que o único homem que podia fazê-la mudar de opinião era o escritor inglês: mesmo que ela não tivesse revelado a ninguém a sua inclinação, receava que o pai tivesse percebido alguma coisa, porque sempre tivera o dom de ler nos seus mínimos gestos. Vendo que Rodrigo contava os segundos de silêncio, decidiu arriscar uma resposta:

– Nessa altura, a minha posição na corte e a renda vitalícia que receberei pelo meu cargo, servirão de dote.

– Pois.

Enquanto a sua boca desenhava essa palavra, a mente de Rodrigo perguntava como faria para contrariar uma filha que adorava e que sabia levar com tanta habilidade.

Eugênia, percebendo que ganhou a partida, pediu licença para o beijar, e o pai, emocionado, curvou a mão para receber o beijo e depois agradeceu-lhe com uma carícia fugaz no rosto, pensando se não teria cometido o maior dos seus erros ao não contrariar um argumento aparentemente sensato, mas que, como muitos discursos convincentes, podia esconder muitas falhas.

Isabel recebeu a notícia com uma alegria contida para não deixar transparecer que estava a par de todas as estratégias da irmã para ficar solteira. E esclareceu logo que estava disposta a aceitar o marido que o pai achasse conveniente. Coitada! Chorou algumas lágrimas por não se lembrar de pôr nenhuma condição, nem que fosse um limite de idade. Poucos meses depois, sem poder voltar atrás com a palavra, foi levada ao altar por um homem seis anos mais novo que o seu pai, que ela já achava eterno. João Melo e Castro, conde das Galveias, ministro e embaixador; habituado a missões delicadas, pareceu ao Rodrigo o homem ideal para lidar com as enfermidades da mulher e as próprias. Os meses passaram e o pai começou a perder a esperança de ver nascer um filho dessa união. Não se sabia de quem era a culpa, se das febres de que a filha se queixava continuamente, se dele, ainda que tivesse dado provas de virilidade tendo descendência no primeiro casamento. O “doutor Pastorinha”, como chamava Carlota Joaquina ao conde de Galveias com essa mania tão sua de etiquetar todos os que serviam os interesses do marido na corte, era uma excelente companhia nos saraus do palácio do Bomsucesso. Voltou a pairar, pois, nos salões o ar de boa disposição que sempre uniu a família em torno do pai, ainda que, ao fechar a porta atrás do último filho a sair de casa, Rodrigo se sentasse na biblioteca às escuras, esperando em vão que o fantasma da mulher aparecesse.

A bastarda



—O meu avô provinha de uma família numerosa e ele próprio se sentia orgulhoso dos seus sete filhos. Quando se reuniam todos, perguntava se não havia novidades, como quem se preocupa pela chuva por causa das colheitas, mas Isabel e o marido sabiam que eram os visados e sentiam-se acusados do fracasso. Certamente não era essa a intenção do pai, que teria sido incapaz de os magoar propositadamente; para dar continuidade ao sobrenome, contava com o filho mais velho. O que desejava era substituir o vazio que lhe deixara a mulher com muitos netos, pois acreditava que a alegria das crianças ia compensar a falta da avó Maria José.

— E a sua tia Isabel teve filhos?

— Calma. Uma vida não se conta em poucos dias.

Os príncipes



O príncipe João e Carlota Joaquina viveram alguns meses de tréguas que duraram o tempo exato de uma gravidez. Com o nascimento do infante D. Pedro, depois do primeiro varão, D. Antônio, a princesa alcançou uma posição na corte que a fez sentir-se legitimamente pronta para ocupar o lugar do marido, pelo menos o lugar que ela pensava que lhe era devido. Só que D. João, ao tornar-se oficialmente príncipe regente, excluiu-a do Conselho de Regência. Carlota Joaquina ficou extremamente contrariada, porque a sua sede de poder era tão grande que deixou os ministros boquiabertos quando, antes de se retirar, gritou na sala do Conselho: “Nem pensem que vou ficar limitada a dar sucessores ao trono!”

Nesse verão de fim de século os habitantes do Paço viveram em constante sobressalto pelas fúrias da princesa, que nunca pretendeu esconder o seu mau feitio. Eugênia e as outras damas de companhia demonstravam uma paciência ilimitada ao tentar com arte acalmar os ânimos, fazendo uso de todas as sutilezas da diplomacia para não indispor a princesa contra elas. Como contraponto às pragas que Carlota Joaquina rogava em espanhol, quando os humores se tornavam violentos, ouviam-se, dos corredores do Paço ou nos seus aposentos, os gritos da rainha louca. D. João fazia o possível para evitar uns e outros. Primeiro, porque não os suportava, e segundo porque lhe provocavam medo. Acabou se habituando a ambos, ainda que a demência da mãe o impressionasse tanto que temia pelo seu próprio juízo, sobretudo nos períodos de tristeza aguda da rainha, que duravam semanas. Para que ninguém o visse assim, parecendo estar à beira da loucura, isolava-se em Mafra, onde se recuperava do ambiente hostil que criava a mulher, conspirando contra ele com a mesma energia que usava para acasalar com outros.

Perante a corte, o matrimônio ainda era válido, mesmo se o príncipe já não frequentava o quarto da mulher havia muito tempo. Ele sabia que Carlota Joaquina não se privava de colecionar amantes – com quem a princesa não tinha relações duradouras para não ficar como a mãe, presa a um Godoy que a maltratava –, e sempre havia algum amigo que fazia o favor de lhe contar. Quando voltava a Lisboa, já era outro homem, recuperado e, com essa propensão muito sua para mudar de humor repentinamente, lá ia dizendo as suas graças quase sempre grosseiras. Comentava-se que as saloias¹ o enchiam de mimos e, para lhe agradecer o favor de ter saciado os seus apetites com elas, lhe ofereciam galinhas gordas, para fazer cozido.

O seu aspecto de homem pançudo e bonachão inspirava carinho no povo, em quem confiava muito mais do que nos ministros do reino; e D. João decidiu pôr em prática as audiências em público, permitindo que se aproximassem dele no Paço ou durante os seus passeios, para ouvir as queixas da própria boca dos seus súditos, a quem dava verdadeiras demonstrações de afeto, que não condiziam com os hábitos dos monarcas anteriores.

Um anúncio inesperado, pelo menos para Eugênia, fez com que ela saísse da rotina em que vivia desde que era dama de câmara da princesa espanhola. William Beckford tinha pedido audiência a D. João para o cumprimentar e lhe fazer saber de viva voz que todas as diligências feitas na Inglaterra não tinham tido seguimento. Muito constrangido, vinha desculpar-se pessoalmente, pois tinha decidido passar algum tempo em Portugal com a intenção de ficar, se as condições assim o permitissem, porque o resto da Europa estava num perfeito caos. Na França já não cortavam tantas cabeças, mas as lutas não paravam e um certo Bonaparte combatia na Itália, dando a entender que não pensava em descansar até vencer todos os que se opusessem às suas ideias.

– Por aqui, o reino se mantém tranquilo – respondeu laconicamente o príncipe.

No entanto, contradizendo essa falsa candura e seguindo o conselho de pessoas avisadas, D. João pensava seriamente na mudança da capital do reino para o Rio de Janeiro, não só porque era dali que chegavam as maiores riquezas, mas também pela sua posição geográfica, suficientemente perto da África e longe de qualquer inimigo. Ainda que tivessem passado

cinquenta anos, continuava achando convincentes os argumentos do embaixador Luís da Cunha de que a coroa não podia manter Portugal sem o Brasil, enquanto que para manter o Brasil não precisava de Portugal.

Quando o escritor inglês entrou num dos salões para apresentar a Carlota Joaquina uma reverência, reparou pela primeira vez em Eugênia, sentada no chão numa esteira de junco ao pé da princesa, cantando uma modinha brasileira que não conseguiu acabar, tanta foi a sua surpresa. Corou de vergonha e confusão, o que provocou o riso das damas que a rodeavam, imaginando estas que Beckford havia assustado Eugênia com a sua presença. William, perito em galanteios, percebeu de imediato de que o rubor se devia a algo mais profundo que a surpresa, e indagou quem era a nova dama de companhia. Ao saber o nome e a linhagem, sentiu-se ainda mais atraído, porque descobriu nela semelhança com o seu amado amigo Pedro, filho do marquês de Marialva, por quem estivera a ponto de perder a compostura uns anos antes. As pernas de Eugênia tremeram tanto que pensou: “Ainda bem que este encontro se deu quando estava sentada.” Beckford pediu, pouco depois, licença para se retirar e, enquanto se afastava da companhia das fidalgas, pensava em várias estratégias para voltar a se encontrar com ela.

No resto da tarde e mesmo durante parte da noite, Eugênia sentiu uma torrente de sentimentos controversos que pensava ter guardado fechados à chave, juntamente com o diário, no pequeno cofre que continha os seus segredos. Bastou aparecer sem ser invocado, transportando como uma capa o seu rastro de amores escandalosos, para que voltasse a sentir a mesma atração pela sensualidade perturbante desse homem que era capaz de amar tudo o que era belo, fosse feminino ou masculino.

Pediu a sua madrinha, Nossa Senhora da Madre de Deus, que a ajudasse a afastar todos esses pensamentos que a agitavam, porque se sentia desfalecer cada vez que se lembrava do encontro.

¹ Espécie de camponês, habitante natural das zonas rurais do início do século XX nos arredores de Lisboa. (N. da E.)

A madrinha



*M*e fazer vir de tão longe, onde tinha assuntos mais graves a tratar, só para a ajudar a não pensar num homem com idade para ser seu pai? Francamente! Com que leviandade me pedem que as atenda. Às vezes sou levada a fazer trinta quilômetros num instante para socorrer um chamamento urgente, e me encontro diante de uma devota de joelhos à procura de um dedal de porcelana. Depois se admiram que eu não apareça em momentos em que realmente precisam de mim. Claro! Também, não sou adivinha e os anos não ajudam. Tanto me desloco de um lado para o outro do mundo por razões que não valem a pena que, por vezes, quando devo intervir, convencida de que me chamam por terem tomado um susto porque a vela se apagou, tampam os ouvidos e acontecem tragédias, e depois só o meu Filho sabe o que tenho que ouvir de pragas e de queixas.

A fascinação



William, a quem a música também provocava uma levitação de santos orientais, permaneceu preso à melodia da modinha e à voz que a cantava, antes de reparar como era o corpo em que as cordas vocais faziam ressonância. Ele, que achava esse tipo de canção “a mais cativante e voluptuosa, concebida para inspirar delírios profanos” porque “é como se a alma arfasse com o desejo de encontrar a alma gêmea de um objeto amado”, ficou tão estupefato que foi o primeiro a lamentar que a dama da princesa tivesse deixado de cantar ao perceber a sua presença. De fato, Eugênia tinha aprendido no Brasil, com a escrava Miló, a fazer os sincopados e aquele tom lânguido e quente que não era dado a todas as gargantas. Depois da voz e da beleza, de aparência serena, sentiu-se atraído pela prima dos Marialva quando adivinhou pelo leve tremor das suas mãos uma couraça de cristal protegendo uma alma de um romantismo extremo, que era um dos abismos preferidos de Beckford.

De posse de todos esses elementos, William preferiu retirar-se do salão com uma elegante reverência e pressentiu uma paixão violenta e, por que não um casamento? Aparentado à casa dos seus grandes amigos Marialva, talvez fosse capaz de obter, por fim, um título com que seria seguramente agraciado. Assim, com a cabeça fervilhando de sensações variadas e de infinitos projetos, atravessou o portão do palácio, tentando não pisar nem nos montes de lixo, nem nos cães e mendigos que disputavam os restos nauseabundos espalhados na rua.

Na corte, aonde afluíam homens provenientes dos mais diversos pontos do reino, não havia muitos ingleses, e os estrangeiros que apareciam não eram apresentados a meninas nobres pelas famílias preferirem que os casamentos fossem feitos em casa. Esse hábito fez com que redobrasse a curiosidade de Eugênia e o desejo de se encontrar outra vez com Beckford,

para saber de que massa era feito um homem que se passeava por onde havia fidalgos ou plebeus, parecendo apreciar o modo de vida que escandalizava alguns embaixadores estrangeiros, pois William até gostava de que nos salões do Paço não houvesse cadeiras suficientes e as fidalgas se sentassem no chão à moda dos berberes, rodeadas de anões e pretos vestidos das mais bonitas sedas, ou que o profano se conjugasse com o sagrado de uma forma natural, assim como sempre conviveram o anjo e o demônio. Eugênia, sabendo que as regras de conveniência não a permitiam dar o primeiro passo, teve de esperar que o acaso os voltasse a juntar, porque, com a surpresa desse encontro inesperado, não teve a noção de que ele se interessara por ela, por não ter podido olhar para ele durante o tempo que teria gostado.

“Os acasos existem?”, perguntava-se Eugênia. “Será possível que, desde aquele encontro no meio da modinha, nos tenhamos cruzado quatro vezes em menos de dez dias, parecendo que de repente alguém com força sobre-humana tivesse cruzado os nossos caminhos, entrelaçando-os como se fossem fitas, de maneira a darmos de cara um com o outro? Serão sinais do céu ou o senhor Beckford tenta estar onde sabe que pode me ver? A única maneira de saber ao certo é esperar que encontre um pretexto para vir falar comigo; se não se aproximar de mim, quer dizer que os acasos existem mas que se destinam a outra pessoa.”

Não acreditava no que via: passo a passo, cumprimentando uns, dando dois dedos de conversa a outros, parecendo uma peça de jogo de damas, William estava quase chegando ao lugar em que Eugênia se encontrava e o seu lenço ficou todo amarrotado e úmido das mãos, que transpiravam mesmo sem estar muito calor na sala.

William alcançou o seu objetivo, mesmo se por momentos pensou que, quando conseguisse ultrapassar todos os obstáculos que o separavam de Eugênia, alguém se interporia entre eles com a naturalidade dos que estragavam planos amorosos, porque não era sem segundas intenções que se aproximava dela. A princípio, algo, talvez a timidez, lhe dificultou o diálogo, mas bastou mergulhar no seu olhar transparente para que uma cumplicidade de velhos amigos levantasse todas as barreiras e ambos entendessem de repente de que falavam tão à vontade que nem tinham percebido o passar do tempo e já estavam chamando-a para rezar o terço. William sabia como devia conduzir a conversa para que uma mulher como

Eugênia, com um coração virgem (porque não era difícil adivinhar que nunca tivesse amado e que a arte da coqueteria não era o seu forte, o que a tornava duplamente atraente), ficasse prisioneira das suas palavras. E, se calhar, ouviu de repente dizer-lhe que havia algo nela que lhe reavivava a lembrança da mulher, que aliás nunca esqueceu, por ter sido a única época da sua vida em que se sentiu amado sem reservas. Provavelmente fora essa a razão pela qual deixara as duas filhas com a avó na Inglaterra e começara a viajar, por não querer ouvir nem ler quem dissesse que ela tinha morrido por causa dele. Como ia ele maltratar a única pessoa que o defendera contra a própria família com tanta perseverança? O único consolo que teve nesse momento chegou-lhe da maneira mais inesperada: em forma de carta escrita e assinada por todos os habitantes da aldeia onde viviam, na qual leu a indignação que neles provocara a falta de verdade das acusações.

– Tivemos quatro filhos em três anos e perdemos dois pelo muito que ela sofreu por causa da difamação que estragou a minha vida. Sabe do que estou falando?

– Sei.

– Não deve ser segredo para ninguém, as calúnias correm com a velocidade dos fogos nas florestas, mas não acredite nelas. Acha que eu teria voltado para o meu país se não pudesse provar o contrário? Esperava a força, por não ter, nesse caso preciso, a verdade ao meu lado.

Por que razão William falou de um tema que evitava sempre? Não sabia, o certo é que sentiu que respirava fundo como se tivesse conseguido tirar as pedras que lhe pesavam no peito, percebendo que tinha desbravado em poucos minutos o caminho que o levaria ao coração de Eugênia, e que essa conversa tinha sido necessária para que a dúvida não se instalasse entre eles, estragando a existência, porque quanto mais olhava para ela mais se convencia de que não podia ter feito melhor escolha.

Eugênia não soube o que dizer diante dessa fluência de palavras que outro homem no lugar dele teria evitado, agradeceu-lhe com o olhar a sinceridade e, com um gesto de cabeça, deu a entender que o tempo prudente para estarem conversando tinha terminado. William teria gostado de lhe pegar na mão, para transmitir o reconhecimento por esse sorriso que falava de aceitação, que era tudo quanto pedia. Separaram-se com a desenvoltura de quem teve um encontro casual e falou sobre as chuvas e as folhas que caíam, como era natural nessa época do ano.

No dia seguinte, ao cruzarem-se na saída da missa, Eugênia aproveitou os escassos minutos de que dispunha para satisfazer a sua curiosidade:

– Não me disse o que o trouxe de novo ao nosso reino.

– Peço-lhe desculpas por ter me aberto assim com você ontem. Creio que exagerei, mas não pense que as minhas intenções não eram boas. Algo em você fez com eu que falasse de questões que são muito íntimas.

– Gostei da sua falta de reserva.

Na realidade, Eugênia sentira-se mesmo orgulhosa da confiança que William pareceu ter depositado nela e da maneira pouco britânica como, em poucas palavras, a levava a entender que não era só um homem invulgar, como também era perseguido por motivos infames que nada tinham a ver com a sua conduta.

– Qualquer desculpa é boa para voltar a este país onde sempre fui tratado com verdadeiro afeto, mas, além de vir apresentar os meus respeitos ao príncipe regente e visitar amigos, viajei para me recompor de mais um duro golpe. Morreu a minha mãe e, de repente, achei-me órfão e viúvo. Mesmo aos 38 anos, sentimo-nos sozinhos, quase desamparados. Deixamos de ter alguém a quem nos encostar, passamos a ser nós a coluna.

Passaram algumas semanas sem se verem porque os príncipes decidiram se mudar para Mafra, pois estavam ávidos de caçadas onde pudessem, cada um à sua maneira, libertar as frustrações e as raivas ao juntá-las com o chumbo e a pólvora para atingir, senão o cônjuge, pelo menos algum veado que tivesse o infortúnio de se pôr ao alcance das espingardas reais.

Eugênia não caçava, o ruído dos disparos perto do ouvido deixava-a atrapalhada, mas acompanhava o grupo a cavalo e sonhava com o escritor inglês, enquanto os outros perseguiam as presas. Beckford tinha lhe dito que ia fazer o possível para se juntar e, pelo visto, não conseguira, provavelmente porque já não o convidavam tanto como alguns anos antes; parecia que a corte, ávida de novidades e pequenos escândalos, já não o achava tão interessante. Nem por um momento Eugênia pensou que o colocavam de lado, mas que simplesmente não se lembravam de o chamar para participar de todos os acontecimentos, como sucedeu no passado, quando os jantares com faqueiros de ouro na sua casa de Monserrate faziam a delícia dos convidados, não só pelo que se comia, mas também pela saborosa troca de fofocas que constituía o prato principal da refeição dos nobres no dia seguinte.

Uma briga entre os príncipes, em que se ouviram palavrões no mais vernáculo português e castelhano, pôs fim à estadia, porque Carlota Joaquina, batendo com as portas do quarto, mandou recolher as suas coisas. Voltou para Queluz no dia seguinte, sabendo de antemão que o marido não gostava desse palácio porque a sua mãe ali começou a enlouquecer e temia que pudesse lhe acontecer o mesmo. Eugênia mandou buscar mais criadas para enrolarem as tapeçarias que cobriam as paredes e enfiar nos baús o simples recheio do palácio com que a princesa costumava deslocar-se, para estar segura de que podia encontrar-se o mais rapidamente possível com o seu amado William.

Em Queluz também não surgiram oportunidades com a frequência que ela desejava, e vira passar os dias de chuvas outonais olhando, através dos vidros embaçados que davam para os jardins do palácio, as árvores mudarem de tonalidade, variando de tons castanhos – isto até o dia de Natal, em que a família real se juntou novamente para festejar a vinda do Senhor. Graças às missas e ao beija-mão, os dois conseguiram finalmente trocar umas palavras, ainda que por essas duas vezes tivessem de ser roubadas aos poetas que haviam escrito as cantigas que, com muito cuidado, Beckford escolhia para cantar nos serões. Do seu repertório, aquele que sabia de cor, escolheu só uma, porque não era bem isso o que queria lhe dizer. Releu todas as partituras da sua sala de música e encontrou finalmente algumas em italiano que traduziu para português, tomando a liberdade de mudar um ou outro verso que assim se adaptasse melhor aos seus sentimentos.

Ao sentar-se ao *pianoforte*, colocou uma flor branca em cima do tampo enquanto a olhava, para que com esse gesto ela percebesse que tudo o que ia cantar era dedicado a ela. As canções, que abrilhantava com a sua bela voz, deixaram Eugênia duplamente vaidosa, porque as letras eram destinadas a ela, e também pela forma que ele encontrara para falar de sensações que eram também as dela. E tão absorta estava nessa comunhão – onde sentia as suas almas juntarem-se através da música – que não se deu conta do sono profundo em que caíra o príncipe regente, nem reparou na impaciência da rainha D. Maria, que seguia o compasso batendo com o leque no braço da sua cadeira com tanto empenho que o desfez em pedaços.

Eugênia, no momento do aplauso, pareceu não voltar a si e ficou paralisada por uma emoção intensa. Sentiu essa demonstração da plateia

como se fosse para ela, porque a força que os unia parecia não fazer caso das distâncias nem das diferenças. Mais ninguém deu por nada, evidentemente, e ela foi a última a sair do salão, porque as pessoas se retiraram falando de coisas variadas e nem a olhavam ao passar ao seu lado. Alguns amigos aproximaram-se de William para louvar sua arte, e Eugênia ficou vendo à distância o homem que estava tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe dela. Ao dirigirem-se juntos para o lugar onde os outros esperavam que fosse servida a ceia, Beckford disse-lhe que a última canção tinha sido composta por ele e a letra também era da sua autoria, por não ter encontrado nada que pudesse exprimir com precisão aquilo que sentia. Eugênia deixou que ele lhe tomasse a mão por um instante e assim atravessaram o corredor, guiados pelo candelabro do pajem que os precedia.

A quimera



Durante o resto do inverno, Eugênia alimentou-se das lembranças dessa noite mágica, porque os caminhos ficaram intransitáveis pelas fortes chuvas. O frio gelava de noite as poças de água e o orvalho que cobria os relvados assemelhava-se a feixes de agulhas de vidro. Mesmo que em todas as lareiras do palácio ardessem troncos durante o dia inteiro, o ritmo da corte parecia obedecer a um compasso lento porque o frio entumecia os membros, fossem estes de fidalgos ou plebeus.

Antes da primavera, quando o sol aqueceu algumas tardes, dezenas de criados começaram a abrir de par em par as portas e as janelas, e tiraram das arcas tudo o que cheirava a mofo, que puseram a arejar juntamente com os móveis e os tapetes. Os mais velhos começaram a sair dos quartos, como se fossem espectros de fardas que queriam demonstrar aos amos que ainda se mantinham direitos. Carlota Joaquina e as suas damas de companhia sacudiram também o inverno que enregelara as articulações, dando passeios pelos jardins e sentando-se nos bancos de pedra cantando modinhas ou canções espanholas, nos momentos em que a nostalgia do reino de seu pai ameaçava entristecer a princesa.

Quando os caminhos secaram totalmente, uma das fidalgas trouxe a notícia de que na quinta do Ramalhão, onde estava instalado Beckford, havia um grupo de músicos contratados por ele para deleitar quem quisesse ouvi-los.

As damas decidiram ir de burro, e fazer uma surpresa ao inglês. Mandaram preparar tudo para o dia seguinte. Montadas cada uma no seu burro, chegaram à quinta, e a alegria do dono foi tão grande que, depois de fazer as honras da casa, mandou os seis músicos instalarem-se no terraço e foi buscar a sua montada. Enquanto os acordes dos instrumentos passavam por entre os arbustos dos jardins enchendo o espaço com notas, William

cavalgava junto das damas entre os limoeiros. Num jogo que se pretendia sem malícia, ia arrancando uma fruta ou uma flor para o oferecer a cada uma delas, obrigando o cavalo a travar com as patas traseiras e levantando as da frente, voltando a pousá-las para fazer um trote curto de alta escola, e com essas voltas e poses aprendidas com o seu amigo Marialva conseguiu chegar ao pé de Eugênia, que o esperava pacientemente atrás de um pequeno arbusto, encantada com as suas habilidades.

Ao aproximar-se, ela aplaudiu batendo suavemente com o leque na sela e ele agradeceu o gesto com uma reverência do cavalo e mostrou-lhe, como num passe de mágica, uma camélia branca que lhe prendeu ao cabelo por trás da orelha esquerda. Trocaram olhares e silêncios enquanto deixavam que a música os embebedasse, porque os sons pareciam vapores de aguardente que se deslocavam com a leveza da bruma e penetravam nos sentidos. O êxtase durou o tempo de um concerto, porque as damas deviam voltar para o palácio antes que caísse a noite. Durante as despedidas, William sussurrou a Eugênia que, enquanto o clima permitisse, iria visitá-la, porque os dias sem ela perdiam o sentido. Eugênia memorizou no caminho de volta as suas palavras e gestos, para não se sentir tão só quando as sombras de uma vela e o silêncio da noite fossem a sua única companhia.

Com o bom tempo recomeçaram as festas e saraus, que se prolongavam até bem tarde; e nessas reuniões, sobretudo nas que se realizavam na casa do marquês de Marialva, William podia aparecer mesmo sem ser convidado, tal era a amizade que o unia à família. Assim, enquanto passeavam pelos jardins, ele e Eugênia aproveitavam para jurar um ao outro amor eterno e fazer planos para o futuro.

– Quando me autoriza a falar com o seu pai?

– Creio que ainda é cedo. Não por mim, os meus sentimentos são verdadeiros e não preciso de tempo para os confirmar. Mas gostava que nos conhecêssemos melhor antes de dar um passo tão importante.

– Em breve toda a corte perceberá o que está acontecendo entre nós, não é conveniente que o seu pai saiba por outras pessoas.

– Preferia ser eu a pedir-lhe para o receber. Receio que, por ser estrangeiro e protestante, tenha de convencê-lo primeiro das suas qualidades. Eu saberei qual o momento oportuno, confie em mim.

Ouviram o toque de trombetas que os anões sopravam, de pé no último degrau da escadaria, para anunciar aos convidados que eram três da tarde e

o jantar iria ser servido. Aproximaram-se lentamente da casa, entre os criados que descarregavam gaiolas de pássaros, cestos de frutas e também caixas de flores para enfeitar as salas, enquanto uns anjinhos de comédia saltitavam no meio desse vai e vêm, como se tudo fizesse parte de uma peça de teatro onde todos os presentes eram atores.

Para Eugênia era normal essa confusão de palco que se desenrolava à sua volta e da qual fazia tanto caso como do latido dos cães, mas para William, educado num ambiente austero por uma mãe viúva e possessiva e umas tias metodistas, era como passear no meio de uma ópera. De sorriso aberto e passadas ritmadas pela música, saudou o improvisador meio louco que lhe dedicou um verso com voz tonitruante, onde falava das musas que acompanhavam o escritor, algumas etéreas, outras de carne e osso. Eugênia lhe lançou um olhar reprovador, que ele enfrentou com uma gargalhada de barítono. Beckford, percebendo que estava comprometendo-a, ficou no primeiro degrau da escadaria cumprimentando um velho conhecido, enquanto ela se apressou a subir para se esconder no meio das damas, que conversavam animadamente sobre um assunto menor: o tamanho dos caracóis que usavam no penteado.

Os Marialva tinham o gosto pela comida exótica e, se Beckford tivesse entrado na cozinha, teria visto o cozinheiro chinês de Macau, o indiano de Goa e o brasileiro preparando os petiscos e iguarias que tanto lhe agradaram e cujo aroma o transportava a épocas passadas e a países distantes.

Eugênia reparou que, desde que William começou a lhe fazer a corte, ainda que agisse com todo o cuidado, nenhum dos homens que antes tentavam cortejá-la voltou a fazer. Era como se houvesse entre eles um pacto de respeito pela conquista alheia, ainda que ninguém soubesse da atração que os unia. Mas a atitude dos seus antigos pretendentes era tão desconcertante que Eugênia desconfiava que havia outra razão que desconhecia. E, realmente, havia outro motivo, mas ela não podia adivinhar: desde o primeiro baile em que mostrara com graça o seu pé pequeno, alguém começou a olhá-la como se a lua iluminasse só a ela. Mais tarde, quando esse mesmo homem percebeu que o inglês de gostos requintados demonstrava um certo interesse pela mesma dama, mesmo que o fizesse com muita discrição, o seu coração bateu aceleradamente como nunca antes por nenhuma mulher. Esse apetite, que não era tão secreto

como o inflamado senhor imaginava, era a que os fidalgos respeitavam como se fosse uma palavra de ordem. Mas Eugênia só tinha olhos para o seu amado William e não via o que para alguns era tão óbvio.

Não eram poucas as vezes que se encontravam, ainda que, pelas mais diversas circunstâncias, raramente conseguissem um momento de privacidade e ainda menos dizer alguma coisa um ao outro, e tiveram, como muitos apaixonados, de recorrer à troca de cartas. William tinha o dom da palavra e uma prática de longos anos e sabia em poucas linhas expressar o que sentia com uma precisão que deixava Eugênia atrapalhada. Responder a alguém que inspirara Byron, fora recebido por Voltaire e privara com Madame de Staël, não parecia uma tarefa fácil. De tanto tentar embelezar as frases, ficavam rebuscadas como aquelas redações que as crianças faziam para agradar às mestras, e Eugênia demorava tanto tempo para decidir por um dos rascunhos que acabou confessando a William a vergonha de não saber escrever à altura das cartas que recebia. Beckford devolveu a confiança jurando que a sua intenção não era a de criticar uma obra literária, mas poder se deleitar com palavras suas, como se ela falasse ao seu ouvido nas longas horas em que não podiam se ver.

A bastarda



A criada bateu na porta antes de abrir, surgindo com um tabuleiro pesado onde as peças do café da manhã se apertavam sobre um pano fino com pontos minuciosos que davam relevo aos motivos e um caseado feito com o próprio fio do tecido que só as mulheres da Madeira conseguiam bordar.

O sorriso travesso e a voz alegre deram a entender que trazia novidades. Ao lado do pequeno vaso que continha uma flor, que perfumou logo o quarto, havia um envelope com a coroa inglesa gravada a ouro.

– Carta do pai! – exclamou Isabel Maria.

– Cada vez que um barco chega de Lisboa, traz notícias do seu pai. Ele está ansioso para ver você com boa saúde...

– Desculpe, mãe, mas me deixe ler.

– A senhora precisa de mais alguma coisa? – perguntou a criada.

– Não, obrigada. Eu mesma vou servir o leite – respondeu Eugênia Maria. E acrescentou: – Volta daqui a meia hora.

– O pai não pode vir este mês. Surgiram uns imprevistos no consulado. Que pena!

– Talvez no próximo possa. Deve ter tantas saudades suas como você dele. Continuo a contar a você a história da sua avó?

– Agora não, mãe, prefiro reler a carta.

A tourada



Umas semanas depois, o príncipe fez a William um convite irrecusável, como era para todos os que precediam da realeza.

“Nem sempre os sacrifícios a que o amor obriga têm o romantismo que imaginamos; por vezes, para estar perto do objeto desejado, é preciso passar por provas tão duras como o são as corridas de touros”, pensava Beckford, enquanto admirava o seu reflexo no espelho da entrada, antes de subir à carruagem que o levaria à praça de touros que foi construída por Pina Manique e que o príncipe regente inaugurou. A mesma que nesse dia acolhia toda a comitiva real e incluía ele. Ao ser convidado pelo monarca em pessoa, pareceu ver no rosto sapudo dele um trejeito de ironia, como se soubesse que William não podia recusar uma honra tão grande e que estava proporcionando o que seria, provavelmente, uma das piores tardes da sua vida.

O inglês entrou no anfiteatro, copiado dos circos romanos, e, ao ver que estava cheio, procurou descobrir onde se encontrava Eugênia, o que se tornou difícil porque o sol cegava e as cortinas que resguardavam os camarotes principais não facilitavam o trabalho. Viu-a no meio de outras damas de companhia da corte, perto dos príncipes, e conseguiu chegar ao pé dela no preciso momento em que os sinos das igrejas tocavam as cinco da tarde e um foguete dava o sinal de início.

Ao sentar-se perto de Eugênia, roçou a mão de leve na sua para demonstrar de alguma forma a saudade que teve dela nesses dias, depois, como se a sorte de estar ao seu lado fosse pura coincidência, começou a cumprimentar os conhecidos com sorrisos ou inclinações, conforme o grau de intimidade. Mas, aos poucos, todos os olhares se dirigiram para a arena e William sentiu-se na obrigação de fazer o mesmo, divisando vários carneiros amarrados, sem imaginar qual era o motivo de estarem ali. De

súbito, uns cavaleiros que se encontravam encostados contra a divisória do lado da sombra começaram a dar a volta no recinto para ganhar balanço e, passando a galope segurando na mão uma espada afiadíssima, foram ao encontro dos bichos para deceparem as suas cabeças ao primeiro golpe. Nem todos conseguiram e o galope e os gestos repetiam-se, prolongando algo tão cruel que não recebeu aplausos de toda a plateia.

O início do espetáculo não podia ser mais bárbaro e William tentou distrair Eugênia, porque percebeu que ela estava se sentindo mal; ainda que no momento em que voou a primeira cabeça, espalhando sangue em círculo, ela tivesse instintivamente coberto os olhos com o leque.

– Já pode olhar, creio que o pior acabou. Agora, puseram em cima dos postes umas bases onde colocaram cabeças de cera, para acertarem-nas com setas.

As senhoras retomaram a conversa e foi exatamente o tempo que durou o jogo de dardos, executado com perícia por um esquadrão de cavaleiros, que Beckford teve para se recompor da carnificina anterior. E ainda bem, porque precisou de todo o seu sangue-frio para não ficar com o estômago mal, pois a tourada era dupla, em primeiro lugar na portuguesa, com cavaleiros e toureiro, em segundo, à espanhola, com picadores e espadas. No meio houve um intervalo, com balões que se encheram com fumo de palha, um com a forma de um picador a cavalo, o outro, de um touro em posição de ataque. Dois homens, puxando as cordas, faziam com que as figuras se aproximassem, simulando a “tourada aérea” que foi anunciada durante toda a semana e que, pelo menos, divertiu o público. Ninguém da comitiva podia partir até que o camarote real ficasse deserto, e William não conseguia entender como a mulher dos seus sonhos retorcia o lenço com frenesi e dava uns gritinhos de contentamento a cada vez que espetavam um ferro no touro.

Carlota Joaquina parecia não se importar com os cavalos estripados que se esvaíam em sangue e chamava da plateia nomes pouco dignos, por manifestar o seu desagrado pelo sofrimento que infligiam aos animais que perseguiram. A tourada parecia um divertimento tão absorvente para Eugênia que quase nem dava pela companhia de William. Quando ele queria começar alguma conversa para se distrair do horrível espetáculo, ela dizia-lhe “depois, depois”, sem tirar os olhos da arena.

Foi um homem precisando de um passeio junto ao rio para limpar as narinas dos cheiros que o deixaram agoniado que se despediu de Eugênia e dos príncipes, tendo de agradecer o convite como se fosse o melhor que lhe tivessem feito nos últimos tempos e ainda de ouvir do regente uma graça brejeira sobre o seu ar enjoado.

“Não há dúvida de que tudo tem o seu lado mau, até a mulher que amamos”, pensou Beckford, tentando abrir caminho por entre as centenas de pessoas que saíam ao mesmo tempo do recinto.

A brisa da noite refrescou-lhe o rosto e também as ideias, porque se lembrou de que não tinha dito nada a Eugênia dos móveis, tecidos e algumas coisas para redecorar a sua casa que mandara vir da Itália e da França e tinham saído da alfândega nessa mesma manhã. Gostaria que ela estivesse presente quando fizesse as modificações, para ouvir a sua opinião e compreender também se concordavam dos mesmos gostos.

Absorto imaginando o melhor lugar para uma cômoda francesa, não se deu conta de que um vulto se aproximava dele brandindo um varapau, provavelmente para o deitar ao chão e o roubar. A sua estatura serviu-lhe de proteção, porque o golpe só lhe atingiu um ombro e, ao virar-se para se defender, o agressor assustou-se e desatou a correr com medo da represália. Furioso com o que lhe acontecera, voltou atrás para denunciar a tentativa de assalto. Parecia que o perseguiam, porque poucos dias antes um ferrador o roubou alguns cavalos e não havia maneira de os reaver.

Da próxima vez que se encontrasse com o marquês de Marialva, ia lhe pedir que intercedesse por ele junto de Pina Manique, porque sabia que estava ocupado com assuntos mais graves, ainda que, se tinha tempo para escrever decretos sobre a moda francesa indecente que fazia furor em Lisboa, e ninguém acatava, também podia mandar algum dos seus agentes saber onde paravam as suas montadas.

Beckford estava convencido de que, se fosse súdito da coroa portuguesa e, melhor ainda, possuísse um título de nobreza, seria certamente tratado com maior consideração, até pelo próprio intendente Manique.

Em tempos tinham lhe negado essa mercê, provavelmente por não ter usado o meio mais convincente, bem pelo contrário: não tinha tido uma ideia muito feliz ao oferecer à rainha D. Maria uns castiçais em ouro, que foram devolvidos com uma carta de agradecimento em que lembravam com muito tato que a coroa não podia aceitar um presente tão valioso. Segundo

William, a corte não entendeu que para ele nada tinha um preço elevado e que esses objetos preciosos haviam sido imaginados para ser usados nos grandes palácios.

Durante a volta para a sua casa, depois do assalto, meditou sobre a maneira de ganhar as boas graças da princesa espanhola – para ser mais fácil obter o direito de usar um brasão de conde – e chegou a pensar num presente magnífico: a Quinta do Ramalhão. Ainda que Carlota Joaquina gostasse muito daquele lugar e estivesse disposta a aceitar a oferenda, o seu real marido teve uma opinião contrária e decidiu comprar a propriedade, o que se efetuou pouco tempo depois. Mas do título, nada. Ninguém abordava o tema, como se a sua carta lacrada nunca tivesse chegado a despacho e a única vez que perguntou a um dos poucos bons amigos que lhe restavam qual seria a melhor atitude a tomar foi aconselhado a esquecer o caso. Quando os monarcas queriam agradecer alguém, não precisavam ser lembrados.

A bastarda



Enquanto Eugênia Maria alisava o cobertor e o encaixava entre o colchão e a madeira só com a mão direita, como se fosse um gesto repetido que não servia para nada, apenas para distrair a sua atenção com alguma coisa, Isabel perguntou de repente:

– A sua mãe nunca se apaixonou por ninguém?

Pega assim desprevenida, balbuciou um sim.

– Por quem?

– Não, quis dizer não e saiu um sim, estava pensando em outra coisa.

– Em todos os romances que leio as mulheres se apaixonam. Eu não sei o que é isso, mas se eu fosse casar seria com quem amasse.

– Os tempos são outros. Eu aprendi a gostar do seu pai depois de casada e sempre nos demos bem.

– Eu sei. Quero é saber da avó Eugênia, parece impossível, com o que me conta dela e dos seus muitos pretendentes, que não tenha gostado de nenhum.

– Se gostou, nunca me disse. Uma senhora não fala dessas coisas.

– É. Há temas que nunca foram admitidos lá em casa.

– É verdade...

O decisivo “não”



No preciso momento em que Eugênia subiu para a carruagem, uma apreensão do tamanho de um casulo cresceu até se transformar num formigueiro na boca do estômago, invadindo-a de súbito sem que percebesse a razão. Embora não pudesse falar mais do que numa amizade, porque nenhum deles tinha ido além de sondar os sentimentos do outro, queria pedir a bênção ao pai, para que William pudesse fazer a corte sem precisar esconder a inclinação que em cada encontro os unia um pouco mais. Ao se aproximar do palácio do Bomsucesso, a impaciência pelo momento que imaginava ser de grande alegria, porque o pai sempre quis vê-la casada, foi esmorecendo a cada solavanco que a sacudia no assento. Mais tarde, diante do portão que se abria, pareceu não estar muito segura da reação paterna e lamentou não ter se lembrado de, primeiro, se confessar ao seu irmão Gregório, para que a aconselhasse sobre a melhor maneira de abordar o assunto.

O pai recebeu-a na pequena sala, de pé, vestido com o roupão de seda que usava para estar em casa, e Eugênia deduziu – pela cova na almofada azul da poltrona e porque não viu qualquer livro nem nada que o estivesse entretendo sobre a mesinha de embutidos junto à janela – que tinha estado sentado à sua espera, sem fazer nada.

Rodrigo deu as boas-vindas com o mesmo carinho de sempre, ainda que achasse graça do ar de circunstância que se desenhava nos cantos da boca da filha e na maneira de empinar o queixo, perguntando-lhe a que se devia a insólita visita a horas que não eram habituais e, ainda por cima, anunciada por uma carta que recebera na véspera. Tanta cerimônia por parte da filha fazia-o temer, não diria o pior, a palavra era muito forte, mas pelo menos algo de grave.

Depois de umas frases que lhe serviram para procurar as palavras que tinha ensaiado no seu quarto durante a manhã, Eugênia começou a revelar o motivo da sua presença.

– Disse Lord Beckford?

– Sim, meu pai, ele mesmo – assentiu Eugênia, orgulhosa.

– Desde quando é lorde alguém que não possui um único título?

– Eu pensei, senhor...

– Pois pensou muito mal!

Eugênia, tentando suavizar a tormenta que viu se formar imediatamente nas sobrancelhas do pai, contou da sinceridade das primeiras conversas que tinham tido, dos bons propósitos, da vantagem de William possuir uma das maiores fortunas da Inglaterra e, por isso mesmo, não fazer questão de receber um dote. A última frase, longe de o acalmar, pareceu ter lhe provocado uma fúria maior do que qualquer um dos dois imaginara.

– Um protestante! De quem se desconfia ter vindo espiar a nossa corte para informar o seu governo sobre o rumo que tomava Portugal, depois da loucura da rainha. Além de uma coisa muitíssimo mais grave, da qual não posso aqui falar por ser um assunto pouco próprio para os ouvidos de uma mulher. Será possível que uma filha minha, que deu sempre provas de ser inteligente e teve o exemplo do que é a decência, se deixar enganar com um discurso de vendedor de feira? É a esse homem que tem a intenção de pensar que alguma vez poderei consentir que una o nosso nome?

Por entre as lágrimas, que caíam dos olhos abertos de espanto, porque nunca viu o pai nesse estado, Eugênia seguiu os seus passos de um lado para o outro da sala e reparou nos braços tensos de raiva e nos punhos fechados. Quando passou ao seu lado, não resistiu em cair de joelhos e pegar sua mão para levá-la aos lábios. Ficaram na mesma posição durante alguns segundos, que pareceram eternos, até que o pai, segurando-a com firmeza, a ajudou a se sentar outra vez.

– Comporte-se como uma senhora – disse com uma voz que queria parecer seca, sem emoção.

Eugênia, depois de enxugar as lágrimas e com o coração feito em pedaços, pediu a bênção ao pai, antes de se retirar, não para se casar com o único homem que a fez imaginar o que poderia ser a felicidade terrena, mas para ter pelo menos a alegria de continuar a ser a filha predileta.

Na volta ao Paço, que a seu pedido se fez o mais lentamente que os cavalos conseguiam, pensou como poderia ter explicado ao pai que tudo o que ele via de mal em William era o que mais a seduzia: as dúvidas religiosas, a dificuldade de saber ao certo o sexo que o atraía, o tormento da sua alma, a cultura que a esmagava porque transformava qualquer coisa em tema de interesse, a facilidade com que compunha música ou desenhava o projeto de uma casa. Tudo isso não passaria de qualidades que ela apreciava, se ele não a fizesse se sentir escolhida entre muitas, vitoriosa em todos os sentidos, preferida à prima, ao primo, às outras mulheres e aos meninos. Sentia-se capaz de redimi-lo. E contra essa sensação de triunfo não havia argumentos, mesmo que em algum nível mais profundo uma voz, abafada pelas razões reais ou inventadas que contrapunha à razão, repetisse que alguma coisa de errado havia nesses sentimentos.

Seria pecado ser assim tão amada? Ou talvez o seu pai estivesse certo quando lhe disse que a sua inexperiência a fazia não ver o óbvio. Que era então o que a confundia ao vê-lo? E o que fazia a sua pele arrepiar quando muito de leve ele tocava o seu braço? Poderia ela sentir o que ele não sentia?

Ao chegar, pediu licença para se retirar aos seus aposentos, e ninguém lhe perguntou o porquê. Todas as damas sabiam o que Eugênia e William tentavam esconder com alguma ingenuidade, pois não havia ninguém que conseguisse disfarçar uma atração, quanto mais se os protagonistas eram pessoas que despertavam tantas atenções.

Já no seu quarto, apesar de uma dor que a sufocava, Eugênia sentiu-se no dever de pensar na melhor maneira de dizer a Beckford, sem o ferir, que o pai nem consentia que ele se atrevesse a lhe pedir audiência. Se havia uma coisa que ela não desejava era ser a causa de uma nova afronta, pobre William, já tinha tido tantas! Esse amor – que, por ser proibido, tomara proporções gigantescas na sua cabeça – acabava sem sequer ter começado, porque no total tinham se visto umas dez vezes.

O melhor, pensou, era dizer-lhe no próximo encontro toda a verdade, omitindo as opiniões pessoais do seu pai, porque não valia a pena, além de defraudar as suas esperanças, criar mais motivos para atormentá-lo. Que era estrangeiro, estava certo, protestante, também, o resto não precisava fazer parte dos argumentos, além do mais a vontade de um pai não se discutia, nem em Portugal nem na Inglaterra.

E, ajoelhando-se diante do oratório, queixou-se:

– Ai! Minha madrinha, Nossa Senhora, por que me faz sofrer tanto?

A madrinha



*O*ra me invoca para afastá-la do homem que altera os seus sentidos, ora me pede que não a faça sofrer. Se não tivesse eu sido mulher antes de ser santa, teria razões suficientes para me ofender e virar as costas. O trabalho que me deu interferir nos humores do pai – pensei, por momentos, que fosse paralisar –, para que a minha afilhada não o convencesse com argumentos que o demônio estava prestes a lhe fornecer. Que bem o vi saltitar ao pé da carruagem que a levava ao palácio paterno, com a jovialidade de quem está tramando uma patifaria. Agora o caso está arrumado. Lamento pelos dois. Ninguém gosta de ver infelizes as pessoas que estima.

A renúncia



A medida que contava a William a conversa que teve com o pai – com palavras cem vezes pensadas e escolhidas entre tantos sinônimos, para que o mesmo sentido pudesse ser entendido de uma maneira menos crua –, Eugênia via o rosto do homem a quem prometera amor eterno mudar da surpresa para a consternação e, finalmente, o seu torso curvar-se ao levar as mãos ao rosto depois de fazer o gesto, que ficou suspenso no ar, de implorar. Nada doía mais do que esse sofrimento que provocava, mesmo se a única coisa de que podia ser acusada fosse de obediência. Mas havia maneira de diminuir o mal que causava, se até os rodeios acabavam resultando na mesma verdade incontornável – que era a de acabar com uma vida em comum, sonhada tantas vezes na solidão dos quartos –, cortando de uma vez só a tesourada os projetos que tinham alinhavado durante os meses que durou o namoro secreto?

Eugênia adivinhava, pela ironia cruel das poucas frases que William proferiu, que, além do amor que provavelmente sentia por ela, crescia nele uma raiva pelo vexame de se sentir recusado pelo oitavo filho do marquês de Marialva, quando o próprio marquês novo, poucos anos antes, havia lhe oferecido a mão da sua filha mais velha.

Quem era esse fidalgo de convicções tão certas, dono de uma verdade que não partilhavam todos, para humilhá-lo através de outra pessoa? Que orgulho estúpido o levava a privar uma filha sem dote de fazer uma vida de rainha, como nenhum nobre em Portugal nem o mesmíssimo príncipe regente se podia dar ao luxo de ter? Pensava nisso enquanto acompanhava Eugênia até a saída do jardim botânico da Ajuda, onde os dois tinham combinado de se encontrar para poderem falar a sós. Não permitiria que essa fosse a sua última palavra, recorreria a quem estivesse em posição de

ajudá-lo. Que não pensasse esse fidalgo de pouco valor que iria lhe dar um não como resposta!

Depois de deixar Eugênia a uma prudente distância da entrada, onde a esperava o escudeiro sem o qual nenhuma dama se deslocava fora de casa, dirigiu-se rapidamente para o palácio do marquês novo de Marialva, seu amigo, e disse ao pajem que abriu a porta que queria falar com ele.

– O senhor marquês ainda não saiu dos seus aposentos.

– Faça o favor de me anunciar, sou William Beckford, é urgente que eu fale com sua excelência.

– Por aqui, Lord Beckford.

A prontidão com que foi recebido não significava que o marquês novo o apoiasse incondicionalmente, como quis crer William enquanto seguia o pajem com o seu passo ágil. O anfitrião recebeu-o com o afeto de sempre, mas Beckford sentiu a recusa que, sem escolher tanto as palavras como a sobrinha, lhe opunha contra todos os argumentos. Ao contrário do seu irmão Rodrigo, cujas razões não partilhava, não se referiu a sua religião nem a sua origem britânica, e ainda menos a vida boêmia e quase libertina que levava. O não desta vez parecia nascer de causas mais profundas, que nada tinham a ver com posturas obtusas e que William não conseguia desvendar, porque era com uma vontade férrea de fazê-lo desistir do seu intento que Marialva falava das suas obrigações para com as filhas e as obras por concluir no castelo de família, da provável carreira na Inglaterra, enfim... Um mar de deveres que o fariam afastar-se de Portugal, se não para sempre, pelo menos por algum tempo.

– E se eu pedisse apoio ao príncipe regente? – perguntou William, à beira do desespero.

– Era a última coisa que eu faria no seu lugar. A amizade que nos une me obriga a revelar algo que ninguém diz, mas que todos os homens da corte dão por certo, menos o pai de Eugênia, que sempre viveu num mundo de fantasias: o príncipe se interessa especialmente pela minha sobrinha.

– O que o leva a dizer tamanha...?

– Sente-se, William, e tente acalmar os ânimos. D. João nunca se mostrou atencioso com nenhuma dama da corte a ponto de segui-la com o olhar, de aparecer onde ela se encontra, de não adormecer quando ela dança, e outros tantos detalhes que não escapam a quem o conhece tão bem como eu. Por isso nada posso fazer. Acredite que a amizade que sempre tive por você

continua intacta, e tenho pena de que não seja possível estreitar ainda mais esses laços com um casamento, para mim era a certeza de que não perderia nunca um bom amigo. – Entre confuso e emocionado pela demonstração de apreço do marquês, Beckford conseguiu ainda perguntar se Eugênia sabia. – Ninguém vai dizer e ela está muito longe de imaginar, por enquanto só tem olhos para você.

Misturaram os brilhos das vestimentas num abraço, que se prolongou durante alguns segundos, e depois dirigiram-se juntos à biblioteca, onde aguardaram que viessem anunciar que o jantar estava servido, conversando de coisas tão triviais como os problemas de saúde do bicho-da-seda ou as rugas do castrado Farinelli, que já não fascinava ninguém com o seu canto.

Entretanto, Eugênia, que não partiu logo do jardim, sentou-se num banco de pedra diante da fonte aonde vinham em voos rasantes beber água as andorinhas, sem conseguir reunir forças para se levantar e voltar ao palácio. Sentia as pernas perderem o aprumo, como se a tristeza tivesse se transformado num peso parecido com as argolas de ferro dos condenados. O sol a animou um pouco e, com um suspiro que foi quase um “ai” que se descolou das entranhas, conseguiu se pôr de pé, puxar o capote preto sobre os ombros e tapar com o capuz a cabeça e o rosto para que ninguém a reconhecesse, ou para que, se alguém conseguisse identificá-la pela silhueta, respeitasse o anonimato a que o uso do capote obrigava.

Deixou o jardim e começou a descer a rua, tentando encontrar uma sombra entre as laranjeiras e as oliveiras ressecadas, e mais uma vez esteve de acordo com o seu amado escritor, que não entendia como uma cidade onde o calor chegava a ser sufocante não tivesse passeios com árvores frondosas que ajudassem a refrescar as pessoas que andavam neles. Pediu ao seu escudeiro que chamasse a carruagem, que veio ao seu encontro, e mandou-o seguir para o palácio do Bomsucesso, onde tencionava chorar todas as lágrimas que guardou no corpo, para que o pai tivesse a noção do sacrifício a que a obrigava. Se o pai percebeu, não disse nada, porque, ao descer da carruagem, Eugênia viu que ele tinha pronta a bagagem e os cães para ir a uma caçada, e tal era o alvoroço e o barulho dos animais, contagiados pela excitação do dono, que Eugênia apenas teve tempo de lhe dizer que o que tinha a fazer já estava feito. O pai passou a mão pelo seu rosto numa carícia fugaz, mais interessado em acertar o pé no estribo do

que em ouvir conversas sobre assuntos que, para ele, faziam já parte do passado.

Saíram ao mesmo tempo, pois de nada lhe servia chorar sozinha numa sala vazia, com o pai a quilômetros de distância, preocupado apenas em fazer pontaria ao animal mais bonito que encontrasse na mata. Pediu que a deixassem no terreiro, junto ao rio, aproveitando o uso do capote para se conceder um luxo ao qual nunca tivera direito: andar sozinha pelas tendas dos comerciantes. O rio Tejo estava calmo e nas suas águas apenas balançavam algumas barcas, que se aproximavam ou se afastavam da margem; na rua, os aguadeiros e as vendedoras anunciavam o que tinham para oferecer e os gritos misturavam-se com o palavreado de um marinheiro rodeado por alguns curiosos. Eugênia não sabia por que tinha ido, assim sozinha, se misturar com gente que lhe era estranha, cheirar aromas de doces e de amêndoas torradas, misturados com odores acres dos restos que se amontoavam nos cantos da parte superior da lona. Numa tenda de madeira, arrumados sobre uma mesa, havia uns quantos livros que não eram novos mas que se via estarem cuidados, até pela perfeição com que o vendedor passava um pano para tirar o pó que o vento deixava assentar ao fim da tarde.

Foi ali que encontrou, sem procurar, um folheto, quase um pequeno livro, sobre a vida de Santo Antônio, de quem William curiosamente era devoto. Algo para lhe oferecer, uma recordação que o fizesse se lembrar dela cada vez que o pegasse, era isso o que queria. Perguntou o preço e o vendedor falou com uns ss arrastados e os gestos lentos dos meticolosos. Primeiro felicitou-a pela escolha, que segundo ele não podia ter sido melhor, pois tratava-se certamente de um favor gentil, para alguém de gostos refinados.

– Repare vossa mercê nas iluminuras das iniciais e nas fitas de seda em tom de azul a servir de marca, esta pequena biografia é uma pérola.

– Ainda não me disse o preço.

– Certo, certo – respondeu o homem enquanto tentava avaliar rapidamente a posição social da cliente, calculando com os olhos a bolsa de veludo que estava na mão de Eugênia. – Digamos que, para vossa mercê, vejo que é uma dama e que aprecia as coisas delicadas, e porque me dá gosto que os meus clientes sejam de categoria, vendo por dois....

– Aqui tem a quantia. Boa tarde e obrigada.

Uns minutos depois, ao levantar a cabeça para guardar melhor um livro numa prateleira que servia de estante, o vendedor reconheceu a silhueta de Eugênia, que se dirigia para a porta do Paço com a desenvoltura de quem a atravessara muitas vezes e lamentou não ter lhe pedido o dobro. Sabia lá ela o que custava ganhar a vida!

A bastarda



Mãe e filha não se cansavam de olhar o mar e muitas vezes comungavam desse prazer em silêncio, outras, parecia que a vista as incentivava a falar.

– A avó Eugênia tinha amigas, como nós?

– Muitas mais. No Paço estava sempre com outras damas que rodeavam a então princesa Carlota Joaquina.

– Você conheceu alguma?

– Quase nenhuma. Só quando me casei com o seu pai é que passei a viver em Lisboa e a maioria delas já devia ter morrido.

– É por isso que nunca me fala de nenhuma?

– Agora que me pergunta, acho que a sua avó raramente falava das pessoas que conhecia na corte. Só das que fizeram parte da família, como se a sua memória tivesse registrado algumas e esquecido outras.

Afastamento



Durante algumas semanas Eugênia não encontrou Beckford, fosse em reuniões, na missa ou no teatro, parecia que a evitava; ele que antes, quando a ânsia de estar com ela ultrapassava qualquer impedimento, arranjava um jeito de ser convidado ou de ser levado por alguém, para poder vê-la nem que fosse um minuto. Soube, através das conversas das damas de companhia, que a princesa Carlota Joaquina ia comprar a quinta do Ramalhão – que William quisera lhe oferecer mas que o príncipe regente achara melhor a princesa não aceitar –, pagando do bolso real o capricho da mulher. Antes de se decidir, D. João pesou os prós e os contras de uma despesa que não estava nos seus planos, pois gostava mais de somar do que de subtrair, achando toda e qualquer compra um esbanjamento de dinheiro, a ponto de, quando a sua roupa se rasgava, pensar que não valia a pena encomendar uma nova peça se aquela pudesse ter conserto. Mas a balança pendeu para os “gastos”, pois no outro prato pesava a sua tranquilidade, ou seja, contabilizava os dias em que podia ter sossego, que era uma espécie de trégua na guerra acesa que tinha declarado a princesa, de quem acumulava cada dia mais queixas, não sabendo a que santo se encomendar, porque o sogro, ao receber as cartas em que lhe contava as suas desgraças, respondia-lhe com evasivas régias e aconselhava-o a seguir o seu exemplo de paciência.

A ironia da compra da quinta residia em que Eugênia ia passar provavelmente algumas temporadas com as outras damas de companhia na casa onde deveria ter entrado como dona e senhora. O pior era que essa venda confirmava a suspeita de que William voltava para a Inglaterra, afastando-se, assim, dela e de uma corte que nem o aceitava nem o rejeitava, embora nela conservasse alguns amigos que nunca lhe retiraram o apoio e com quem partilhava mais afinidades literárias e musicais. Decidiu

então lhe escrever uma carta, onde pedia que não guardasse rancor, porque ela era tão culpada quanto ele, ou seja, eram os dois inocentes e deviam submeter-se à vontade alheia.

Beckford não teve coragem para lhe explicar a verdadeira razão pela qual temia se encontrar com ela. Não era só porque a presença de Eugênia reavivava os sentimentos que tentava abafar, mas também porque a semelhança física dela com a sua mulher lhe inspirava uma vontade de protegê-la contra todas as coisas más que a espreitavam, e sentia-se impotente diante das revelações que lhe fizera o seu amigo Marialva. Sabia-a tão frágil atrás dessa armadura de segurança e rebeldia que não imaginava um modo de encará-la. De qualquer maneira, ela não podia suspeitar dos sentimentos do príncipe regente, pois havia ainda a esperança de não ser mais do que um desejo passageiro, que podia nunca se concretizar. Era conhecido o horror ao escândalo de D. João, e muitas vezes havia no seu rosto invulgar (porque ninguém se atreveria a dizer que fosse belo) uma expressão de mansidão, que dava a William a esperança de o futuro de Eugênia não ser tão cinzento.

Pensou em responder à carta de dez maneiras diferentes, mas todas as frases que escreveu soaram falsas, temendo que ela pudesse ler nas entrelinhas o que o preocupava. Por fim, decidiu que, fazendo uso da sua veia teatral, podia representar com mais facilidade o papel que escolhesse para a ocasião, conseguindo assim dissimular na personagem os sentimentos que o revoltavam. A igreja era um bom lugar para se encontrar com Eugênia sem sobressaltos. O recolhimento e a paz que emanavam dela quando rezava iriam apaziguá-lo, que bem precisava, pois tinha os nervos à flor da pele.

Escolheu o momento em que ela estava ajoelhada com a cabeça baixa, apoiando o queixo nas mãos juntas como querendo concentrar-se nos mistérios que o padre recitava em latim. Deslizou pela parede escura da nave lateral e encostou-se à coluna mais próxima do altar, de maneira que Eugênia pudesse vê-lo se em algum momento virasse ligeiramente a cabeça para o lado esquerdo. A frescura da pedra reconfortou-o. Sentia um calor invulgar, como se algo o aquecesse por dentro, nesse fim de primavera onde tudo parecia murchar em vez de florescer. Sem se fazer notar, estudou o perfil da mulher que o impediam de amar, percorreu as linhas suaves do seu rosto, a curva do ombro, a covinha do pescoço, e o olhar ficou uns instantes

preso nas mãos compridas que imploravam só Deus sabia o quê. Num momento, Eugênia ficou de pé, ajeitou o vestido e, nesse gesto impreciso, virou a cabeça e encontrou o olhar de William, que a saudou ao uso árabe para poder, com um movimento da mão, conseguir exprimir o que não devia dizer nesse lugar sagrado. William ainda estava sob o fascínio da sua imagem recortada na sombra e subitamente lembrou-se do seu propósito de representar para ela, e não de desvendar, como esteve tentado a fazer num minuto, a trama que iria envolvê-la e da qual ninguém poderia protegê-la.

No final da missa, se cruzaram no portão de saída e desceram a escadaria com a desenvoltura das pessoas que nenhuma paixão ligava, e ela pediu que ele não a deixasse de ver enquanto estivesse em Portugal.

– Posso saber a data da sua partida?

– Ainda não sei, recebi uma carta informando-me de que as obras de reconstrução da minha casa em Font Hill estão muito atrasadas e preciso que estejam prontas em dezembro, pois espero a visita do meu tio William Hamilton, que vem com a sua segunda mulher, Emma, acompanhado pelo homem mais famoso da Inglaterra neste momento, o almirante Nelson. Como imagina, não posso fazer a afronta de recebê-los no meio do entulho.

– Entendo muito bem, mas ainda não me disse quando pensa voltar.

– No próximo mês, em julho. É o melhor para os dois.

– Faz parte dos seus planos uma nova viagem a Lisboa?

– Não creio que volte. O que me ligava a este país, onde me senti muitas vezes mais em casa do que no meu, deixou de existir ou de fazer sentido, as raízes que sonhei poder criar me foram negadas e parece que tudo joga a meu desfavor, como se a mão do destino me empurrasse para fora de Portugal, por alguma razão que desconheço.

– Não é o único descontente com o rumo que a sua vida toma.

Por um momento uma ideia louca cruzou a sua mente, levar Eugênia dali, raptá-la, viver para fazê-la feliz... Por quanto tempo? Contra que forças deveria lutar, porque não era só o problema diplomático entre os dois reinos que iria levantar, mas também os seus demônios interiores: saberia resistir à tentação de se apaixonar novamente por um jovem ou se perder de amores por uma mulher fácil e, pior ainda, conseguiria dominar o seu mau gênio?

Colocando o pé no último degrau, mergulhou no olhar límpido de Eugênia e voltou à realidade com um sorriso compungido de comediante,

assegurando que a procuraria novamente, pelo menos duas ou três vezes antes da sua partida.

Eugênia sentiu que de alguma forma ele mentia, algo forçado no tom da voz, num gesto mais teatral, nos olhos que se esquivavam dos seus quando o fixava, no suor da sua mão quando roçou a dela. Esconder o quê e por quê?

O resto do dia passou com uma moleza no corpo e o mesmo peso nas pernas, que a mortificavam nas últimas semanas; não era do calor, sabia muito bem, pois tinha suportado no Brasil temperaturas mais altas. Era como se cada subida em alguns degraus tivesse se transformado numa escalada ao cume de uma montanha. Enquanto a sua cabeça não parava de pensar nas mesmas coisas, a desobediência do seu corpo irritava-a, por ter vontade própria ou, melhor, vontade de coisa nenhuma. Ou adormecia horas descabidas em qualquer poltrona do palácio, ou não conseguia conciliar o sono deitada na cama. Algumas noites, ao toque das quatro da manhã, depois de rezar vários terços, o cansaço a vencia.

William parecia evitá-la e, mesmo que as outras damas de companhia tentassem alegrá-la, só conseguiam que ela se arrastasse para saraus e festas levada pelo impulso de poder vê-lo, nem que fosse no meio da multidão. Esse esforço, contudo, não era compensado, Beckford preparava a sua volta à Inglaterra com tanto empenho que não lhe sobrava tempo para futilidades, pelo menos era o que murmurava a corte, para quem a partida do escritor não passava de um *fait-divers*.²

Ainda que para Eugênia os dias parecessem eternos, julho chegou à mesma velocidade dos outros anos. Um dia recebeu um convite num envelope lacrado, escrito pela camareira-mor da princesa Carlota Joaquina, dizendo que organizava uma ceia nos seus aposentos para que Lord Beckford pudesse se despedir das pessoas que eram mais chegadas, dois dias antes da sua partida, e contava com a sua presença. Não era realmente um convite, parecia mais uma ordem à qual não podia desobedecer. Para quê vê-lo pela última vez, rodeada de pessoas a quem devia respeito, e fingir que ele não passava de um simples conhecido? Obrigar-se a conversas de salão, quando a única coisa que desejava era banhar com as suas lágrimas as mãos do seu único amor? Poderia ter pensado que era uma partida de mau gosto, se não conhecesse a seriedade e a amizade que sempre demonstrara a anfitriã a William. Não tinha um momento a perder, a

dama de companhia esperava a resposta que devia entregar sem demora. Numa letra que tentava parecer escrita por um pulso firme, agradeceu e comprometeu-se a chegar na hora indicada.

Ao fechar a porta do seu quarto, a primeira reação que teve foi cair sentada na cadeira e chorar, mas, com uma força que vinha sabe Deus de onde, conseguiu dominar-se para não aparecer com os olhos inchados como um sapo depois de algumas horas, porque não lhe deram mais tempo do que o necessário para se arrumar. Chamou a sua criada para mudar de vestido e se pentear, disfarçando com pó de arroz e um pouco de carmim a palidez da cara; e, para que não notassem o tremor das mãos, segurou numa o leque e na outra uma bolsinha de seda, onde, no último momento, se lembrou de pôr o livro da vida de Santo Antônio que comprara para oferecer a William como presente de despedida.

Nos aposentos da camareira-mor havia uma quantidade enorme de velas espalhadas por todas as mesas, eram tantas que, a princípio, não a deixavam ver quem tinha chegado antes dela, mas reconheceu logo na sombra alta ao fundo da sala a figura de Beckford, que se virou para olhar para ela como se tivesse adivinhado a sua presença. Não conseguiram resistir à atração que os levou a se aproximarem um do outro, sabendo ambos que era a última oportunidade que a vida dava de entrelaçarem os dedos num silencioso adeus, antes de fingirem que o encontro era ocasional e que nada os unia senão a boa mesa e a conversa rápida. Antes de Beckford ir cumprimentar outras pessoas, Eugênia tirou da sua bolsinha o livro e lhe entregou sem uma palavra. Colocara entre duas páginas uma folha onde escrevera quatro frases curtas que resumiam a tristeza que a assolava como uma doença e o juramento de que o seu coração nunca pertenceria a mais ninguém enquanto fosse viva. William guardou-o no casaco, sabendo de antemão que essa lembrança o acompanharia até o dia da sua morte.

Os criados e os pajens, vestidos com ricos uniformes, entraram uns atrás dos outros, segurando os pratos preparados numa pequena cozinha perto dos apartamentos da princesa, onde a maioria das coisas eram de prata, até os utensílios. A variedade de cores e de cheiros, anunciando os diferentes temperos, deixara os convidados admirados e, com a pressa que a etiqueta permitia, foram se aproximando da mesa. Eugênia e William não ficaram frente a frente, mas suficientemente perto para trocarem algumas palavras e se dizerem mil coisas com os olhos. A ceia – que se desenrolou com a

alegria de uma festa de anos – parecia não tirar o apetite a Beckford, que sempre foi bom de garfo; enquanto Eugênia tinha tanta dificuldade em engolir cada coisa que até o manjar branco, o seu doce preferido feito à base de leite, parecia ficar entalado na garganta e só com vários goles de água conseguiu fazê-lo descer.

Depois vieram as cantigas e pediram a Eugênia que, com aquele seu dom especial para cantar, deliciasse os presentes com a sua voz. Concordou de boa vontade porque sabia que, apesar da emoção, a voz não iria falhar. Escolheu as canções preferidas de Beckford e, ao sentir o som sair sem tremores da garganta, percebeu que estava fechando uma etapa que começara quando William a surpreendera cantando uma cantiga para a princesa.

² Palavra francesa que significa, literalmente, fatos diversos. É também um jargão jornalístico que indica assuntos gerais. (N. da E.)

A bastarda



Pela janela aberta entrava a voz de uma mulher que cantarolava uma música em voga, e Isabel Maria tentou imitá-la sem êxito.

– Não zombe de mim, mãe!

– Não é nada disso, achei graça em ver que tem a mesma voz de gralha que eu.

– Nunca aprendeu a cantar?

– Para quê? Há dons com os quais se nasce e esse não foi dado a mim. A sua avó Eugênia é que cantava muito bem, quem a ouvia ficava enfeitiçada pelo seu timbre, por ser suave e potente ao mesmo tempo. Teve aulas desde muito nova, no Brasil, mas antes disso já cantava com a sua escrava Miló. Sabe? O que mais me fez falta depois da sua morte foi a sua voz. Ainda me lembro dela com saudade, tenho-a na cabeça como se estivesse ouvindo-a, mas sou incapaz de reproduzir. A minha mãe me contava que não havia reunião em que não lhe pedissem para cantar uma cantiga e, mesmo se por alguma razão não lhe apetecia, concordava sempre porque à medida que ia cantando sentia que se alegrava.

Casamentos



Foi com certo alívio que Eugênia assistiu à passagem do século, como se essa data deixasse para trás ou levasse com ela os acontecimentos mais marcantes, no mau sentido, que tinham sido a morte da sua mãe e a partida definitiva de William Beckford. Um período de dor do qual ainda não estava totalmente recomposta, mesmo se o corpo pesasse menos e o sono a vencesse a horas certas. Essa quase superstição não era partilhada por todos, porque o calendário inventado pelos homens para dividir o tempo em frações não era o mesmo que encaminhava o destino, que não se compadecia com datas e tanto faz se o ano fosse par ou ímpar, ou que mudasse o segundo algarismo para seguir o caminho traçado por desígnios divinos.

O seu dia a dia passou a estar menos preenchido por pequenos afazeres, porque os seus novos deveres de dama de companhia consistiam em assistir a princesa nas recepções da corte e em algumas cerimônias públicas. Ocupou esse lugar depois de William ter partido, ficando a dúvida se Carlota Joaquina lhe fizera a honra porque merecia ou para consolá-la. Outra novidade ocupou o pensamento e parte das suas horas disponíveis, dando uma grande alegria, pois o seu irmão Gregório, filho mais velho de Cavalleiros, ia se casar com uma dama da rainha chamada Francisca, viúva do conde da Cunha.

O casamento estava previsto para maio e o pai pediu a Eugênia para acompanhá-lo nas visitas a todas as casas senhoriais que estavam à venda em Lisboa, para dar também a sua opinião, porque as mulheres têm uma percepção melhor das comodidades de que um casal precisa. Acabaram se decidindo por um belo palácio da rua da Junqueira, que tinha a vantagem de não ficar longe da residência de Rodrigo. Começaram as negociações para a

compra da casa, mandada construir pelo patriarca Lázaro Leitão e desenhada por Carlos Mardel em 1718.

Rodrigo levou lá o filho Gregório e a futura nora, Francisca, para que conhecessem o palácio antes de assinar o contrato de compra, e eles ficaram maravilhados com a vista sobre o Tejo e, também, com o jardim e a igreja, enquanto o pai não deixava de ponderar as vantagens da quinta e das oficinas.

De onde provinha tanto dinheiro, assim repentinamente? De um decreto real.

As colheitas do ano tinham sido abundantes, a chuva caiu quando foi preciso, a geada não causou danos e o sol fez crescer os cereais no momento certo, por esses motivos a quinta de Cavalleiros, nos arredores de Guimarães, tinha os celeiros repletos de espigas e as terras, de frutos. Um senão acompanhava sempre a fartura: os preços desceram consideravelmente no Norte. Como se isso não bastasse, uma lei proibiu que os produtos da terra circulassem, devendo ser consumidos praticamente no lugar onde eram colhidos.

Rodrigo de Meneses fazia parte do Conselho de Sua Alteza Real e da sua real fazenda e continuava com o cargo de fiscal da princesa Carlota Joaquina. Depois de ponderar o assunto, achou por bem pedir um favor especial à coroa: que lhe fosse permitido colocar o produto da abundante colheita onde melhor o pudesse vender. A resposta não demorou a chegar e foi antes do jantar que partilhou a boa notícia com todos os filhos, lendo para eles o conteúdo da carta lacrada com o brasão régio:

Sua Alteza Real, o Príncipe Regente Nosso Senhor, por motivos particulares, permite-lhe uma especial graça. Todo o rendimento das suas propriedades pode seguir para onde e como quiser. Com atestações juradas e passadas pelos seus procuradores a declarar a terra para onde se dirigem, poder embarcar em Vila do Conde para qualquer parte do Reino, onde melhor lhe convier e melhor lhe possa reputar.

O decreto estendia-se a todas as propriedades dos senhores de Cavalleiros, desde as quintas do filho mais velho dos Machados, que pertenciam à justiça da vila de Ponte de Lima, até as de Penafiel, cujos

corregedores, procuradores e juizes deviam abrir alas à passagem das colheitas dos Meneses.

Das quintas saíram carros abarrotados de frutas frescas e secas, de grãos de todo tipo, que se dirigiram pesadamente – puxados por duas parelhas de bois cada um, para poderem suportar a carga – para o porto de Vila do Conde, onde embarcaram em pleno dia, como se a exportação de produtos agrícolas para outras regiões fosse a coisa mais natural do mundo, ainda que não ultrapassasse as fronteiras portuguesas, porque os carros foram descarregados em Lisboa.

O ouro encheu a arca da família, chegou para pagar o palácio da Junqueira e ainda sobrou para o que mais quisessem. Então, Rodrigo voltou a insistir junto de Eugênia para que escolhesse um marido entre os solteiros ou viúvos da corte, pois já tinha 25 anos e sem o problema do dote podia optar pelo pretendente que fosse mais do seu agrado. Foi com um certo desconsolo que ouviu a firmeza da filha ao dar uma resposta negativa e, mesmo sem ter mencionado o nome do maldito Beckford, percebeu que o único homem por quem Eugênia teria trocado a liberdade, mesmo sem ter a certeza de ser feliz, ainda não saiu do seu pensamento. Já passara um ano desde que ele voltara para a Inglaterra e Rodrigo sabia de fonte segura que nesse tempo todo não haviam trocado nem uma linha. Aliás, poucas cartas dele chegavam a Portugal e eram dirigidas aos raros amigos fiéis que lhe restavam. A corte inteira parecia ter se esquecido da sua passagem por Lisboa, com exceção de Eugênia, que só aparentemente parecia recuperada do desconsolo que lhe causara a separação. No entanto, quando o pai lhe falou em escolher marido, o seu olhar embaçou e os músculos do corpo contraíram-se subitamente, tendo sido essas as únicas demonstrações de que a ferida ainda não estava sarada.

O casamento de Gregório com Francisca, ambos da mesma idade, foi o acontecimento do verão, alegre e muito concorrido. Depois seguiram-se meses de lanches e serões, porque toda a corte queria ver a remodelação do palácio da Junqueira e a nova decoração. Menos social mas muito comovente foi a notícia de que Rodrigo ia ser finalmente avô. A sua filha Isabel estava grávida e, mesmo tendo uma saúde fraca, parecia que a maternidade lhe dava uma força interior que a ajudava a afastar todas as doenças.

Eugênia andava enternecida com o estado da irmã, que ainda via como uma menina frágil. Visitava-a com mais frequência e geralmente acompanhada da sua cunhada Francisca, de quem era amiga muito antes de esta se casar com o irmão, por passarem juntas a maior parte do tempo na corte. Entre as três escolheram os tecidos, indicando às bordadeiras quais eram os motivos que deviam fazer para os lençóis e quais os das camisas de cambraia, e insistiam também na leveza dos vestidos, porque a data prevista para o nascimento, pela contagem das luas, indicava o meio do verão.

Um frio, anormal para a época, trouxe catarro a alguns desatentos com as temperaturas e o mal alastrou-se pela cidade, chegando até a casa de Isabel, que, sem se saber bem como, foi a única que ficou doente. Uma tosse forte atacou-a e foi tratada com um xarope feito à base de rodela de beterraba, cobertas com duas colheres de açúcar e deixadas 24 horas numa taça. O incômodo persistiu durante quinze dias, e a família andava preocupada com as olheiras que se acentuavam e davam uma expressão estranha. Uma tarde, Eugênia notou-a apreensiva. A criança parecia dormir muito e Isabel não a sentia mexer desde a véspera. Também podia estar descansando dos sobressaltos da tosse e, no momento em que a mãe já estava quase recuperada, aproveitou para dormir mais. A parteira disse essa manhã que o bebê tinha se virado para baixo e a cabeça estava bem encaixada na bacia.

Uma semana depois, o marido mandou chamar Eugênia ao Paço, porque Isabel estava em trabalho de parto desde a madrugada e receava que algo de anormal acontecesse, pelo silêncio das mulheres que a assistiam, entrando e saindo do quarto com uma premência de catástrofe que lhe fazia temer o pior. Passado pouco tempo, a parteira apareceu na porta do quarto de Isabel com um menino morto embrulhado num lençol, prematuro mas mesmo assim perfeito em aparência, que devia estar sem vida havia uns dias e fora rejeitado pelo seu corpo, salvando-a de uma septicemia. Assim que Eugênia entrou, percebeu pelas lágrimas que caíam sem parar dos olhos da irmã que não saberia como consolá-la, tanto era o desânimo e a dor. Ainda que a sua juventude fizesse prever outras gravidezes, sentia que nada podia fazer para diminuir o desgosto de Isabel.

O enterro do sobrinho fez-se numa cerimônia muito íntima, em que o caixão branco foi transportado nos braços do criado mais velho da família, que o depositou no lugar cavado no chão da capela familiar com o cuidado com que se deita um bebê adormecido.

Outra morte entristeceu a corte pouco tempo depois, a de um menino com apenas 6 anos, o primeiro filho de D. João e Carlota Joaquina, o príncipe Antônio, no início de julho de 1801, poucos dias depois do nascimento da irmã, a infanta Isabel Maria. O luto sobrepôs-se ao desgosto pela perda de Olivença e de uma parte da Guiana, na guerra em que se envolveram Espanha, França e Inglaterra. Mas a situação provocou uma das maiores fúrias da filha do rei espanhola, que odiava o amante da mãe, Godoy – o príncipe da paz, comandante do exército invasor. O duque de Lafões, estando o país sem dinheiro para uma defesa à altura do inimigo, propôs àquele capitão-general que não se matassem entre irmãos para satisfazer a cobiça dos seus aliados, mas nada o afastou e cortou dois ramos de laranjeira, que mandou à rainha espanhola para que ela soubesse que a vitória estava próxima. D. João descarregou a sua impotência de rei pobre no velho duque e ordenou-lhe que nunca mais tratasse de assuntos de guerra. Lafões partiu entristecido para a sua quinta, de onde só saiu no dia em que morreu.

Um mês antes do fim desse ano, casou-se o outro irmão de Eugênia, Diogo, com Mariana, condessa da Louçã, e a felicidade pareceu voltar à família Meneses.

Quase na mesma altura, Carlota Joaquina, com a permissão do marido, criou a Real Ordem das Damas Nobres de Santa Isabel. O príncipe viu nessa ideia “o plausível motivo da Paz, e antiga Devoção que há nestes meus Reinos à Rainha Santa”. Provavelmente calculava que a mulher, que se tornou aos poucos a sua adversária, poderia ficar mais entretida com atos de beneficência e ajudando os desvalidos do que a conspirar contra ele todo o santo dia.

Enganava-se. O intuito da princesa era o de ter maior peso nos assuntos do reino, porque só a ela competia escolher as damas que iriam pertencer à Ordem e, ao ser um privilégio dado a poucas, teve como efeito que muitas senhoras da mais alta nobreza perdessem a cabeça e se desfizessem em simpatias e adulações, caindo na teia que astutamente Carlota Joaquina tecera em volta delas, ajudando-a a elevar a sua posição na corte ao mesmo nível que a do príncipe regente, porque só aos reis era permitido distribuir privilégios.

Com essa ocupação suplementar, e para esconder os seus amores clandestinos, precisava de alguém que se dedicasse a ela com uma

fidelidade absoluta, e Eugênia, pelo seu caráter reservado e porque esteve ao seu lado desde que chegou a Portugal, preenchia todos os requisitos. Assim, passou a ser a sua dama de confiança e tornou-se perita em levar e trazer recados sem levantar suspeitas, o que não era a tarefa que mais lhe agradava, mas não foi educada para recusar nada à sua princesa, que ainda por cima lhe relatava pormenores dos seus devaneios, como se contasse contos de fadas. Eugênia dissimulava com uma postura de estátua o mal-estar que lhe provocavam essas confidências e, cada dia que passava, sentia mais pena do príncipe João e respondia aos seus olhares com a mesma ternura que reservava aos necessitados.

Os bichos-da-seda



Tanto Carlota Joaquina como o príncipe João gostavam de passar temporadas em Mafra, onde ambos iam caçar na Tapada, mas nunca ao mesmo tempo. Ele aproveitava esses momentos para se afastar da mulher e não ver a maioria dos nobres da corte, de quem cada dia que passava mais desconfiava. Ela tinha razões diferentes, algumas menos próprias, outras de uma inocência quase irreal na sua pessoa. Apesar de ser magra e de ter o peito encovado (o que levava alguns médicos a pensar que era propensa a tuberculose), na realidade tinha uma vitalidade invejável. Tendo se espalhado entre os fidalgos o parecer dos doutores, alguns davam como certo que alguma doença pulmonar consumia os quilos que a fariam parecer mais saudável. Mas Carlota Joaquina não fazia caso dos diagnósticos e dedicava-se, com o mesmo empenho, a conspirar contra o marido, a ocupar-se da Ordem de Santa Isabel e dos filhos, que já eram cinco, sem deixar de caçar a cavalo nem de receber amantes nos seus aposentos e, como se isso não bastasse, ainda tratava de bichos-da-seda.

Nesses trabalhos manuais fazia-se acompanhar pelos infantes e algumas damas, poucas, e – para não se espalhar por todos os cantos do reino que no palácio de Mafra ela abrigava jovens frades de noite nos seus lençóis – escolhia-as com tento na língua, como Eugênia de Meneses. A princesa não só assistia à extração da seda, como também controlava o estado dos casulos e fiava na roda uma ou outra meada, enquanto os filhos se divertiam passeando pelos caminhos ladeados de amoreiras, e a terceira filha do rei, Maria Isabel, com quase 6 anos, aprendia a preparar alguns casulos.

Eugênia ficava mais alegre e descontraída nessas semanas, pois não precisava se fazer de pombo-correio para os encontros amorosos da sua ama, o que a aliviava muito, já que julgava que, com esse procedimento, mesmo sendo uma questão de obediência, estava traindo o seu príncipe.

Lamentava não poder partilhar esses dias felizes com o pai e os irmãos, de quem sentia sempre saudades, tão chegados eram uns aos outros, sobretudo depois da morte da mãe, que os unira ainda mais.

Enquanto as fiandeiras, nas suas rodas, chegavam a fazer meadas de 1.500 metros de fio de seda, Eugênia sentava-se algumas manhãs num banco de madeira e narrava contos populares ouvidos quando criança, sem saber ao certo de onde vinham ou quem os inventara, além de outras histórias, diferentes, que a negrinha Miló e a senhorita Felícia haviam lhe contado numa terra longínqua. Algumas eram tristes como a vida dos escravos, várias cheias de imagens exuberantes e ainda havia aquelas que não eram mais do que as suas experiências vividas no Brasil e que Eugênia descrevia tão bem que o ambiente parecia se encher com o cheiro das flores tropicais e o sabor das frutas exóticas. Na corte sem cerimônia que era a do príncipe João e de Carlota Joaquina, os infantes muitas vezes aproximavam-se e sentavam-se no chão para ouvirem embasbacados o rugido do puma, a descrição dos passeios e dos jogos, as viagens pelos mares imensos que um dia ficavam irritados, violentos, e no outro pareciam ter se cansado com o esforço da fúria e se aquietavam.

— Às vezes, a calma era tão grande — contava-lhes — que os ventos pareciam ter abandonado o mundo e o mar assemelhava-se a um lago. Com o passar dos dias, um cheiro fétido subia até o convés desde as entranhas do barco. A água das vasilhas ficava choca, a carne nas salgadeiras apodrecia e os biscoitos tornavam-se rançosos. Parecia o prenúncio da morte, mas nem sempre era o fim, por vezes um milagre salvava os viajantes. Mesmo os marinheiros que nunca tinham vivido essa experiência avistavam alguma embarcação percorrendo lentamente os mares como se fosse um navio fantasma, ficavam quietos e silenciosos até perderem-na de vista. O receio da calmaria era igual ao medo das grandes tempestades.

As fiandeiras ouviam em silêncio, sem pararem os seus gestos suaves para terem o privilégio de receber um prêmio estabelecido por alvará do príncipe, uma medalha que a própria Carlota Joaquina lhes punha ao peito, sem nenhuma etiqueta, rodeada do seu pequeno séquito; e quem visse a futura rainha nesses dias diria que os seus interesses se concentravam apenas no produto dos bichos-da-seda. Depois, como se tivesse dado por concluída uma fase do seu programa, decidia voltar a Lisboa e punha tudo e todos num rebuliço para que as carruagens saíssem lotadas de filhos, amas e

o resto da sua comitiva no dia e hora por ela indicados, deixando os que a rodeavam completamente exauridos com o seu dinamismo.

A primeira coisa que Eugênia fez ao voltar à cidade foi ir ao palácio do Bomsucesso beijar a mão do pai e, uma hora depois, começaram a aparecer os restantes membros da família, avisados pelos criados da chegada da irmã, e a tarde prolongou-se num serão como os de sempre, onde se misturaram novidades com lembranças dos tempos em que eram crianças e o riso se tornou fácil, contagiante. Já depois da ceia, o sono convenceu-os a se separarem, ou teriam ficado falando a noite inteira. Um a um, se despediram de Rodrigo e depois entre eles, partindo cada qual para a sua casa, e Eugênia voltou ao Paço com a alegria do reencontro estampada no rosto, adormecendo logo depois das orações, mal encostou a cabeça na almofada.

A madrinha



*J*á há algum tempo que não via a minha afilhada e, agora, ao olhá-la dormindo um sono tão tranquilo, percebo que o meu sentimento de que alguma coisa de desagradável pudesse ter lhe acontecido deve ser um pequeno remorso por ter me afastado dela, quase amuada pela maneira como ora me pedia ajuda para uma coisa, ora me implorava exatamente o contrário.

Parto, assim, mais sossegada para outros continentes, sabendo-a feliz por esse sono de anjo, já que por algum tempo tenho de ocupar-me de casos muito graves, de doenças e de pestes, de guerras e de mortes inocentes, e não terei ocasião de atender a chamada de quanto afilhado tenho espalhado pelo mundo. Pois, embora consiga pôr-me em qualquer lugar num instante, há quem precise mais de mim neste momento.

O assédio



Uma presença, ainda que silenciosa, fez Eugênia acordar; e em vez de encontrar, como era costume, a sua criada abrindo as cortinas para que a luz do dia a ajudasse a despertar do sono sem sobressaltos, viu na penumbra do quarto um vulto que não foi capaz de identificar. Ainda que a sonolência não lhe permitisse perceber claramente o que estava acontecendo, a falta dos pequenos barulhos habituais que acompanhavam sempre a hora em que acordava confirmou-lhe que ainda era de noite. Levantou a cabeça, virando-a na direção do vulto, e, quando os seus olhos se habituaram à meia-luz, reconheceu o príncipe regente, sentado numa poltrona que arrastara sem fazer barulho para perto da cama a fim de, sem ser visto, poder admirar a beleza da mulher que o transtornava. Não contava com o despertar de Eugênia a essa hora prematura da manhã, em que o palácio todo parecia respirar ao mesmo ritmo lento do sono profundo e, por um segundo, não se soube qual dos dois se sentiu mais surpreso.

Ela reagiu primeiro, sentando-se, ao mesmo tempo que com um gesto brusco puxava os lençóis até o pescoço e, no momento em que ia abrir a boca sem saber bem o que dizer – pois não podia pedir ajuda se era o próprio monarca que tinha à sua frente, e este não lhe estava a fazer nada; nem conseguia pôr-se de pé para lhe fazer a devida reverência por se encontrar em trajes que só maridos e criadas estavam autorizados a ver –, D. João pediu com um gesto breve que se calasse. Depois de uns segundos de indecisão, disse num murmúrio que não lhe queria mal, pelo contrário, que haviam sido as saudades que tivera dela nos dias em que ela não estivera no Paço que o tinham levado a cometer aquela loucura, mas a verdade é que nunca amara assim ninguém. Eugênia, aterrorizada, leu nos seus olhos uma cobiça de animal misturada com uma ternura que a emocionou, pois sabia melhor do que ninguém da sua infelicidade conjugal,

que o príncipe suportava com a mesma resignação com que aceitava o mal que o atacava desde criança, causando-lhe edemas e feridas numa perna, pois a primeira era o resultado de uma aliança entre duas casas reais e o segundo lhe fora transmitido pela família, e não conseguia ver-se livre de nenhum dos dois.

D. João levantou-se vagarosamente da poltrona, porque o excesso de peso não ajudava em nada o inchaço da perna, e saiu sem se despedir. Eugênia tentou dizer qualquer coisa, mas parecia ter esquecido o seu vocabulário e os seus pensamentos encontravam-se tão emaranhados que demorou algum tempo para colocá-los em ordem. Ainda assim, não conseguiu entender o porquê da aparição, se nunca em momento algum que se lembrasse disse ou fez alguma coisa que levasse o príncipe a pensar que estava disponível, e ainda menos interessada em qualquer aproximação fosse de quem fosse, quanto mais dele.

– Ai, minha madrinha, Madre de Deus! A quem acudir senão a vós? A quem pedir conselho, alguma ajuda, se as pessoas vão pensar que não foi o príncipe que me procurou, mas que fui eu, conhecendo bem a intimidade dos monarcas, quem se aproveitou da situação para obter sabe-se lá que favores? Como explicar que não fiz o menor movimento nem disse nada que levasse o meu senhor a pensar que devotava outro sentimento que não fosse o de profundo respeito e um pouco de pena, isso é verdade, já que debaixo do físico grotesco se esconde um homem bom? Ajudai-me, Senhora!

E pegando no terço rezou, ajoelhada, convencida de que o seu pedido iria ser ouvido e de que algo inventaria a sua madrinha para corrigir esse equívoco, pois não podia tratar-se de outra coisa. Por que ela? Havendo tantas outras mulheres, mais dispostas ao jogo do amor e conhecendo bem melhor os códigos da sedução, por que ela?

Mas Nossa Senhora andava mergulhada em outros horrores, onde as súplicas eram tantas que abafavam qualquer pedido menos urgente, como se diante do ruído surdo de um tremor de terra se ouvisse uma cantiga de criança. A única pessoa que apareceu na porta entreaberta foi a sua criada, que chegara para abrir as pesadas cortinas e acordar suavemente a sua ama, e não entendeu o motivo de encontrá-la ajoelhada, rezando com uma devoção que mais se assemelhava ao desespero, porque as lágrimas não

paravam de correr pelo rosto e o tremor dos dedos ao passar as contas do rosário acusavam uma perturbação muito estranha.

Eugênia negou qualquer tipo de desgraça e mentiu com algum escrúpulo, dizendo que teve um pesadelo horrível, do qual preferia não falar para não relembrar os detalhes. Durante o resto do dia tentou com êxito não se encontrar com o príncipe regente e, antes de se deitar, trancou a porta, para total desconcerto da criada que, mesmo sendo ignorante nas mais variadas coisas, sabia de fonte segura que os pesadelos não escolhiam as mesmas passagens que os simples mortais.

Os dias sucederam-se normalmente, sem nada que lhe fizesse temer qualquer situação embaraçosa, ainda que nas raras vezes em que se cruzou com o príncipe ele parecia afetado pela sua presença. Eugênia chegou a pensar que a loucura do seu senhor tinha sido um acaso, que não se repetiria, e, no entanto, uma angústia de quem perturba colava-se a ela como uma sombra. Os seus temores começaram a diluir-se no vai e vêm do dia a dia e, por momentos, o desejo de que não fosse verdade o que acontecera levava-a a interrogar-se sobre se tudo não teria mesmo passado de um sonho ruim.

A excitação dos preparativos de uma festa magnífica que o marquês novo de Marialva decidiu dar para celebrar o casamento da sua filha mais nova ajudaram-na também a esquecer o percalço. Eugênia mandou fazer um vestido moderno, mais de acordo com a moda afrancesada, cintado debaixo do peito, que aparecia branco e redondo no decote largo, escolhendo um tecido macio de um leve tom azulado que caía junto ao corpo e, mesmo sem o moldar, deixava adivinhar ao menor movimento as formas que pretendia esconder. Assim vestida, e sem perceber o quanto o traje realçava a sua beleza, entrou na sala onde todos esperavam a chegada dos príncipes para darem início à festa.

O pai e os irmãos, um por um, dançaram com ela, e em cada reverência ou volta rápida apareciam os seus pés pequenos, os mesmos que haviam fascinado vários fidalgos em bailes anteriores. No momento em que levantou a cabeça para agradecer ao seu par, descobriu o olhar do príncipe, seu senhor, e nem quis compreender o que leu nele. Durante o resto da noite tornou-se discreta e não aceitou inscrições no seu carnê de dança, com o pretexto de uma leve dor de cabeça, que passaria se ficasse sossegada num canto, ao pé das velhas tias, o que produziu o efeito totalmente contrário,

porque a sua pele e os seus olhos claros ressaltavam mais ainda quando estava rodeada das cores opacas das senhoras de idade.

D. João bocejava, como era seu costume nos serões que se prolongavam, segundo ele, em excesso; e Carlota Joaquina, contrariada, abandonou também a sala porque assim exigia o protocolo, pois por ela teria ficado até o raiar do dia. Eugênia saiu então do seu refúgio, anunciando que o mal-estar que a impedira de dançar desapareceu subitamente, e voltou a circular com o mesmo encanto, até o seu irmão Gregório se aproximar dela pelo braço de Francisca.

– Vamos nos recolher, está tarde. Se quiser podemos deixá-la no Paço.

– Devo reconhecer que também estou cansada e prefiro ir com vocês, assim sempre podemos conversar pelo caminho.

Se havia coisa que as duas cunhadas gostavam era de comentar o que viam e ouviam nos bailes, chegando a pensar às vezes que era a parte mais divertida das festas e, dando gargalhadas, fizeram o trajeto recordando detalhes de uma ou outra pessoa, situações caricatas e fofocas novas. Eugênia absteve de mencionar a suposta dor de cabeça e o olhar do príncipe, que podia ser produto da sua fantasia, pela impressão que ainda lhe causava a visita que ele lhe fizera umas semanas antes. Despediram-se ainda rindo, e um criado com um candelabro acompanhou Eugênia para iluminar os corredores do palácio.

Quando entrou nos seus aposentos, achou estranho não ver a criada, que deveria estar acordada à sua espera para ajudá-la tirando o vestido e desfazendo o penteado; e dirigiu-se para o quarto ainda com a cabeça cheia de compassos de música, que num instante esbarraram uns contra os outros, caindo como blocos de gelo, ao ver o príncipe regente recostado na sua cama.

Os seus membros ficaram primeiro paralisados com o choque, mas, fazendo um esforço, conseguiu avançar uns passos e inclinar-se com decoro perante o monarca, que lhe estendeu a mão e a quem ela entregou a sua, obediente.

Não trocaram palavras nem suspiros, e ela deixou que ele rasgasse o seu vestido novo, impávida, como se os gestos do príncipe, ansiosos e impacientes, não a fossem sujar para sempre. Suportou o peso do corpo, que cheirava a ranço, e a dor nas entranhas, porque nunca passou pela cabeça do príncipe averiguar se era preciso alguma suavidade para desflorar uma

donzela, apenas sabia onde buscar o seu prazer, o das mulheres lhe era indiferente. Na pressa de possuir a única fidalga por quem se apaixonara, não se lembrou de beijar o tal pé pequeno que lhe produzia vertigens: na verdade, nem sequer tirou os sapatos dela.

Estava habituado a que as saloias lhe agradecessem por tê-las escolhido para satisfazer os seus apetites. As galinhas que lhe ofereciam e o beijo na mão depois do coito, dizendo ainda muitas vezes obrigada, eram a prova de que os seus favores agradavam. Por isso o príncipe estranhou que, ao se levantar, Eugênia o tivesse ajudado a vestir os calções de seda amarela com um silêncio que lhe causou arrepios e logo, curvando-se numa reverência de mármore, ficou imóvel, à espera de que ele saísse do quarto.

A bastarda



Isabel Maria perguntou à mãe por que a avó deixou de ir nas festas e bailes depois do casamento daquela prima.

– A avó contava das festas aonde ia?

– Só uma vez me descreveu a última festa da qual participou, para a qual tinha mandado fazer um vestido muito bonito, que realçava a sua beleza e, segundo ela me disse, nunca deveria ter usado. Desconheço o porquê. No dia seguinte ao baile, mandou queimá-lo juntamente com os sapatos, as luvas e o resto da roupa de baixo que usara nessa noite.

– Eu nunca faria uma coisa dessas!

– Eu também não. Mas alguma razão ela devia ter.

Vencida dos nervos



Depois de muito calcular os beneficios que poderia obter com esse gesto, o príncipe regente concretizou a compra do palácio e quinta do Ramalhão, prometida há muito tempo a Carlota Joaquina, para ela passar ali algumas temporadas. Só que nem sempre as coisas resultavam como D. João esperava e a princesa nunca deixava de levar consigo Eugênia de Meneses, não apenas por gostar da sua companhia e da sua discrição (sobretudo no que tocava à vida privada da princesa), mas também porque a achava distraída e cansada. Ainda que Eugênia tentasse, por educação, dissimular a apatia, ninguém que a conhecesse o suficiente deixava de reparar que estava mudada, e Carlota Joaquina tinha a certeza de que os bons ares de Sintra iriam ajudar a amiga a se recuperar rapidamente. Eugênia estava sempre disposta a segui-la para todo lado e, por momentos, parecia recobrar algo da sua antiga animação, que se desvanecia logo que voltava ao Paço.

A família também a notava diferente, sempre pronta a deixar escapar uma lágrima, mesmo se não tivesse nenhum motivo. Quando o irmão Gregório a levou suavemente pelo braço até o jardim para lhe perguntar sem testemunhas o que aconteceu, ela rompeu num choro que parecia o desaguar de um rio, mas ele não conseguiu arrancar uma palavra sequer que trouxesse um pouco de luz ao que supunha ser um problema grave, quiçá de saúde. Eugênia tentou se recompor e preferiu se despedir fugazmente da família, antes que percebessem que tinha estado chorando, porque, acima de tudo, o que não queria era ser obrigada a dar explicações.

Gregório entrou na sala com ar preocupado.

– Que aconteceu, meu filho? Não estou gostando nada disso. Posso saber o que houve no jardim, para a sua irmã fugir dessa maneira?

– Nada. O que me preocupa é isso mesmo. Assim que lhe perguntei se tinha alguma pena ou uma dor, mesmo física, caiu aos prantos e não abriu a boca senão para soluçar.

– Ai, as mulheres! – dizia o genro de Rodrigo, conde de Galveias, que parecia saber por experiência própria o quanto estas eram imprevisíveis.

– Não generalize, meu marido – saltou logo Isabel –, que a minha irmã nunca foi igual às outras.

– Vejamos se entre todos conseguimos chegar a alguma conclusão, só pode estar doente, porque, desde que se esqueceu do seu maldito Beckford, não vejo motivo para sofrimento na vida que leva – propôs Diogo, a quem a atitude da irmã tinha também deixado muito apreensivo.

– Não me parece que seja tão simples, oxalá não se engane, Diogo – retorquiu a irmã. – Acho melhor ser o pai a falar com ela, provavelmente fará mais cerimônia e vai se sentir obrigada a dizer o que está acontecendo. Mas, se Eugênia não lhe disser nada, devemos consultar os melhores médicos para tratarem dela quanto antes – concluiu, enquanto olhava de esguelha o marido, que adormecera na mesma posição em que estava quando dissera a última frase, como se uma fada o tivesse encantado com uma varinha mágica.

Rodrigo ficou até tarde sentado na sala, procurando uma resposta a todas as suas dúvidas, porque conhecia muito bem a sua filha mais velha para saber que não conseguiria arrancar-lhe nada.

“Que falta me faz, meu Deus, a serenidade de Maria José para pôr ordem nos meus pensamentos. Ainda que continuasse a bordar enquanto eu falava e mesmo sabendo que, às vezes, me escutava com um ouvido distante, ajudava-me a encontrar soluções só com a sua presença.”

No dia seguinte encontrou a filha no Paço, coisa que acontecia com frequência por Rodrigo de Meneses continuar a ter os seus cargos na corte, e a caminho do salão para onde se dirigiam aproveitou para pedir a Eugênia que se deixasse examinar por um dos médicos de renome que tratavam dos soberanos.

– Deixa de se preocupar comigo, meu pai, não tenho nenhuma doença nem nada que me preocupe. Há de passar, deve ser da primavera que, em vez de me alegrar, a maioria das vezes me entristece, e preferia que ninguém me tomasse o pulso nem me receitasse nada.

O pai, vendo que não conseguiria convencer a filha, pediu a Carlota Joaquina que intercedesse por ele, sabendo Eugênia incapaz de negar a vontade da princesa. O médico que a examinou reconheceu logo nela os sintomas evidentes da histeria, pois isso de chorar toda hora não podia ter outra motivação senão essa, e receitou-lhe o mesmo tratamento que seguia a rainha D. Maria; e, ainda que não tivesse melhorado o estado demencial da rainha – provavelmente por não a terem submetido a tempo à medicação –, o médico estava convencido de que, se não era milagroso, pelo menos já tinha curado muitas doentes de nervos.

Entretanto, o príncipe regente, com uma vivacidade que surpreendia os que privavam com ele, interessava-se pelos avanços da medicina e, particularmente, pela luta para acabar com as várias epidemias que matavam milhares de pessoas todos os anos. Decidiu apoiar a vacinação contra a varíola, o que não se revelou nada fácil, já que a ignorância tornava as pessoas desconfiadas e quase ninguém queria dar o braço dos filhos para experiências, mesmo que estas fossem a favor da ciência. Optou então, vendo o pouco caso que os seus súditos faziam dos seus conselhos, por vacinar os filhos em público, ou seja, diante de algumas pessoas da corte e dos criados, e mandou que a notícia se divulgasse por todo o reino, para servir de exemplo aos inflexíveis. Algumas senhoras ofereceram-se como voluntárias e foram ensinadas a dar a vacina e, de norte a sul do país, inoculavam o vírus nos meninos, que nem sempre reagiam da melhor forma, não porque resistissem a estender o braço, mas porque em alguns provocou um efeito totalmente contrário ao esperado, levando a que certas mães escondessem os filhos como se Herodes tivesse ressuscitado.

Com tantos afazeres, além dos do governo, D. João não percebia o estado de Eugênia, que encontrava cada dia mais diáfana e de uma beleza que continuamente o surpreendia, porque o amor nem sempre o deixava ver as coisas do modo como eram na realidade. Cauteloso e desconfiado, não revelou a ninguém a sua paixão, sabendo que da boca de Eugênia jamais sairia uma palavra e que a língua da criada não iria soltar-se nunca porque, caso contrário, bem podia dizer adeus às moedas que recebia para não contar o que acontecia de vez em quando no quarto ao lado do seu. E a criada levava tão ao pé da letra as ordens reais – “Desapareça!” – que não esperava outra palavra para fugir pela porta pequena e correr para os braços de um dos criados da cavalaria, sendo que esses momentos de entrega – ao

contrário do que acontecia com a sua ama – não lhe causavam qualquer tristeza.

Eugênia contou ao príncipe a preocupação do pai com a sua saúde e os seus receios em cumprir o que o médico lhe prescrevia. Foi só então que ele reparou nas suas olheiras, no olhar vago e nas pálpebras inchadas, recomendando-lhe vivamente que seguisse o tratamento, pois ele próprio acompanhava a sua mãe e via certa melhoria depois de cada banho. Como era natural, nem lhe passava pela cabeça a ideia de ser ele a causa da indisposição, pois, se Eugênia não se mostrava entusiasta nas coisas do amor, também não lhe oferecia resistência, o que o levava a confundir submissão com carinho, quando o mais que ela sentia pelo seu senhor, além de respeito, era compaixão.

Ainda era noite quando a sua criada a acordava para seguir o tratamento indicado pelo célebre médico. Mal o sol começava a despontar, chegavam na praia e subiam para uma das barcas que levavam as “vencidas dos nervos” até Santo Amaro, porque o mar nesse lugar era mais frio e melhor. Eugênia, por baixo do capote comprido, levava uma roupa especial para o banho. Sentavam-se em silêncio no banco de madeira corrido da barca e, ao chegarem ao destino, eram transportadas para outra barca, que tivera uso diferente em tempos e fora remodelada para que no seu interior as senhoras pudessem tomar banho sem serem vistas, num compartimento onde podiam tirar a única peça de roupa permitida: o capote. No centro desse quarto de madeira que cheirava a maresia, havia uma pequena escada que levava diretamente a um poço quadrangular onde o mar esperava Eugênia, escuro e profundo. Seguindo à risca a prescrição médica, ela mergulhava o corpo três vezes até o pescoço e, sempre agarrada ao corrimão, recebia sem protestar o choque de sete ondas. Depois, muda pelo frio que lhe atravessava o pano grosso da roupa até os ossos, subia os degraus envolta numa manta e voltava ao Paço chorando pelo seu duplo infortúnio.

Graças a uma constipação, que a deixou de cama durante oito dias no fim do verão, viu-se livre do tratamento por ordem direta de Carlota Joaquina, que não acreditava em banhos gelados para curar fosse o que fosse, pois era bem sabido que nenhum corpo são precisava de água nem para se lavar, quanto mais o de uma doente. Eugênia agradeceu-lhe a intervenção, porque de fato não precisava de mais nada para juntar à sua infelicidade, que bastava para adoecê-la, sem ter de sofrer o martírio das ondas gélidas logo

de madrugada, como se fosse um tormento; mas, sem nunca o ter experimentado, aceitaria usá-lo de bom grado, porque ao menos não a faria sair do quarto.

Rodrigo, reconhecendo que Eugênia não melhorava com o novo método, temeu que a medicina não pudesse fazer nada por ela e viu o seu pressentimento confirmado, porque algo que sempre soube foi ler nos olhos da filha como se fossem páginas escritas com pena de ganso, em letras maiúsculas. Não conseguia entender a razão da melancolia, se tudo parecia seguir o curso que ela escolhera para a sua vida, menos o casamento com Beckford, o que não a afetara tanto assim, ficando demonstrado que o inglês não tinha passado de um capricho.

“Algo me diz que deveria ter casado esta menina e não deixar-me convencer pelos seus brilhantes argumentos. Se não lhe faltavam pretendentes, por que esta teimosia em ficar solteira? Ai, Maria José, o que eu não dava para que me pudesse responder a esta única pergunta!”

Sentado na penumbra da sua sala, como fazia nas noites de insônia – em que esperava o milagre de ver aparecer a mulher, como nos contos, com um corpo translúcido e volátil e uma voz distorcida de eco –, ficava pensando nas mil e uma razões que podiam ter levado a filha a esse estado, mas não encontrava nenhuma.

A bastarda



— **A**inda não tinha 27 anos quando adoeceu dos nervos. A família e as pessoas à volta dela viam-na chorar a todo momento, sem razão aparente. Disse-me que foi o momento da sua vida em que se sentiu mais desgraçada, mas nunca me contou por quê. Com os anos, deduzi o que a fez infeliz a ponto de estragar o resto dos seus dias.

— E não vai me dizer?

— Ainda não, vai ter que ter paciência. Eu disse que ia contar tudo passo a passo e só no momento oportuno é que saberá o motivo.

Consequências



D. João entrou no quarto de Eugênia com o firme propósito de convencê-la a voltar aos banhos, já que o cirurgião-mor assegurava ser esse o melhor tratamento para as “vencidas dos nervos”. Mas, ao pronunciar as primeiras palavras e sem ter ainda usado um único argumento, os olhos de Eugênia encheram-se de lágrimas que caíam sem parar, formando um sulco salgado que o príncipe, se não tivesse ficado completamente triste, teria gostado de beijar. Foram precisos muitos minutos para que ela pudesse responder à pergunta que timidamente ousou fazer D. João:

- Qual é a causa de tanto choro?
- Sou a criatura mais desgraçada do mundo.
- Por quê?

Mas a palavra ficou suspensa no ar, parecendo não encontrar eco em Eugênia, que fechou os olhos reclinando-se na cama, como se não tivesse forças para segurar o corpo, quanto mais para inventar uma razão que soasse verdadeira, porque o motivo estava sentado ao seu lado e, por respeito e obediência, nunca o revelaria.

Sem conseguir dizer mais nada nem ter o atrevimento de lhe demonstrar o seu carinho, o príncipe saiu dos aposentos da dama da corte para mergulhar no temor, que o perseguia como uma sombra, de que a loucura podia pegar-se como a varíola e o ar do palácio estava infestado dela. Mas o pior era saber que ninguém descobrira ainda a maneira de se livrar do terrível contágio. Depois de visitar a rainha, sua mãe, ficou um pouco mais aliviada por constatar que o estado de Eugênia não era tão avançado e, quando chegou à sala onde estava reunido o conselho, propôs aos ministros que o primeiro ponto a ser discutido fosse o de encontrar um ajudante para o cirurgião-mor, mais jovem e que estivesse a par dos progressos da ciência,

sobretudo em doenças nervosas, invocando que não encontrara nada bem a senhora sua mãe.

Assim chegou à corte João Francisco de Oliveira, médico madeirense que nos poucos anos de permanência na capital do reino conseguiu, usando métodos recentemente descobertos, ser o mais requisitado pela fidalguia, pois não só tratava as doenças do corpo como também tinha o dom de diminuir os distúrbios do espírito. Ocupava o cargo de cirurgião-mor dos exércitos quando foi transferido para o campo dos civis por vontade régia, e a primeira coisa de que o príncipe o encarregou foi de melhorar o estado de Eugênia, pois se não o fizesse lá se ia a promoção e voltava para o dormitório do quartel.

O doutor Oliveira visitou a dama da princesa e não descobriu qualquer mal, nem físico nem mental, a não ser uma melancolia profundíssima da qual ainda não podia dizer a causa mas, pondo em prática os seus conhecimentos na arte de medicar que aprendera no estrangeiro, tinha a certeza de que os resultados seriam positivos.

– É preciso aguardar com paciência – disse ao monarca, ganhando com esse argumento mais alguns dias para tentar merecer a confiança de Eugênia e, assim, levá-la a abrir o coração para poder curá-la.

O seu estatuto de médico permitia-lhe visitá-la a toda hora e, aos poucos, conseguiu que ela saísse da prostração em que caíra, receitando, além de um medicamento revitalizante, um ou dois passeios diários pelos jardins do palácio: primeiro a passo lento, apoiada no braço da criada, sentando-se num banco de pedra quando estivesse cansada, depois, com o passar dos dias, tentando alongar a caminhada até sentir que as pernas já não pesavam.

Eugênia não teve coragem para contradizer as ordens do médico, pois sabia que eram ditadas pela preocupação do seu senhor e não devia escapar à vontade régia. Parecia impossível que um simples passeio ao ar livre lhe devolvesse a vontade de viver, de qualquer forma, começou o tratamento, que preferia, sem dúvida, aos banhos gelados de madrugada. Com pouca convicção nos resultados, marcava metas para pôr em prática os conselhos do doutor Oliveira, “hoje até a primeira fonte, amanhã chego aos arbustos, depois, se conseguir, vou dar a volta no canteiro maior, mais tarde se verá”.

Rodrigo ficava muito contente por ver a filha sair da sua clausura, mesmo se custava encarar a luz do sol, porque feria os olhos e a fazia perder o equilíbrio. Percebendo que Eugênia estava muito frágil, acompanhava-a

desde a saída do quarto, para que pudesse apoiar-se ao seu braço forte e sentir-se amparada contra qualquer fraqueza dos membros. Conversando, se bem que na maioria das vezes monologando, apressava o tempo do percurso e sentia que, dia após dia, o corpo da sua filha se amparava menos nele e as pernas, que pareciam não ter força para sustentá-la, recuperavam o aprumo de outros tempos. A palidez e as olheiras começaram a se atenuar e as formas do seu corpo voltaram a se arredondar, porque o ar puro tinha a virtude de lhe abrir o apetite.

D. João seguia da janela os progressos de Eugênia e o seu agradecimento tomou a forma de uma amizade com que brindava o médico, fazendo desse homem interessante uma das suas mais frequentes companhias. Contudo, o doutor Oliveira não andava satisfeito, estava convencido de que, até não descobrir o motivo do desmoronar interior da sua paciente, não podia curá-la por completo. Não encontrava outra maneira senão passear algumas manhãs com ela – sem mais companhia do que o escudeiro que a seguia a prudente distância – para envolvê-la com o charme da sua conversa e conseguir fazê-la confessar o que a levou àquele estado de melancolia. No entanto, abordando os mais variados temas e contando-lhe casos de outras doentes, obtinha apenas a mesma frase de sempre:

– Sou a criatura mais desgraçada do mundo.

As razões, essas, Eugênia não tinha a coragem de contar nem à sua madrinha, Nossa Senhora da Madre de Deus, por quem se sentia abandonada. Provavelmente estava sendo castigada, pois nunca mais tinha recebido algum sinal que desse a confirmação de que estava atenta ao que lhe acontecia.

As melhoras e alguns sorrisos que apareceram como náufragos deram ao príncipe regente ânimo para visitar novamente o quarto de Eugênia, mesmo assim sem a assiduidade de antes. O corpo dela continuava inerte durante os seus abraços, mas era sabido que as senhoras educadas no temor a Deus não possuíam baixos instintos e, geralmente, rezavam enquanto o marido se concentrava no seu próprio prazer.

Oliveira, aplicado em estudar cada uma das pequenas mudanças de humor da sua paciente, percebeu que, em determinadas manhãs, as pernas de Eugênia fraquejavam e não obedeciam ao ritmo que ele marcava com os seus passos e, ao pedir-lhe que pousasse o braço no seu, que estendeu com firmeza, sentiu a leveza e o tremor dos primeiros tempos. A falta de

respostas de Eugênia às frases mais elaboradas para conseguir vislumbrar o que acontecia deixaram o médico perplexo e sem saber o que fazer. Falou com Rodrigo de Meneses, com Gregório e Francisca, e chegou a pedir uma audiência a Carlota Joaquina que, rodeada das suas damas, não soube lhe dizer o que levava Eugênia a cair nesse estado. O padre confessor não fazia a menor ideia e, se soubesse através do sacramento, nada diria; mas a verdade era que Eugênia, desde que ficara doente, não se confessava nem conseguia juntar forças para ir à missa, o que não o preocupava, pois tinha a certeza de que ela era devota e cumpridora de todos os mandamentos.

E foram exatamente essas últimas palavras e a convicção com que foram ditas que levaram o médico a sondar a criada de Eugênia, porque era bem sabido que elas, antes de mais ninguém, percebiam quando os seus amos transgrediam as leis da Igreja. Diante do medo de falar que leu nos olhos da serviçal e o interesse especial que demonstrava pela dama o príncipe regente, o médico começou a desconfiar de que a doença da Meneses podia ter sido causada por ter infringido uma regra e não ter feito por vontade própria, pois se esse fosse o caso teria a felicidade estampada no rosto. Como o caminho que pisava era escorregadio e poderia conduzi-lo, se não fosse hábil, às masmorras, deixou de fazer indagações, dizendo a todos que não encontrava o motivo que provocara a moléstia, como aliás acontecia com a maioria dos casos em que se sofria dos nervos, mas que continuaria a tratar Eugênia da mesma maneira, dado que os resultados eram lentos mas satisfatórios. Nem por isso deixou de estudar todas as reações da paciente e de conversar com ela, convencido de que só com o passar do tempo poderia conquistar a sua confiança e ouvir da sua boca o que suspeitava ser um terrível segredo.

Depois de quase um ano, em princípios de junho, quando parecia ter passado boa parte dos sintomas e Eugênia retomava parcialmente as suas funções de dama da princesa, escreveu uma carta à sua irmã Isabel – que se encontrava em Londres, acompanhando o marido no cargo de embaixador do reino – para lhe contar do seu restabelecimento e da falta que lhe fazia não tê-la por perto, para se sentir mais amparada com uma presença feminina na qual pudesse confiar. Num papel à parte, mandava uma lista de roupa interior e de cama que Carlota Joaquina costumava encomendar da Inglaterra, confiando no bom gosto da embaixatriz e na prontidão com que os fornecedores entregariam no Paço o pedido.

Foi a última coisa que fez antes de cair na cama com várias moléstias, desde desmaios a vômitos – o que não só lhe devolveu de imediato o rótulo de histérica como fez com que a princesa perdesse a paciência, mandando-lhe dizer que só voltasse a se apresentar quando estivesse totalmente recuperada, porque isso de hoje estar bem e amanhã não deixava-a, também, doente dos nervos. A falta de compreensão de Carlota Joaquina para com a sua dama de maior confiança deixou todos perplexos. Mas a princesa precisava tanto de Eugênia nesses tempos em que estava preparando a sua segunda conspiração, porque a primeira saíra frustrada, que a culpava do seu fracasso, pelo que decidiu pedir a ajuda de homens, porque além de saber manejá-los nunca se deixavam prostrar por histerismo.

O doutor Oliveira foi avisado da recaída da sua paciente e precipitava-se para o palácio quando o príncipe mandou chamá-lo com urgência, desesperado com o rumo estranho que tomava a melancolia da mulher que amava e cheio de medo de que os passeios não fossem o remédio indicado. O médico examinou-a na presença de várias damas de companhia e aparentemente não chegou a conclusão alguma. Falou do calor, do pulso fraco, de algum alimento em mau estado e prometeu passar no dia seguinte – o que fez, assegurando-se de que Eugênia se encontrava acompanhada apenas pela criada, que subornou, mandando-a buscar uma garrafa de água fresca para poder estar a sós com a sua paciente.

– Por que tanto mistério? Que é que eu tenho?

– Vossa Excelência está grávida e imagino que não deva querer que saibam.

– Meu Deus, Nossa Senhora, e agora como vou esconder esta vergonha?

– Acalme-se. Só não tem solução a própria morte. Deduzo que ninguém imagina sequer quem é o pai, além da senhora.

– Nem quem é, nem o meu estado, nem o calvário que tenho sofrido nestes últimos tempos.

– Presumia que havia algum motivo muito forte para a sua doença e como médico pode acreditar em mim tanto como num padre no momento da confissão, da minha boca não sairá uma palavra. Pode me contar tudo.

– Pede-me muito.

– É para poder ajudá-la que devo saber ao certo o que houve, visto que não confia em ninguém, nem sequer na sua família.

– Preocupo-me muito com ela, pois todos servimos a coroa. Que será deles se explodir um escândalo? Nem quero imaginar.

– Dê-me o nome do pai para falar com ele e, entre os dois, encontraremos uma solução. Nem que seja um rapto com casamento numa igreja de aldeia, é melhor do que ficar aqui deitada, não há modo de esconder uma gravidez por muito tempo.

– Não pode haver casamento nem notícia do meu estado, o senhor não sabe em que dificuldades estou metida.

– Fale de uma vez, confie em mim, a idade me deu alguma experiência; de qualquer maneira não tem mais ninguém, e a sua criada chegará em breve e não poderemos depois falar à vontade.

– O príncipe regente, meu senhor, visita-me desde há mais de um ano.

Levantando-se da cadeira e dando voltas no quarto, o médico pensou em voz alta nas poucas soluções que lhe ocorreram, enquanto Eugênia o seguia com o olhar, disposta a aceitar qualquer proposta que a tirasse daquela situação imprevista. Não por ignorar as consequências desses atos, mas porque nunca pensou que pudessem acontecer a ela.

– Não vejo outra saída senão falar com o nosso soberano, estou certo de que nos aconselhará o melhor caminho. Só ele tem o poder, nós pouco somos nestes reinos.

– Falta-me a coragem...

– Pois bem, serei eu a contar, vou pedir audiência imediatamente. Entretanto, fique calma, alguma solução há de se encontrar.

– Tremo ao pensar na reação da princesa Carlota Joaquina.

– Eu também. E receio não sermos os únicos.

A bastarda



Com um aperto no coração, Eugênia Maria contou à sua filha qual era dessa vez o motivo do mal-estar da mãe, sabendo que a gravidez a deixaria muito triste.

- Pensei que a avó tivesse acabado se casando.
- Nunca.
- Então é esse o seu segredo?
- Não, isto é apenas o começo da minha história.
- Já entendi. A avó apaixonou-se pelo médico.
- O doutor Oliveira foi um bom amigo, terá de esperar mais um pouco para saber o meu segredo.
- Oh, mãe...

O culpado



Mal chegou em casa, o doutor Oliveira contou à mulher o problema que se sentia na obrigação de resolver, mesmo pressentindo que a vida deles pudesse vir a mudar para melhor ou para muito pior. Por um lado, poderia contar com a gratidão do príncipe regente, por outro as fúrias da espanhola eram conhecidas e a princesa nunca se privou de fazer pagar caro uma afronta.

– Que será dos nossos filhos e de mim? – perguntou inquieta a mulher.

– Não se preocupe, os meus conhecimentos permitem-me exercer em qualquer lugar, tenho recebido convites da Inglaterra e dos Estados Unidos, mas recusei-os porque me convinha mais ser o cirurgião favorito do futuro rei, pensei conseguir mais benefícios com este estatuto. Amanhã devo falar com Sua Majestade e veremos o que acontece; confia em mim, nunca a abandonarei.

Logo pela manhã, um mensageiro veio bater à sua porta e pediu-lhe que fosse ao Paço, porque Sua Alteza, o príncipe regente, o esperava nos seus aposentos.

Oliveira percebeu que D. João ainda não suspeitava de nada e apenas aguardava notícias sobre o próximo restabelecimento de Eugênia, pois, ainda que lhe notasse uma certa impaciência, mantinha o aspecto de quem não estava muito preocupado. O médico não sabia por onde começar, temia a indignação do seu senhor, sabendo quão confusa e instável era a situação da corte nesse momento, mas tanto a morte como os nascimentos não tinham hora marcada nem chegavam quando era mais conveniente.

Depois de fazer um relatório sobre o estado geral da paciente, no meio de umas frases ditas para amortecer o choque da má ou boa nova, o médico disse ao príncipe que iria ser pai dentro de provavelmente uns seis meses.

Na alegria que apareceu no rosto do soberano, Oliveira sentiu com alívio que tinham chegado ao fim os seus receios e começou a sonhar com a sua ascensão na corte. Mas não contava com as mudanças de humor a que D. João era propenso e, quando o viu alguns minutos depois se sentar numa poltrona com as mãos escondendo o rosto pálido, percebeu que tanto ele como Eugênia estavam perdidos.

– Aquela megera vai se aproveitar da situação para nos humilhar e conspirar contra nós para ficar com a coroa. Não podemos lhe dar nenhum trunfo neste momento. É preciso que pense em qualquer coisa!

– Eu, Alteza?

– Naturalmente não seremos nós, nesta ansiedade, quem poderá ter calma para resolver uma situação dessas.

– O assunto é muito grave e a decisão não deve ser planejada com pressa. Se a senhora Eugênia de Meneses fosse casada, já teríamos resolvido o problema.

– Não nos venha dizer o que acontece aos maridos, porque temos aceitado como nossos os que traz ao mundo a devassa da mulher com quem tivemos o azar de casar.

– Desculpe, Alteza, não sabia.

– Pois deve ser o único na corte que não está a par.

– Eugênia terá algum pretendente com quem a possamos unir imediatamente?

– Não acredito no que ouço! Pôr Eugênia nas mãos de outro homem? Prefiro vê-la morta!

Ante a exaltação do seu senhor, que até se esqueceu de falar no plural majestático e pelo visto estava apaixonado de um modo muito egoísta – porque nas suas prioridades não incluía Eugênia –, Oliveira ficou calado, pensando numa resposta que fosse do agrado do seu soberano, porque sentiu que a sua posição estava também em perigo.

– Creio que já encontrei uma solução temporária. Posso recomendar a D. Eugênia, em frente de alguma dama de companhia, que seria melhor para a sua recuperação que ficasse na casa da família; assim, enquanto a corte não suspeita do seu estado, terei tempo para pensar em outra coisa.

Quando o doutor João Francisco Oliveira voltou a entrar no quarto de Eugênia, ela compreendeu, pela sua testa franzida e os maxilares tensos,

que não lhe trazia boas notícias. Pediu que lhe contasse tudo sem rodeios, porque na situação em que a sua vida estava já não havia nada que pudesse lhe fazer mal. Depois de ouvi-lo, também achou mais conveniente refugiar-se na casa de um familiar, embora não na do pai, até encontrarem uma solução.

– Para mim também é melhor, poderei visitá-la sem levantar suspeitas para observar a evolução da sua saúde, até decidir o caminho a seguir. O mais sensato seria que fosse para uma das suas propriedades fora de Lisboa. Assim poderá esconder o nascimento da criança.

– Sim, não há dúvida de que é preferível sair do Paço com o pretexto de precisar de sossego para me recompor depressa das minhas indisposições. Tenho medo de que alguém adivinhe que estou grávida. Veremos se consigo reagir quando estiver mais tranquila. Mande chamar o meu irmão Gregório, nele posso confiar para me dar abrigo, o meu pai pode reagir muito mal a esta situação e não quero lhe dar um desgosto, pelo menos por enquanto.

Mal chegou o irmão mais velho, Eugênia disse em poucas palavras que precisava ficar na sua casa por uns dias e ele, sem lhe pedir explicações, deu ordem à criada para juntar todas as coisas da sua ama, que as mandaria buscar mais tarde e, enquanto ela se vestia para sair, Gregório foi pedir autorização à camareira-mor para que a sua irmã deixasse o Paço de Queluz e pudesse convalescer no seu palácio.

Rodeada da família, acarinhada pela sua cunhada Francisca – que se ocupava dela como se fosse uma irmã e também porque se sentia em segurança na rua da Junqueira –, os desmaios desapareceram e os enjoos, à força de os reprimir para não levantar suspeitas, tornaram-se menos frequentes. O pai visitava-a todos os dias e Eugênia tentava, na sua frente, parecer bem-disposta, como se o restabelecimento fosse a sua única preocupação.

D. João tinha observado de uma das janelas do palácio a partida de Eugênia e só quando a carruagem se fez tão pequena no meio da poeira que deixou de avistá-la no caminho ladeado de árvores, percebeu que perdera para sempre a única mulher que amou. As outras, com quem tinha passado algumas noites, nunca lhe deixaram nostalgia no corpo ou no coração. O seu peito começou a ficar oprimido por uma dor profunda, e quase podia sentir as raízes dessa infelicidade agarrarem-se a ele.

Num segundo, pensou que ainda tinha tempo de mudar o rumo das coisas, mas, ao virar-se para chamar alguém a quem transmitir outras ordens sobre o destino de Eugênia, encontrou-se cara a cara com Carlota Joaquina e leu, nas centelhas dos seus olhos, que o afastamento de Eugênia do Paço não chegava para acalmar a sua raiva.

As paredes do palácio de Queluz tinham ouvidos e muitos deles estavam a serviço de Carlota Joaquina. Quando chegou a notícia da gravidez de Eugênia, ela pensou logo que uma favorita podia lhe fazer perder não só a posição que alcançara na corte, mas também os privilégios que tinha a sua descendência, incluindo os filhos que não eram do marido. Antes que fosse muito tarde, decidiu atacar o príncipe fazendo aquilo que ele mais temia: um escândalo nos seus aposentos. Mas, ao chegar, encontrou-o absorto a olhar a carruagem com as armas dos condes de Cavalleiros afastar-se e viu que a Meneses fugira com o irmão, antes que ela tivesse tido tempo de reagir.

A princesa sabia que, desde que lhe proibira a entrada no seu quarto, o regente ia procurar consolo nas saloias que o veneravam como um deus e com quem podia flertar e ser libertino, mas isso nunca prejudicara nem a ela nem aos filhos. Não entendia como tinha passado, mesmo por um momento, pela cabeça do marido que ela permitisse a alguém tomar o seu lugar, não no coração (sabia que se desprezavam com a mesma obstinação), mas na ascendência que ainda tinha sobre ele; mesmo se esse poder não se devia a qualquer tipo de amor, bem pelo contrário, ao pavor de D. João pelos seus gritos e escândalos, em que ameaçava virar os filhos contra ele, sabendo que os adorava, ou em levar a cabo uma conspiração para lhe tirar o trono, por incompetente.

Ao encontrar o monarca com aquele ar de animal moribundo, uma fúria impossível de conter subiu as entranhas e, apesar de não querer que a corte soubesse o que acontecia, elevou a sua voz aguda de tal forma que esta atravessou as paredes grossas do palácio e a notícia foi cochichada em todos os cantos.

Ameaçou o marido de várias maneiras, insistindo em que essa traição era uma prova de insanidade e lhe dava o argumento de que precisava para convencer os fidalgos que ainda não a apoiavam do que era óbvio: D. João não estava capacitado para governar. Depois, fazendo de conta que se sentia

ofendida na qualidade de consorte, disse-lhe que nem tentasse reconhecer o fedelho, pois não sabia o que ela era capaz de fazer para se vingar.

D. João tentou desculpar Eugênia, dizendo que não devia ser acusada, porque ela nada... Carlota Joaquina não o deixou acabar a frase. Nem queria saber de quem era a culpa, tanto fazia. Eugênia tinha a obrigação de avisá-la das intenções do seu marido, essa era a única moeda que a princesa deveria receber como pagamento de tudo o que fizera por ela. Sua dama de confiança! Sua amiga desde que eram crianças! Que ódio!

O príncipe esperou que a mulher acabasse de despejar toda a raiva e lamentou, na sua maneira irônica de ver as coisas, que o caso não a afetasse o suficiente para vê-la se contorcer no chão, de preferência com a cara virada contra o soalho, para não ter de olhar o último suspiro da morte. Mas a espanhola tinha uma resistência de flagelo e nem o cianeto devia fazer efeito. Então, quando finalmente ela virou as costas para desaparecer, com o seu passo coxo, pelos corredores do palácio, D. João sentou-se pensando no que podia fazer para se proteger e proteger Eugênia, sem que Carlota Joaquina viesse a saber. Entre a tristeza de ver partir Eugênia e a cena aterradora da princesa, ficou com os sentidos embotados e não conseguia raciocinar.

A louca do palácio



Mas havia alguém que o amava e que podia aconselhá-lo. Como não tinha pensado nela antes?

Entrou na ponta do pé, tentando não fazer barulho para não assustar a rainha D. Maria, que contemplava entretida as iluminuras do seu livro de horas. Tão absorta estava que nem percebeu a chegada do filho, ainda que ele tossisse para chamar a sua atenção. Depois de alguns minutos de impaciente espera, aproximou-se dela e pegou em seus dedos brancos e finos com tanta delicadeza que só depois de os beijar ela levantou a cabeça para ver quem a tratava com aquela doçura.

– É meu filho... que bom receber a sua visita.

– Senhora minha mãe, gosto muito de estar perto de vocês, mais para a distrair do que para trazer problemas, mas hoje é um dia especial e preciso dos seus conselhos. Estou tão desesperado que não consigo pensar e só a senhora pode me ajudar neste momento.

– Se eu puder, farei com todo gosto. Conte-me o que o preocupa.

D. João endireitou-se e começou a contar a história desde o princípio, desde o dia em que descobrira pela primeira vez a beleza de Eugênia, as suas maneiras suaves, a alegria contagiante. Falou-lhe também da cultura e inteligência da neta de Marialva, que o atraiu tanto como ao inglês Beckford, a quem não era qualquer mulher que fazia perder a cabeça. No seu entusiasmo, atreveu-se a confessar o seu fascínio pelo pé pequeno que entrevira enquanto ela dançava, dos olhares que ela retribuía com uma doçura de anjo, de a presença de Eugênia o perturbar tanto que não resistiu a visitá-la enquanto dormia, só para velar o seu sono e poder olhar esse corpo que venerava. Depois, baixando a voz, confessou que uma noite não resistiu a esperá-la no quarto.

– Agora, minha mãe, leva no ventre um filho meu e tive de consentir que fosse embora do palácio por medo das represálias de minha mulher. Que posso fazer para não sofrer tanto?

D. João tinha conseguido falar de tudo o que sentia sem tirar os olhos da janela, porque nunca teve uma conversa tão íntima com ninguém. Virou-se, à espera de uma resposta, e percebeu que a rainha nem sequer o ouviu, passeando o seu olhar vago pelas iluminuras, enquanto murmurava palavras sem nexos.

Pegando as suas duas mãos com ternura e aproximando o rosto do dela, contou outra vez todos os seus problemas, para que a rainha prestasse um pouco de atenção e, num momento de lucidez, lhe desse um bom conselho ou, pelo menos, pronunciasse uma frase coerente que o pudesse ajudar a encontrar uma saída.

A rainha pareceu concentrar-se nele, fixando-o interrogativa. No fim, quando o filho lhe perguntou com lágrimas nos olhos como podia ela ajudá-lo, apertou as suas mãos com força e começou a cantar um salmo, incitando-o com um sinal a acompanhá-la com a sua voz grave. Ele fez a vontade, mas a cada palavra entoada sentia a dor tornar-se mais aguda, ao perceber como as brumas da loucura envolviam a única pessoa em quem podia confiar.

A bastarda



Eugênia Maria tentou disfarçar uma lágrima quando percebeu que a filha tinha acordado. Aproveitava o sono dela para olhar de perto os estragos da doença: o corpo cada dia mais magro, o contorno azul-cinzentos dos olhos, o peito encovado pela tosse.

– Ainda não entendi por que D. Carlota Joaquina se enfureceu tanto com a avó – disse Isabel Maria ao abrir os olhos.

– Porque era um escândalo que uma dama do Paço ficasse grávida sendo solteira – explicou a mãe.

A punição



Enquanto D. João procurava na companhia da mãe algum sinal ou um conselho que pudesse ajudá-lo a sair do impasse em que estava metido, por nunca ter pensado nas consequências, a princesa espanhola jurava se vingar. Para isso mandou um dos seus fiéis criados buscar o intendente Pina Manique, que lhe era totalmente dedicado; e, quando este chegou, não perdeu nem um minuto a explicar o seu plano:

– Quero ver Eugênia presa, supliciada e morta.

Carlota Joaquina fez-se surda às razões que o intendente da polícia contrapunha: o crime que queria era imperdoável, mas não se podia matar uma mulher grávida impunemente, nem as leis nem Deus o permitiam.

– *Hombre! No tiene usted cojones?*

– Sua Alteza sabe que tento sempre satisfazer os seus pedidos – disse o visado depois de pigarrear o que lhe produziu tamanha afronta, pois, mesmo estando habituado ao palavreado da princesa, ela nunca tinha usado para ofendê-lo pessoalmente.

– Então obedeça às minhas ordens e não me arranje mais desculpas. Quero ver Eugênia de Meneses morta. Entendido?

– Sim, Alteza, farei tudo o que estiver ao meu alcance.

Pina Manique inclinou-se, pedindo licença para se retirar; que lhe foi dada com um gesto irado feito com o leque, pois Carlota Joaquina não admitia que ninguém a contrariasse ou tentasse fazê-la mudar de opinião. Era só o que faltava!

O intendente, ainda que fosse um decidido defensor da moral pública – o que demonstrava perseguindo as modistas francesas por fazerem vestidos sem decoro, bem como os frades que da porta dos botequins inquietavam com galanteios as mulheres que passavam na rua e que mandava encerrar nas celas dos conventos da província, para que com uma conduta mais

religiosa diminuíssem esses hábitos perniciosos –, não era um carrasco de senhoras, e ainda menos sendo esta de tão nobre linhagem, sem falar da graça e da beleza que sempre comoveram esse homem austero. Mesmo assim, não tinha coragem de desobedecer à princesa, tendo, por isso, de arranjar um modo de reduzir a pena imposta por ela, pois não queria ter na sua consciência o peso de um castigo tão severo por um crime que, conhecendo D. Eugênia de Meneses, só podia ter resultado da submissão.

Ele sabia que, à força de se verem muitas vezes e de travar longas conversas para que o tempo passasse mais depressa, enquanto esperavam que os seus amos saíssem das reuniões ou do teatro, os cocheiros eram um bom veículo de notícias, nomeadamente se diziam respeito a condutas escandalosas da nobreza.

Como falando consigo próprio, deixou cair uma ou duas frases sobre o difícil que era exercer a sua profissão, sobretudo quando o obrigavam a cometer um ato que repudiava, imaginando a mão tremer ao assinar a sentença de morte de Eugênia de Meneses. O desabafo não foi em vão e, rapidamente, de cocheiro em cocheiro, foi passando a voz de alarme até chegar à rua da Junqueira, onde ninguém suspeitava o que tramava a princesa. Gregório recebeu a informação, que agradeceu com uma moeda de prata, transmitindo-a o mais suavemente que conseguiu à sua irmã Eugênia, mas, ao vê-la empalidecer, perdeu a coragem de lhe perguntar qual era o motivo e chamou uma criada para que trouxesse os saís. Quando Eugênia recuperou os sentidos, Gregório deu-lhe a entender que o assunto era muito grave para que ela não falasse sobre ele.

D. João, depois de receber a carta em que Eugênia lhe contava em poucas palavras o perigo que corria, saiu do quarto aterrado e, enquanto atravessava os corredores para chegar à capela, onde ia pedir ao Senhor que o iluminasse, uma ideia extraordinária, daquelas que aparecem raramente, deixou-o mais tranquilo. A seu pedido, o doutor Oliveira apresentou-se o mais rapidamente que conseguiu e ouviu com os olhos abertos de espanto a solução para os problemas do príncipe, porque era evidente que o mesmo nem considerou as consequências que iria haver para os outros envolvidos. Tampouco o preocupava o trágico destino de Eugênia, nem os transtornos que causaria ao médico e aos seus, nem aos Meneses. Tudo o que interessava era se livrar daquele problema, que começava a tomar proporções inesperadas.

– O senhor não teve de sair da Madeira acusado de desinquietador de famílias, e não trouxe com você uma mulher da França e uma freira da campanha no Alentejo?

– Não vejo a relação, Alteza.

– Pois nós vemos. Rapte dona Eugênia e leve-a para onde possa esperar a criança em sossego, no reino pensarão que o filho é seu.

– Sou casado, feliz e tenho filhos. Que dirá a minha mulher?

– O nosso dever é pensar na salvação do reino.

– Devo confessar, Alteza, que não me agrada a ideia de me afastar da família por muito tempo, nem de viver como um proscrito. Afinal, dessa vez, a culpa não é minha.

João Francisco sabia que não devia abrir a boca para contradizer uma ordem régia, mas não se conformava com a ideia peregrina do seu soberano. A frase fez com que o príncipe temesse que uma desobediência inesperada fosse deitar por terra o seu plano. Então, entendeu que não podia esconder as ordens que a sua mulher dera ao intendente e entregou uma carta lacrada com o selo real que lhes serviria de livre-trânsito. Ao pedir ao médico que arriscasse também a vida, devia lhe oferecer, ao menos, alguma contrapartida pelo sacrifício.

– Quando o escândalo for esquecido, recompensarei você e os seus filhos pela prova de fidelidade que nos dá.

– Obrigado, Majestade, mas desculpe a impertinência: qual será o futuro de Eugênia de Meneses?

– Não se preocupe, velaremos pelo seu sustento e para que nada lhe falte. Agora pode se retirar, pois urge fazer todos os preparativos. Mais uma coisa, não volte a sua casa, vá diretamente encontrar o nosso homem de confiança, que já está preparando a carruagem e o barco para a fuga, e mande dizer no palácio de Dom Gregório de Meneses que ao pôr do sol passará para buscar a irmã.

A fuga



Eugênia, fechada numa pequena sala com Gregório e Francisca para que ninguém os ouvisse, contou as suas desventuras desde o princípio, sem ocultar nada senão os momentos pouco próprios, de que preferia não lembrar porque provocavam náuseas. O seu irmão mais velho conseguia a custo ficar sentado na cadeira, pois uma raiva imensa o impulsionada a se manifestar de alguma maneira, mas se conteve. Nada podia fazer a não ser morrer com o segredo, como lhe fizera jurar por Deus sua irmã antes de começar a relatar aquela sucessão de desgraças. E quem se atreveria a censurar o seu soberano, a quem devia a mais absoluta vassalagem, sobretudo depois do massacre da família Távora no tempo de D. José? Ninguém. Ainda menos ele, obrigado a aceitar que Eugênia se sacrificasse por todos, como era o seu desejo, preferindo a clausura de um convento a ter de passar os dias temendo a visita do príncipe, como acontecia no seu quarto do Paço. A sua irmã estimava e respeitava o príncipe, como era o seu dever de súdita, mas ele nunca lhe despertou nenhum outro sentimento.

Mesmo não tendo Eugênia a menor culpa, Gregório não podia ficar indiferente à vergonha, pois cairia sobre ele, seu pai e seus irmãos, já que todos serviam a coroa. Mesmo que não se chegasse a saber que ela esperava um filho do futuro rei, a simples situação de ser raptada por um médico era motivo suficiente para ser banida para sempre da corte.

A porta abriu-se sem que nenhum criado anunciasse uma visita e, para pasmo dos três, o pai de Eugênia entrou, pois não admitiu que um criado lhe dissesse que os senhores não podiam ser incomodados. Algo o fez adivinhar que a sua filha preferida estava em perigo e nada o impediria de a ajudar.

Mas depois de, com os olhos pregados no chão, ouvir – também sob juramento de que nada do que Eugênia lhe dissesse pudesse ser repetido

alguma vez – o relato da maior injustiça feita à sua família, uma insustentável sensação de impotência começou a pesar no corpo e se sentiu envelhecer vinte anos de repente. Nada podia fazer, isso era verdade, para defender a honra da sua virtuosa Eugênia. Mas ninguém podia proibi-lo, na sua idade, de abdicar dos seus altos cargos na corte, para também ele se enclausurar numa das suas propriedades. Jurou que a partir desse dia não veria ninguém senão os filhos.

As lágrimas de Eugênia não o fizeram mudar de opinião. A sua decisão estava tomada. Preferia passar o resto da vida lembrando como tinham sido felizes quando estavam todos juntos, a beijar a mão a quem lhe desferiu um golpe tão traiçoeiro, como se tivessem enterrado um punhal nas suas costas, o que talvez teria preferido.

Nessa tarde de fim de maio o sol caía lentamente, desfazendo-se em manchas encarnadas sobre o rio Tejo, e os sinos da igreja mais próxima tocavam para anunciar a hora de rezar as completas. Mas na casa de Gregório disseram as orações muito depressa, porque o doutor Oliveira já estava à espera na carruagem com o baú de Eugênia e tinham de aproveitar o momento de recolhimento para poderem fugir sem serem vistos. Na despedida curta, porque o tempo escasseava, a desgraçada dama de Carlota Joaquina fazia um último pedido:

– Para evitar que a fúria da princesa caia sobre a nossa família, e sem quebrarem o juramento que me fizeram, digam na corte que nunca mais querem ouvir falar de mim. Tentarei mandar uma carta quando chegar. Se por qualquer motivo não puder fazer, saibam que amarei vocês sempre e que da nossa parte o mesmo sentimento me acompanhará e me dará forças para suportar todas as provações que Nosso Senhor me reservar.

A bastarda



Uma chuva fina caía sem cessar desde o meio-dia, e o cheiro da terra molhada e das flores que chegava à varanda convidava a beber lentamente algumas xícaras de chá acompanhadas de bolo de mel, que Eugênia Maria tinha mandado trazer para o lanche. O tempo parecia ter parado, com a quietude imposta pela cadência da água, incitando-as também à conversa.

– Conte-me outra vez como a avó Eugênia escapou da fúria da princesa, talvez ainda lembre de algum detalhe novo.

– Para você é como se ouvisse a leitura de um romance de aventura, mas olha que para a minha mãe não foi nada disso, pelo contrário, tremia só de pensar que podiam ser apanhados, ela e o médico. Então, vamos começar pela saída do palácio da rua da Junqueira, residência do meu tio Gregório. Lembra que a tua avó foi de Queluz para lá na companhia do seu irmão sem dizer ainda o que acontecia? Mas ele percebeu que era algo muito grave, porque ela nunca lhe tinha feito um pedido igual. No dia em que uma alma caridosa os avisou do perigo que ela corria se permanecesse em Lisboa, teve de esclarecer o porquê dessa perseguição. Depois de se abrir com eles e com o meu avô, que chegou depois, sentiu-se muito mais aliviada porque percebeu que o temor de lhes revelar a sua falta não tinha fundamento. Todos concordaram que, dadas as circunstâncias, teria sido impossível agir de outra maneira, a não ser que atentasse contra a própria vida, o que, como sabe, é o maior dos pecados. Despediram-se sem saber se voltariam a se ver algum dia, e a sua avó deixou escritas umas palavras de adeus aos outros irmãos, pois não teve tempo de avisá-los, além disso, quanto menos gente soubesse da fuga mais possibilidades tinham de conseguir executá-la. Foram numa carruagem antiga alugada, para se camuflarem, a caminho de Caxias, onde os esperava um barco que os levaria a Cádis, mas, quando

passavam pela estrada do Dafundo, o doutor Oliveira, já então muito famoso, foi reconhecido por umas pessoas que queriam cumprimentá-lo. Para minha mãe foram segundos de suplício porque imaginou que os iriam atrasar ou, pior ainda, denunciar. Ele reagiu com certa calma e gritou para eles da janela, pois o cocheiro tinha ordem de não abrandar o passo, que no dia seguinte passaria por lá, ia assistir um parto e tinha o tempo contado. Até saírem da entrada do porto teve medo de que os apanhassem, não sabia o que acontecia no Paço e a princesa era bem capaz de ter espalhado espiões pela cidade, não era a primeira vez que fazia isso, e ela, sua dama de confiança, sabia melhor do que ninguém do que era capaz. Pelo visto, D. Carlota Joaquina pensou que no seu estado seria impossível empreender uma viagem. Essa força que veio de repente foi a sua salvação.

– Que as salvou.

– Disse bem, salvou nós duas. O barco que os esperava na praia de Caxias não era muito grande e balançou bastante, mas a minha mãe estava tão preocupada com quem pudesse estar os seguindo que, de tanto sondar o mar à sua volta, se esqueceu de enjoar. Quando chegaram a Cádiz, desmaiou, e o vice-cônsul português, que os esperava por ordem do príncipe regente, mandou que a instalassem na sua casa até estar em condições de empreender a viagem até Tavira, por haver ali um dos raros conventos com comodidades para recebê-la e onde acolhiam principalmente fidalgas. Nem todas as congregações aceitavam laicos e, na Espanha, fosse porque já sabiam do escândalo ou por mero acaso, respondiam ao pedido do consulado dizendo que lamentavam muito, mas não tinham lugar.

– E o médico? Ficou com a avó Eugênia alguns dias?

– Nem pensar! Fugiu da minha mãe como da peste. Coitado, como o entendo, a confusão em que se meteu por ser o médico da corte! Ela não lhe guardou rancor por ter ido embora tão depressa, pelo contrário, ficou eternamente agradecida por tê-la ajudado a sair de Lisboa, pois sozinha não teria se arriscado a fazer. Tenho pena de que a tua avó nunca tivesse imaginado que ele ia ser como um pai para mim, pois teria morrido menos preocupada com o meu destino. Mas, voltando ao ponto onde estávamos, a pressa do médico em partir era tanta que até ajudou os criados a fazerem o transbordo das poucas coisas que tinha levado consigo e, mesmo assim, ficaram algumas no cais, que foram confiscadas e ainda devem estar lá, apodrecendo no depósito da alfândega. Não queria perder por nada deste

mundo um barco veloz que estava prestes a zarpar rumo à América, onde, segundo me contou mais tarde, esteve vários anos juntamente com a sua família.

– E a avó Eugênia ficou muito tempo em Cádis? Porque a mãe nasceu lá, não foi? Não se lembra da cidade?

– Não, era muito pequenina quando fomos embora da Espanha. Nasci lá por uma razão que contarei outro dia, agora só tenho tempo para lhe dizer que a minha mãe ficou em Cádis cerca de um mês, até se sentir com forças para fazer a viagem para o Algarve, porque não era só a sua saúde que estava fraca, mas também os seus nervos. A tristeza de se ver afastada da família de quem tanto gostava, estando habituada a vê-los quase todos os dias, fez com que piorasse. O carinho deles fazia-lhe muita falta no seu estado. Ainda hoje, passados tantos anos, me lembro desse vazio que não conseguia preencher, tantas eram as saudades do seu pai e dos irmãos, que nada podia substituir.

– Nem a mãe?

– Eu era a razão da sua vida, sabia muito bem, mas é diferente. E agora, Isabel Maria, é hora de rezar o terço, não podemos deixar passar nem um dia sem pedir a Nossa Senhora que a ajude a ficar boa. Depois fica tarde e chega a enfermeira para levá-la para o quarto e não podemos rezar vendo o pôr do sol nesta ilha maravilhosa.

A clausura



Teve medo de, sem querer, afagar o ventre, deixando perceber que, por baixo da saia e dos saíotes, o fruto do seu pecado se mexia para envergonhá-la diante das freiras do convento. Olhava a imagem da Virgem iluminada pela luz cintilante de uma vela e teve vontade de culpá-la da sua desgraça.

– Oh, Senhora minha, por que não intercedeu para que os olhos do príncipe não pousassem em mim? Não havia mulheres mais novas e mais bonitas do que eu? Havia, eu sei que havia. Por que não as quis? Outra se sentiria lisonjeada e não passaria, como eu, o dia inteiro e boa parte da noite chorando até ouvir tocar o sino da madrugada.

– Nome?

– Eugênia de Meneses, quarta filha dos condes de Cavalleiros e neta do marquês de Marialva.

– Data de nascimento?

– Nasci no dia 9 de março de 1775.

– Fé?

– Cristã. O meu padrinho foi o senhor infante Dom Pedro, marido e tio de Sua Alteza, a princesa do Brasil, e a minha madrinha, a Nossa Senhora da Madre de Deus.

– Não se ofenda, senhora, cumprimos apenas as ordens do Santo Ofício.

Eugênia sentiu corar, a madre superiora tinha a recebido sem lhe fazer qualquer pergunta nem dirigir sequer um olhar de reprovação e, mesmo supondo que o vice-cônsul tivesse dado alguma explicação quando a levara até lá, Eugênia não tinha certeza de que ela soubesse o motivo pelo qual estava pedindo abrigo no convento de Cister.

– Peço que me desculpe, madre.

– A viagem deve tê-la cansado. Depois de cumprir com estas pequenas formalidades, a irmã Clarissa vai acompanhá-la à sua cela.

Durante uns minutos apenas se ouviu, a cada vez que respondia a uma questão, o barulho do arrastar da pena e a respiração asmática da freira escritã. Mais tarde, percorreu o claustro seguindo uma freira baixa e gorducha que, com os seus passos pequenos, parecia balançar para poder avançar. Os corredores compridos de paredes grossas ainda se mantinham frescos, apesar de o sol já ter começado a irradiar um calor mais forte.

A cela era pequena e caiada de branco, nela cabiam uma cama estreita, uma mesa e uma cadeira, tudo comprado às pressas, menos o baú, que viera com ela desde o Paço. Havia também uma janela pequena por onde mal entrava a luz que iria aquecer o corpo na sua doce espera.

– Que ironia, Senhor, se nunca me senti tão amarga!

O Cristo do crucifixo não fez menção de concordar, habituado a ouvir os queixumes de quem se encontrava ali por vontade alheia.

Ao se deitar, lembrou que mal se despediu do doutor Oliveira e não podia escrever uma carta agradecendo os transtornos que fora obrigado a passar por sua causa, pois não tinha nenhum endereço para onde mandar. Coitadinho, sem ter nada a ver com o escândalo e só por ser o médico de confiança de D. João, acabou se vendo quase em tão maus lençóis como ela.

A cama não era cômoda, mas no silêncio que a rodeava havia algo de sagrado e Eugênia sentiu-se protegida nesse claustro onde nem os demônios nem os príncipes podiam entrar. O cansaço era tão grande que o desconsolo teve o efeito de um calmante e, mal acabou de rezar as suas orações da noite, adormeceu.

A carta



Enquanto o médico seguia rumo a Inglaterra, para pegar um barco que o levasse aos Estados Unidos, a sua mulher relia a carta que ele lhe fez chegar para se assegurar de que não se esqueceria de nenhuma das suas recomendações. Estava datada de alguns dias antes, precisamente aquele em que o doutor Oliveira fingiu raptar Eugênia de Meneses, e dizia assim:

Minha querida esposa,

Não é por falta de amizade que parto sem você; me obriga a honra a me sacrificar e a sair sem perda de tempo: a minha pátria, a minha herança, os meus parentes, e também os seus, vivem na Madeira, parte sem perda de tempo para viver com eles, e lá lhe mandarei notícias minhas logo que seja possível. Leve com você os meus filhos, que reunirei a mim logo que possa. Se o príncipe Nosso Senhor, dando ouvidos à sua natural bondade, se dignar me conservar o que me deu por serviços que fiz, e dons que me tinha já feito, têm com que passar e como viveriam se eu lhes faltasse. Peço-lhe e recomendo muito que não incomode o trono com súplicas, não quero que por meu respeito seja desatendida.

Reduza tudo o que puder e não quiser a dinheiro, e parta.

Não devo à real fazenda mais do que trezentos e tantos mil réis, que ainda não satisfiz, resto dos três mil cruzados que levei para Abrantes e que caíram da garupa na bolsa de couro em que os levava, e a esse respeito escrevo ao Correia. Paguei já mais de oitocentos mil réis.

Nada devo na rua Augusta nem aos criados até o fim deste mês, que ficam pagos.

Não escrevo ao meu pai, mas eu o farei de parte segura, se lá chegar.

Cuida da sua vida, que agora mais do que tudo me interessa, e bem assim a dos meus filhos, em que cuidará como mãe e como único apoio que por agora lhes resta.

Nada lhe digo porque tudo sabe, mas o que não quero que ignore é que a estimo muito e que respeitarei sempre a sua virtude, e que em tempo algum me esquecerei de você, seja qual for o lugar do mundo em que residir.

Torno a recomendar: cuide muito da sua saúde, confie-a a pessoa hábil, e acredita que a ama muito o seu

João Francisco

Ao ler a carta pela quarta ou quinta vez, a mulher do doutor Oliveira não conseguiu conter novamente as lágrimas que saíam dos olhos aos borbotões e tentava enxugar com a renda das mangas, pois não tinha tempo nem para buscar os lenços, nem para desmaios e saís; tanta coisa tinha a fazer depois do abalo que só os atingiu, deitando por terra os alicerces da sua casa, da sua família e da sua vida.

Por que não perdoava a espanhola o devaneio do marido, se ele tinha perdoado os dela? Para quê fazer o papel de vítima ultrajada e gritar, a quem quisesse ouvi-la ou estivesse por perto, que fora ofendida nos seus direitos sagrados de esposa?

– Meu pobre João Francisco, de muito nos serviu a amizade do príncipe regente!

A vingança



Entretanto, Carlota Joaquina não sossegava e continuava a passear de uma ponta da sala até a outra, chamando de incapazes os homens que tinham perdido o rastro de Eugênia antes que esta subisse ao barco que a levava para longe da sua alçada. Queria se vingar do vexame que lhe fizera a sua dama de confiança, ousando engravidar do seu marido para vir exigir sabe Deus que privilégios, como se o amor pudesse legitimar alguma coisa. A Meneses levava no ventre uma criança bastarda, sem direitos. Que isso ficasse claro. De qualquer maneira, como fora raptada pelo médico, ninguém podia dizer que o filho não era dele: todos conheciam a sua reputação de sedutor, era um homem bem parecido e, com o pretexto dos nervos da doente, entrava e saía do quarto de Eugênia quantas vezes queria, sem levantar suspeitas.

Essa fúria, que lhe alterava a voz, ficando ainda mais esganiçada, tinha motivos menos óbvios do que os que pretendia fazer crer todo mundo. Durante muitos anos, Eugênia foi a sua dama de confiança, a quem entregou cartas ou mandou transmitir os recados mais secretos. Sempre imaginou que, pela boca dessa criatura sem malícia e de uma lealdade total, nunca viria a saber nada dos atos pouco próprios da sua vida. Tanto se cuidou a princesa de que outros não soubessem a quantidade de amantes que entravam no seu quarto para, afinal, esse poço de virtudes se transformar numa ameaça à sua reputação! Não podia permitir que alguém se interpusesse nos seus planos de chegar um dia à coroa. Devia eliminá-la da corte. O convento era um castigo muito rápido. Precisava bani-la do reino, deixá-la sem família, sem bens, reduzida a uma condição de miséria, para não contatar com ninguém que pudesse ouvir algum dos seus segredos. Nunca deveria ter confiado nela, mas quem podia adivinhar que tipo de pessoa se escondia por trás dessa aparente mansidão?

– Chamem Pina Manique, um escrivão e o meu secretário, e que ninguém demore a chegar.

E foi assim que, depois de mais uma cena de gritos e impropérios, o príncipe regente assinou contrariado um documento, que foi fixado em várias ruas do reino e dito em voz alta pelos pregoeiros cegos nas praças principais:

Eu, o Príncipe Regente, faço saber aos que este alvará virem: Que tendo-se verificado, na Minha Real Presença, que Dona Eugênia José de Menezes, dama da Princesa, Minha sobre todas Muito Amada e Prezada Mulher, esquecida inteiramente da Honra e Decência do Paço, de si mesma, e daqueles de quem vem, se precipitara no crime torpe e abjeto de fugir com um médico; ofendendo assim o respeito e decoro do mesmo Paço e injuriando a família e casa em que nasceu, com tanta infâmia própria como escândalo geral: E sendo indispensável não só zelar o respeito devido à Casa Real, e a honestidade, e louvável procedimento da família dela, especialmente daquelas criadas, que pela sua qualidade e representação devem servir de exemplo na pureza dos costumes e gravidade de todas as ações; mas também conservar ileso a memória e nobreza das famílias ilustres, que não pode ser representada por pessoas indignas; as quais, aviltecendo por fatos torpes, abjetos e escandalosos a distinção com que nasceram, se deserdam por eles da grande representação dos seus maiores e das prerrogativas e privilégios, que os mesmos lhes transmitiram por virtudes assinaladas, feitos heroicos, e sacrifícios gloriosos: Sou servido mandar que a dita Dona Eugênia seja riscada do título de Dama, privada de todas as mercês e honras e excluída da sucessão dos bens da coroa e ordens, a que tenha ou possa ter algum direito: E outro sim ordeno que seja degradada da família e casa em que nasceu, e de que ficará estranha por si e seus descendentes, se os tiver, para todos os atos de feito, e de direito, sem poder suceder em heranças *ab intestato* (sem testamento), nem em vínculos e prazos familiares, como se houvesse nascido de ínfima plebe, extintos todos os direitos de sangue.

Pelo que: Mando à mesa do desembargo do Paço que sendo-lhe apresentado este alvará, depois de passar pela chancelaria, o faça cumprir e executar com as ordens necessárias sem embargo de quaisquer leis, instituições, investiduras e mais disposições em contrário, que todas hei por revogadas para este efeito somente como se delas fizesse especial menção, não obstante a ordenação, que dispõe o contrário, pois assim é minha vontade, e o determino definitivamente de meu *motu* (movimento) próprio, certa ciência, poder pleno e supremo para que mais não possa vir em dúvida em juízo ou fora dele. E o mesmo observará o meu mordomo-mor, pela parte que lhe toca.

Dado no Palácio de Queluz em dois de junho de mil oitocentos e três.

Ao saber que o conteúdo do alvará onde Eugênia era condenada ao desterro estava sendo difundido por toda a cidade, Rodrigo mandou um recado aos filhos para que se reunissem nessa mesma noite no seu palácio do Bomsucesso. Com uma diferença de poucos minutos, foram entrando um a um na biblioteca e, ao beijarem a mão do pai, fizeram com tal tristeza que, mais do que uma saudação, pareciam estar dando os pêsames. Desde a morte da mãe que não o viam numa prostração tão grande. Na dúzia de dias que decorreram desde que Eugênia o separou deles, Rodrigo perdeu o seu porte altivo, as costas curvaram-se e o seu cabelo ficou branco. Todos conheciam, sem ninguém ter dito uma palavra, qual o motivo da convocação, pois não se falava de outra coisa na capital do reino e um silêncio carregado recebia-os cada vez que um deles aparecia em público. Por ser o mais velho, Gregório pediu licença ao pai para falar primeiro, pois imaginava que todos sentissem o mesmo e gostassem de pôr um fim ao escândalo. Já chegava a vergonha e a perda da irmã, não precisavam que lhes recordassem isso em cada esquina com o rufar de um tambor, como se fosse algo que o povo inteiro devesse saber.

Cada um deu depois a sua opinião de como agir numa situação daquelas, mas nem todos concordavam e, se bem que o ambiente fosse de tamanha tristeza que ninguém tinha vontade de discutir a posição do outro, Rodrigo ergueu a mão, dando por encerrada a questão. Sem levantar o tom de voz, diante do mutismo de todos, comunicou que já tinha tomado a decisão de

solicitar uma audiência aos príncipes para lhes pedir que, em nome da lealdade com que sempre a sua família serviu a coroa, pusessem fim àquela trágica farsa, pois não havia nada melhor do que o silêncio para abafar um caso.

Um nó de lágrimas provocou-lhe um soluço rouco na garganta e os filhos todos se aproximaram dele para que sentisse o amor e o respeito que tinham pela sua dor, sem outra manifestação, pois um filho nunca se atreveria a acariciar o pai.

Três dias depois, desapareceram os alvarás impressos das paredes e os cegos calaram os tambores e as vozes monocórdicas com que repetiam as palavras aprendidas de cor.

Rodrigo fechou o palácio do Bomsucesso, indo se recolher na sua quinta do Furadouro, em Óbidos, onde viveu amargurado com o destino de Eugênia, a quem nem era permitido escrever umas poucas linhas que fosse para consolá-lo. O governador de Vila Rica, o fiscal da princesa, o contador de histórias, aquele que caçava, amava e ria com uma vontade de viver que fazia inveja, foi atingido por uma tristeza mortal que o levou ao fim de quatro anos.

Segundo alvará



Um segundo alvará, que não fazia sentido porque D. João sabia de fonte segura que o médico se encontrava fora de qualquer ponto do reino, mas que servia para atrair as atenções sobre o outro protagonista do vergonhoso desacato, foi apregoado e publicado, seguido de outros dois, todos eles acusando o sedutor João Francisco de Oliveira de aliciar com abomináveis sugestões D. Eugênia de Meneses, até o ponto de ser raptada, ofendendo as majestades e a ilustre família da mesma desgraçada dama. Os castigos para o tremendo crime eram vários, desde ser expulso da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo até confiscarem-lhe todos os bens em Lisboa; e, para dar mais ênfase à culpabilidade do desertor, permitia-se que “qualquer pessoa do povo possa matá-lo, mesmo não sendo o seu inimigo, ou que seja levado até o lugar da forca, na qual morrerá de morte natural para sempre”.

Não havia em Portugal ninguém da família que pudesse defender tão insigne médico, pois a mulher e os filhos já estavam com ele, num país longínquo como eram os Estados Unidos, onde praticava a ciência, sendo reconhecido como exímio na sua profissão e ganhando o suficiente para ter uma vida folgada, sem temer a ira de uma princesa absolutista.

E se alguém soube do caso do qual se falou em todas as cortes da Europa, porque esse gênero de notícias atravessavam para a outra margem do Atlântico, ignorou-o ou teve o bom gosto de não o mencionar.

A bastarda



Eugênia Maria recordava todos os pormenores do drama, que a mãe lhe contara uns meses antes de morrer, com maior nitidez que se o tivesse vivido.

– A sua avó sofreu muito com o desterro. Compreendi muito cedo que a tristeza era a pior das suas doenças e sentia o peso de ser eu a única pessoa que a mantinha viva.

– Um pouco como eu. Sinto-me tão compungida, mãe, nem imagina. Obrigá-la a estar ao meu lado, durante meses, sem poder fazer mais nada do que me acariciar. Acha que não sei o que isso custa?

– Filhinha.

– Chore, mãe, assim eu também posso chorar.

Expulsa



Ao acordar, sem ainda conseguir abrir os olhos pelo peso das pálpebras, Eugênia ouviu, para lá da porta da cela, o roçar dos hábitos das freiras no chão, só possível no silêncio em que se vivia essa hora de recolhimento no convento de S. Bernardo.

Tentou vencer um cansaço de meses que deixava o corpo sem vontade própria e, juntando as poucas forças que restavam, conseguiu levantar um braço e a cabeça para beber água do copo que deixara ao pé da cama na noite anterior. Pela intensidade da luz que entrava pela janela, calculou que devia ter dormido o dobro das horas do costume. Mesmo assim, sentia que precisava repousar ainda o resto do dia e uma noite inteira e, sem acabar o pensamento, voltou a cair num sono profundo. Só as pancadas na porta dadas pela madre superiora, inquieta porque desde que entrara na cela não voltara a ouvir Eugênia fazer barulho, obrigaram-na a se levantar para puxar o ferrolho, porque a Ordem de Cister mandava que as portas das celas ficassem trancadas ao recolher. Nesse momento, percebeu que não tinha ninguém para fazer companhia, nem mesmo uma criada que a ajudasse a sair da cama e fizesse as coisas mais triviais, como abrir uma porta ou uma janela. Ao encontrar os olhos que a interrogavam com doçura, rompeu num choro convulsivo que a obrigou a se sentar novamente na cama. Com sinais e alguns escassos gestos, pois não era permitido falar nas celas, a madre explicou que não podia fazer barulho nem sequer para esvaziar as lágrimas que apertavam a sua garganta e a sufocavam.

“Nossa Senhora, até a tristeza deve ser silenciosa!”, pensava Eugênia, revoltada, enquanto tentava perceber o sinal da freira para que se vestisse e fosse ao refeitório. Eram horas de jantar e a abadessa exigia a sua presença. Concedera-lhe por especial favor aquelas horas de sono, mas era tempo de

seguir o horário do convento, mesmo não tendo entrado ali com o propósito de ser religiosa.

Eugênia desculpou-se por não ter tido energia nem para abrir os olhos, e a abadessa, pondo-lhe um terço nas mãos, disse que encontraria a força de que precisava na oração, pois Nosso Senhor ouvia sempre os aflitos. Quando se ajoelhou para rezar na capela barroca que era o orgulho do pequeno convento, viu junto da cruz uma medalha da Nossa Senhora da Madre de Deus e beijou-a com fervor, tomando a coincidência por um sinal que a sua madrinha mandava para lhe indicar que voltou a protegê-la como antes e que ela não estava tão desamparada como pensara havia pouco. O rancor que tinha por não tê-la protegido do assédio do príncipe regente desvaneceu-se ao perceber que, contra os desígnios de Deus, nem Nossa Senhora podia fazer nada e, em vez de censurá-la como tinha feito até esse momento, voltou a pôr a medalhinha do seu batizado junto ao coração, pois a sua madrinha era tudo o que restava naquele momento.

Nos tempos que se seguiram, tentou dissimular com faixas e vestidos largos o seu estado, mas a barriga cresceu de tal forma que três meses depois a abadessa pediu que se apresentasse no seu escritório, a fim de falarem de um assunto que a preocupava e lhe dizia respeito.

Eugênia sabia perfeitamente do que se tratava e não ficou surpreendida quando ela lhe sugeriu que abandonasse o convento, pois não era permitida a estadia de mulheres grávidas nem de inocentes nascidos de mães que viviam no claustro.

– Entendo, madre superiora, mas para onde posso ir sem recursos?

– Já escrevi ao vice-cônsul português em Cádis, que recebeu ordens superiores de velar por você e pela criança que leva no ventre. Penso que ainda ninguém percebeu o seu estado e prefiro que parta antes de confirmar suspeitas, se as houver. Não sei o que será de você nem se nos voltaremos a ver, mas o Senhor estará com você em qualquer lugar em que se encontre, pois, no pouco tempo que dividiu o nosso teto, percebi sua devoção e boa vontade com que acatou todas as nossas regras. Sei por experiência própria o que isso custa, eu também pertenci ao vosso meio. Vá andando para a carruagem que a espera diante da porta do convento, o seu baú já foi levado para lá enquanto conversávamos. Que Deus tenha piedade de você.

– A sua bênção, madre.

A madrinha



Que fiz eu? Como pude deixar assim desamparada essa criatura? Se a última vez que a vi dormia no seu quarto do Paço como um anjo e nada fazia prever que quem deveria preocupar-se como um pai pela sua súdita perdesse o controle de si próprio, a ponto de provocar toda esta desgraça.

A culpa é minha. Não! Por que estou me culpando por algo que não fiz? Um não também se diz rapidamente, são só três letras! Eu sei que é uma palavra que não fica bem na boca das mulheres, sobretudo quando se dirigem aos homens, mas, francamente, há limites.

Que estou ouvindo?

Chegar a esta idade avançada para ouvir o demônio zombar da minha conduta?

Bem podia lembrar-se de que ainda cheguei a tempo de apaziguar a fúria da princesa espanhola, o que não foi nada fácil, mesmo sendo agraciada com o dom de fazer milagres. Quando a vontade do outro não presta, as coisas muitas vezes se complicam. Mais fácil foi sussurrar duas palavras a Pina Manique que, com a sensibilidade própria dos 70 anos, tem um ouvido menos surdo que o de Carlota Joaquina.

Tampouco posso fazer seja o que for para minimizar a tristeza de Rodrigo Meneses. Primeiro morre a mulher, o que a muito custo conseguiu superar, e agora o tremendo desgosto da filha tirou a sua vontade de viver. Já não caça nem recebe visitas a não ser dos filhos – que também não são frequentes, porque o dever os obriga a ficar perto da corte –, e apenas faz um passeio por dia para desentorpecer as pernas, pois passa as horas reclinado numa poltrona olhando pela janela os campos verdes ou lendo um livro dos muitos que tem na biblioteca.

Creio que um certo remorso o mantém ainda vivo. Culpa-se de não ter casado Eugênia mesmo contra a vontade dela e de deixá-la estudar mais que o devido, pois era de imaginação viva e dada à leitura de livros capazes de a exaltarem, e esse pode ser o motivo do enfraquecimento dos nervos.

Coitado! Não sabe que nessas duas coisas fui eu que me intrometi. Mas a minha intenção não era tirá-la do bom caminho, pelo contrário, continuo pensando que as mulheres devem se cultivar para não serem levadas para onde os homens querem.

Eugênia! Não olhe assim para mim, carregada de rancor, é um sentimento que faz mal, corrói as pessoas por dentro. Como posso demonstrar que estou perto de você? Paciência, agora não me ocorre nada, mas logo aparecerá alguma ideia. Quiçá fazer-lhe chegar o terço da irmã Benilde, que era a minha devota e morreu santamente há poucas semanas?

Cádiz



Ao se sentar na carruagem, junto ao vice-cônsul que a fora buscar, perguntou-lhe para onde a levava.

– Na realidade, não sei. Não consegui que fosse admitida em nenhum outro convento, nem sequer em Cádiz. A casa onde moro, que é do consulado, tem comodidades para hospedá-la, pelo menos enquanto estiver nesse estado. Depois se verá. Entretanto espero receber novas do Paço.

– Alguém no Paço se interessa pela minha comodidade?

– Sim.

Depois de uma longa pausa, não ousando Eugênia perguntar quem era, o vice-cônsul pensava se lhe competia ou não revelar, não sendo o assunto assim tão secreto, dada a constante troca de cartas e o envio regular de dinheiro para as despesas. Por fim, decidiu falar sem dizer muito, para não poder ser acusado de nada.

– O visconde de Balsemão.

– Que faz ele?

– É o novo Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros.

– Ou seja, sou um assunto diplomático.

– Eu diria que é um assunto melindroso e que requer todo o cuidado.

– Posso saber, ao menos, quem me protege?

– Quem mais poder detém no reino, depois de Deus, naturalmente.

Eugênia suspirou e continuou a olhar pela janela poeirenta os campos rasos e secos, cobertos aqui e ali por montes de palha que os carros puxados por mulas recolhiam com uma lentidão de condenados. Com uma mão apoiada no ventre, onde a criança se aninhava para se proteger das sacudidas da carruagem, agradeceu aos céus que o seu senhor se preocupasse com ela. Pelo menos, o futuro não parecia tão mau e nada iria faltar à sua filha, sua filha, sim, não sabia por que nem como o adivinhava,

mas tinha de ser uma menina para poder ficar junto dela. Um rapaz seria tirado dela logo, ou, pior ainda, raptado ou... Não. Nisso nem sequer devia pensar.

Chegou ao consulado com as costas doloridas e as pernas inchadas do calor e da incômoda posição em que passou uma parte da viagem por terra e meio enjoada pelo resto do percurso que fizeram de barco. Depois de uma refeição rápida, deitou-se numa cama com lençóis suaves, onde o colchão era mais mole do que o do convento e, enterrando-se nele, adormeceu até o meio do dia seguinte.

Lavada e vestida, tomou um café da manhã básico porque o jantar ia ser servido pouco depois. Disposta a conhecer a cidade, ao pedir à criada que a acompanhasse, percebeu que a sua liberdade acabava na porta do quarto. Perguntou o que significavam aquelas trancas, e ela, num espanhol apertuguesado, respondeu que os senhores cumpriam ordens e não sabia dizer mais nada.

Eugênia deixou cair com desalento a sombrinha e as luvas e ficou numa prostração melancólica, que só diminuiu quando ouviu rodar a chave e a dona da casa a convidou a acompanhá-la à sala de jantar.

– Lamento, senhora, mas, para sua própria segurança, obrigam-nos a mantê-la em cativeiro. Há ainda quem lhe queira mal e só entre as paredes de um convento poderá passear mais à vontade.

– Vejo que o meu destino foi todo pensado nas mais altas esferas. Desculpe o sarcasmo, mas deveria estar agradecida. Não é nada contra você, pelo contrário, espero que durante o tempo em que viva na sua casa possamos ser amigas. Ter com quem falar, para mim, transformou-se num bem precioso.

Dois meses depois, mais precisamente num sábado, primeiro de outubro, Eugênia deu à luz uma menina sem complicações e no meio de muita alegria, pois era o que ela desejava, recebendo a sua filha como uma bênção. Uma autorização real permitiu-lhe escolher o nome, mas essa prerrogativa trazia com ela um senão, o de ser inscrita como filha de *pais não conhecidos*, ou seja, nem sequer podia reconhecê-la como sua filha. Assim foi batizada Eugênia Maria do Rosário na catedral de Cádis, sendo o padrinho o vice-cônsul, que se apressou a mandar a certidão de batismo

para Lisboa, como prova de que tudo fora feito conforme lhe tinham indicado na última carta.

Antes de passar a quarentena, por motivos que a parteira desconhecia, o leite que lhe saía com fartura do peito começou a escassear dia após dia, até secar quase por completo, para desespero da mãe e também da filha, a quem retiravam sem razão o alimento, e ainda do vice-cônsul e da mulher, que tinham de encontrar uma ama de leite rapidamente, se não queriam enlouquecer com o choro contínuo da criança.

O príncipe regente estava a par de tudo, porque não só queria saber semanalmente o estado de Eugênia e da filha, como ditava ordens sobre todos os assuntos que tinham a ver com elas, e pretendia para ama da pequena Eugênia Maria uma mulher limpa, sadia e que inspirasse confiança, o que, em tão pouco tempo, não era fácil de conseguir. O vice-cônsul levou a recém-nascida a uma ama de leite que residia fora da cidade, sendo a única de todas as recomendadas que preenchia os requisitos, menos um, que era o de não poder se ausentar de casa, porque não tinha com quem deixar os seus filhos pequenos.

Então começou o pior: Eugênia na sua cama dava gritos lancinantes, pedindo que devolvessem a filha, que era tudo o que lhe restava, e não havia trancas na porta que abafassem as queixas que ensurdeciam não só os moradores da casa, como os que tinham o azar de ser seus vizinhos.

O correio real não parava de fazer o trajeto entre Cádiz e Lisboa, trazendo ordens estritas de velar pela saúde mental da ilustre hóspede e trocar de ama o mais rapidamente possível por uma que fosse viver no consulado. No dia seguinte, apresentou-se uma mulher de peito opulento, chamada Rosa Albina, a quem morreu pouco antes uma filhinha e que, tendo todas as qualidades exigidas, parecia mandada por Nossa Senhora. Com o reencontro acalmaram-se mãe e filha e voltou o sossego ao consulado.

Longe de ter ciúmes pelos laços que pareciam unir Rosa e a sua pequena Eugênia Maria, a mãe sentia-se agradecida por poder ficar perto dela e de certo modo emocionava-a ver a ama consolar-se do desgosto da morte da filhinha, no tempo do *massacre dos inocentes* – assim chamado porque quase no final dos trabalhos agrícolas, na altura em que as mães não podiam cuidar dos filhos devidamente, se propagavam com mais facilidade as febres e os desarranjos intestinais causados pela água contaminada ou por algum alimento em mau estado. Rosa, depois de sepultar sua menina e não

tendo marido a quem se prender, decidiu deixar o campo e encaminhar-se para Cádiz, onde, no chafariz em que parou para descansar um pouco e beber água, uma mulher vestida de lavadeira lhe perguntou de onde vinha. Ao contar um pouco da sua vida e dizer que viera à cidade procurar trabalho, a outra comentou ter ouvido falar de uma casa de portugueses que procuravam uma ama de leite, mas quem melhor podia informá-la devia estar a essa hora na sacristia da catedral. Assim, como levada pela mão de algo superior ao entendimento, foi bater à porta do consulado, onde a receberam com uma alegria mal dissimulada:

– É um milagre – repetia a dona da casa –, um milagre de Nossa Senhora dos Aflitos, a quem tantas orações rezei nestes últimos dias!

Eugênia, ainda que a ama de leite tivesse adotado a menina faminta como se fosse sua, seguia de perto todos os movimentos das duas, velando inclusive pelo que comia Rosa, como fazia a sua mãe Maria José, quando os seus irmãos tiveram de ser amamentados por outra pessoa no Brasil.

A bastarda



— Já sabe a razão pela qual nasci em Cádiz. Nada posso contar sobre essa cidade, porque são poucas ou quase nenhuma as coisas que me lembro de ter vivido lá. Se fechar os olhos, vejo vagamente uma janela que dava para o jardim, a minha mãe deitada e eu sentada ao seu lado, pouco mais. Mas não tenho certeza de que sejam imagens de Cádiz.

— A mãe voltou lá alguma vez?

— Pode parecer estranho, mas a verdade é que nunca senti vontade de voltar a nenhum dos lugares onde estive com a sua avó Eugênia.

A melancolia do príncipe



Durante o tempo em que Eugênia tentava se acomodar ao ritmo severo do convento, houve quem tivesse motivos para celebrar a sua reclusão. Carlota Joaquina presidia a merendas elegantes nos jardins do palácio de Queluz, exibindo a sua satisfação, para que ninguém tivesse a menor dúvida de que afastara de uma vez por todas a única rival que pudesse ser digna desse nome: Eugênia de Meneses. Viva e com saúde, isso era verdade, mas presa, banida da corte e da família e a viver miseravelmente, com certeza, pois nem nos mosteiros havia caridade eterna sem dinheiro e, conhecendo a mesquinhez do marido, calculava que ele não a ajudasse nem com um tostão de cobre.

Enganava-se a princesa espanhola, não em relação à sovinice de D. João, que era bem conhecida, mas no fato de o amor tornar os homens generosos e mesmo ele, que sempre foi renitente a abrir os cordões da bolsa porque achava todos os gastos supérfluos, mandou que não poupassem dinheiro para satisfazer as necessidades da sua dama e da recém-nascida, pagando todas as contas que lhe mandavam de Cádis com moedas tiradas discretamente do “bolsinho do rei”, que era como chamavam as despesas confidenciais dos monarcas.

Carlota Joaquina, tendo se livrado do receio de que a Meneses se defendesse contando os seus segredos amorosos, pensou que a sua reputação estava salvaguardada de uma vez por todas e passava longas temporadas na quinta do Ramalhão, onde, começaram a dizer as más línguas, escondia os camponeses entre os troncos centenários dos jardins e mandava-os matar depois de servida.

Os mais crédulos pensaram que essa era a razão pela qual o príncipe regente caíra numa prostração que raiava o luto, mesmo se na realidade nada o interessasse menos do que as proezas amorosas da mulher. Para

compensar a falta de Eugênia, comia desenfreadamente, acrescentando quilos aos que já tinha, como se fossem poucos, e sofrendo de digestões lentas que o punham num estado letárgico parecido com o das cobras, do qual emergia para lamentar a perda da favorita. Aqueles encontros, dos quais se lembrava com uma nostalgia epidérmica, infernizavam os seus sentidos e, por mais que os criados, obedecendo às suas ordens, abanassem os leques de penas de avestruz, não conseguiam espantar os pensamentos libidinosos, afugentando apenas as moscas, que iam pousar no outro canto da sala. Então, nos momentos em que um misto de saudades de Eugênia e de remorsos pela sua falta de ombridade por não ter sabido defendê-la apareciam sem que ele os invocasse, como acontecia com os pesadelos, voltava a encher as entranhas para que a comida arrastasse, como se fosse uma inundação, os sentimentos que o atormentavam. Pensava que com esse método conseguiria ver-se livre de tudo isso, não da maneira mais romântica, convenhamos, mas detalhes menores nunca foram uma das preocupações do regente.

No entanto, o reino devia ser governado, sobretudo estando o ambiente propenso a intrigas palacianas e a golpes preparados com um afinco de toupeira pela mulher do soberano. Carlota Joaquina já via a cabeça cingida pela coroa devido à incompetência real ou à real incompetência e fazia projetos para impor a sua vontade aos reinos de Portugal, com todas as colônias incluídas, o que, por enquanto, parecia suficiente para acalmar a sua sede de poder.

Por esse motivo, os ministros sugeriram a D. João que se dedicasse novamente aos assuntos de Estado e, sabendo como o príncipe era sensível aos conselhos maternos, aproveitaram um dia em que a rainha estava especialmente lúcida para convencê-lo a voltar a se interessar pelo destino do seu povo, dado que ela própria, tendo uma saúde delicada, não podia.

D. Maria lamentava-se de nunca o ter preparado nem instruído na difícil tarefa de governar, porque nunca imaginou que o seu primogênito José fosse chamado para o céu ainda jovem. Se pudesse, voltaria a se sentar no trono de bom grado, para tirar esse fardo das costas dele. Também preferiria trocar a sua vida pela do filho que a morte lhe arrebatara, e pela da filha, e pela do marido de quem ainda chorava a perda. Ninguém imaginava o calvário em que tinham se transformado os seus dias, depois de perder a todos. Só tinha a ele.

– Meu filho, ora estou bem, ora me perco em algum lugar e nunca sei por onde andei. Reinar é um dever que nos foi legado por vontade divina, não só temos obrigações para com os nossos súditos, mas também para com Deus.

Depois dessas palavras e de estender a mão para que D. João a beijasse, acompanharam-na aos seus aposentos, receando que estragasse o efeito com alguma frase descabida ou que se pusesse a entoar um canto aos gritos.

Não se soube ao certo o que fez mudar o humor do príncipe, se as doses pantagruélicas de comida, se as palavras da rainha, ou se atuaram as duas em conjunto, o importante nessa circunstância foi o resultado. Um soberano mais gordo e menos acanhado voltou a se ocupar dos destinos do reino.

As indesejadas



Pelo lado da Espanha os meses passavam sem surpresas, e o vice-cônsul, cansado de se fazer de carcereiro, porque o obrigava também a ficar preso, e ante o comportamento exemplar de Eugênia de Meneses – que só se preocupava com o bem-estar da filha –, começou a afrouxar as cordas invisíveis impostas pelos seus superiores com que mantinha amarrada a hóspede, até porque o correio real se tornara menos frequente. Rosa Balbina também teve algo a ver com essa mudança, ao desabafar um dia com a dona de casa:

– Não é xusto la coitadinha de la senhora ficar fechada a sete xaves por um crimen que não pode ter cometido sossinha, pero que só ela paga, porque nós siempre somos vítimas – dizia enquanto não desembuchava.

– Quem?

– Nós, as mujeres, fidalgas ou saloias como eu, pagamos siempre as favas. Os homens é que não, nem são obrigados a disser que os filhos são deles, e xeralmente dissem mais depressa que devem ser do diabo ou de outro qualquiera, mesmo sabiendo que foram eles a causa de nossa aflição.

– Está tentando dizer o quê?

– Que autorisse dona Eugênia e a menina a conhecerem o passeio diante da catedral que es tan bonito, para elas poderem tomar um pouco de ar puro. Dá dó vê-las sempre fexadas nestas quatro paredes, e para mim también é um tormento.

A dona da casa, aterrorizada com esse último argumento, que podia levar Rosa a fazer a sua trouxa e voltar para o campo e a recomeçarem os gritos da criança ou, pior ainda, os da mãe, despachou-a com a desculpa de que não era ela quem tomava as decisões, tinha de falar com o marido, que por sua vez não dependia de si próprio. A realidade era outra, pois aprendeu com a mãe a arte de convencê-lo do que quisesse, pondo em prática a

artimanha dos beicinhos tristes, mentiras que podiam ser descobertas por crianças de colo ou desculpas que só convenciam mesmo quem queria ser convencido.

Assim Eugênia ganhou, sem ter pretendido coisa alguma, o direito a uma volta de meia hora duas vezes por semana, que, mesmo que pouco, podia usufruir por um momento o que mais lhe custava ter perdido: a pouca independência que conseguira.

Com o afrouxar da vigilância, ganhou outras liberdades – além da missa diária que nunca foi tirada e que ouvia numa igreja em frente ao consulado, escoltada pela mulher do vice-cônsul –, podia se sentar à mesa quando recebiam amigos para jantar ou participar dos chás que a dona de casa dava semanalmente, não por generosidade, mas para apresentá-la como uma dama da corte que se encontrava de visita por uns tempos em Cádis, pois assim passava a ter amizades importantes, o que a elevava uns degraus acima das convidadas.

Na monotonia da sua quase reclusão, salpicada dos raros passeios e do convívio com pessoas escolhidas por outros, o que a confortava era ver a filha crescer, saudável e bonita, na qual revia os seus traços e os da sua família. Espreitava, com receio de vê-la cair, os primeiros passos, e ria com as palavras que saíam da boca da menina numa mistura de espanhol e português em que todos achavam graça. Iniciou-a na árdua tarefa de comer a papa na colher e mastigar bolachas com os novos dentes; seguiu o desmamar de Eugênia Maria com orgulho, o que deixou Rosa muito apreensiva, porque ao secar o peito perdia a razão de ficar com a sua filha de leite, como a chamava quando mais ninguém estava presente.

O receio aumentou quando ouviu o dono da casa dizer à mulher que já era tempo de se verem livres das Meneses, porque nem sempre as contas que mandava ao Paço eram pagas pontualmente e também gostaria de recuperar a privacidade. Por enquanto, a prova de lealdade que deu ao príncipe regente não lhe trouxe qualquer regalia, já dera muito recebendo pouco em troca, e chegou o momento de escrever uma carta contando o quanto estava crescida a menina e, ao mesmo tempo, mandar a fatura das despesas do último semestre. A dama da corte tinha gostos finos e as coisas em Cádis eram caras, além disso, por enquanto, todos os reais saíam do seu bolso.

A resposta não se fez esperar e trazia ordens estritas de mandar D. Eugênia de Meneses recolher-se em um convento na Espanha, de

preferência perto de onde se encontrava.

Os trâmites não eram fáceis, como poderiam parecer à primeira vista: a maioria das congregações respondia que não havia lugar, em outro convento para o qual o vice-cônsul tinha conseguido uma recomendação pediram-lhe uma quantia exorbitante a fim de se fazerem as obras indispensáveis para receber tão ilustre pessoa. Nunca chegou a saber se inventavam desculpas ou se os lugares de recolhimento para mulheres da nobreza eram mais solicitados nessas terras do que nas lusitanas.

A troca de correspondência era constante, até D. João mandar uma carta em que dizia que a abadessa do convento das Bernardas em Tavira estava disposta a receber mãe e filha, com a condição de que a pequena Eugênia Maria se fizesse passar por afilhada de D. Eugênia, por razões impostas pelos estatutos da ordem. Por coincidência, havia dois quartos vazios numa dependência perto do claustro, que serviriam perfeitamente, depois de caiados, para as novas hóspedes e uma serviçal que as acompanhasse para as assistir. O príncipe acrescentava que a sua protegida não se preocupasse com as despesas, porque ordenara que fosse atribuída uma pensão de mil reis por ano a Eugênia e quinhentos à filha, que lhe seria entregue por um emissário do Esmoler-Mor.³ Determinava no fim que fossem acompanhadas até Tavira por uma escolta reduzida, para ter a certeza de que chegavam sem contrariedades.

Ao saber a notícia, Rosa Balbina não resistiu a pedir que a levassem também para o convento, podia cuidar delas, lavar a roupa, fazer a comida, tomar conta da menina Eugênia Maria.

– Não precisa pedir tanto, Rosa, eu sei que não gostaria de se separar da minha filha e, para mim, também é um alívio viver na companhia de alguém que conheço. Já esperava este desfecho, sabia que a minha estadia aqui não seria eterna. Por um lado até prefiro, vou me sentir mais em casa no reino de Portugal, mais perto dos meus, mesmo não sabendo se poderei vê-los, nem se alguma vez irão responder às cartas que envie.

– Também eu, vossa mercê. Quando xeguei a esta ciudade, vinha com ideias de arranjar um trabalho que me permitisse poupar alguns tostões para pagar a viagem de volta à minha terra. O dinheiro que tenho xá xega, mas não me quero desprender da menina. Custa-me tanto! Afeiçoei-me a ela como se fosse minha, a pobrinha da Mercedita foi a única coisa boa que me fez aquele malandro, e em vez de ele morrer, que era o que merecia,

morreu-me ela. Deixei todo por ele, o meu trabalho, os meus pais. Por quê? Ainda não entendi, às vezes fico com a cabeça quente de pensar tanto. Não ria de mim, dona Eugênia, que não hay nada mais triste do que alguém se sentir imbecil.

– Não são as suas desgraças que me fazem rir, é a sua maneira de falar que me diverte. Agora vai, que tem muito trabalho para fazer. Se temos de partir, que seja quanto antes.

– Vossa mercê não se preocupe, antes do dia marcado terei tudo pronto.

– Não posso adivinhar a data, mas pode começar a encher os baús com as coisas que não são precisas agora. Vou perguntar quando é que alguém irá ao porto de Santa Maria para saber quando haverá um barco. Creio que os nossos anfitriões estão tão desejosos de se ver livres de nós que não demorarão a averiguar sobre tudo o que precisamos para a viagem.

As coisas nem sempre aconteciam como se previa e Eugênia adoeceu no que pensava ser uma breve estadia no convento do porto de Santa Maria, onde ficaria o tempo necessário para comprar a própria comida para a viagem e conduzir os móveis para bordo junto com o resto dos objetos, incluindo as roupas.

A doença súbita obrigou o vigário a chamar uma junta de médicos e ela teve de passar uns meses de cama. Depois de superadas as febres e as dores, ficou sem forças nos braços e com o corpo tão fraco que mal conseguia levantar para beber um caldo. Eugênia Maria e Rosa não foram incomodadas por nenhuma moléstia, o que lhes permitiu tomarem conta da doente; mesmo sem ter ainda completado 2 anos, a pequenina conseguia fazer muito pela mãe: sentava-se ao seu lado e pegava na sua mão, ficando nessa posição velando o seu rápido sono durante parte do dia.

Quando Eugênia melhorou e estava em condições de empreender a viagem, o próprio vice-cônsul chegou ao porto de Santa Maria para providenciar o embarque e pagar as despesas ao mosteiro e aos médicos, e não saiu da doca até ver o iate se afastar. Ao se sentar na carruagem, pegou na folha com a lista dos últimos gastos de Eugênia de Meneses e escreveu a data com alívio: 24 de maio 1805.

³ Cargo oficial na corte de Portugal reservado a eclesiásticos, cuja função era supervisionar todas as ações de caridade e esmolas que cabiam aos soberanos. (N. da E.)

De volta ao convento



O segundo encontro com a abadessa do convento das Bernardas não foi muito diferente do primeiro: em vez de uma, eram agora três as inscritas no registro, mas a freira escrivã era a mesma, e a respiração de asmática e o som da pena ao desenhar as letras transportaram Eugênia até o tempo em que entrara nesse mesmo quarto desamparada como nunca esteve. Agora voltava com a filha, certa de que o bem-estar das duas continuava garantido por decreto real e feliz por estar na sua terra, onde as pessoas falavam a sua língua e os usos eram aqueles a que estava habituada.

Antes de se dirigirem para os quartos onde ficariam hospedadas, a porta se abriu, e um padre, de cabelo branco e uma sabedoria que raiava a santidade estampada no rosto ossudo, entrou e, ao cravar o seu olhar em Eugênia, ela sentiu que ele era capaz de ler na sua alma com o mesmo rigor com que estudava os textos da Bíblia.

– Frei Tomé de Castelo de Vide é o nosso novo confessor – disse a abadessa dirigindo-se a ela –, já foi informado da sua chegada e está aqui para conhecê-la.

Aproximando-se dele, Eugênia fez uma pequena reverência e beijou a sua mão com respeito, esse rápido contato lhe transmitiu uma sensação de paz interior como raras vezes experimentara. A madre superiora percebeu o efeito que o padre produzira em Eugênia e soube que o apoio religioso e moral iria ser importante para o equilíbrio da sua hóspede. A sua longa experiência ensinara-lhe que nem todas as mulheres obrigadas a viver num convento reagiam bem ao isolamento. Já aconteceu ter de sair de tocha na mão no meio da noite em busca de uma jovem desaparecida e encontrá-la perdida e desvairada andando pelos campos, desejando a morte. A desgraçada nunca mais recobrou o juízo e morreu pouco tempo depois porque se recusara a comer. Dizia no seu delírio que todos os alimentos

envenenavam e apenas bebia alguns goles de água. Sabe Deus se aquele padre bondoso e sábio não teria evitado a sua morte. Frei Tomé trocou algumas palavras de cortesia com Eugênia e ficou de pé, com as mãos escondidas pelo pano grosso das mangas do hábito, vendo-a se afastar com o passo altivo de quem ainda não aprendeu a humildade das religiosas.

A habitação que lhes foi destinada ficava em frente a um pequeno pomar de laranjeiras e, quando Rosa abriu as janelas para arejar os quartos, entrou um perfume de flores que se espalhou por todos os cantos e penetrou nos pulmões como um bálsamo. Eugênia deixou a ama tratar com os cocheiros descarregando as suas coisas, conforme pudessem ou não se partir, enquanto levava a filha para passear pelo jardim. Quando voltou já estava tudo em terra. Então começou a imaginar em que lugar devia ficar cada móvel e, conforme iam surgindo ideias, dava ordens para pôr aqui ou ali as poucas coisas que trouxera. No fim do dia já estavam instaladas num espaço pequeno, mas só delas, e podiam desfrutar do silêncio, interrompido apenas pelo gorjear de algum pássaro. Eugênia Maria adormeceu cansada de tantas emoções, mas estava feliz com a mudança. Mesmo se o pomar fosse pouco maior do que uma sala, a sua estatura tornava-o enorme, e poder passear de mão dada com a mãe por entre as árvores era uma sensação nova e maravilhosa.

Eugênia também apreciava essa pequena liberdade e, pela primeira vez desde que fugiu do Paço, entendeu que encontrou um lugar de repouso onde poderia criar a filha com toda a atenção e carinho, seguindo o exemplo da sua mãe Maria José. Só podia confiar no que ditava o coração e na sua memória, pois desde que deixara Lisboa não encontrava com pessoas da sua linhagem nem com nenhuma amiga, das muitas que tinha. Parecia existir unicamente para quem podia vê-la, ainda que soubesse, porque a ela acontecia o mesmo, que tanto o seu pai como os irmãos pensavam nela, nem que fosse uma vez por dia. Apesar de se concentrar no que dizia durante as orações, quantas vezes não passavam pela mente imagens familiares, momentos partilhados com os seus num passado que parecia longínquo quando, de fato, ainda não tinham passado três anos desde a sua partida.

A bastarda



O padre que vinha confessar e dar a comunhão a Isabel Maria saiu do quarto, despedindo-se dela e da mãe com palavras de alento.

– A sua avó Eugênia teve um grande amigo nos seus anos de infortúnio, chamava-se Tomé, era o seu confessor e tinha o mesmo olhar de bondade que este padre.

– Sinto-me muito melhor quando ele vem me visitar.

– Engraçado, a minha mãe dizia exatamente o mesmo.

Golpes



A primavera decorreu suavemente e os dias de verão tornaram-se lentos devido ao intenso calor, que as obrigava a viver quase às escuras para não sufocarem, e a sair dos quartos de madrugada e ao entardecer para assistirem ao serviço na capela ou darem um curto passeio entre as laranjeiras. O outono chegou com nuvens que ameaçavam chuva, mas isso raramente aconteceu, as nuvens passavam parecendo procurar outro lugar para deixar cair as gotas.

Rosa, informada pelas vendedoras das feiras do estava acontecendo no reino, conseguia pôr a sua ama a par de muitas coisas. Sentia-se, dessa maneira, ainda parte da sociedade, apesar de começar a desconfiar de que esta a rejeitava. Através da ama, soube também que o príncipe regente não se encontrava bem de saúde e que a princesa aproveitara o enfraquecimento dele para tentar tirá-lo do trono – intenção que nunca abandonaria, até o dia em que o envenenou com uma dose monumental de cianeto. Mas para esse fatal acontecimento ainda faltavam mais de vinte anos.

O príncipe fora a uma caçada em Samora Correia, mas as chuvas torrenciais obrigaram-no a voltar para Queluz. Outra razão o levou a antecipar o caminho de volta e que também tinha a ver com água, mas dos pântanos, pois a comitiva foi apanhada por uma epidemia, da qual também não escaparam os reais intestinos, que se irritaram e desfizeram em líquidos pestilentos. Sem ter a mesma intensidade que a contraída pelos seus acompanhantes de caça, os médicos opinaram que se tratava da mesma doença, provavelmente paludismo ou tifo.

Essa indisposição deixou-o tão abatido que chegou a sofrer vertigens e acessos de ansiedade. O doutor Vendelli, médico e conselheiro de D. João, também era do parecer de que o diagnóstico e o tratamento dos seus colegas era acertado: “Com pequenos passeios, o uso de água fria antes do almoço,

abreviar quanto possível o tempo dos despachos e audiências, mais uns banhos de assento à noite, será mais do que suficiente para restituir ao seu tom o sistema nervoso, fortalecer o estômago e canal intestinal, e corrigir os incômodos dos efeitos hemorroidais.”

A doença, que acentuou os seus problemas de origem nervosa, o fez temer nunca mais poder levar uma vida normal. Não conseguia montar, ele que aprendera as artes equestres com o marquês de Marialva e fazia demonstrações no picadeiro do palácio na frente de toda a corte, tal era a sua perícia desde muito jovem. Ao tentar pôr um pé no estribo, já não do seu cavalo, mas do mais manso que havia na cavalaria, um suor frio acompanhado de cólicas intestinais levavam-no a desistir de imediato, motivo que o obrigou igualmente a abandonar o seu esporte favorito, a caça. Também os passeios a pé, que eram a única distração que lhe restava, se tornaram impossíveis pela incapacidade física de pôr um pé à frente do outro, porque as pernas pareciam ter vontade própria e se recusavam a obedecer. Havia outros distúrbios, que não revelava a ninguém, para que não pensassem que também ele enlouqueceu: de repente, quando menos esperava, surgidos do nada, abriam-se precipícios à sua frente, que voltavam a desaparecer com a mesma rapidez. Queria acreditar que ainda não tinha perdido a razão, mas apenas o controle do seu corpo.

Não querendo que a corte o visse nessa condição, fugiu em pânico do palácio de Queluz, perseguido uma vez mais pela ideia de que a sua mãe perdera o juízo nesse mesmo lugar. Instalou-se em Mafra, onde pensava estar livre dos perigos da loucura, e ficou numa prostração tal que, pela primeira vez, emagreceu alguns quilos. Mesmo ali, no meio dos frades, não se sentia seguro e, acompanhado por um médico inábil, viajou pelo Alentejo sem se demorar em cada lugar em que parava, envolvendo-se num halo de mistério, dando assim lugar a que comesçassem a circular rumores sobre a sua insanidade.

Carlota Joaquina, sempre atenta à menor demonstração de insensatez do marido, sentiu-se capaz de liderar uma intriga palaciana e começou a se queixar aos seus conselheiros e amigos de que a preocupavam muito os sintomas de D. João, porque a sua sogra, D. Maria, passara por algo semelhante antes de perder totalmente o juízo. Se a princesa sentisse pelo marido algum afeto, as suas palavras, que pareciam um desabafo, podiam ser a consequência de uma preocupação legítima. Mas não era esse o seu

intuito, queria que o veneno da suspeita levasse pouco tempo para fazer efeito e foi o que aconteceu, porque a corte começou a perguntar se os sintomas do príncipe não eram na realidade provocados pela alienação. Os boatos espalharam-se pelo Paço, chegando rapidamente aos palácios dos nobres e daí, passando de boca em boca, chegaram ao povo.

A nobreza, havia já alguns anos, estava dividida em dois grupos, um que era a favor de Carlota Joaquina e o outro dos fiéis ao monarca. Alguns acreditaram que aquela era uma oportunidade única de incapacitar o príncipe e entregar a regência à sua mulher. A princesa espanhola fez desse desejo uma obsessão tão entranhada nela que, se não preenchesse parte do seu tempo copulando, não pensaria em outra coisa. A conspiração dos fidalgos começou a tomar proporções graves, porque não só dividiu o reino, como esteve perto de triunfar, não fosse o príncipe ter saído do seu recolhimento.

Houve alguém que não conseguiu ocultar a D. João o que se tramava nas suas costas e, mesmo sabendo, como médico, que ao contar-lhe o começo da trama arriscava colocar em perigo a sua saúde, como conselheiro não podia deixar de revelar algo de tamanha importância. Esse amigo era o doutor Vendelli. O que um ou outro fiel vassalo pensou ser uma imprudência produziu um efeito inesperado no príncipe. A indignação provocou-lhe uma reação tão forte que melhorou num instante, passando da inércia para a postura de um homem decidido e com vontade, ordenando imediatamente uma devassa que dirigiu ele mesmo, tendo entre outros colaboradores o conde de Vila Verde e Seabra da Silva, intendente-geral da polícia, que substituiu o conservador Pina Manique por este se encontrar havia uns meses num túmulo de pedra.

Carlota Joaquina defendeu-se das acusações respondendo que não protegeu nem deu assentimento aos fidalgos para assim procederem. Tanto Vila Verde como os outros fiéis a D. João, e provavelmente o próprio, não quiseram aprofundar a questão, para não serem obrigados a tomar medidas drásticas que podiam trazer instabilidade à coroa. A princesa foi absolvida de qualquer culpa, mas todos sabiam na corte que a verdade não era essa. O que estragou os planos foram duas coisas com que ela não contava: a sua inexperiência e a reação do príncipe. Como acontecia com todos os vencidos, os que se diziam seguidores da princesa afastaram-se dela quando pressentiram o perigo e Carlota Joaquina ficou isolada, inclusive do marido,

que no rigor do mês de janeiro foi para o Alentejo, levando o seu filho D. Pedro, ainda criança, com o propósito de continuar a fugir dela e da corte, em quem não confiava, viajando pelo Alentejo.

A princesa não se deixou abalar por tão pouco e, para demonstrar a todos que ainda era a mulher do futuro rei e que não perdera o seu poder, correu para Belém, onde a esperava um navio, e chegou ao outro lado antes que alguém recebesse ordens de não deixá-la embarcar. O regente, contrariado, recebeu-a, pois era a última pessoa que desejava ver, mas diante do seu ar decidido ficou sem vontade de continuar o conflito e perdoou a afronta. Mas nunca a esqueceu e a prova disso apareceu muitos anos depois quando, escrevendo ao rei da Espanha, Fernando VII, se queixou amargamente das conspirações e das outras tantas coisas que teve de suportar da mulher. Carlota Joaquina continuou no seu encalço fazendo o percurso até Vila Viçosa, e ele, farto da sua perseguição, decidiu voltar em abril para Queluz, dando uma recepção no dia 25 para comemorar os anos da princesa, que era a melhor forma de se ver livre dela, dado que Carlota Joaquina só estava interessada em recuperar oficialmente o seu lugar de futura rainha.

Pouco tempo depois, D. João refugiou-se novamente em Mafra, onde ouvia missa e cantava com os frades, recebia os ministros para dar despacho e a seguir ao jantar passeava a pé, acompanhado por um dos seus protegidos, em silêncio, um silêncio pesado e contagiante que alterava o humor do pessoal de serviço, que andava tão aborrecido como o próprio monarca.

Eugênia seguia o drama com intervalos através do que ia lhe contando Rosa, pelo tempo que demoravam as notícias a chegar no Algarve. Teve pena do seu soberano e escreveu-lhe a primeira carta – onde não tocava no delicado assunto da conspiração para lhe tirarem a regência –, agradecendo a sua generosidade ilimitada ao tomar conta dela e de Eugênia Maria, não só no que tocava a dinheiro mas também pela preocupação que demonstrava em tudo o que lhes dizia respeito. Foi o princípio de uma correspondência que, não sendo frequente, se prolongou até o final dos seus dias.

Em todas as ruas de Lisboa apareceram, na madrugada da véspera de Natal, cegos apregoando sem descanso a mesma frase: “Tendo completado o tempo da sua gravidez, D. Carlota Joaquina deu à luz uma robusta

criança.” Perante o desagrado e a desconfiança do príncipe, a mulher mandou-lhe dizer que contasse bem o tempo, pois de março a dezembro iam nove meses e de janeiro a abril tinham estado juntos em Vila Viçosa...

D. João não teve alternativa senão ordenar o batizado da infanta, que recebeu o nome de Ana de Jesus Maria, hospedando quase toda a nobreza no palácio para assistir ao sacramento. Alguns repararam no ar resignado do príncipe, que ouvia o grande carrilhão de Mafra tocando incessantemente, como se fosse uma das dores que tinham pregado os nervos quando estivera doente.

A galega



Em outro convento, muito mais a sul, os sinos nunca tocavam de alegria, tocavam em vez disso pausadamente, porque a freira encarregada dessa função tinha as mãos encarquilhadas pelo reumatismo e só conseguia puxar a corda segurando-a debaixo da axila, dobrando o corpo e erguendo-o com grande dificuldade, por causa das dores de costas.

A umidade das manhãs e o frio das noites impunham um ritmo parecido com o do verão, ou seja, muito lento, tão lento que Rosa começou a abrandar os seus movimentos e deixou de entoar as cantigas da sua Galícia natal, e uma distração constante levava-a a ficar muito tempo fazendo os mesmos gestos, tanto ao lavar a roupa como mexendo um refogado ou escovando o cabelo da menina.

Inquieta, Eugênia estudava a nova atitude e, aos poucos, resignou-se ao inevitável, que era mandá-la de volta para Espanha, coisa que Rosa seria incapaz de pedir pelo carinho e pena que lhe inspiravam as duas reclusas. Um dia perguntou-lhe se não tinha saudades da sua terra e a ama respondeu com um não tão pouco convincente que o olhar demorado da sua senhora a obrigou a levantar o avental para secar um pranto que nunca mais acabava, como se tivesse engolido a cada dia uma porção de lágrimas e uma coisa tão simples, uma palavra, pudesse ter a força de tirá-las da sua garganta. Não era preciso dizer nada – além disso, os soluços a impediam de protestar contra as ordens –, a não ser com movimentos de cabeça.

Eugênia não admitiu que Rosa lhe desobedecesse e, com suavidade, explicou que era muito nova para viver fechada num convento, com um horário ditado pelas chamadas para as rezas da noite e do dia. Ainda podia refazer a sua vida, encontrar alguém com quem se casar e ter os seus próprios filhos. Mais do que discutir com ela por se negar a partir, tentou

explicar que achava injusto que sofresse um castigo que era só dela e da sua filha.

Rosa reconheceu que o carinho que tinha com a menina não a compensava da tristeza que a invadia, lembrando-se a cada instante dos seus pais, dos irmãos, das primas, da aldeia inteira, até das pessoas de quem não gostava quando lá vivia. Tinha pensado que poderia suportar, que não era tão duro viver meio isolada, que a sua boa disposição era inabalável e, no entanto, resistiu só alguns anos.

– Não lamente, eu não tenho outro remédio senão obedecer, você tem a sorte de ninguém a perseguir, de ser livre.

– Como hão de fasser sossinhas?

– Algo há de se arranjar, vou falar com a irmã Clarissa para que procurem alguém para nos servir. Sentiremos a sua falta, isso é verdade, mas pelo carinho que minha filha e eu temos, não queremos vê-la infeliz. Devemos muito a você: Eugênia Maria pelo seu leite e eu porque, se não tivesse ido bater à porta do consulado, teria morrido de tristeza separada da minha filha. Agora vai enxugar esses olhos, que eu vou providenciar o seu embarque e não quero despedidas com choradeira, ouviu?

Querer era uma coisa, poder era outra. Na hora da partida, ao ver a carroça ficar pequenina no caminho de terra seca, Eugênia, segurando a mão da filha, chorou em silêncio como era próprio de uma dama, e não com gemidos de carpideira, como fez Rosa, quebrando a promessa do dia anterior.

A bastarda



Mal o sol começava deslizando em direção ao mar, a febre voltava e Isabel Maria caía num abatimento que se agravava semana após semana. Não só custava se mexer como falar e, por vezes, o simples fato de respirar significava um esforço que a mãe fingia ignorar. Eugênia Maria já não pegava no bordado à sua frente e tinha escondido os panos, as linhas e as agulhas para que a filha não tivesse a tentação de fazer uns pontos nem percebesse que não tinha energia para segurar no bastidor. Mesmo assim, ainda que fechasse os olhos e uma ou outra vez adormecesse, tentava animar a mãe com as suas perguntas, pois enquanto esta lhe respondia distraía-se da apreensão de vê-la naquele estado.

– A mãe não teve saudades da Rosa?

– Tive e muitas. Estávamos as duas muito ligadas, para mim ela era muito mais do que uma ama de leite, era minha amiga e com ela passei os únicos momentos divertidos da minha infância. Em Cádiz não me lembro, era ainda bebê, mas em Tavira sim. A minha mãe caía frequentemente num estado de profunda tristeza, no qual praticamente não falava, e lembra que dentro do convento não era permitido pronunciar uma palavra durante a maior parte do dia, as irmãs se comunicavam apenas por gestos. Nós podíamos conversar nos nossos quartos, mas baixinho, porque a avó Eugênia raramente tinha motivos de alegria e, ainda que não nos dissesse nada, sabíamos que a incomodavam os nossos diálogos e ainda mais os risos. Então, a Rosa me levava para passear pelo pequeno pomar e contava coisas da sua terra, brincava comigo, ensinava canções galegas e ríamos por tudo e por nada. Era também a ela que perguntava o que não tinha coragem de perguntar à minha mãe: por que à frente de estranhos tinha de tratá-la por “madrinha” e só quando estávamos as três juntas é que podia chamar-lhe mãe? Quem era o meu pai, por que ela dizia que o apelido Meneses era

emprestado quando falava de mim com a maioria das pessoas? Enfim, todas as perguntas que uma criança como eu precisava fazer e não podia. Rosa me contava os segredos que a minha mãe escondia nessa época, porque foi muito depois, quando eu já tinha 12 anos, que a sua avó me revelou todos os pormenores do meu nascimento. E, como é natural, nunca lhe disse que Rosa tinha me esclarecido muito antes todas as minhas dúvidas. Sentia-me mal sem saber quem era nem porque devia fazer uma vida tão diferente das outras meninas da minha idade. Uma das razões pelas quais a Rosa demorou tanto tempo para ir embora foi essa. Gostava muito de mim e sabia que sem ela nada seria igual. A única consolação que tive depois da sua partida e me distraía da monotonia do convento eram os lanches na casa da D. Efigênia. Vivía o resto da semana pensando nesse dia. Só sabia que ser criança podia ser bom pelas coisas que a mãe me contava da sua própria infância, sobretudo dos anos passados no Brasil.

– A mãe teve outros dois filhos, mas Deus os levou e agora eu também sou filha única. Teria gostado de que sobrevivesse um deles, às vezes me sinto sozinha, sabe?

– Pois é, tive uma menina e um rapaz, morreram quando eram pequeninos. Só me restou você.

– E, talvez, não por muito tempo. Não sinto melhoras, cada dia tenho menos forças, e estas manchas de sangue no meu lenço.

– Tenha fé, Isabel Maria, não desanime.

– É difícil, mãe, mas vou tentar. Agora gostaria de descansar um pouco, amanhã me conta o resto, sim?

Degredada



Depois da partida da alegre espanhola, contrataram uma mulher bondosa à qual Eugênia Maria, contudo, não se habituava. Aconteceu que mãe e filha ficaram ainda mais unidas e a pequena passou a dormir nos aposentos de Eugênia, primeiro por não querer ficar de noite ao pé de uma desconhecida, depois por ser já uma criança crescida e, se vivessem no palácio, teria direito ao seu próprio quarto.

Mais uma vez, Eugênia sentou-se em frente da mesa retangular que lhe servia de escrivaninha e tirou da caixa de madeira da sua infância tudo o que precisava para escrever uma carta. Seguindo os movimentos precisos que a senhorita Felícia lhe ensinara havia muitos anos em Vila Rica, arrumou primeiro o tinteiro, a pena e o canivete do lado direito, aonde podia chegar sem precisar estender o braço; do lado esquerdo o paninho para limpar a tinta que, se tremesse a mão, deixava escorrer pelo gargalo do tinteiro; mais acima, o lacre e o recipiente com pó para secar as letras desenhadas com esmero; e, em último lugar, uma folha colocada com cuidado diante dela. Começou, depois de escrever as frases introdutórias a que a etiqueta obrigava, a se queixar novamente da falta de resposta e, mesmo sabendo que em nenhum momento podia duvidar do amor do pai e dos irmãos, pedia-lhes mais uma vez palavras para sossegar o seu coração, que sofria com o incompreensível mutismo.

Com um suspiro lacrou o papel e levantou-se para entregar a carta à sua nova criada, que daria à freira escritã para que fosse enviada no próximo correio. Ao voltar, depois de uma demora anormal para um recado tão curto, em vez de lhe responder por que demorou tanto, corou e disse que frei Tomé desejava falar com ela.

Ante a visita inesperada, Eugênia titubeou mas recompôs-se logo e, ainda que sentisse de repente um aperto no peito, mandou entrar o padre

confessor.

– Boa e santa manhã, D. Eugênia, vejo que ficou admirada com a minha presença nesta sua casa.

– É verdade, padre, não o esperava, aliás, como sabe, ninguém se aproxima dos nossos aposentos.

– Ora, tenho uma boa razão para fazer mais vezes, mas hoje não sou portador de uma boa notícia, por isso decidimos, a madre superiora e eu, que fosse dita por mim.

Eugênia sentou-se e indicou com a mão a outra cadeira, porque uma palpitação repentina a impedia de falar. Nesse estado de ansiedade, ouviu o que nunca quis nem sequer pensar que fosse possível acontecer.

No estado em que se encontrava quando fugira de Lisboa, o príncipe ordenara que só na devida altura lhe fossem transmitidas as cláusulas do alvará que fora obrigado a assinar para evitar que males piores pudessem ocorrer. Pelo que frei Tomé deduziu, depois da quarentena do parto, ninguém tivera coragem de informá-la do que com muita pena agora lhe leria.

Com um tremor que aumentava e sacudia o estômago, ainda que só a palidez pudesse denunciar o estado em que se encontrava, Eugênia ouviu as palavras que a apunhalavam e a revoltavam ao mesmo tempo, pela enorme injustiça que lhe foi feita. Não lhe importavam os bens, os títulos, nem a interdição de sair do convento. Mas tirar-lhe a família, arrancar assim sem mais nem menos o que tinha de mais precioso... Por quê?

Frei Tomé não soube responder, foi posto a par pela madre superiora, que lamentava o engano em que viveu nesses últimos anos.

– E todas as cartas que mandei? Onde estão?

Era a primeira, exceto as que se destinavam ao monarca, que chegava às mãos da abadessa.

– Não pode ser, tenho escrito regularmente todos os meses, desde que fui para Cádiz.

– Porventura a senhora desconhecia os estatutos da ordem, onde se diz claramente que todas as cartas recebidas ou enviadas devem ser lidas primeiro pela abadessa e quem não cumprir poderá ser presa até quinze dias, a pão e água.

– Presa, onde?

– Todos os mosteiros têm um ou dois cárceres para castigar as desobedientes.

– Nunca imaginei que houvesse nos conventos.

– Às vezes é preciso seguir com rigor os estatutos.

– Pois é. Mas as minhas cartas, continuo não entendendo... A não ser que a Rosa as tenha deitado fora, porque desde a sua chegada que sempre entreguei a ela.

– Conhecendo a sua antiga criada, deve tê-lo feito por caridade. A dedicação impediu-a provavelmente de revelar algo que iria magoá-la.

– Nem imagina quanto.

– Percebo a sua dor, D. Eugênia.

– Mas não a sente.

A madrinha



*S*erá que não procedi corretamente ao mandar Rosa como ama de leite, por ser a bondade o seu maior defeito e não ter resistido a uma mentira piedosa? Ou terá sido melhor, enquanto viveu longe de Portugal, Eugênia não saber o que acontecia nesses reinos?

Inclino-me para a segunda hipótese. Agora, protegida pelas paredes do convento de Cister, acarinhada, sem dar por isso, pelas freiras bernardas e tendo por confessor um santo homem, o choque da leitura do alvará deve ter sido amortecido.

Não, não foi. Coitadinha da minha afilhada, como sofre! Que poderei eu fazer? E se sussurrasse a frei Tomé que a levasse ao chá da sua confessada Efigênia Maciel na próxima quarta-feira? A casa dela fica a pouca distância do convento e recebe as senhoras de Tavira com deliciosos bolos, falam de várias coisas, trocam livros, e assim Eugênia, pelo menos uma vez por semana, sempre convive com pessoas de quem vai gostar.

O vendedor de tecidos



Uma visita era esperada com ansiedade pelas freiras bernardas. Cada três anos, o judeu vendedor de panos e fazendas percorria o caminho de todos os conventos femininos na sua carruagem, seguido de um carroção puxado por mulas, onde transportava a mercadoria tão desejada pelas religiosas.

Sem dissimular a impaciência, a madre abadessa mandou chamar duas freiras anciãs para assistirem à transação e a irmã das finanças, que não devia se esquecer de elaborar cuidadosamente uma lista no mês anterior, passando em revista todas as roupas da casa.

- Avise frei Tomé, pode precisar de alguma coisa.
- E a senhora D. Eugênia de Meneses?
- Também. No estado em que se encontra, fará bem distrair-se um pouco.

Eugênia chegou acompanhada da sua filha, um pouco intrigada por nunca ter assistido a uma venda desse gênero, e viu todas as religiosas, inclusive a abadessa, com um pano preto cobrindo a cabeça e o rosto abaixo dos olhos, que deviam usar para que nenhum estranho conhecesse as suas feições. Mesmo cumprindo todas as regras, por obediência ou medo, pensou Eugênia, não podiam negar que eram mulheres pela invulgar agitação que demonstravam, traída apenas por pequenos gestos nervosos e risos abafados entre as mais jovens, perante a condescendência da superiora.

Quando se ouviu o sino da porta de entrada, a irmã que esperava na portaria fez um sinal de que era ele, recebendo a ordem muda de abrir os portões. A carruagem e o carroção entraram sem a gritaria habitual dos carroceiros, pois sabiam que os esperava o desemprego se proferissem uma palavra que fosse num convento cisterciense, onde o silêncio era uma imposição, e que mestre Simão não podia perder uma clientela ganha com anos de tato e paciência.

Ao pé do degrau, esperavam-no as duas freiras anciãs, que iam seguir todos os movimentos enquanto estivesse no interior do convento. Um indivíduo alto e bem proporcionado, de pele clara e olhos escuros, que passaria por um gentil-homem diante de quem não soubesse que era judeu, vestido à moda da corte, mas com a austeridade que exigia o lugar, desceu sem pressas. Como se não houvesse mais ninguém, dirigiu-se à madre abadessa com uma reverência que chegou a toda a pequena congregação através da brisa suave que espalhou a aba do seu chapéu. Um sorriso branco e luminoso foi dirigido a Eugênia ao levantar a cabeça, como se a tivesse descoberto nesse preciso momento e ficasse surpreso com a sua presença. Contudo, e como se Eugênia tivesse sido uma miragem, e não a beleza que tivera o prazer de estudar ao pormenor desde o momento em que se haviam aberto os portões, virou-se rapidamente e, com gestos breves, deu ordem aos seus homens para que levassem à sala de entrada uma peça de cada tipo de pano.

O cumprimento que reservou a frei Tomé confundiu Eugênia, porque pareciam amigos de longa data pela cumplicidade e o afeto com que se falaram.

As religiosas puderam ver os tecidos desfilar na sua frente, mas depois, a um gesto da irmã Clarissa, lá foram em fila, como formigas desiludidas, pelos corredores abobadados, de volta para o claustro.

Mestre Simão esperou que os homens acabassem de executar o trabalho e depois mandou-os esperar fora do convento, porque sabia que a escolha iria ser demorada e a negociação longa, dado que discutir fazia parte do entretenimento trienal que a madre abadessa não perdia por nada. Assim, ela aproveitava para conversar sobre temas variados com uma pessoa culta e conhecedora do que se passava por esse mundo afora. A madre abadessa entrou primeiro na sala de visitas, depois frei Tomé, seguindo Eugênia e, no fim, o judeu com as freiras anciãs, uma de cada lado – que ele parecia nem ver, como se fossem sombras a que se habituara.

A abadessa rompeu o silêncio para assim dar licença aos outros para fazerem o mesmo e, depois das frases de cortesia que trocaram uns com os outros, mestre Simão virou-se respeitosamente para Eugênia, tratando-a pelo seu nome e sobrenome.

– Não me lembro de tê-lo visto antes – disse ela.

– Não viu, senhora. Nesta minha profissão de vendedor ambulante, ouvi falar de uma dama do Paço que teria se retirado para um convento, e pela descrição que me fizeram não pode ser outra pessoa.

– Desconhecia que era o centro das atenções – disse incomodada Eugênia.

– Já não o é, senhora; outra questão, bem mais perigosa do que uma nobre dama, ocupa agora a corte. – E, quase num sussurro, marcando cada sílaba, pronunciou a palavra ameaçadora: – Bo-na-par-te.

Um arrepio percorreu a pequena assembleia e todos se benzeram para esconjurar o nome, menos o judeu, que aproveitou o momento para ver se as suas unhas estavam bem polidas, único sinal de opulência que mantinha depois de ter tirado os anéis e o relógio com cordão de ouro à porta das bernardas, para não fazer alarde de fortuna num lugar onde ninguém podia usar coisas luxuosas.

Depois desse golpe de teatro, relatou brevemente que os franceses pretendiam formar um império como o de Roma, para o bem ou para o mal. Napoleão começou por fazer alianças casando as irmãs, invadindo os reinos que opunham, pelo que não tardaria a chegar a vez da Espanha, com quem parecia ter feito um acordo para dividir Portugal em três reinos, mas os seus informantes acreditavam que Bonaparte queria se apoderar dos territórios espanhóis de surpresa usando essa desculpa, para que nada o impedisse de subjugar toda a península.

Eugênia Maria olhou, preocupada, a palidez repentina da sua mãe, que, entendendo isso, dissimulou com um sorriso o temor de saber que os irmãos iriam defender as fronteiras, como era o seu dever.

Enquanto o vendedor respondia às perguntas que fazia a abadessa sobre diversos assuntos do reino e de outras congregações, sabia que, mesmo com a cabeça baixa, ela ia olhando os tecidos para escolher os melhores, antes de começar o jogo de perguntar primeiro o preço dos que não interessavam, fazendo de conta que a ordem não possuía rendimentos que lhe permitissem fazer grandes despesas e que devia contentar-se com os tecidos de menor qualidade. Nenhum dos dois hábeis comerciantes era enganado e sabiam desde o início as manhas de cada um, apreciando mutuamente a sutileza com que tentavam conduzir o negócio em seu proveito.

Por fim, juntaram em cima da mesa várias peças de fazenda para túnicas, mantilhas, toucas brancas, véus pretos, e outras para lençóis, porque alguns

estavam em mau estado e só podiam ser usados como panos de cozinha ou de limpeza. Ao fazerem as contas no papel, que os dois já tinham somado de cabeça, o gosto de pechinchar era tão grande que, contra todas as normas, riam satisfeitos. A madre abadessa mandou trazer uns cálices de vinho para selar o negócio, sem nada que acompanhasse por respeito às leis judaicas, que não permitiam ao vendedor comer nada que fosse feito com utensílios usados para cozinhar alimentos que a sua religião proibia.

Eugênia aproveitou o breve silêncio para perguntar a mestre Simão se não tinha no carroção alguns metros de cambraia e de tecidos mais finos, que não ferissem a pele da sua filha.

– Tenho tudo o que há de melhor, senhora. Não deseja ver nada para você? Os alfaiates virão na próxima semana, tirar medidas, cortar e fazer as provas, poderia aproveitar para fazer algum vestido ao seu gosto.

– Pois podia, roupa mais simples para usar num convento. E também algo para os dias em que somos convidadas para tomar chá.

Sem pechinchar, escolheu umas peças e pagou da bolsinha o preço que o vendedor lhe indicou, e este, um pouco desiludido por não poder exercer a sua arte, ofereceu-lhe uma seda preta que devia realçar a beleza dos seus olhos tristes.

Frei Tomé, que até esse momento tinha se mantido fora das questões lendo um livro apoiado no canto da janela, aproximou-se do tabuleiro onde havia um cálice, que prontamente uma das irmãs encheu de vinho e lhe entregou, e conversou com mestre Simão de muitas coisas, acabando como sempre a trocar opiniões sobre espécimes raras de plantas, porque ambos tinham a paixão da botânica.

Os ajudantes do vendedor voltaram a entrar para recolher as peças que não tinham sido vendidas e o silêncio voltou a se instalar como uma cortina que se corria por três anos, depois de a carruagem partir.

Ainda por mais duas vezes Eugênia voltaria a ver mestre Simão em Tavira e presenciaria as discussões da abadessa, mas só comprava tecidos para a filha, porque depois da primeira visita, como se a seda preta tivesse sido um presságio, só se vestiu de luto.

A bastarda



O médico chegou e cumprimentou mãe e filha com o mesmo rosto hermético da primeira consulta, pois só assim conseguia disfarçar o estado da doente. Mas Eugênia Maria percebeu que os seus gestos, enquanto ele examinava a filha, eram mais suaves e cuidadosos.

Quando Isabel Maria lhe perguntou: “Como é que o senhor doutor me encontra hoje?”, e ele respondeu com um meio sorriso: “O seu estado é estacionário”, a mãe compreendeu que Isabel Maria se aproximava do fim e temeu que ela tivesse sentido o mesmo.

Depois de acompanhar o médico até a porta, voltou com um sorriso de alívio fingido e, a fim de evitar mentir para a filha, preferiu contar a importância que tiveram na vida da avó Eugênia, depois da reclusão, a senhorita Felícia, frei Tomé, as duas melhores amigas e mestre Simão.

Más notícias



Na primeira quinta-feira de junho, no dia seguinte aos chás que Eugênia tanto apreciava, frei Tomé bateu na porta dos aposentos das Meneses, porque não teve coragem de lhe dar a má notícia logo que a recebeu.

– A última vez que veio nos ver disse que não era portador de boas notícias e que iria nos visitar mais vezes para que a sua presença nesta casa não me assustasse. Nunca mais apareceu por aqui, é verdade que nos temos visto muitas vezes. Mas o meu coração, batendo tão depressa, diz-me que devo recear o pior.

– Sente-se, senhora, e permita-me que aproxime a minha cadeira da sua.

– Frei Tomé...

– Assim sentados, terei coragem para lhe dizer uma coisa que sei que lhe trará muita dor. Venho anunciar a morte do seu pai, que tanto a amou.

Eugênia apoiou-se nas costas da cadeira para tentar conter a mágoa que queimava o peito, mas não conseguiu. Desprendeu a sua mão da do padre e, de pé, foi levada por uma força incontrolável a andar de um lado para o outro da sala, segurando-se aos poucos móveis para não cair. De repente, um uivo rouco saiu da sua garganta e transformou-se num gemido quase animal que não conseguia calar. Não chorava, as lágrimas pareciam ter se cristalizado com tanto sofrimento.

Depois de uns minutos, frei Tomé, muito perturbado, tentou levá-la suavemente até a cadeira. Eugênia deixou-se levar como se não tivesse vontade própria e fossem os movimentos do padre provocando os seus. De algodão, era isso, sentia-se sem forças, como se o seu corpo fosse de algodão, sem ossos, sem músculos, só dor.

A criada chegou com os saís e, sem pedir sequer licença, passou-os por baixo do nariz de Eugênia. Ouviu claramente a palavra pai e não precisou saber mais nada para entender o que tinha acontecido. Quando a sua ama

pareceu se recuperar um pouco do choque, afastou-se para voltar aos seus afazeres, passando primeiro pelo quarto da menina para ver se não tinha se assustado com o barulho. Não ouvira nada, adormeceu vendo um livro francês com desenhos de flores que frei Tomé lhe ofereceu pelos anos.

– Senhora, desculpe se não lhe soube dar a má notícia de uma maneira que a chocasse menos.

– Não há duas maneiras de anunciar a morte.

– Nosso Senhor quis chamá-lo para junto dele nesta hora, e não em outra.

– Sabe dizer-me, frei Tomé, de que mal sofria?

– De tristeza, parece que nunca recuperou a alegria desde que a perdeu, senhora. Afastou-se da corte e instalou-se numa quinta em Óbidos, onde viveu amargurado com a sua sorte, até o desconsolo ser mais forte do que a vontade de viver.

– Como soube da notícia?

– Por um correio do Paço que a anunciou à madre abadessa.

– E sempre cabe a você, meu bom amigo, ser quem me anuncia as piores coisas. Mas me consola que assim seja, pois, sem o seu apoio, não sei o que seria de mim.

– Vamos à capela, vou rezar uma missa pela alma do seu pai e todas as irmãs da congregação estão à nossa espera.

O luto



Não houve convites para os chás da D. Efigênia Maciel que tirassem Eugênia dos seus aposentos, de onde só saía quando tocava o sino anunciando um dos ofícios do dia e para se confessar uma das treze vezes por ano como mandava a regra, pois os seus pecados eram apenas perdoáveis. Caiu numa prostração igual à que teve quando a mãe morreu. A madre abadessa, sabendo quanto ela gostava da leitura, foi então buscar as chaves da biblioteca do convento para lhe fazer chegar pela irmã escritã um livro, mesmo infringindo uma das normas, que proibiam que fossem emprestados. Apenas alguns deles, de doutrina, podiam ser lidos pelas noviças no tempo de estudo ou pelas irmãs que quisessem relembrar alguns textos.

Na semana seguinte, quando a madre perguntou se estava gostando do livro, Eugênia respondeu envergonhada que não conseguiu se concentrar nas palavras e teve que reler a primeira frase tantas vezes que, cansada, o deixou na mesinha da sala, onde ainda estava.

A irmã Clarissa foi quem teve a ideia de mandar buscar a uma das arrecadações o bastidor, o pano e as linhas de cores que D. Efigênia fez chegar quando Eugênia deixou de visitá-la na sua casa, porque as criadas, mesmo que fossem senhoras devotas, não podiam entrar no convento. Na época, a irmã nem se atrevera a entregar-lhe o presente porque não parecia querer coisa nenhuma, a não ser ocupar-se da filha e rezar as suas orações.

Não foi por si que Eugênia começou a pegar na agulha. Quem estava bem entusiasmada com a novidade era Eugênia Maria, que passava as manhãs arrumando as meadas por cores e tons, para mais tarde voltar a colocá-las de outra maneira. Eugênia lembrava-se de que, durante o luto pela morte da sua mãe, foi a única coisa que a entreteve, ainda que a situação fosse diferente nessa altura, pois, sendo igual o sofrimento, pelo menos podia se

consolar partilhando-o com os irmãos. A morte do pai fazia-a se sentir duplamente órfã e abandonada à sua sorte.

Antes de acabar de bordar o primeiro guardanapo, notícias terríveis fizeram tremer quase todos os habitantes do reino. Os franceses tinham invadido Portugal pela Beira Baixa com um exército numeroso e organizado, e o príncipe regente, para evitar assinar uma rendição pelo seu próprio punho, decidiu transferir a corte para o Brasil, antes que Junot chegasse às portas de Lisboa. Partiram quinze mil pessoas nos melhores barcos da armada, levando os bens mais valiosos que a pressa lhes permitiu embarcar. O tesouro, os arquivos, uma tipografia e material de repartições públicas esperavam encaixotados havia algum tempo nos porões de vinte e três navios mercantes.

D. João não tinha ficado à espera de que os homens de Napoleão avançassem para tomar algumas medidas. Seguindo os conselhos que lhe deu o marquês de Alorna, preparou o transporte de muitas coisas que considerava importantes antes daquele ameaçador último dia de novembro.

Eugênia soube que toda a sua família partira para o Brasil e, por um momento, sentiu inveja. Recuperar a sua infância, a liberdade. Um sonho! As lembranças desse tempo ajudaram-na a melhorar, pelo menos, imaginava os seus irmãos felizes e isso reconfortava-a.

Pouco depois, no princípio do ano de 1808, outra tragédia mergulhou-a numa tristeza densa e negra, como o túnel de uma mina de carvão. O seu irmão Manuel, que nasceu no barco durante a viagem para Vila Rica, morria ao afundar na costa brasileira o navio que comandava. Parecia que, no mesmo mar que o viu nascer, algum monstro marinho tinha esperado que voltasse às suas águas para recuperá-lo.

Os heróis de Olhão



A primeira invasão francesa – porque não foi uma, mas três vezes em seis anos que o exército de Napoleão marchou sobre terra portuguesa – semeou o terror em todos os cantos do país, e os que nele ficaram sentiam-se órfãos, abandonados pelos governantes e muito mais pobres do que anteriormente.

O levantamento do povo começou pelo norte e foi descendo à medida que os inimigos tentavam tomar outras posições.

No convento de Tavira, as irmãs passaram vários dias rezando e jejuando quando souberam que uma parte das tropas napoleônicas tinha desembarcado em Faro. A revolta começou em Olhão, onde um grupo de pescadores e camponeses sem meios para se confrontar com um exército usou a astúcia para se defender. Puseram todos os barcos de pesca alinhados, de maneira que de longe parecesse uma armada, e foram ao encontro dos invasores disparando os primeiros tiros ao cair da tarde, levando-os assim a pensar que contavam com o apoio da Inglaterra. Não tendo o número suficiente de homens nem de armamento para travar uma luta desigual, os franceses optaram pela retirada, para grande alegria dos algarvios e alívio das freiras que, a pão e água, já começavam a desfalecer.

Eugênia também rezava com grande devoção para que a batalha não alastrasse até Tavira, tão perto do lugar onde tudo acontecia, não por receio à morte, mas para que nada acontecesse a sua filha, única razão que a levava a querer viver.

Em Olhão, festejaram a pequena vitória com um misto de orgulho e incredulidade, pela sorte de a estratégia ter resultado com um exército temido em toda a Europa. A notícia era tão importante para os olhanenses que, no meio do entusiasmo geral, dois marinheiros decidiram ir num barco levar a boa notícia a D. João ao Brasil. Sem cartas de navegação nem

prática alguma de atravessar oceanos, deixando-se levar pelas correntes, os ventos e as estrelas, depois de meses de esforço, chegaram ao Rio de Janeiro, onde foram recebidos pelo príncipe regente com as honras devidas aos heróis, voltando a Olhão com uma recompensa.

Pouco tempo depois desses acontecimentos, frei Tomé entregou a Eugênia um livro que um dos navegadores trouxera da corte brasileira. Ao ver que fora envolto num pano tecido pelos índios, invadiu-a um misto de emoção e estranheza. O impossível, o que nem em sonhos tivera coragem de imaginar, estava à sua frente. Eugênia percebeu que quem o enviava fora a senhorita Felícia. Como mandavam as normas, o padre teve de entregar o embrulho para passar pela censura da madre abadessa: o livro fora aberto e folheado por ela e, não tendo encontrado nada de mal no tema, que falava sobre a fauna desses locais, entregara-o novamente ao padre para levá-lo à sua confessada.

– Lamento – disse com um sorriso quase irônico – que não seja sobre plantas, para eu poder pedir emprestado.

Eugênia agradeceu e não fez menção de emprestar, porque intuiu que devia conter algumas linhas da sua antiga mestra, dissimuladas partes entre as páginas.

Convidou o padre confessor a beber uma xícara de chá e colocou o livro na estante junto dos outros, como se não tivesse pressa em lê-lo. Depois de falarem sobre alguns assuntos de que ainda se lembrava do Brasil e de comerem todos os biscoitos que a criada colocou na mesa, frei Tomé voltou às suas ocupações. Ao passar pela capela, deteve-se para pedir perdão a S. Bernardo por ter desobedecido a uma das suas obrigações, não denunciando que duas páginas estavam tão bem coladas que quase nem deu por isso. Mas, imaginando de quem vinha o livro, pela descrição detalhada da pessoa que o mandava feita pelo homem que lhe entregara o embrulho, achara que uma desobediência em tantos anos de sacerdócio não desequilibraria a balança na hora do Juízo Final e que a sua confessada bem merecia uma alegria.

Eugênia, mal o padre se afastou uns passos dos seus aposentos, correu pegando no livro e, com o coração batendo ao compasso dos batuques ouvidos na infância, sentou-se ao pé da janela para o poder examinar à luz do dia, folha por folha, até encontrar uma mensagem escondida. Só ao chegar ao fim é que descobriu a última página colada ao verso da capa e, ao

descolá-la com o vapor da chaleira, tirou de dentro do esconderijo uma carta escrita em letra miúda, num dos lados da folha na horizontal e no verso na vertical, para que fosse legível. Antes de começar a lê-la, cheirou-a para reconhecer nela os aromas que lembravam o tempo feliz em que viviam todos juntos em Vila Rica. A vontade de voltar ao passado era tão grande que confundiu o odor a maresia de que vinha impregnado o pano e o livro com o das flores e frutas de saudosa lembrança.

Felícia contava-lhe que, ao saber do desembarque da corte em terras brasileiras, tinha averiguado se algum dos senhores Meneses se encontrava entre os que chegavam e assim foi bater à porta dos seus irmãos, que lhe contaram todas as desgraças e a impossibilidade de comunicarem com Eugênia. Imaginando que com a pressa do embarque e a falta de espaço não tinham podido trazer todos os serviçais, pediu-lhes que a introduzissem na corte para desempenhar qualquer tarefa que lhe desse a oportunidade de estar perto do príncipe regente, para tentar ser útil a Eugênia.

Felícia dava notícias dos irmãos e da irmã e, no fim, em ponto pequeno, desenhou as cartas com que a ensinou a ler e a escrever, lembrando-lhe que tinha a mesma idade de Eugênia Maria quando se viram pela primeira vez: 6 anos.

Ao ler e reler as letras desenhadas com as curvas perfeitas como se estivessem apoiadas numa linha, os olhos de Eugênia encheram-se de lágrimas de alegria, de saudade e de paz. A sua família não a esqueceu, tinham sido educados para obedecer à coroa, como ela, e não puderam fazer nada. Foi preciso o caráter rebelde da senhorita Felícia para encontrar um meio de comunicar com ela. E agora? Ia ser capaz de arranjar maneira de lhe responder? Nem sabia como, se tudo estava proibido dentro do convento. Não podia contar com ninguém: se Rosa não se atreveu a desobedecer às ordens, quanto mais a atual criada que contratou através das freiras. Ao lembrar-se desse fato, escondeu rapidamente a folha, antes que ela a visse lendo uma carta e a denunciasse à madre abadessa.

Para disfarçar, foi buscar o bordado que deixara por acabar com a falta de sossego em que viveu desde a chegada dos franceses e, ao pegar na caixa das linhas, lembrou-se de quem lhe tinha oferecido. Efigênia Maciel seria pessoa de coragem para mandar uma carta à senhorita Felícia? Se lhe pedisse segredo e contasse as razões – mesmo aquela que pouca gente conhecia da verdadeira paternidade de Eugênia Maria –, talvez fosse. Faria

dela a sua aliada, não podia ser insensível ao seu sofrimento nem ao ostracismo a que a obrigavam. Na quarta-feira seguinte voltaria à casa da sua amiga na hora do chá e, para não a surpreender com a sua presença depois de tanto tempo, fez-lhe chegar um bilhete onde agradecia o presente que, pelos lutos e sobressaltos desses últimos meses, só então desfrutava. Como calculou, a resposta não tardou em chegar com o convite para o chá da tarde, daí a cinco dias.

Eugênia estava habituada a poucas horas de sono. Mesmo adormecendo mal colocava a cabeça nas almofadas, acordava invariavelmente muito antes da madrugada. Em vez de ficar deitada imaginando o que não devia, como se os pensamentos cruéis se precipitassem na sua mente ao perceberem que abria os olhos, levantava-se sem fazer barulho. À luz de uma vela escrevia todos os dias frases da longa carta onde, com a mesma letra pequena da senhorita Felícia, lhe contava o que foi a sua vida nesses últimos anos. Escolheu um papel fino para não fazer volume e, imitando a sua antiga mestra, escrevia no verso das folhas em diagonal para facilitar a leitura dos dois lados. Na quarta-feira a carta estava acabada e lacrada, com o endereço escrito em letras grandes para que não houvesse extravios. Só lhe restava chegar mais cedo, para poder falar abertamente e a sós com a única pessoa em quem podia confiar para uma missão daquelas.

Não só Efigênia aceitou de bom grado, como se emocionou por ter sido escolhida como depositária de um segredo régio, tendo-a levado a sua natureza lírica a imaginar que fazia parte de um enredo romântico, jurando que levaria o segredo para a tumba. Mas não resistiu a contar ao seu marido, porque, se não era a ele, a tentação de aliviar o peso da confidência com uma das suas amigas ia ser tão forte que em breve toda a Távira saberia. E assim, graças ao ouvido surdo que costumam ter os homens em certas ocasiões, foi no meio dos sonhos que o marido ouviu algumas palavras entrecortadas que nada lhe diziam. Assim, a paternidade de Eugênia Maria e a carta de Felícia ainda se mantiveram em sigilo por mais algum tempo.

O bispo brasileiro



Depois de passar uma semana levantando de madrugada, Eugênia acostumou-se ao horário e aproveitou para se dedicar a um trabalho que requeria concentração e paz de espírito. Notou que fazia bem, porque, enquanto trabalhava, desaparecia o gosto de estar sempre descendo para as zonas mais obscuras e tristes da sua memória.

Com papel grosso e uma tesoura, recortou retângulos e desenhava todas as manhãs uma ou duas cartas do baralho do bispo brasileiro com que aprendera a ler. Se faltava algum detalhe, ia buscar os exemplos de Felícia no esconderijo e conferia com o que fez. Ao fim de algum tempo, acabou os quatro baralhos, convidou a filha a se sentar na mesinha e, tentando imitar os gestos de ilusionista da sua mestra, começou a ensiná-la a ler as primeiras letras. Fazia-o com gosto e muita calma, ainda que por vezes Eugênia Maria a desiludisse, não dando mostras de se interessar tanto pela aprendizagem como ela quando tinha a sua idade.

Uma tarde, frei Tomé – que, depois de só trazer más notícias, se obrigava a visitar sem qualquer pretexto as duas Eugênicas – pediu licença para entrar no meio de uma aula de leitura e, pousando o dedo indicador nos lábios, mostrando com esse gesto que não queria perturbar, ficou de pé atrás da aluna, vendo aquele método que desconhecia com uma curiosidade de investigador. Acabando a lição muito antes das duas horas previstas, Eugênia dirigiu-se ao padre e, depois de lhe beijar a mão, apontou uma cadeira para se sentar. Então começaram as perguntas, a que a mãe da aluna respondeu até saciar a curiosidade de frei Tomé, surpreendido ao ver ensinar a ler uma criança tão pequena, quase como se se tratasse de uma brincadeira.

À saída, sentiu-se menos culpado por ter incorrido em falta entregando o livro à sua confessada, porque os desígnios de Deus eram insondáveis e

percebeu que a carta tinha trazido boas lembranças, muito úteis para ambas. Eugênia, com uma paciência de aranha, foi ensinando muitas vezes as formas e os sons que acompanhavam as letras quando as juntava. Ao fim de um ano, conseguiu que a filha soubesse ler e precisou de mais uns meses para que aprendesse a escrever. O ritmo de duas horas de manhã e duas de tarde era muito cansativo para a pequena, e a mãe reduziu o horário a uma hora, porque Eugênia Maria não conseguia concentrar-se por mais tempo.

Não era indolente, não. Era uma menina sossegada que quase não conviveu com outras crianças que lhe ensinassem a brincar e a fazer travessuras e estava sempre no meio de adultos que não riam nem gritavam de alegria. Também não era triste. Era sonhadora, ausente. Mas como podia não ser, se crescia no meio do silêncio e se os cânticos da igreja tinham sido a única música que alguma vez ouviu?

A bastarda



Que estranho! A mãe parecia gostar do método, quando me ensinou a ler e a escrever com as mesmas cartas com que a avó Eugênia aprendeu nas aulas da senhorita Felícia.

– Pois foi. Mas a diferença é que, quando tiver idade para começar a aprender, eu já sabia o que significava ter uma vida normal e ser feliz. Tinha viajado, vivido em outros países, inclusive fiquei aqui na Madeira durante alguns anos. Na época em que vivi no convento de Tavira, eram, no entanto, muito raros os momentos em que via a minha mãe descontraída e sorridente. Parecia carregar um peso que se fazia mais pesado com o passar dos meses. Como podia ela me transmitir o gosto por qualquer coisa, se ela própria se desinteressava pela vida e só arrebitava quando atravessávamos a rua para ir à casa da sua amiga Efigênia Maciel? Foi difícil para mim crescer nesse lugar de adultos silenciosos e austeros, onde uma gargalhada ou um passo de dança eram mal vistos. A minha única diversão, desde que Rosa Balbina foi embora, foram os chás, uma vez por semana, onde encontrava crianças da minha idade com quem brincar. O resto dos dias passava esperando pelas quartas-feiras ou pedindo ao menino Jesus que a minha mãe acordasse na manhã seguinte um pouco menos triste. Nessa época era mais séria e me sentia mais velha do que as outras meninas da minha idade, provavelmente porque me via na obrigação de zelar pela minha mãe. Era muito complicado para mim ser ao mesmo tempo filha, pai, mãe, irmãos. Eu era a sua única família. A partir de um certo momento, foram poucas as vezes que me senti protegida por ela.

– Dê-me a sua mão, mãe, para a cobrir de beijinhos.

Cartas do Brasil



Os chás, na casa de Efigênia Maciel, tornaram-se mais alegres quando as outras senhoras começaram a levar as suas filhas com as amas, para que Eugênia Maria se relacionasse com crianças da sua idade.

Numa sala próxima, serviam o lanche numa mesa baixa com pequenas cadeiras, onde se sentavam para comer no intervalo das brincadeiras.

As Meneses apreciaram a novidade, e Eugênia até pensou que Nossa Senhora ouviu os seus pensamentos sombrios, intercedendo para que houvesse essas mudanças. Por uma vez, porém, Madre de Deus fora totalmente alheia a qualquer transformação da mentalidade das senhoras de Tavira. Houvera alguém – um homem, não o marido de Efigênia, mas um criado – que ouviu o terrível segredo, e por sua vez o contou ao melhor amigo e assim, multiplicando com grande sigilo o que ninguém podia saber, o número de pessoas foi o suficiente para que chegasse aos ouvidos da melhor sociedade da vila. Daí que houvesse tanta mãe aristocrata querendo que as suas filhas convivessem com Eugênia Maria. Ainda que fosse bastarda, não deixava de ter sangue real, mesmo sendo apresentada como afilhada de Eugênia de Meneses.

Graças a Efigênia e aos insuspeitos encontros em sua casa, Eugênia mantinha a correspondência em dia com a senhorita Felícia, recebendo uma vez por mês notícias do Brasil e mandando para lá cartas com recordações e desabafos. Assim foi sabendo que o seu irmão Gregório era estribeiro-mor, o que lhe dava muito trabalho; que a mulher Francisca continuava queixando-se da falta de filhos e que tinham comprado umas chácaras com casas perto de Rio de Janeiro. Eugênia achou graça que o seu irmão mais novo, nascido em Minas Gerais, fosse nomeado Governador do Maranhão, tivesse um filho, batizado com o nome do avô, Rodrigo – que seria o

herdeiro do título de conde de Cavalleiros. Afinal, as notícias da sua família eram boas.

Na corte, estava tudo num rebuliço desde que Carlota Joaquina meteu na cabeça ser vice-rainha dos territórios espanhóis do Rio de la Plata. Eugênia conseguiu aos poucos, entre as cartas que recebia da senhorita Felícia e as conversas das suas amigas algarvias, desenredar algo da trama.

Carlos IV, rei da Espanha, abdicou da coroa depois de Napoleão ter tentado acrescentar a Península Ibérica ao seu império, embora, pouco depois, voltasse atrás com a palavra. Nesse intervalo de reinado, contudo, o governo do Rio de la Plata ficara sem vice-rei, tendo sido nomeado um francês, Liniers, como interino, com a aprovação de alguns e desconfiança de outros, que viam no novo governante um agente de Bonaparte. Enquanto se desenrolava o jogo de cadeiras do trono espanhol, Carlota Joaquina aproveitou a confusão para fazer valer os seus direitos à coroa, ainda que para isso tivesse de abdicar dos de Portugal. Como o Brasil estava muito mais perto de Buenos Aires, começou a negociar a sua candidatura através de um homem de confiança inglês – dizia-se que a servia também em outros trabalhos, que não tinham a ver com enredos políticos –, mandando joias e dinheiro para financiar a campanha. A princípio teve todo o apoio do marido, que via nessa tentativa uma possibilidade de se ver livre dela. Mas ninguém se posicionava de acordo: os rio-platenses queriam a independência, a Espanha mandara um novo vice-rei, e a Inglaterra opunha-se às ambições de Carlota Joaquina.

D. João teve de ceder à imposição da coroa britânica – um pouco desiludido com o desfecho, porque se imaginava governando o seu reino sem ouvir falar das conspirações de Carlota Joaquina –, não se livrando de uma cena conjugal que fez tremer os coqueiros do jardim e calar de estupefação os papagaios.

Depois, o príncipe regente decidiu se mudar para outro palácio, onde vivia mais sossegado, longe das fúrias da quase rainha, que não perdoava a ninguém ter perdido aquela oportunidade, além de boa parte dos seus bens. Longe também da loucura da mãe, a quem a mudança de ares não beneficiava e que entrou num processo evidente de derrocada mental, parecendo que o fato de ter deixado o seu país só a ela afligia, porque nos raros momentos de lucidez era a única que se perguntava o que seria feito de Portugal, se a corte o abandonou.

Um dos irmãos de Eugênia soube que no novo Paço precisavam de uma governanta e recomendou Felícia, dando as melhores informações dela, mas sem dizer que tinha trabalhado para eles em Vila Rica. Assim, ela conseguiu instalar-se na residência do príncipe regente e tornar-se indispensável, ainda que ninguém parecesse notar a sua presença.

Com o verão, o inchaço da perna direita de D. João tinha duplicado, provocando-lhe uma dor aguda que se tornou mais desconfortável quando as pústulas começaram a supurar. Felícia esperou pelo resultado do tratamento que prescrevera o médico e, como calculara, o príncipe melhorou mas o calor não permitia que se sentisse confortável, mesmo passando o dia com a perna pousada sobre um banco, para favorecer a circulação.

Num dia especialmente mau para o monarca, por estar úmido e sufocante, aproximou-se dele enquanto estava à sombra, numa varanda, e pediu-lhe licença para o tratar à sua maneira. Nesse momento de desespero, teria aceitado tudo menos a amputação da maldita perna, e Felícia foi rapidamente buscar uns emplastros refrescantes feitos por ela com uma mistura de barro e plantas. O tratamento resultou e o regente mandava-a chamar cada vez que o sofrimento recomeçava, geralmente depois de um beija-mão ou de uma cerimônia oficial em que tinha de estar horas suportando o calor, ainda que ficasse com a perna estendida apoiada num banco para diminuir as consequências.

Não chegava a curá-lo. Mas os médicos também não, e só Felícia conseguia devolver a sensação de frescor que sentia em Portugal no inverno, e a perna parecia doer menos quando desinflamava. Assim, enquanto esperava que a pasta ficasse morna para trocá-la por uma nova mais fresca, contava-lhe as suas antigas funções de mestra: falava como por acaso dos filhos de D. Rodrigo, e mais especialmente da filha Eugênia, que aprendia muito rapidamente tudo o que ela lhe ensinava. Tentando dissimular a surpresa, D. João pediu que se lembrasse de mais detalhes do tempo em que esteve a serviço dessa ilustre família em Vila Rica. A senhorita, cada vez que o príncipe a chamava para tratar da perna, falava desse tempo, e ele ouvia-a semicerrando as pálpebras inchadas. Daí a conseguir a confissão dos amores com a dama do Paço foi apenas uma questão de paciência.

Felícia sabia ouvir, dom que não é dado a todos, e passou a ser D. João quem falava durante os tratamentos, abrindo o coração e contando-lhe tudo. Ainda recordava Eugênia com ternura e a senhorita teve a certeza de que, à sua maneira, a tinha amado.

O dia em que Felícia, temendo incomodá-lo, lhe perguntou “Sendo príncipe regente, senhor dos seus súditos, por que não defendeu contra todas as tempestades a dama que amava?”, recebeu como resposta uma frase simples que dizia tudo:

– Uma coisa é o rei, outra, a pessoa do rei.

Paternidade



Lendo as cartas que Felícia lhe mandava, contando os progressos na tentativa de se aproximar do príncipe regente e ganhar a sua confiança, Eugênia não calculava que razões tinha para o fazer, se as únicas cartas que podia escrever e receber eram ao monarca e para isso não precisava da intervenção de ninguém. Não teve a ousadia de perguntar por temor de magoá-la, demonstrando uma falta de confiança que na realidade não tinha. Sabia que Felícia nunca se empenharia tanto se não fosse para ajudá-la.

Nem todas as notícias que chegavam desses lugares eram boas. Em maio de 1810, o cabildo⁴ de Buenos Aires declarou a independência e o movimento alastrou pelos outros países da América do Sul com tal rapidez que pareciam ter esperado apenas esse sinal. Em Portugal temeu-se que o mesmo acontecesse com as possessões da coroa, ali tão perto, mas a vontade de autonomia parecia dirigida unicamente contra a Espanha. O estranho era que a senhorita Felícia não lhe respondia a nenhuma pergunta que lhe fizesse nesse sentido, como se ignorasse totalmente o caso, o que não podia ser verdade porque Eugênia tinha boa memória e se lembrava muito bem das escapadelas noturnas da senhorita para ir se encontrar secretamente em Vila Rica com os apoiantes de Tiradentes. O silêncio dela sobre o assunto preocupava-a e chegou a admitir a possibilidade de que a ideia de se aproximar do regente não tivesse nada a ver com ela, sendo apenas um pretexto para alguma ação política, ainda que não conseguisse imaginar qual fosse.

Voltou a escrever a Felícia sobre o tema, mas a resposta falava de coisas várias e leves, de maneira que Eugênia não sabia se os correios se cruzavam – o que não parecia provável porque desde o princípio costumavam se escrever depois de terem lido a carta uma da outra –, se Felícia continuava

tão ligada ao movimento independentista que nem queria tocar no assunto por medo de se comprometer.

Nesse mês esperava-se com a impaciência de costume a visita do mestre Simão, que chegou fazendo a mesma entrada teatral a que Eugênia assistiu da primeira vez. As novidades que trazia eram outras, aquelas que ela já sabia pelas cartas do Rio de Janeiro e fazia de conta que as ouvia com a atenção das freiras para não tirar o mérito de hipnotizar a pequena assembleia com a voz profunda e os gestos de encantador de serpentes.

Depois de todos terem escolhido os tecidos de que precisavam, mestre Simão aproximou-se de Eugênia e convidou-a a ir até junto da mesa para poder apreciar pelo toque uma chita fina da Índia, ideal para o calor que começava. Com uma audácia que Eugênia não esperava, colocou, sem pressa, uma carta na dobra do tecido antes de o passar para a sua mão. Se não fosse por estar de costas, todos a teriam visto suspender a respiração e ficar pálida de medo. Segurando o tecido que parecia queimá-la, esperou o primeiro pretexto para se retirar, ansiosa por saber o que continha a carta de Felícia, porque não podia ser de outra pessoa para ter sido entregue de uma maneira tão secreta e inesperada.

Ao chegar ao seu quarto, encontrou a criada fazendo uma limpeza profunda, aproveitando que a senhora e a menina estavam em outro lado. Discretamente, Eugênia tirou a carta do tecido e escondeu-a na manga, dizendo que ia passear pelo pomar para não dificultar o seu trabalho. Sabendo que Eugênia Maria gostava de apanhar florzinhas debaixo das árvores, abrandou o passo para ficar a uma distância prudente que lhe permitisse ler sem que a filha a visse. Era apenas uma folha dobrada e lacrada dirigida a ela, onde em poucas palavras Felícia lhe explicava que conhecera no Rio um mercador judeu que se dispusera a fazer chegar em segredo aquelas linhas, onde finalmente podia explicar-lhe qual o propósito que a levava a se aproximar do príncipe. Este não era outro senão obter dele uma declaração em que reconhecesse que Eugênia Maria de Meneses era, na verdade, sua filha.

A única condição que D. João impusera foi que a confissão fosse guardada até depois da sua morte e da de Eugênia, porque não queria outro escândalo na situação instável em que vivia o reino. Não tinha sido fácil convencê-lo. Sempre se mostrara avesso a escrever fosse o que fosse a esse respeito, mas finalmente prometera-lhe que no dia do aniversário de

Eugênia Maria, palavra de príncipe, lhe daria esse presente. Restava agora aguardar e, para não levantar suspeitas, Felícia aconselhou-a a se escreverem continuando a usar os mesmos meios que antes.

Eugênia ficou pensativa, pois não esperava um milagre desses sabendo que nada obrigava um homem a reconhecer como seu um filho bastardo, nem a deixar-lhe uma parte da herança, ainda que houvesse quem o fizesse. Por isso, quando se tratava de bebês nascidos fora do casamento, escrevia-se na ata de batismo: “Do pai só Deus sabe e sua mãe também.” Não tinha dúvidas sobre a amizade da senhorita Felícia. Não havia muitas pessoas que se sujeitassem a ser alvo de uma das fúrias da princesa espanhola, mas sabia que era capaz de arriscar tudo por ela. O que escrevera, disfarçadamente, com medo de as páginas poderem cair em mãos erradas, era uma declaração de eterno agradecimento.

Mas a presença de frei Tomé diante da sua porta, no fim das orações da manhã, dizendo-lhe que desejava falar com ela em particular, estragou em parte a alegria que lhe dera Felícia.

– Recebi uma ordem dos meus superiores transferindo-me para outro convento, o de São Bernardo em Portalegre, no Alentejo. Não sei ainda quem me substituirá, mas falaram-me de um sacerdote conhecido pela sua rigidez e, não há outra palavra para descrevê-lo, fanatismo. Receio que tenha um ascendente negativo sobre a madre abadessa e que a senhora não possa gozar das poucas liberdades que tem agora e, como tem de obedecer a uma ordem real, não a colocará fora do convento, mas tornará a sua vida mais amarga.

– O que vou fazer? Não chega como castigo viver enclausurada com a minha filha seis dias por semana?

– Tem coisa pior. Em certos conventos, não lhe permitiriam ter junto de si Eugênia Maria, nem aposentos próprios, nem os seus móveis, nem uma caixa de chá sequer.

– Meu Deus! Nunca pensei viver pior ainda. Frei Tomé, suplico, faça qualquer coisa.

– Já tentei. Pedi à madre abadessa que a deixasse mudar de convento, mas não pode contradizer uma decisão do monarca. Só o príncipe D. João poderá decidir em contrário. A solução está nas mãos dele. Escreva-lhe, senhora, quiçá Sua Majestade e Nossa Senhora ouçam as suas súplicas.

Eugênia tentou primeiro persuadir a madre abadessa, a qual, ainda que quisesse, o que não era o caso, nunca desobedeceria à ordem do futuro rei. De nada valeu implorar e chorar, nem o fato de ter caído num estado de abatimento doentio. Frei Tomé ficou muito preocupado com a saúde da sua confessada, pois sabia que se alterava à mínima coisa e temia que se deixasse morrer de tristeza como o pai. Mas, antes de partir, voltou a incitá-la a escrever ao príncipe regente. Lembrou-lhe que era um homem bom e que não era por acaso que o chamavam de o *Clemente*. Seguramente iria ouvir o seu pedido.

A carta que Eugênia lhe mandou era curta, porque só tinha forças para “pedir humildemente, beijando os pés da Sua Real Majestade, que lhe permitisse seguir o seu confessor para outro convento”.

As suas súplicas demoraram meses para chegar ao destinatário, sem que, aparentemente, ninguém se acusasse como culpado. Entretanto, Eugênia foi privada de visitar a sua amiga Efigênia Maciel, e nem a deixavam receber nada de fora, perdendo assim o contato com a senhorita Felícia, o que a desconsolava ainda mais porque se aproximava o aniversário da filha e queria saber se tudo corria como Felícia previra.

O novo confessor tinha os traços do rosto angulosos, uma boca fina e um olhar penetrante que gelava o coração de Eugênia, porque sentia que ele, apesar das suas maneiras afáveis, a desprezava. Com a sua afilhada, porque Eugênia não sabia se o padre estava a par da sua infelicidade, a displicência era tão grande que nem se dignava a descer a cabeça para olhá-la quando ela lhe fazia a reverência.

Tinha acumulado tanto sofrimento nos últimos sete anos que não resistiu à hostilidade que eram obrigadas a demonstrar as freiras, provavelmente obedecendo a instruções do padre, e voltou a ter os sintomas da profunda melancolia que a atacara quando ainda vivia no Paço. A única desobediente era a irmã Clarissa, que passava pelos seus aposentos para ajudá-la a se levantar e assistir aos ofícios, por medo de que o padre lhe aplicasse um severo castigo mesmo não pertencendo ela à ordem de Cister. A devoção era a única coisa que lhe dava forças para subsistir durante o tempo que a resposta de D. João demorou a chegar.

Uma manhã, depois da missa, a madre abadessa pediu-lhe secamente para passar pelo seu gabinete. Eugênia seguiu-a e, ao fechar a porta, a severidade da abadessa dissolveu-se num sorriso. Disse-lhe que tinha chegado uma

carta do príncipe regente dando ordem para que a confessada seguisse o confessor, porque assim havia decidido a sua real pessoa. A notícia deixou-a tremendo, mas, mal recuperou, foi anunciar à filha que iam voltar a ver frei Tomé e pediu à criada que tratasse da mudança o mais depressa possível, tal era a impaciência de sair dali.

Na porta do convento, no dia da partida, esperavam-na as suas amigas com lembranças de rendas finas feitas pelas suas próprias mãos e Efigênia entregou-lhe, junto com uma caixa de folhados com creme doce, as cartas que tinha recebido do Brasil e que não conseguira entregar-lhe desde que ela ficara confinada pelas paredes grossas da morada das bernardas. Eugênia chorou junto com as outras, porque sabiam que a despedida podia ser para sempre, sendo as distâncias grandes e os caminhos difíceis de percorrer. Mas só ela tinha a certeza de que não voltaria a ver ninguém de Tavira, pois uma brisa repentina sussurrara ao ouvido que o seu tempo apenas chegaria para criar a filha. Na verdade, não temia a morte, pelo contrário, havia momentos em que quase a desejava, mas queria ter tempo de pelo menos casar Eugênia Maria, porque para isso tinha poupado alguns reais do dinheiro que lhe mandava o príncipe, ainda que não tivesse o suficiente para um marido da sua condição, nem sabia se alguém estaria disposto a aceitar uma bastarda deserddada. Se não a casasse, o dinheiro pelo menos serviria de dote para entregar num convento se Eugênia Maria optasse por seguir a vida monacal, à qual já estava habituada.

Essas reflexões sobre o futuro da filha foram adiadas ao ver os palácios e as fachadas das igrejas que descobria pela primeira vez, porque quando chegara, alguns anos antes, o sol já se pusera. Nunca imaginou que a vila fosse tão bonita, pensar que podiam ter feito passeios maravilhosos. Eugênia Maria endireitou-se quando passaram pela ponte antiga sobre o rio Gilão, pois não se lembrava de ter visto alguma vez tanta água; e a mãe foi contando a viagem por mar de Cádiz ao Algarve e outras paisagens que, por ser pequenina na época, não recordava.

No trajeto, que foi longo, leu todas as cartas de Felícia, que não eram muitas porque, não tendo recebido resposta, começara a averiguar o que podia ter acontecido e fora o próprio príncipe quem respondera às suas dúvidas sem ela ter perguntado nada, ao lhe contar do novo confessor e do pedido para transferirem-na para outro convento. Foi simples adivinhar o resto. Na última carta, Felícia lhe revelou de uma maneira encoberta que já

possuía o documento que garantia o futuro de Eugênia Maria, mas que só o mandaria quando encontrasse um correio de absoluta confiança e, se não houvesse nenhum, ela própria o levaria a Portugal. Entretanto, por medo de que caísse em mãos alheias – porque não sabia até que ponto os espões de Carlota Joaquina não desconfiavam dela –, trazia-o sempre consigo, dentro de um falso bolso costurado à camisa.

Sem Eugênia saber por quê, essa foi a frase que a deixou mais inquieta. Ninguém no mundo seria capaz de se sacrificar por ela como a senhorita Felícia nesse momento, e no entanto só ia sossegar quando a carta de adoção estivesse nas suas mãos. Olhou enternecida para Eugênia Maria, que tinha adormecido com o balançar da carruagem, com a cabeça apoiada nas coxas da criada, que também aproveitou a rara oportunidade de não fazer nada para descansar da correria da mudança e dormir tão profundamente como a menina.

“Por que esta angústia, estes medos, senhora minha madrinha? Por que me custa tanto acreditar que a minha filha vai ter um futuro risonho? Qual é a razão deste tormento que me tira a pouca alegria de viver que me resta, tendo-me transformado na sombra do que fui? Manda-me um sinal, Nossa Senhora da Madre de Deus, para que possa acreditar que vela por nós.”

⁴ Nome dado às corporações municipais instituídas na América Espanhola durante o período colonial que se encarregavam da administração geral das cidades coloniais. Também representava legalmente a cidade diante de problemas administrativos, econômicos e políticos no município. (N. da E.)

A madrinha



Um sinal. Agora? Não entendo a teimosia dos crentes em confundirem as nossas capacidades. Sou uma santa, não uma ilusionista de feira!

E, se todos os meus devotos me pedissem um sinal ao mesmo tempo, era obrigada a fazer aos montes? A bondade, o altruísmo e todo o rol de qualidades necessárias para receber a auréola pouco têm a ver com o que exigem de nós. Só me pedem coisas! Que falta de criatividade. Se não tivesse a paciência de uma santa, que é eterna, ficaria alterada com tantos pedidos. Isso não é devoção, é superstição, haverá quem o entenda?

Resmungo, sim, mas acabo sempre fazendo o que me pedem. No fim de contas, não deixarei nunca de ser uma mãe judia.

Eugênia, minha afilhada, como lhe direi que os seus temores são justificados, é uma coisa que não se diz a uma mãe, e mentir, não, isso não faço por ninguém. Desculpa se sou obrigada a fazer de conta que não dou ouvidos, mas é para o seu bem.

Voltei a consultar o mapa dos destinos e desta vez memorizei o seu. Vai ser acarinhada, mas ainda terá de enfrentar momentos de desassossego e duas perdas irreparáveis.

Alentejo



Aproximando-se de Portalegre, os cavalos cansados arrastaram-se com preguiça ao subirem a colina para alcançarem as portas do convento. Eugênia ficou presa à vista maravilhosa da planície que se estendia diante dos seus olhos e, enquanto o cocheiro foi tocar o sino da entrada para anunciar a sua chegada, fixou aquela imagem para melhor gravar na sua memória, porque não tinha certeza se voltaria a ver. Sentia que uma pesada fadiga invadia o corpo com a determinação de algo que viera para ficar.

A freira da portaria abriu a janela e, ao ouvir anunciar quem eram as visitas, pediu que esperassem e foi avisar a madre abadessa e frei Tomé, de quem recebera ordens estritas para deixá-lo informado da chegada da sua confessada, pois imaginava o estado em que a tinham mandado.

A sua intuição não o enganou, não era a mesma senhora de quem se despedira em Tavira dois anos antes. Eugênia estava visivelmente abatida, de uma palidez extrema, e as palavras que pronunciou ao pisar a calçada do mosteiro de São Bernardo provocaram no frade um mal-estar que percorreu o corpo:

– Cheguei ao lugar da minha sepultura.

Ao levá-las para visitarem o convento, a madre abadessa disse-lhe com um orgulho visível que era o mais importante a sul do Tejo. Eugênia calculou que devia ter o dobro do tamanho do de Tavira, ainda que o outro tivesse também um primeiro andar.

Por causa da sua saúde precária, frei Tomé conseguiu que as instalassem na parte dos fundos do primeiro andar, em duas celas, sem a independência que tinham anteriormente, mas com as portas viradas para o jardim do

claustro, onde havia uma fonte octogonal rodeada de quatro bancos grandes de granito, nos quais podiam sentar para ler ou fazer bordados.

A madre abadessa era uma mulher de idade indeterminada, porque eram tantas as rugas que, com a touca branca enquadrando o seu rosto, mais se parecia com uma tartaruga do que com uma freira. Mas os seus olhos pretos e pequeninos tinham o mesmo brilho que os das crianças e pareciam não dar pelo passar do tempo porque mantinham a atenção de quem ainda se maravilhava com as coisas mais simples. A suavidade com que recebeu Eugênia, a mão que pousou distraidamente sobre a cabeça da sua filha enquanto falava, o não indagar nada como se já soubesse todas as respostas, a maneira como as acompanhou até as celas e depois as levou até a capela para rezarem juntas agradecendo a boa viagem, provocaram na mãe da bastarda um choro que vinha do fundo de si mesma. Como se, depois de alguém lhe demonstrar carinho pela primeira vez desde que fora obrigada a abandonar a família, tivesse quebrado a redoma de vidro na qual se protegera durante todos aqueles anos.

– Não há dúvida de que Nossa Senhora, minha madrinha, nos protege – disse mais tarde a Eugênia Maria, quando se encontravam a sós na cela. – Esperava algum sinal dela, e este foi o melhor que podia ter me mandado.

Nesse dia começaram uma vida diferente. Se, por um lado, perderam a independência de ter os quartos fora do claustro e a comida feita pela própria criada, ganharam a liberdade de poder passear pela vila acompanhadas de uma noviça (assim se controlavam mutuamente) e deliciar-se com as famosas receitas das freiras de Cister no refeitório do convento, onde comiam sem falar, ouvindo a leitura de alguma passagem das Escrituras Sagradas. A pequena Meneses olhava com curiosidade as freiras exprimindo-se por gestos a uma velocidade estonteante e não resistiu a pedir a uma das mais novas que lhe ensinasse a linguagem que usavam.

– É simples, mas, melhor do que eu, quem poderá ensinar será a irmã Laurêmia, é ela que dá as aulas de linguagem gestual às noviças, para que possamos comunicar umas com as outras sem quebrar as horas de silêncio obrigatório.

– Tenho vergonha de lhe pedir, não a conheço.

– Deve tê-la visto com certeza, é uma irmã muito alta, que ultrapassa em um palmo todas as outras quando vamos em fila para a capela. A senhora sua mãe poderá dirigir-se a ela antes de começar as aulas.

– Como disse que se chama?

– Laurêmia.

Eugênia demorou uns dias para fazer o que a filha pedia, porque achava conveniente perguntar primeiro a opinião de frei Tomé, pois era possível que não estivesse dentro das normas que uma menina que não pertencia à ordem aprendesse como se falava sem pronunciar palavras. O padre recebeu a ideia com entusiasmo, porque mostrava que, sem dar por isso, começavam a tomar parte da comunidade: o isolamento em que viviam no convento de Tavira era pior que o das religiosas, pois estavam sempre sozinhas.

– Acho muito bem que se entretenham com algo diferente e útil.

– Não entendo o porquê do plural, padre.

– Imaginei que a senhora quisesse acompanhar a menina.

– Não tinha pensado nisso, mas, agora que diz, parece acertado.

Frei Tomé calava ainda o plano que acarinhava, desde que viu a tristeza instalada para sempre nos olhos de Eugênia, de conseguir a salvação da sua alma através da consagração ao Senhor. Sabia que era piedosa, mas não o suficiente para aceitar melhor o seu destino. Nunca falou sobre o assunto por sua filha ser ainda pequena e vê-la tão dedicada a ela, mas, começar pelo estudo mais divertido – em geral as noviças eram jovens e ouvia-as abafar o riso quando se enganavam – podia ser conveniente porque, ao aprender a arte de se entender por sinais, já estava penetrando no misterioso universo da vida religiosa. Aos poucos, frei Tomé havia de levar a sua confessada pelo caminho que lhe traçara no primeiro dia. Era para o bem dela, D. Eugênia acabaria entendendo quando chegasse o momento.

Assim começaram mãe e filha a assistir às aulas da irmã Laurêmia, que gesticulava com os longos braços e as mãos enormes, acentuando os acenos lentos com um balanço do corpo esguio, transformando a sua sombra numa figura fantástica que acompanhava os seus movimentos, alongando-se na parede até chegar ao teto, quando o sol entrava pela janela, iluminando-a de lado.

A bastarda



Uma manhã, enquanto a mãe lhe passava um pano úmido pelo corpo, porque ela já não tinha forças para se levantar da cama, Isabel Maria quis saber se não teria algum tio ou tia que não conhecesse.

– A mãe não teve primos?

– Tive, mas não cheguei a conhecê-los. Nem sei se o meu avô Rodrigo conheceu algum antes de morrer. Ele queria tanto ter netos e a primeira a nascer fui eu, longe de Lisboa e da sua vista por proibição real. Uma das coisas que mais entristeciam a minha mãe era me ver crescer sem outra família que não fosse ela própria. Consolava-a saber que, do céu, os meus avós deviam seguir os nossos passos, mas bem sei que não era suficiente. A sua maior preocupação era quem iria tomar conta de mim se ela me faltasse. Eu, para tentar desviá-la desses pensamentos, dizia: “Não diga essas coisas, minha mãe. Senão, volta a ficar abatida e eu já não sei o que farei para alegrá-la. As mães nunca morrem, não seria justo para os filhos. Lembra-se de eu lhe dizer isso quando era pequenina? Pense nas festas de Nossa Senhora, que se aproximam, e do bom que vai ser ajudar a enfeitar os andores para a procissão e espalhar pétalas de rosa pelo corredor da capela.” Ainda a ouço responder-me: “Só Ela me impede de sentir que estamos as duas numa ilha deserta. Tenho pena de que não tivesse crescido no seio de uma família como era a minha, de que não saiba o que é compartilhar brincadeiras com irmãos e primos, era tanta a cumplicidade com todos eles que bastava uma troca de olhares para nós entendermos. Não é tristeza, é remorso. Saber que nunca poderei preencher esse seu vazio de boas lembranças, como as que eu tenho da minha infância, porque pequei.” Nunca se perdoou ter cedido ao meu pai. Creio que, se acabar com a própria vida não fosse pecado, ela teria preferido morrer a ser seduzida. Não o

tomou como um elogio, nem se sentiu importante como acontecia com algumas mulheres. Para a minha mãe foi uma maldição.

Frei Tomé



De nada valeu às duas Meneses sentarem-se no banco de pedra do jardim nas horas de sol, nem esfregarem as mãos ou baterem com os pés no chão como se estivessem ensaiando sapateado, nem dormir de luvas e ainda menos mergulharem as mãos em bacias com água quente: não conseguiram que o sangue circulasse com fluidez, dilatando os dedos até ficarem encarnados e brilhantes. Só no fim do inverno as freiras foram deixando lentamente as mãos e os pés, com se fossem aves que viajam a depender da estação que, ao contrário das outras da sua espécie, procurassem lugares frios para se alojar.

Mãe e filha estavam habituadas aos frios ligeiros do Algarve, onde ficavam logo aquecidas com algum agasalho de lã, e Eugênia tinha vivido em palácios com lareiras que tornavam as temperaturas baixas suportáveis. Não conseguiram acreditar quando numa manhã de dezembro, ao atravessarem o pátio para irem à capela ouvir o primeiro serviço religioso, viram pequenas poças de água transformadas em gelo e as pétalas das flores cobertas de algo semelhante ao cristal.

Pouco tempo depois, mesmo durante os silêncios obrigatórios, ouviam-se algumas irmãs tossir convulsivamente e não eram castigadas, não porque a madre abadessa estivesse ficando surda, mas porque a bronquite não era considerada uma desobediência. Os acessos de tosse e os espirros diminuíram com a chegada da primavera, exceto uma tosse seca e persistente que não parecia querer deixar a irmã Laurêmia. Nas aulas de linguagem gestual, os seus movimentos começaram a ser mais lentos e, ao fim de uma hora, apareciam umas olheiras escuras que a obrigavam a adiar a lição para o dia seguinte. A madre abadessa preocupava-se com ela e, mesmo contra a vontade da irmã, mandou chamar o médico, que, depois de ver o cuspe ensanguentado no lenço com que tapava a boca, lhe receitou

uma dieta à base de carne de vaca e canja de galinha e disse que devia ficar de cama e por nenhuma razão sair da cela. O regulamento previa que, em caso de doença contagiosa, as freiras pudessem ir para casa dos pais, mas os de Laurêmia tinham partido com a corte para o Brasil e os seus parentes mais próximos viviam tão longe que no seu estado era impensável fazer a viagem.

Eugênia ofereceu-se para lhe dar assistência enquanto a filha frequentava algumas das aulas das noviças, convencendo-a com o argumento de que era a única pessoa no convento a não fazer nada.

Durante algum tempo visitou a irmã Laurêmia todos os dias, tentando reconfortá-la como podia e, para que as horas passassem menos lentamente, contava-lhe as mesmas histórias com que tinha entretido as fiandeiras da seda em Mafra, e, quando pensava nesse tempo, parecia que tinham passado mais de cem anos.

Cada vez que entrava na cela, encontrava a irmã Laurêmia pior, e uma tarde, numa voz que parecia um gemido abafado, esta pediu a Eugênia que lhe fizesse o favor de mandar chamar o sacerdote, porque sabia que tinha chegado a hora de entregar a alma ao Criador. Frei Tomé chegou acompanhado da madre abadessa e de outras duas irmãs e, depois de confessar e lhe dar a extrema-unção, pediu a Eugênia que se retirasse para rezar na capela com o resto das irmãs que lá já estavam.

– A agonia pode ser muito lenta e devem continuar a se revezar como até agora, porque senão, em vez de uma doente, serão duas e a senhora ainda tem a seu cargo uma menina de 12 anos.

Duas noites depois de receber os santos óleos, a irmã Laurêmia deixou o mundo certa de que as portas do paraíso estavam abertas para recebê-la. Durante trinta dias foi posta uma cruz no seu lugar na mesa do refeitório, e a comida que ela havia de comer era dada a um pobre, pela sua alma. Eugênia Maria não conseguia deixar de olhar nessa direção e algo lhe fechava a garganta, obrigando-se a comer porque era pecado deixar comida no prato. Já não se lembrava há quanto tempo comia sempre peixe, por ser obrigatório nessa congregação. Ainda que a dureza dos costumes tivesse abrandado com os séculos, mantinham a tradição de comer pouca carne. Eugênia compreendia o enjoo da filha, porque ela própria, tanto na casa do pai como no Paço, nunca provava peixe, já que o seu cheiro, mesmo que o disfarçassem com molhos e especiarias, chegava a provocar náuseas e,

tendo no jantar muitos pratos, tinha a possibilidade de evitar aquele que não queria. Em Tavira decidiu que esse seria um dos seus castigos pela falta que cometera, mas nesse momento, ao morrer uma das poucas irmãs do convento, voltou a antiga repugnância com a força de uma recaída e tinha de empurrar o peixe com pão e água, que era a única maneira de conseguir fazê-lo escorregar pela garganta. As freiras da ordem de Cister eram famosas pela doçaria e mantinham as receitas no maior dos segredos havia séculos, e, pelo menos, o sabor delicioso das sobremesas compensavam mãe e filha dos outros sacrifícios culinários.

Vendo o estado de tristeza de Eugênia, frei Tomé achou que era tempo de lhe apresentar algumas senhoras da sociedade de Portalegre, que de repente já conhecia de vista de olhar para a assembleia através das grades de ferro durante a missa, porque as duas Meneses ouviam os ofícios no espaço reservado às bernardas. Estas com certeza não viam ninguém, porque só era permitido a elas erguer o véu preto no momento em que o padre dava a comunhão.

No domingo seguinte, depois de dar a bênção e ir tirar os paramentos, frei Tomé dirigiu-se à saída para cumprimentar todos os paroquianos que ficavam uns minutos de conversa em frente ao portão da igreja, depois do culto, transformando o adro num centro de reuniões, onde se trocavam as últimas notícias e se contavam as fofocas da vila. Aproximou-se de D. Leonor de Barros, respeitada pela nobreza da família e ainda mais pelas suas virtudes, que conversava animadamente com outras senhoras, e todas, ao verem frei Tomé juntar-se a elas, lhe beijaram a mão com respeito e dispuseram-se a ouvi-lo, deixando para mais tarde os temas de que falavam.

Contou-lhes o frade que uma dama do Paço, neta do marquês de Marialva, sua confessada, estava vivendo no convento com a afilhada.

– Creio que não era má ideia, sendo D. Eugênia uma senhora interessante, convidarem-na para suas casas, não para os saraus – para não desobedecer aos estatutos, que não permitem ingressar no mosteiro depois das nove da noite –, mas para todos os outros encontros que costumam organizar.

Entusiasmadas, responderam que sim todas ao mesmo tempo. Uma amiga nova era sempre bem-vinda. Elas já se conheciam desde a infância e alguém de fora, ainda mais sendo descendente de uma família tão distinta, iria temperar as conversas com alguns temas novos. Nem elas imaginavam quanto, porque Eugênia de Meneses sempre tivera o dom de abrilhantar

qualquer encontro com as suas histórias, às quais, mesmo não sendo sempre de maior interesse, sabia dar um tom que deixava a assembleia suspensa das suas palavras.

Leonor de Barros apareceu na semana seguinte no convento, pedindo licença para dar um passeio com a senhora D. Eugênia de Meneses, pois lhe parecia mais adequado apresentar-se antes de fazer o primeiro convite. Ao se encontrarem na pequena sala de entrada, uma simpatia nasceu imediatamente entre as duas e, nas frases que trocaram na meia hora que durou o encontro, descobriram que tinham muitas coisas em comum, mesmo sendo Leonor mais nova sete anos do que Eugênia, que já estava perto dos 40. Havia outro motivo que a levava a aceitar imediatamente a amizade que lhe oferecia Leonor. Desde o tempo em que recorrera a Efigênia em Tavira que não tinha possibilidade de mandar uma carta à senhorita Felícia, nem de receber notícias do Brasil, o que a preocupava por não saber o que acontecera ao documento em que D. João reconhecia Eugênia Maria como sua descendente.

Assim, não só por ela mas também pela filha, foi a todas as reuniões que Leonor as convidava, e também às outras, já que as senhoras da sociedade alentejana não queriam prescindir da presença de Eugênia, que – com a facilidade de palavra, a graça e a voz timbrada com que voltou a cantar cantigas – se tornou indispensável para que qualquer reunião fosse bem-sucedida.

No momento em que Eugênia achou oportuno poder contar o seu terrível segredo a Leonor, para torná-la sua cúmplice e assim poder voltar a se corresponder com a sua antiga mestra, encontrou a melhor boa vontade da parte dela, e Leonor teria outras oportunidades de lhe demonstrar até que ponto era sua amiga. Assim, a primeira carta que recebeu do Rio de Janeiro – em resposta à sua onde entre outras coisas contava a mudança para o Alentejo e as melhores condições em que viviam – deixou-a tremendo com uma notícia triste e inesperada: o seu irmão mais novo, José Tomás, o único a deixar descendência que perpetuasse o nome de família, tinha morrido. Felícia não sabia lhe dizer de quê e escrevia com muita pena de não poder dar melhores notícias. Para ela também fora um grande e inesperado desgosto, porque, além de tê-lo visto nascer, ultimamente encontravam-se sempre que ele ia à corte e ficavam conversando. Fora numa viagem do

Maranhão ao Rio de Janeiro que sucumbiu, não se sabia de que doença fulminante.

Trinta e dois anos apenas! Que castigo caía sobre os Meneses que iam desaparecendo, por morte ou, como Eugênia, por ser banida da corte. Cada ano eram menos, como se o círculo fosse se estreitando e na próxima geração só um pudesse usar o sobrenome e também o título, porque apenas dois netos nasceram dos sete filhos que tiveram Rodrigo e Maria José, e só um era legítimo, a outra, bastarda, não tinha direito a nada.

Eugênia não teve que mudar o seu vestuário, estava de luto desde que morrera o pai e o outro irmão, aquele que o mar veio reclamar num dia de tempestade. Mandou rezar missas para todos os seus defuntos, que a única maneira de se sentir em contato com eles era através de Deus e da oração. Mais uma vez uma tristeza profunda se instalou no seu coração, mas não só, todo o seu corpo parecia acusar a perda como se as funções vitais, que deveria realizar sem sequer pensar nelas, se tivessem revoltado contra a sua vontade e não obedecessem a qualquer ordem.

Eugênia pouco ou nada pecava para precisar de absolvição. Mas era de joelhos e sem ver o padre que conseguia abrir a sua alma e lhe contar tudo o que a afligia e perturbava, e não havia vez em que, a seguir à confissão, não se levantasse aliviada dos seus males. Frei Tomé não se limitava a ouvir e a absolver, porque tinha a virtude de saber apaziguar as suas angústias e de atenuar a dor dos lutos com as palavras que lhe ditava a fé.

A bastarda



— **M**inha mãe, o que são os enjeitados?

— São os recém-nascidos abandonados pelas mães.

— Santo Deus! Por quê?

— Nem todas as mulheres têm a sorte de estarem protegidas como nós. As invasões, as lutas, as más colheitas, por exemplo, forçavam alguns pais a deixar na roda os bebês para a sobrevivência dos outros filhos. As mães sem marido também se desfaziam deles.

— Não podiam fazer outra coisa? A avó Eugênia nunca a abandonou, mãe...

— Nem todas, por várias razões, podiam ficar com as crianças. Quanto ao resto, a situação dessa gente era diferente, havia alturas em que faltava o trigo e o preço subia tanto que alguns não tinham sequer dinheiro para comprar farinha para fazer pão.

— Podia ter lhe acontecido o mesmo?

— Não se preocupe com esse assunto, Isabel Maria, tivemos a sorte de nascer num meio onde nada disso acontece. Mas por que tantas perguntas sobre os expostos, que coisas andaram lhe contando?

— A enfermeira da noite me disse que nunca soube quem eram os pais.

— Me faz lembrar uma história que se passou em Portalegre. Uma noite, o senhor Solidônio, que morava no fim da rua e que sofria de insônia e se sentava muitas vezes à janela para ver se o sono vinha olhando as estrelas, viu alguém que se aproximava do convento encostando-se no muro para não ser visto. Pouco depois, percebeu que aquele vulto era uma mulher embrulhada num xale, que colocou com cuidado um bebê na prateleira da roda. Mas, antes de fechar a porta e tocar o sino, o pequenino rompeu a chorar com tal força que ela voltou a pegá-lo no colo e desatou a correr na

mesma direção de onde tinha vindo. Arrependeu-se a tempo, me disse nessa altura a madre rodeira. Pobre mulher, o que não deve ter sofrido.

– Que acontecia aos outros que ficavam? Ninguém os reclamava?

– Por vezes, sim. Muitos deles eram abandonados com um cordão, uma medalha ou uma carta dizendo o nome e qualquer outra coisa que ajudasse a reconhecê-los mais tarde. Alguns eram criados pelas freiras, outros entregues ao cuidado de uma ama. Se sobreviviam, eram leiloados aos sete anos em praça pública, quase como os escravos do mercado de Vila Rica que a minha mãe tinha visto quando era pequena. Tal como ela, nunca esqueci o olhar daqueles enjeitados.

– Já ficou triste, minha mãe, não devia ter lhe perguntado nada sobre essas crianças.

– Fez bem, minha querida, prefiro ser eu a contar estas coisas, já tem idade para entender. São tão bons estes momentos em que estamos as duas sozinhas e podemos falar à vontade.

– Eu também gosto muito. O que faríamos uma sem a outra?

– Nem quero pensar. Só depois de você nascer é que percebi a angústia da minha mãe, também ela tinha a preocupação de morrer um dia, como eu tenho agora.

– E se fosse ao contrário? Por que não serei eu de partir primeiro? Eu é que estou doente, e não a mãe.

– Porque o natural é serem os filhos a enterrarem os pais, e não ao contrário.

Eugênia Maria não quis contar à filha que a lei da roda dos enjeitados fora a solução contra o infanticídio e que muitas das mães eram como a sua, mulheres que tinham pecado, solteiras ou, ainda pior, adúlteras.

Lembrou-se, como se os anos não tivessem passado, das vezes em que a mãe sentia culpa do pecado como se fosse uma ferida profunda que se abria na primeira ocasião em que algum comentário a fazia recordar.

Penteou com os seus dedos o cabelo fraco que caía sobre a testa de Isabel Maria. Mentira. Mentia sempre que ela falava na morte. E, se duvidar, para abafar a sua consciência, contava o segredo da sua bastardia. Havia momentos em que tinha a certeza de que a filha sentia que estava perto do fim. Mas ela, como mãe, não podia demonstrar que não tinha esperança. Qual seria o motivo de terem morrido todos os filhos quando pequenos e,

agora, ver a sua menina de dezesseis anos perder a vida, aos poucos, a cada dia que passava? Tinham assim tanta força as maldições de Carlota Joaquina?

A solução



Eugênia não conseguia esquecer o envolvimento com o príncipe, havia dias em que se lembrava da horrível submissão e uma repugnância pelo ato e por si própria se apoderavam dela com a mesma força da época em que o assédio tinha ocorrido. Os detalhes passavam pela sua mente como imagens trazidas por relâmpagos, rápidas e com uma nitidez que a fazia estremecer. A sujidade do pecado, era isso, não havia arrependimento nem penitência que a fizessem se sentir limpa. Um dia falaria com frei Tomé sobre o assunto. Ainda que seguisse os seus conselhos ao pé da letra, dedicando-se à religião de uma maneira quase total, seguindo os ofícios e as regras como se pertencesse à congregação, a sua consciência ainda não tinha encontrado a paz. Que fazer para não se atormentar diariamente com o acontecido?

Num dos encontros na casa de Leonor de Barros, aproveitando estarem só as duas, Eugênia contou-lhe o que custava viver com o passado nas costas, separada dos seus, de quem nem pôde se despedir antes da partida da corte para o Brasil, nem acompanhar nos últimos momentos de vida. Falou ainda na angústia que sentia ao pensar na própria morte, não por temer as chamas do inferno, mas por deixar desamparada uma filha que nem podia se aproximar da família.

Leonor tomou a sua mão com carinho, sem saber muito bem o que dizer, porque a situação era, de fato, complicada. Perguntou se tinha dote para ela ou coisas de valor que pudesse vender para arranjar uma quantia que lhe permitisse negociar um casamento.

– Pode contar com toda a minha ajuda e boa vontade para sondar as famílias alentejanas, embora não vá ser tarefa fácil devido às circunstâncias do nascimento de Eugênia Maria, sobretudo por não poder revelar quem é o verdadeiro pai.

– Não tenho nada que se aproxime do valor de um dote, o que pude poupar apenas poderá prover as despesas com o enxoval. A minha saúde tem me pregado algumas partidas e hoje, mais do que nunca, sei que não me resta muito tempo.

– Minha boa amiga, o problema é delicado, mas iremos resolver. Vamos pensar com calma, mas não agora, a noite é melhor conselheira, amanhã podemos dar um passeio a pé, que também ajuda a clarear as ideias, e provavelmente encontraremos alguma solução. Tenhamos fé.

Passaram o resto da tarde com as demais visitas, bebendo chá e comendo bolinhos, até que alguém propôs um jogo, no qual Eugênia era habitualmente exímia. Uma das senhoras dizia uma frase em verso e, uma a uma, deviam inventar rapidamente a continuação, sendo as melhores estrofes recebidas com aplausos da assistência. Nesse dia, porém, Eugênia tinha a cabeça fervendo de preocupação com o futuro da filha e só pensava em soluções impraticáveis, pelo que na primeira e segunda voltas do círculo rimou com tão pouca perfeição que as amigas a incitaram a prestar mais atenção para o jogo não perder a graça. Tinham razão, devia dissimular as suas preocupações pessoais. Fez então um esforço, concentrando-se nas frases que eram ditas pelas que recitavam antes dela, e conseguiu então dizer alguns versos que entusiasmaram todas as senhoras.

No dia seguinte, Leonor passou a buscá-la pelo convento logo de manhãzinha, quando o sol ainda lhes permitia andar pelo passeio sob as árvores sem desfalecerem de calor. Mal se afastaram do portal, Eugênia confessou que, mesmo tendo dormido pouco, não encontrara resposta para as questões da filha. Leonor lembrou-se de uma coisa que, se Eugênia Maria quisesse, podia ser uma maneira de subsistir sem ser obrigada a se casar, lembrando que nem sempre o casamento era um mar de rosas.

– Pensou em quê?

– Em que Eugênia Maria fique na ordem de Cister. Terá seguramente todo o apoio da madre abadessa e de frei Tomé, e o dinheiro que a minha amiga economizou, contando com a boa vontade das autoridades eclesiásticas, pode chegar para o dote de uma noviça. Se a quantia não for suficiente, eu própria me comprometo a doar uma parte e penso que outras senhoras do nosso círculo estarão dispostas a fazer o mesmo. Ninguém a abandonará. Se é verdade que a privaram da sua família, pode contar com as boas amigas que tem aqui em Portalegre.

Eugênia se emocionou com essa demonstração de afeto e a maneira como Leonor se preocupava com os seus problemas.

– Já em tempos tinha pensado que essa podia ser uma opção. De fato, a vida monacal não é uma novidade para ela. Tenho também outro motivo de preocupação. Desde os dois anos, a minha filha cresceu num meio sem maldade nem perigos. Será capaz de encarar o mundo real? Saberá se defender? Conseguirá reconhecer o mal?

– Se for preciso, aprenderá como todas nós, ninguém nos ensinou nada sobre a vida. Omitiram-nos muita coisa e não me lembro de a minha mãe ou alguma ama ter me explicado fosse o que fosse quando me casei. A única frase que me disseram foi: “Obedeça sempre ao seu marido.”

– Diante de mim também evitavam falar de certos temas, o pouco que soube sobre algumas coisas foi no Brasil, através da senhorita Felícia e das escravas. Lá as mulheres eram mais extrovertidas, não voltei a encontrar pessoas assim no resto da vida. Ninguém me ensinou a me defender. Se me tivessem advertido ou dito como tinha de lidar com o que me aconteceu, não estaria hoje na situação em que estou.

– Não diga isso. Me sensibilizo ouvindo-a falar dessa maneira. Ocorreu uma desgraça, tome-a assim. E quem teria tido coragem de não aceitar ao pedido de um monarca? Nem deve ter sido um convite, foi com certeza uma ordem.

– E muda.

– ...?

– Sim, muda. Não disse uma palavra, quando cheguei ao meu quarto estava deitado sobre a minha cama e estendeu-me a mão. Mais nada.

– Coitadinha! Então por que se culpa tanto?

– Deveria ter reagido de outra maneira. Se fosse hoje, aos 42 anos, não me sujeitaria.

– Não falemos mais desse tema, já a ouço suspirar de angústia. Voltemos ao que nos preocupa hoje. O que pensa então fazer em relação à sua filha?

– Vou me aconselhar com o nosso padre confessor, depois falarei a Eugênia Maria sobre as opções que tem, sendo na realidade por enquanto só uma.

Eugênia teve vontade de revelar à sua melhor amiga a carta que esperava do príncipe regente e que a senhorita Felícia tinha prometido lhe mandar por um correio de confiança ou trazê-la ela própria se fosse preciso. Já fazia

algum tempo que não chegavam notícias do Brasil, mas preferia o silêncio a alguma má notícia como as que tinha recebido ultimamente.

Na primeira oportunidade que se apresentou de estar a sós com frei Tomé, andando na galeria inferior à volta do jardim, Eugênia contou-lhe a conversa que tivera com Leonor de Barros e, analisando com cuidado todos os prós e os contras de tentar casar a filha, disse-lhe a conclusão a que tinham chegado. O padre continuou andando com as mãos cruzadas sobre o hábito, como era seu costume, num mutismo que se prolongava, dando a Eugênia a impressão de que estava tentando encontrar as palavras adequadas para convencer Eugênia Maria quando falasse com ela. Por isso, ao ouvir a única frase que saiu da boca do confessor, sem sequer olhar para ela, porque sabia que ia deixá-la triste e humilhada, Eugênia sentiu as pernas fraquejarem e foi com a ajuda do frade que se sentou numa pedra, debaixo de um dos arcos entre duas colunas. As palavras ditas pelo monge repetiam-se na sua cabeça como marteladas:

– Eugênia Maria não pode ser freira. Lamento. O convento não admite bastardas.

A recusa



Ela era a mãe da bastarda. Pela primeira vez, a palavra que qualificava a sua filha fora dita sem rodeios. Já não era “a sua filha”, “Eugênia Maria” ou “a afilhada”. Não. Nasceu e morreria bastarda. Como podia sonhar com um futuro digno para ela, se o estigma que levava escrito em letras maiúsculas e brilhantes como se fosse uma tiara não lhe permitia sequer fazer os votos de castidade, pobreza e obediência na ordem de Cister e, com certeza, em nenhuma outra? À Eugênia de Meneses, sim, à pecadora, recebiam de braços abertos!

– Que injustiça, Senhor, se a culpa é toda minha. Não há ninguém mais puro do que a minha menina, nunca fez mal, não tem nem um pouco de malícia. Qual é a razão que invocam? Ser bastarda? E que teve ela a ver com o caso, se ninguém pode escolher a filiação?! Se a opção foi divina, então de quem é a falta?

– D. Eugênia, está blasfemando!

– Não, frei Tomé – saiu logo em sua defesa Leonor de Barros –, é a febre que a faz delirar. D. Eugênia seria incapaz de pensar o que está dizendo. Quando se restabelecer, nem se lembrará das palavras que pronunciou neste quarto. E nós também não. Concorde, padre?

– Como não concordarei em ocultar a sua loucura? O que mais lastimo é que da sua boca só saem verdades. Mas que posso eu fazer? Todos devemos cumprir o que mandam as regras.

– Amanhã acordará melhor, o choque foi grande, mas passará. Ela tem conseguido ultrapassar tudo, a coitadinha.

– Vou descansar, então. Rezarei por ela antes de adormecer.

– A sua bênção, padre.

– Deus a abençoe, senhora.

Leonor de Barros, avisada por duas noviças mandadas pela madre abadessa, chegou ao convento e foi diretamente para a cela de Eugênia, sentando-se na borda da cama, com as costas apoiadas numa almofada, pensou poder velar toda a noite o sono da sua amiga, a quem o chá calmante começara a fazer efeito, deixando Eugênia de falar tão alto. Murmurou ainda algumas coisas incompreensíveis, mas o tom de voz foi se apagando até cair num sono profundo.

Na manhã seguinte acordaram as duas ao mesmo tempo, quando a criada bateu na porta. Trazia o desjejum, que era pouca coisa por não se saber de que sofria Eugênia. Mais tarde, quando voltaram a estar sós, quase não falaram, porque Leonor a convenceu de que Deus havia de velar pela sua filha. As leis eram feitas pelos homens, mas o Senhor, na sua bondade infinita, não deixaria uma inocente desamparada.

Eugênia nada disse da esperança que ainda lhe dava forças para lutar contra a doença que invadia o seu corpo com uma lentidão de caracol, nem do esforço que tinha de fazer para tentar ver claro por entre o nevoeiro que se instalava, por vezes, na sua mente. Mas não resistiu a perguntar se o correio trouxe alguma carta do Brasil.

– Sei que a alegraria receber notícias da senhorita Felícia. Infelizmente, não chegou nada, nem para mim, espero carta de uma sobrinha que tem de me confirmar o convite que lhe fiz e me dizer o dia da sua chegada, para mandar preparar os seus aposentos. Até ontem, silêncio. Por isso não se preocupe, deve haver um atraso geral.

No princípio do outono, apareceu frei Tomé no portão de entrada acompanhado de mestre Simão, que trazia uns livros de botânica que alguém tinha lhe pedido para entregar ao padre.

– É um sacerdote que estudou comigo e neste momento está em Macau. Mesmo sem entender nada dos caracteres escritos, vale a pena pelos desenhos. Ah! Ele se lembrou de escrever a lápis os nomes das plantas em latim. Isto é uma preciosidade! Muito obrigado pelo desvio que teve de fazer.

– Não foram muitas léguas, Portalegre fica no meu caminho. De qualquer modo, vou apresentar os meus respeitos à madre abadessa, pode ser que ao me ver se lembre de que precisam renovar os enxovais das arcas.

– Sempre o mesmo comerciante...

– E como manteria a minha numerosa família, se assim não fosse?

Depois de cumprimentar e vender umas poucas peças de algodão e lã, mandou os seus ajudantes entregarem a mercadoria, enquanto se sentava um pouquinho ao lado de frei Tomé, para dar uma olhada nos livros chineses. De repente, ao ver aparecer Eugênia de Meneses acompanhada da filha, agradeceu aos anjos que ouviram a sua súplica, porque trazia escondida uma mensagem muito importante. Provavelmente, só ela devia perceber do que se tratava, porque para ele o que estava escrito era incompreensível.

Pôs-se logo de pé para a cumprimentar e achou-a mais magra, com a pele do rosto parecendo alabastro pela palidez e falta de brilho. Os olhos tão azuis que viu da primeira vez também estavam opacos, e a tristeza parecia ter se acentuado no seu olhar, ainda que um tênue sorriso deixasse entrever os dentes ainda brancos.

– Senhora D. Eugênia, a sua filha já está quase do seu tamanho! Há assim tanto tempo não tinha o prazer de ver vossas mercês?

Ficaram trocando impressões sobre o tempo e algumas novidades que sempre trazia mestre Simão e, vendo que frei Tomé mergulhava nos livros de botânica com tanto entusiasmo que se esquecia do resto do mundo e que, entretanto, Eugênia Maria, se tinha juntado a um grupo de jovens freiras, mestre Simão fez um sinal a Eugênia de que tinha um recado importante para ela. Entregou-lhe uma folha dobrada com o nome e sobrenome dele, o que a intrigou, e explicou que foi enviada por um primo e que a leu pensando que fosse para ele, mas, não tendo percebido nada, voltou a ler o endereço e viu que a carta era para D. Eugênia.

– Peço que me desculpe por entregá-la aberta, senhora.

Continuaram a falar sobre vários assuntos e Eugênia perguntou se a madre abadessa lhe comprara alguma coisa.

– Então não havia de comprar? O convento é dono de 24 quintas, que estão arrendadas, e toda essa riqueza é utilizada para manter unicamente catorze freiras. Nem devem saber o que fazer com o ouro que têm guardado.

– Como assim?

– O padre Rabecão, de Castelo de Vide, me disse outro dia: “Se da opulência se fizesse penitência, não havia ninguém mais penitente do que as

freiras bernardas!” Veja bem, para um padre da mesma congregação fazer esse comentário, não deve ser mentira de certeza.

Eugênia pediu desculpas por se retirar tão rapidamente pois, ainda que a cortesia não permitisse deixar mestre Simão no momento em que lhe entregara a carta, não conseguia conter a sua curiosidade por mais tempo. No entanto, na breve despedida, ao olharem um para o outro, pressentiram ambos que não voltariam a se ver e uma nostalgia antecipada, leve como uma brisa, envolveu-os.

O fim da esperança



Dissimulando a impaciência com um andar tão lento quanto os nervos lhe permitiam, Eugênia chegou à sua cela com uma ânsia de ler a carta apenas comparável ao receio de conhecer o conteúdo. Desdobrou a folha e, ao passar os olhos pelas primeiras linhas, as suas mãos começaram a tremer e o nó no peito ficou mais apertado à medida que lia aquelas palavras, escritas certamente correndo, tantas eram as abreviaturas que encontrava em cada frase. Porque esse mercador que ela desconhecia dava, numa linguagem direta e crua, as piores notícias que podia esperar. Era óbvio que a carta não fora escrita por alguém que soubesse qual era a sua relação com Felícia. Ninguém que a conhecesse bem teria lhe contado o que contava daquela maneira.

O mercador, sem rodeios desnecessários, explicava que a senhorita Felícia lhe dissera ter algo de muito importante para entregar e trazer para o reino, porque o considerava a única pessoa de confiança para, mais uma vez, fazer chegar a Eugênia de Meneses, por intermédio de mestre Simão, um documento. Para isso tinha combinado se encontrar com ele alguns dias antes de zarpar o navio em que viera, mas, quando se dirigia para o lugar, ao virar numa das ruelas estreitas onde estavam os armazéns, dera de caras com um grupo de índios amotinados, contra os quais avançava uma pequena brigada. Ela quis defendê-los, tentando chegar à fala com as forças da ordem, mas, na confusão que se gerou de ambos os lados, os soldados haviam disparado vários tiros, terminando o incidente com sete prisões e quatro cadáveres estendidos no chão poeirento. Entre eles encontrava-se o corpo de Felícia, que fora enterrada juntamente com os outros numa vala comum. Ele não soube a quem se dirigir para perguntar pelo documento que a mestra de Eugênia foi entregar-lhe ali. Em virtude do grande segredo que

a senhorita Felícia exigiu, duvidava de que mais alguém, além da destinatária, conhecesse a sua existência.

Ainda que o choque a tivesse deixado completamente tonta, Eugênia não precisava saber mais nada para imaginar o que não estava escrito.

No dia em que se dirigia para o porto com o documento onde D. João reconhecia como filha Eugênia Maria, a senhorita Felícia passara por uma rua onde alguns índios tinham insurgido contra o capataz, por algum motivo que desconhecia. Chamadas as forças da ordem, os índios tentaram resistir resguardando-se atrás dos barris que carregavam. Como era costume, Felícia tomara a defesa do seu sangue e interviera de boa fé para acalmar os ânimos e ouvir ambas as partes, a fim de ajudar a resolver o caso. Esquecera-se, porém, de que vinha humildemente vestida para não poder ser reconhecida se, por mero acaso, algum espião de Carlota Joaquina se cruzasse com ela e estranhasse encontrá-la numa zona onde as mulheres decentes não se atreviam sequer a aproximar, porque a taverna onde ficara de se encontrar com o primo de mestre Simão não era o lugar mais conveniente para uma senhorita. Mas, levada pela coragem e a força com que sempre defendera as injustiças, nem pensara nas consequências e acelerara o passo para chegar mais depressa ao lugar do conflito e impor o respeito com o seu tom de voz severo e as palavras certas, como sempre fizera. Não percebera que os ânimos estavam muito exaltados e o barulho era tão grande que nem os índios nem a tropa ouviram uma única palavra e, como se colocara no meio deles para se tentar fazer entender, os milicianos tomaram-na por uma índia revoltada e dispararam também sobre ela.

De repente, Eugênia sentiu que tudo caía à sua volta e que a última esperança de ver a filha protegida se desmoronava com a força de um pesadelo. Não conseguia pensar em nada, porque um vazio, denso como nevoeiro, se apoderava da sua cabeça. O resto deixou de existir, apenas a dor fazia com que se sentisse ainda viva.

Uma frase começou a se repetir na sua mente, transformando-se numa obsessão: “Perdi ao mesmo tempo uma pessoa de quem gostava como se fosse uma irmã e a única oportunidade de ver reconhecida a identidade da minha filha.”

A sua antiga mestra tinha lhe escrito claramente que, num momento de fraqueza do príncipe regente, conseguira que ele escrevesse a declaração de paternidade, porque – com a sua habitual relutância em tomar decisões –

deixava sempre para depois o que o aborrecia, amontoando a um canto da mesa uma quantidade incrível de assuntos pendentes.

Não era só mais uma morte que chorava, era também a última oportunidade de ter um pouco de felicidade, a sua derradeira expectativa que se esfumava. O único elo que lhe restava com a infância cortara-se para sempre. De que lhe servia recordar, se tinha a sensação de estar invocando fantasmas? Mesmo quando descrevia momentos passados no Brasil à sua filha, ela ouvia-a com a mesma atenção que reservava aos contos de piratas ou às lendas, como se tudo não passasse de uma história fantástica que ela inventava para encurtar as tardes, que demoravam a passar entre os muros brancos do convento.

Eugênia de Meneses sentiu o corpo se esvaziar, ficar leve e mole como se fosse feito de trapos, incapaz de reagir e até de chorar. A dor parecia ter quebrado os ossos ao mesmo tempo que tirava a vontade de ser e de viver.

– Ai de mim! – suspirou. – A senhorita Felícia levava costurada à camisa a carta de adoção e foi enterrada com ela.

Os votos



Eugênia Maria, ao ver a mãe atravessar o claustro e entrar na cela com a atitude de um ladrão fugitivo, seguiu-a, embora fazendo o percurso bem mais lentamente. Já tinha acabado de ler a carta quando a filha bateu na porta com os nós dos dedos e esperou a resposta. A impaciência transformava os segundos em minutos porque o silêncio do outro lado era total. Chamou Eugênia por senhora minha mãe, por mãe e até pelo nome, enquanto continuava a bater na madeira dura sem qualquer resultado.

Teve medo de que a mãe não estivesse sentindo-se bem e correu para chamar a irmã Lucrécia, a guardiã de todas as chaves do convento, e juntas foram pedir autorização à madre abadessa para abrir a porta da cela.

Da ombreira, as três mulheres viram Eugênia sentada na cadeira com uma mão caída a roçar o chão segurando um papel e o olhar perdido, turvo, de quem vacila na tênue fronteira entre a razão e a demência.

Quando entrou no claustro depois de se despedir de mestre Simão, frei Tomé foi avisado de que qualquer coisa de grave acontecera à sua confessada. Dirigiu-se rapidamente para a cela onde só Eugênia Maria teve coragem para entrar e cair de joelhos diante da mãe, acariciando-lhe a mão com ternura, enquanto lágrimas de impotência deslizavam pelo seu rosto de adolescente. Leu as palavras que angustiarão também a ela, porque não ignorava o apego que a mãe tinha pela senhorita Felícia. Como sabia que o frade estava a par de todos os segredos da mãe, deu-lhe a carta para ler. Conhecendo o conteúdo, talvez ele encontrasse o modo de fazê-la voltar à realidade. Era a única coisa que importava nesse momento.

Em vão frei Tomé tentou que Eugênia ouvisse as palavras de alento que pausadamente ia dizendo. Parecia alheia a tudo, até o momento em que a filha lhe pediu, pelo amor de Deus e por ela, que dissesse alguma coisa ou fizesse um sinal de que estava entendendo. Então, um pranto mudo que não

conseguiu conter caiu sem parar dos olhos de Eugênia, até chegar a noite e adormecer exausta.

Durante dois longos meses ninguém conseguiu que se levantasse da cama nem comesse normalmente, porque a última coisa que desejava era continuar viva, além de que cada gesto a obrigava a empregar uma energia física que já não tinha.

Eugênia Maria dividia com Leonor de Barros e a madre abadessa a esperança de que a volta da primavera, quando a natureza parecia acordar de um longo sono, devolvesse o gosto de viver a Eugênia. O sol, a chegada das andorinhas e as plantas do claustro carregadas de flores produziram-lhe, porém, o efeito contrário, piorando o seu estado de saúde, como se o canto de alegria da natureza acentuasse o contraste com a sua tristeza. Só no verão, os dias quentes e a calma que se apoderou dos seres vivos, fossem eles pessoas ou animais, fizeram acordar Eugênia da sua letargia. Aos poucos, com um pequeno esforço cada dia, como se tivesse de aprender novamente os mais simples movimentos cotidianos, começou a comer, depois levantando da cama para se sentar na cadeira e, finalmente, andando, apoiada no braço da filha, como se apoiou no palácio de Queluz no braço do pai.

As freiras seguiam os progressos discretamente e, quando consideraram o momento oportuno, a madre abadessa e frei Tomé começaram a acompanhá-la, um em cada fim de tarde, para convencerem-na de que a salvação da sua alma estava nas mãos de Deus, mas também nas suas e, para se ver livre do remorso do pecado que estava minando a sua existência, não havia nada melhor do que uma confissão pública e a dedicação da sua vida ao Senhor.

– E a minha filha?

– Pode ficar no convento o tempo que quiser, mesmo sem tomar os hábitos. O rei D. João VI, na sua bondade infinita, fará com que nada lhe falte. Tenho certeza disso – disse a madre abadessa.

– De qualquer modo, creio que seria conveniente que a senhora escrevesse a Sua Majestade pedindo-lhe que não abandone Eugênia Maria – acrescentou, pragmático, frei Tomé.

– Quando tiver forças para fazer e conseguir pensar nas frases adequadas, seguirei o seu conselho, padre.

Para conseguir ultrapassar o nervosismo que lhe causava pensar na carta, repetiu o mesmo ritual que havia ensinado a senhorita Felícia, de colocar cada objeto no seu lugar antes de começar a redigir a súplica ao seu benfeitor. Porque não se tratava de uma simples carta, devendo escolher as palavras com cuidado para apelar à sua generosidade, continuando assim Eugênia Maria a receber do *bolsinho do rei* pelo menos a quantia que lhe fora destinada, para poder sobreviver no convento das bernardas.

Começou por felicitar Sua Majestade pelos “augustos desposórios das sereníssimas senhoras infantas D. Maria Isabel e D. Maria Francisca, e a feliz viagem que fizeram até o reino da Espanha”, continuando a enaltecer as reais virtudes das mesmas e, por fim, atreveu-se a tocar no tema que era a verdadeira razão dessa carta: o sustento da filha.

Apelou ao “benigno e real coração, e por um puro efeito de magnânima piedade e real clemência de V. M., sensibilize-se da minha contínua consternação concedendo à infeliz criatura, Eugênia Maria, que pela pia clemência de V. M. tenho em minha companhia, uma pensão com que possa subsistir por minha morte. Compadecesse de nós o piedoso e real coração de V. M. querendo fazer-nos a graça que suplico em minha vida para que possa morrer menos atribulada. Beijo o senhor com o mais profundo respeito os reais pés de V. M.” e outras reverências das quais nem se atreveria a prescindir, assinando como a sua mais humilde vassala Eugênia e escrevendo no fim o nome da vila e a data: Portalegre, 29 de outubro de 1816.

O sim chegou alguns meses depois, numa carta lacrada com os selos reais e assinada João, porque escrito assim, singelamente, só podia ser a assinatura de um monarca. Foram as últimas cartas que trocaram os que nem chegaram a ser amantes, porque desejo e provavelmente amor houve da parte dele, de Eugênia só submissão e uma filha pela qual o coração do rei não batia, porque nunca a vira nem veria e nem havia espaço para ela num lugar ocupado pelos filhos verdadeiros e pelos outros, que só eram da princesa, ainda que os tratasse a todos com o mesmo carinho.

Quando Eugênia escreveu ao rei, evitou contar o rumo que dera à sua vida, ainda que este pouco ou nada tivesse mudado o seu dia a dia. Já levava vestido havia algum tempo o hábito preto das bernardas, como a aconselhara a fazer o seu bom confessor. Ao colocar-se ao serviço do Senhor, reconheceu que não estava ligada unicamente às coisas terrenas e

começou a construir uma ponte feita de orações e penitências que a aproximavam do céu. Mas só no momento em que se levantou do chão, onde tinha se estendido de bruços com os braços em cruz para confessar publicamente a sua falta, sem pronunciar o nome do ilustre pecador, sentiu pela primeira vez que o peso que a esmagava havia tantos anos se condensava numa nuvem leve e escura que saía da sua mente e voava muito alto, até se perder no infinito.

A bastarda



Tinha chegado o momento de Eugênia Maria revelar à filha o seu segredo. Contou por que motivo a carta de adoção nunca chegara às mãos da mãe, sem lhe dizer ainda quem a escrevera, quanto a morte da senhorita Felícia fora prejudicial para a sua saúde e como acatara os conselhos de frei Tomé e tomara os hábitos. E também o que custou a ela, sua filha, ver Eugênia deitada no chão com os braços em cruz, confessando publicamente um pecado e uma culpa que, para ela, não faziam sentido e a encheram de vergonha.

Isabel Maria tinha fechado os olhos, como acontecia frequentemente nos últimos tempos, porque estava tão frágil que parecia apenas poder usar um sentido de cada vez.

A mãe, depois de um silêncio durante o qual juntou a força necessária para revelar o que nunca tinha sequer dado a entender, disse em voz baixa:

– O meu segredo é este: o meu pai é o rei D. João VI.

Olhou então para Isabel Maria, mas não a ouviu reagir nem com uma pequena exclamação e, vendo-a tão serena, imaginou por um momento que dormia.

Eugênia Maria



Eugênia Maria nem sequer tinha sido consultada pela mãe sobre essa escolha definitiva, que também incluía a ela e ninguém se lembrou de lhe pedir a opinião. Nesse momento percebeu claramente que, para certas coisas, não pertencia ao mundo dos adultos, que só a eles era permitido tomar as decisões que entendiam, sem indagar se ela estava ou não de acordo em ter uma mãe freira. Ela sempre admirara a beleza, o encanto e a presença nobre da sua mãe, imaginou-a nas recepções dos palácios e até lhe invejou a vida que levou até ser enclausurada.

Sentada no banco de pedra, onde algum tempo antes ainda ficava com a mãe conversando, a bastarda – porque Eugênia tinha acabado de lhe contar que, com a morte de Felícia, perdera a única possibilidade de ser reconhecida – pensava que tinha sido por sua causa que a mãe ficara naquele estado. Ao mesmo tempo, um sentimento de revolta contra o rei, seu pai, e contra todos os que decidiam a sua vida faziam-na questionar-se sobre tudo:

“Tomar os hábitos? Por quê? Por ter cometido uma falta que devia ser mais grave do que o pecado de outras mulheres, por que nenhuma delas estava nas mesmas circunstâncias? Era maior o delito por ser feito com o futuro rei? Como poderia a minha mãe ter se negado a ele? E eu, no meio disso tudo? Foi por minha causa que ela teve de fugir: se eu não tivesse aparecido, a minha mãe ainda seria dama do Paço, teria vivido perto do pai e dos irmãos, estaria no Brasil. Meu Deus, às vezes me sinto tão culpada! O pior para mim foi nunca ter podido falar com ela sobre tudo isto, o tema fazia-a tão nervosa que eu não ousava perguntar-lhe nada. Ouvia o que ela queria me contar e, juntando isso às inconfidências de Rosa Balbina, soube parte da história. O resto a minha mãe não conseguiu me esconder quando chegou a carta que dava a má notícia da morte da senhorita Felícia. Disse-

me tudo no mês seguinte, e depois nunca mais falamos sobre o meu pai. Quando eu era mais nova e me sentava entre as senhoras com o meu ar mais distraído para ouvir melhor as conversas e, assim, conhecer uma parte de tudo o que me escondiam, soube de casos em que o ascendente das mães de bastardos na corte foi maior do que o da própria rainha. “Então, a minha mãe, que era melhor em tudo do que o resto das mulheres, foi castigada por quê? A rainha Carlota Joaquina deve ser mesmo muito má, para o próprio rei ter medo dela.”

Se a mãe alguma vez imaginasse o seu alívio e a alegria ao saber que as bastardas não podiam ser freiras, teria ficado desiludida com ela. Eugênia Maria não queria essa vida para si própria, ainda nem imaginava como, mas chegaria o dia em que seria livre e correria o mundo, ainda que fosse sentada na garupa do cavalo de um boêmio viajante. Tudo menos essa prisão de muros altos e o toque dos sinos que lhe marcavam o passo desde o amanhecer até se deitar, sabendo que no dia seguinte a esperava o mesmo ritmo lento que entorpecia os membros e o cérebro. Por ter apenas 15 anos e obedecer cegamente a todos os regulamentos, não queria dizer que o seu corpo não tivesse começado a se transformar e a sua cabeça a pensar por si própria.

Não abandonaria a mãe, sabendo que era a única razão de existir que lhe restava. Sobretudo porque a via definhando de tristeza, remorso, e de uma doença de peito que deixava o seu rosto de uma palidez excessiva e cercava os olhos de um azul quase preto que, mesmo sem deixá-la feia, a fazia se parecer com uma figura de cera, longínqua e irreal.

O pior era que, depois de tomar os hábitos, Eugênia não quisera saber mais de passeios ou de chás com as amigas, e essas eram as poucas ocasiões de convívio que ambas tinham. Como se, ao limitar o seu percurso da cela para a capela ou para o refeitório, lhe varressem da alma os pecados passados.

Se fosse tão simples alguém se livrar dos remorsos, haveria mais religiosas nos conventos. E a quem podia dizer isso Eugênia Maria? Aos arbustos do jardim, como era costume. À mãe não ousaria, além disso começavam a ser raros os momentos em que se sentavam para conversar as duas sozinhas. Estar perto da mãe, a quem agora devia chamar irmã Purificação – depois de passar a infância tratando-a por madrinha –, parecia um doce de mel que só lhe davam algumas vezes por bom comportamento.

Até a criada tinha ido embora, invocando um motivo pouco credível, seguramente para não dizer que morria de tédio. Tivera, pois, de se habituar a novas pessoas que apareciam para vir buscar a roupa suja e trazê-la limpa e engomada, zelar pelo asseio das celas e fazer a cama. Por sorte, não mudaram a mãe para outro lado e ainda faziam o caminho juntas ao toque dos sinos. Saber que dormia ali ao lado, mesmo que não pudesse tocá-la, era melhor do que nada.

Seria que por ser a bastarda do rei tinha de ser castigada e de viver eternamente fechada, como se a culpa fosse hereditária e recaísse também sobre ela?

Que lentas se tornaram as horas ao viver esperando a chamada para os ofícios, podendo entreter-se unicamente com bordados e leituras sagradas. Mal soubera ler e escrever o indispensável, a freira mestra decidira que já tinha conhecimento suficiente para uma pessoa do seu sexo. Aprendera mais com a sua mãe do que nas aulas das noviças. Até havia bem pouco tempo, Eugênia ainda recitava de cor algumas poesias e os nomes de todas as vilas de Portugal com os seus rios e serras, e também se lembrava de certos lugares do Brasil, mas a sua memória começou a falhar por falta de livros que lhe recordassem as coisas. Quando a filha era pequena, transmitira-lhe o que sabia, mas ela não tinha capacidade para entender e decorar tantas coisas ao mesmo tempo.

Amigas, marido, filhos, uma casa própria onde fosse dona e senhora. Não era com o que todas as meninas da sua idade sonhavam? Por que a ela era negado? Por uma simples questão de dinheiro. Onde estavam as promessas seladas com um beijo e os amores contrariados que ultrapassavam todos os obstáculos? Impressos nos romances, em livros fechados à chave nas estantes das bibliotecas.

— Quando, Nossa Senhora, quando poderei sair deste convento? — murmurava Eugênia Maria levantando os olhos cheios de lágrimas, na esperança de que do céu chegasse alguma resposta.

A madrinha



*A*ntes era a mãe, agora é a filha que me pede que diga o que vai ser o futuro. Mas isso é para as boêmias, que leem a sina nas feiras aos incautos que lhes pagam cada suposto vaticínio com uma moeda.

Não posso desobedecer às ordens celestiais nem aparecer sem mais nem menos, tomando a forma de um humano ou até ficando etérea, para ler o que está escrito no mapa dos destinos.

Ora, ora. Para que querem saber todas as pessoas o que lhes reserva a Divina Providência? Será que não percebem que o dia a dia perderia o interesse, que a vida deixaria de ter encanto, que assim não mereceria, em suma, ser vivida?

Eu sei que Eugênia Maria sairá desse convento, viajará para Londres, Paris, e viverá alguns anos na ilha da Madeira. Também há de se casar com o filho bastardo do rei da Inglaterra e terá vários filhos, mas nenhum sobreviverá, nem sequer a única que chegará a festejar os 15 anos. Não ficará no mundo nem rastro nem descendência de Eugênia de Meneses, apenas umas cartas, pequenos objetos pessoais, um ou outro documento, retratos e alguns apontamentos.

Mas nada disto pode ser dito agora. Eugênia Maria terá de viver cada dia ignorando o próximo, assim as alegrias serão maiores e as penas só chegarão na altura devida.

Últimas vontades



Eugênia permaneceu deitada durante os cinquenta dias que precederam o verão, lutando contra a doença que devorava os pulmões, ainda que não lhe desagradasse deixar-se morrer para alcançar finalmente o eterno descanso com que sonhava desde que escolhera entrar na ordem de Cister. Nesses dias, em que as paredes se tornavam tão úmidas que transpiravam gotas frias, deixando sulcos na cal porque seguiam sempre o mesmo caminho, houve uma presença constante na beira da sua cama: Leonor de Barros. A amiga da primeira hora, e que ficou ao pé dela até fechar os seus olhos, chegava todos os dias logo pela manhã e só saía do convento para jantar, pelas três da tarde, hora que Eugênia Maria ficava com uma das irmãs, que se revezavam para cuidar da mãe de noite, porque o estado dela a deixava transtornada e, nos momentos em que Eugênia parecia sufocar, a filha, em vez de agir, ficava paralisada de medo.

– Não é fácil tratar de uma pessoa de quem se gosta – explicou com doçura Leonor – porque, se nos fosse dado escolher, preferíamos que a doença fosse no nosso corpo, para não vermos sofrer essa pessoa.

– É verdade. Não consigo vê-la assim, a sombra do que era, consumindo-se um pouco todas as semanas.

– A fé vai ajudá-la a encontrar a força de que precisa para cuidar da sua mãe. Reze, minha filha, a oração pode muito.

Por ouvir no meio das trevas da febre a conversa entre Eugênia Maria e a sua melhor amiga, ou por não ter chegado ainda a hora marcada no relógio que regia a sua vida, a nova irmã do convento, Purificação – nome que escolhera por ser o que melhor refletia o seu desejo – começou a melhorar, sem no entanto ficar curada. Nem a noite de Natal, o Ano Novo ou o Dia de Reis eram o momento oportuno para morrer. Eugênia fez um esforço para se levantar da cama e atravessar o período de boas-vindas ao Senhor com a

tranquilidade de quem sabe que, no fim dos festejos, a espera a paz eterna. Contudo, teve de ser transportada até a capela numa cadeira, porque as pernas não lhe obedeciam.

Frei Tomé de Castelo de Vide, mais do que seu diretor de consciência, era um fiel amigo, o seu mais forte protetor. Conhecia como ninguém todos os passos tormentosos da sua infeliz existência. Eugênia sempre o tratara com muito respeito, mas sem deixar de lhe falar com sinceridade porque confiava plenamente nele. Por essa razão e não outra, pediu para a confessar mais assiduamente do que mandavam as regras, porque não houve uma única vez em que se tivesse prostrado humildemente a seus pés que não se levantasse mais confortada e aliviada. Mais do que um ato de *mea culpa*, o sacramento transformava-se numa troca de frases ditas com o coração aberto: para Eugênia era um momento de desabafo, para o padre um pretexto para lhe dar conselhos sensatos com a paciência dos sábios. Ele, como Eugênia Maria e Leonor de Barros, sentia que a hora da morte se aproximava e preparava-a para que a sua consciência enfrentasse esse instante da melhor forma possível. Mas não foi fácil, a irmã Purificação acreditava na sua culpa com uma perseverança de toupeira e nada a fazia mudar de opinião. O fim da sua vida era um alívio que desejava com um fervor religioso. Tinha apenas uma preocupação: o que iria acontecer à filha.

— Escreva um testamento — recomendou-lhe frei Tomé —, só Deus sabe o que será o destino de Eugênia Maria. Nele deve prever a situação atual e a futura, em qualquer momento podem acontecer milagres: ser reconhecida pelo nosso soberano, serem levantadas as interdições que a baniram do reino e da sua família. Pense nisso, irmã Purificação. Nosso Senhor não pode ser injusto, os homens é que o são.

Pouco tempo depois, Eugênia começou a piorar e nunca mais recuperou. Leonor, que a acompanhava agora de dia e de noite, porque via chegar o fim da sua amiga mais rapidamente do que imaginara, mandou chamar o tabelião para redigir o documento que a deixaria morrer em sossego.

No testamento, Eugênia de Meneses reconheceu por escrito pela primeira vez que Eugênia Maria do Rosário era a sua filha e única herdeira. Com uma voz entrecortada pelo esforço que fazia para respirar, começou a ditar:

Quero e é minha vontade que, falecendo da vida presente, se faça tudo quanto a minha filha D. Eugênia Maria de Meneses determinar com o parecer do reverendíssimo Padre Mestre Frei Tomé, religioso de Santo Antônio de Castelo de Vide, e tudo mais que eu espero que faça por minha alma uma filha terna e carinhosa. Instituo por minha universal herdeira a dita minha filha de todos os meus bens havidos e por haver e de tudo quanto me poderá vir a pertencer, seja qual for a via.

Por baixo da data de 3 de janeiro de 1818, Eugênia assinou o seu nome e sobrenome com a mesma letra inclinada e perfeita que lhe ensinou a senhorita Felícia, num tempo feliz e tão longínquo que se perdia no labirinto confuso da sua memória.

O fim



Encostada na janela do seu quarto, Leonor de Barros mantinha o olhar fixo no horizonte daquela terra árida, onde o orvalho todas as noites se estendia como um tapete de gelo, asfixiando tudo o que ficava por baixo.

Pelas silhuetas que viu aparecer nas colinas, soube que essa era uma das manhãs tristes dos invernos alentejanos, em que os homens desciam as ladeiras vestidos de escuro, orgulhosos e mudos, levando como única mensagem a bandeira negra da fome, para que a vila de Portalegre soubesse que as arcas estavam vazias e as mulheres e os filhos não tinham nada para levar à boca. Juntaram-se no adro da igreja para receberem o que lhes quisessem dar e os passantes foram deixando alimentos junto deles. Não reparavam nem nas dádivas nem em quem as deixava, mantinham as cabeças altivas perscrutando um horizonte que conheciam palmo a palmo, os olhos enxutos do vento gélido que também rasgava a pele e as gargantas secas de implorar a Deus que mudasse as suas vidas. Não eram pedintes, eram homens que passavam miséria nessa terra avarenta onde o clima nunca estava a seu favor.

Uma criada bateu na porta antes de entrar e colocar a bandeja com o chá que Leonor costumava beber a essa hora, para se aquecer, mal começava o tempo frio. No canto direito, ao pé do bule de prata, havia um envelope lacrado e reconheceu logo a letra da sua sobrinha mais querida.

Leonor leu a carta, onde ela lhe contava como tinha passado depois do nascimento da primeira filha e as novidades de Évora, que eram escassas porque o frio nesse inverno era tão grande que obrigava as pessoas a viverem mais recolhidas e a não saírem de perto das lareiras senão para irem se deitar ou ir a missa na própria capela das casas. No fim mandava afetuosas saudades para todos e em especial para D. Eugênia, que lhe causara muito boa impressão quando tivera o prazer de conviver com ela na

sua última visita a Portalegre. Ao dobrar a folha, Leonor não conseguiu reprimir um suspiro profundo e grave que lhe apertava o peito. Era difícil admitir a morte de uma amiga, saber que não iria vê-la quando entrasse no convento e que nunca mais ouviria a sua voz. O silêncio de Eugênia era o que mais doía. O corpo voltara a ser pó e a alma devia dirigir-se ao céu, mas a voz poderia ter ficado gravada no vento, para acompanhá-la nas noites em que os cães uivavam de fome ou nas manhãs como essa, em que acordava abatida e não havia nada que a ajudasse a levantar o ânimo.

Tantas coisas boas e más para partilhar. Depois, o nada. Como ia dizer à sua sobrinha que vivia há algumas semanas num vazio que a deixava sem vontade de fazer fosse o que fosse, sendo a sua pena maior do que imaginou e mais pesada de levar? Ou que uma amiga podia ocupar o mesmo espaço que alguém da família. Nesse dia, não, não podia lhe escrever nada. Talvez no seguinte.

Uns dias mais tarde, quando um sol tímido apareceu por trás dos montes, Leonor sentou-se para escrever à sobrinha uma carta que imaginou longa, porque levou quase toda a manhã por serem muitas as vezes que deixou a pena e se levantou da cadeira para que as lágrimas não espalhassem a tinta das palavras, formando manchas impossíveis de ler.

Não sei se ignora que D. Eugênia de Meneses, da casa de Marialva, foi desnaturalizada da sua família e que era dama do Paço quando teve a sua desgraça. O conde de Cavalleiros, seu pai, dizem, morreu de tristeza. Ela foi conduzida para o mosteiro de Tavira, onde viveu onze anos, e daí veio para Portalegre. Falou-se nesta senhora, creio, que em toda Europa, mas nos dois conventos onde viveu só se observaram as suas virtudes. Fez o mal, procurou o remédio. Fez uma confissão geral, e a sua vida foi sempre a mais regular e devota, padecendo no corpo e no espírito o que só Deus sabe. Observei muitas vezes a força das suas aflições, mesmo assim, tinha muito agrado e afabilidade, moldava-se às circunstâncias e, talvez para entreter a sua filha, comparecia em todas as nossas sociedades, fazendo sempre a parte mais interessante delas. Nunca se separou da filha, que amava muito e vigiava como devia. O seu confessor era

frei Tomé de Castelo de Vide, respeitado por todos pela sua linguagem ser bendita.

D. Eugênia tinha muita caridade além de outros dons, muitas vezes me dizia a Francisca: “Ó menina, esta senhora é um encanto, sempre dá satisfação ouvi-la, sem retraindo coisa alguma.” Em uma palavra, era exemplo de toda a virtude, segundo me parecia, mas não devemos roubar a glória a Deus, pois todos os bens procedem dele, que nós nada temos senão misérias.

Tratei de D. Eugênia nas moléstias que aqui teve, uma de cinquenta dias e outra de 33, de que morreu, tendo 42 anos, em 21 de janeiro de 1818. Foi aqui sempre a sua vida um contínuo padecimento, e as suas doenças por extremo aflitivas, mas sofria com resignação inalterável. Os seus contínuos atos de paciência, contrição e humildade mais me edificavam do que ouvir um sermão.

No meu conceito é tão digna de ser louvada quanto foi injuriada publicamente, pela triste falta em que a fragilidade humana a fez cair. Apesar de tantos desgostos e trabalhos, tinha um atrativo que encantava. Eu confesso que a amava tanto que não sentia valor em mim para vê-la morrer, contudo, assisti até o último suspiro, que exalou clamando: Misericórdia!

Não pude deixar de tomar por prodígio o sossego e a paz em que ficou o meu interior, estando eu tão desanimada. Creio que já lhe disse, viveu neste mosteiro três anos e três meses. Logo que chegou, disse: “Cheguei ao lugar da minha sepultura.” E teve-a, efetivamente, no cemitério da comunidade religiosa, sob uma campa rasa, tão humilde como a da mais obscura criada!